



**Entre cartas e conversas: por uma
Política de Pesquisa feminista e
contra-colonial para a Psicologia
Social**

Bruna Moraes Battistelli

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Coorientadora: Profe. Dra. Érika Cecília Soares Oliveira

PPG Psicologia Social e Institucional/2022



Legenda: Foto do meu arquivo pessoal de uma carta que me foi enviada por Cris Bremenkamp.

Bruna Moraes Battistelli

**Entre cartas e conversas:
por uma Política de Pesquisa feminista e contra-colonial para a
Psicologia Social**

Tese de doutorado como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Coorientador: Prof. Dra. Érika Cecília Soares Oliveira

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Battistelli, Bruna Moraes

Entre cartas e conversas: por uma Política de Pesquisa feminista e contra-colonial para a Psicologia Social / Bruna Moraes Battistelli. -- 2022.

311 f.

Orientador: Luciano Bedin da Costa.

Coorientador: Érika Cecília Soares Oliveira.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Psicologia Social. 2. Pesquisa. 3. Feminismo. 4. Escrita. 5. Metodologia. I. da Costa, Luciano Bedin, orient. II. Soares Oliveira, Érika Cecília, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Resumo:

O que acolhe uma Política de Pesquisa Feminista e contra-colonial? Acolhe muitas histórias, narrativas vindas de muitos mundos e modos de andar pela Terra, assim como, insiste que é precisamos que discutamos nossa implicação com a formação e com a sala de aula. Não há pesquisa que não envolva aprendizagem e desta forma, a partir da composição com interlocutoras/es de muitos lugares do Brasil, Portugal e Moçambique, cinco cartas-ensaios foram escritas. Cartas-ensaios são coleções de cartas (escritas pela autora da tese ou ofertadas a ela por parceiras/os de pesquisa) e com elas foi possível discutir o erótico como força motriz para a pesquisa em Psicologia Social, bem como tratar as ofertas dadas como pedrinhas miudinhas que devem ser cuidadas para que o encanto seja a força que movimenta o fazer pesquisa, que por aqui acontece por meio de cartas e conversas. Desta forma, funcionando como uma máquina do tempo, que movimenta passado, futuro e presente, os diálogos que compõem as muitas cartas escritas e trocadas, as conversas endereçadas e sonhadas tratam de temas que são chaves importantes para o trabalho com a pesquisa em Psicologia Social: a aprendizagem de modos de andar no mundo, a celebração do que aprendemos com quem vem antes de nós, o enfrentamento às políticas de opressão e dominação (de raça, classe, gênero). Esse é um trabalho escrito a partir da pactuação com a politização do eu, ou seja, enquanto acompanha o percurso de pesquisa da autora, acompanha como foi viver em uma pandemia e envolta em um cenário político ultraconservador. Uma tese que sonha florir um mundo amoroso por meio de ações de pesquisa, ensino e extensão que sustentem o conflito e permitam que habitemos a universidade em nossas diferenças, e que no enfrentamento aos sistemas de dominação, consigamos sustentar que florir e amar são verbos que dialogam com o conflito, com a luta, com a raiva e com o desejo de transformação social.

Palavras-chaves: feminismos; cartas; políticas de pesquisa; formação; psicologia social.

Abstract

What welcomes a Feminist and counter-colonial Research Policy? It welcomes many stories, narratives from many worlds and ways of walking the Earth, as well as insisting that we need to discuss our involvement with training and the classroom. There is no research that does not involve learning and thus, based on the composition with interlocutors from many places in Brazil, Portugal and Mozambique, five essay-letters were written. Essay letters are collections of letters (written by the thesis author or offered to her by research partners) and with them it was possible to discuss the erotic as a driving force for research in Social Psychology, as well as to treat the offers given as pebbles. little girls that must be taken care of so that enchantment is the force that drives research, which here happens through letters and conversations. In this way, functioning as a time machine, which moves past, future and present, the dialogues that make up the many written and exchanged letters, the addressed and dreamed conversations deal with themes that are important keys to work with research in Social Psychology. : learning ways to walk in the world, celebrating what we learned from those who came before us, confronting policies of oppression and domination (of race, class, gender). This is a work written from the pact with the politicization of the self, that is, while following the author's research path, it follows what it was like to live in a pandemic and surrounded by an ultra-conservative political scenario. A thesis that dreams of flowering a loving world through research, teaching and extension actions that sustain conflict and allow us to inhabit the university in our differences, and that in confronting systems of domination, we can sustain that flowering and loving are verbs that dialogue with conflict, struggle, anger and the desire for social transformation.

Keywords: feminisms; cards; research policies; formation; social Psychology.

Sumário

Introdução	08
Carta-ensaio 1	19
Carta-ensaio 2	47
Carta-ensaio 3	101
Carta-ensaio 4	171
Carta-ensaio 5	221

Porto Alegre, 2018-2022, tempos de florir uma tese.

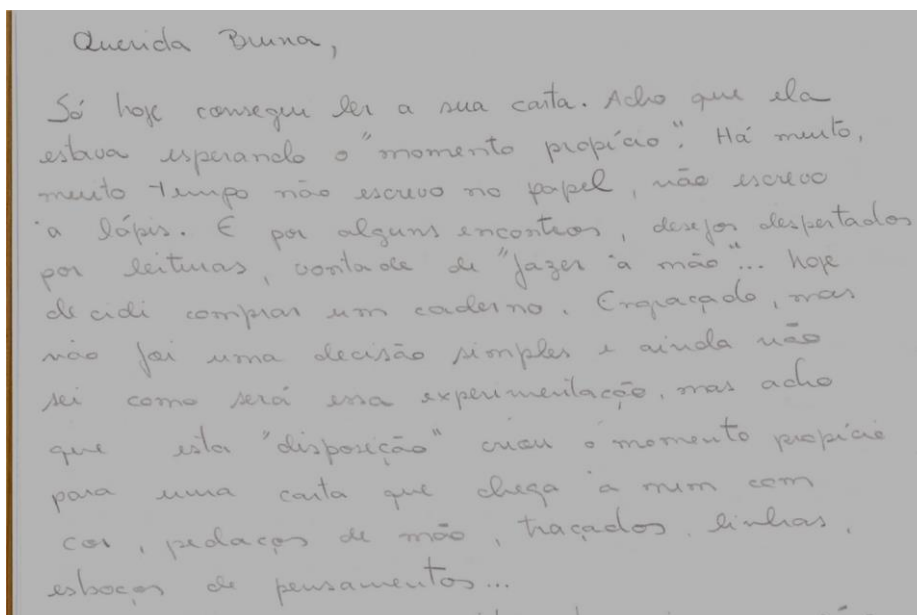
Mas, na verdade, aquela mão deslocava suas certezas.

(Jhō Ambrósia, 2021,p.18).

Querida leitora,

Essa não é uma introdução e sim uma carta de boas vindas, um convite pra se achegar e a gente conversar. Um dia encontrei um envelope todo dobrado, de tão dobrado e tão guardado ele continha riscas de suas dobras, tão marcadas que tinha apagado pequenos pedaços da mensagem que dentro estava guardada. O que estava escrito? Não lembro mais, mas minhas mãos lembram da sensação das riscas, das dobras que se desenhavam no envelope e no pequeno papel que tinha dentro. Minhas mãos lembram da fragilidade do papel guardado há não sei quanto tempo, lembram dos vincos que o tempo frisou, meus olhos lembram do azul da tinta da caneta bic, meu corpo não lembra o que as palavras diziam, mas lembra da carta.

Tu já teve essa sensação? Era uma carta pra mim? Uma carta de outra pessoa? Uma carta para quem? **Quais memórias tuas mãos guardam?** Acredito que uma pesquisa é uma série de dobras que vamos guardando na memória dos nossos corpos. Resgato uma certa manualidade da memória em nossas pesquisas e em nossos escritos: quero a memória que passa pela mão. Minha mãe tem as mãos ásperas quase que em relevo. Como empregada doméstica e com lúpus, os problemas de pele sempre a acompanharam, mas de uns anos para cá ela vem desenvolvendo uma aspereza nas mãos que nenhuma médica consegue resolver. Nos momentos mais críticos sua dor é visível, os menores atos do cotidiano lhe doem nas mãos. Pensar uma escrita e uma pesquisa que convoque os sentimentos e pensamentos pelas mãos é um gesto político, que desloca a centralidade da racionalidade e do tempo dos prazos que nos encharcam a vida. Quando iniciei esse trabalho, sonhei com uma pesquisa que se demorasse pelo mundo. Te mando o trecho de uma carta que me foi enviada por Luciana Caliman, ela retrata um pouco desse sentimento que me fica, de como uma pesquisa é um trabalho feito à mão. Caso tenha interesse em como prossegue a carta, ela se encontra no caderno 5 de cartas.



Tentando lembrar o que os vincos no papel guardavam, olhei minhas mãos e lembrei do verão de 2018 e de como naquele ano encontrei duas das mulheres que mudaram minha vida: falo de bell hooks e de Luciana Rodrigues. Com elas encontrei o amor, encontrei possibilidades de existência que até então não sabia serem possíveis de serem experimentadas por mim. Com esses encontros, o ano em que iniciei o doutorado foi o ano em que a vida ganhou outras dobras cheias de outras histórias. Como falar da pesquisa e da tese sem falar da vida? Pesquisa e vida não são duas histórias distantes, não são pontos extremos de uma existência: uma produz a outra, uma conta da outra. São histórias que existem juntas e não em separado. Enquanto te escrevo, fico pensando naquelas pessoas que nos orientam a deixar a vida pessoal de fora do texto, de fora de nossas produções; para justificar suas orientações e preocupações elas narram histórias de arrependimento, dos pedidos de supressão de nomes dos agradecimentos de dissertações e teses. Como contar uma história sem partes importantes dela? O como vivo, respiro, me alimento, pesquiso e amo são partes que se complementam, são ações importantes no meu mundo. Não conheço a tese de bell hooks, mas conheço seus livros e neles ela ensina que não podemos ocultar nossas histórias, aquelas do miúdo da vida que podem ajudar que outras/os construam seus caminhos de cura e cuidado.

Queria te perguntar uma coisa: você leria cartas que não foram escritas necessariamente para você? E se você encontrasse cartas que não necessariamente foram escritas para você? As leria? As ignoraria? Qual seria sua reação? Perguntas que faço, pois resolvi abrir para você coleções de cartas que guardei nesses últimos dois anos (2020-2021). São cartas escritas por mim e outras recebidas e elas narram sobre processos de pesquisa, minhas indagações com a psicologia, falam sobre o encontro com autoras/es, do meu

encontro com grupos de pesquisa, com pesquisadoras/es e com coisas que **ventaram** meu pensamento por muitos lugares. Te mostro cartas pelas quais pude sentir a experiência do maravilhoso em minha vida. Olha a riqueza do que bell hooks compartilha conosco:

(...) um elemento da sabedoria prática que vem com o pensamento crítico consciente e atento é a constante experiência do maravilhoso. A **capacidade de maravilhar, de se empolgar e de se inspirar** por ideias é uma prática que abre a mente de forma radical. Empolgados com o aprendizado, extasiados com pensamentos e ideias, como professores e estudantes, temos oportunidade de usar o conhecimento de formas que transformem positivamente o mundo em que vivemos. O pensamento crítico promove o entusiasmo pelo aprendizado vitalício. Imbuída dessa compreensão está a sabedoria prática que nos ajuda a lembrar que ideias não são fixas e estáticas, que elas estão sempre sujeitas à mudança. Portanto, ideias têm capacidade de iluminar e aumentar nossa sensação de maravilhamento, nosso reconhecimento do poder que há no mistério (2020a, p. 280).

Essas cartas foram escritas em diferentes momentos dos últimos dois anos e registram um percurso de pesquisa, um certo modo de entender a pesquisa em psicologia. Para quem gosta de cartas, de trocas de correspondências e de destinar escritas, faço o convite para acompanhar os correios que produzi. Elas foram escritas para diferentes pessoas e para você também. Posso não lhe conhecer enquanto escrevo, mas escrevo pra você.

Caso fique curiosa/o, saiba que conto um processo mostrado em feitura nas suas lindezas e ranhuras. Minha inspiração pra isso segue sendo mulheres como bell hooks que, ao longo de seus livros, vai nos deixando pistas de como atingir a experiência do maravilhoso, de como acionar a sabedoria prática em nossos cotidianos e vai abrindo camadas de sua experiência para que outras possam trilhar por um caminho de produção de conhecimento desde os seus corpos. Esta tese, então, se tece com as reverberações de meus guardados; guardar sempre foi um procedimento difícil para mim: guardo as coisas por um tempo e as descarto (faço isso com as escritas também). Consigo escrever de novo, mas reler é algo que amplia a minha angústia de uma maneira muito dolorida. Com a pandemia e a tese me vi obrigada a reolhar, reler, rever os guardados que compõem meu trabalho. A maturidade e a memória, desta forma, é aliada e vou tracejando com minhas experiências um percurso possível em um tempo impossível.

Saiba que foi difícil aceitar as ranhuras que me acompanham, foi difícil aceitar que o tempo pra tese não foi aquele imaginado no início do doutorado, que o mundo para a escrita da tese não foi o sonhado por quem escreve. As cicatrizes de um tempo devastado com tantas mortes, de um mundo em

decomposição são parceiras nesse trabalho, tentei escondê-las, mas elas insistem em correr para as páginas que vou formando palavra por palavra, frase a frase, carta a carta. E escrever virou aquela atividade que faço no enquanto, no entre: lavo louça, cuidado do enteado, planejo aula, limpo a casa, alimento as gatas, faço comida, namoro e vivo. A vida cotidiana é parte importante nesse processo, você vai perceber que Luciana e o Apolo estarão presentes em alguns (muitos) momentos. E se o pessoal é político, mais do que teorizar sobre o como a vida acadêmica ainda é pouco acolhedora para mulheres que são casadas e/ou que cuidam de crianças pequenas, resolvi mostrar o quanto tudo isso me acompanha e os efeitos que tem para minha escrita.

“Esqueça o quarto só para si- escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (Gloria Anzaldúa, 2019, p. 90). Escrevo sempre na e com angústia, mas não deixo que minhas palavras morram em mim. Nesse processo, nem sempre consigo escutar as palavras que ecoam de meu corpo como nos convida Gloria Anzaldúa (2019, p.90); a pressa é grande, lembro de Gloria que diz que não dá para esperar o tempo da escrita, assim, não posso me dar ao luxo de esperar ter a inspiração, de ter o tempo de trabalhar as palavras, o silêncio em casa para aquietar a releitura necessária; escrevo no enquanto, escrevo com pressa, escrevo na urgência da vida que passa acelerada e que durante os últimos tempos precisou encontrar formas de furar o tempo do isolamento social para seguir produzindo. Escrever na pandemia é exaustivo, mas uma das atividades que me mantém viva. Quantas, como eu, seguiram produzindo para conseguir sobreviver? Escrevo também pensando naquelas que foram esmagadas pela pouca tolerância que as instituições têm com mulheres que têm vida para além dos estudos. A academia foi feita pensando em corpos muito específicos, em um corpo muito específico: homem, branco, solteiro, sem filhos, com pais que podem lhe prover, com tempo para o trabalho de contemplação do pensar como faziam os filósofos gregos. Aquelas/es que variam disso, encontram obstáculos e uma infinidade de sentimentos de culpa, como se nunca conseguissem alcançar o patamar esperado. Sou uma mulher branca, cis, lésbica, filha da Ana e do Beto, em um relacionamento com a Luciana, madrasta do Apolo, tutora de duas gatas, irmã do Vinicius, neta da Edi, da Eneida, do Ignácio e do Dorvalino, vinda da periferia de uma das cidades dormitórios de Porto Alegre: Viamão. “Nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência”

(Gloria Anzaldúa, 2009¹,n.p.). Eu sou um corpo variado do que a academia espera para uma doutora e produzi essa tese no tempo do enquanto. E que enquanto te escreve luta com as lágrimas que teimam em cair, elas caem pela insegurança que escrever uma tese causa, pelas inseguranças vividas em tempos em que a educação e estudar não são garantia de um bom trabalho (leia aqui emprego decente com vínculo adequado). Em outros tempos, eu pegaria essa insegurança e a esconderia bem no fundo do meu eu, fingiria que as lágrimas que nublam a vista não existiram e seguiria as páginas como se nada ocorresse em volta, mas tempos impossíveis e as intelectuais com as quais dialogo exigem sinceridade com os sentimentos.

Não há pesquisa sem emoção e esse é um ponto fundamental. Nem sempre são tempos de raios de Sol e sorrisos, por vezes, os tempos são de tempestades, tempo nublado e chuvoso. Nosso problema (o de quem foi socializada/o a partir de ensinamentos ocidentalizados), nos lembra Sobonfu Somé (2007) é que quando estamos com um problema não o sentimos o suficiente. “Se permitirmos ao coração lidar com os problemas que experimentamos, ele nos levará a locais que não são lógicos, porém são mais eficazes” (p. 127). Sobonfu fala dos problemas do cotidiano entre casais e de como os Dagaras alimentam o espírito da intimidade. Pedi auxílio de Sobonfu para que o espírito da intimidade entrelace as linhas que compartilho contigo.

Não farei uma tese em formato hegemônico e te adianto que o que me importa é o como tu vai se sentir nesse processo, o como te afeta o que escrevo e o quanto o que proponho conversa contigo. A qualidade do meu texto é medido em termos do quanto a leitora/leitor sentiu-se convidada/o pra conversa, do quanto achou que era pra si a carta que leu. Como já dizia Manoel de Barros: “As coisas que não levam a nada têm grande importância. Cada coisa ordinária é um elemento de estima” (2010, p. 145). Desta forma, essa pesquisa é sobre conversas e cartas, sobre a universidade, sobre trabalho, pesquisa, pandemia, sobre sonhos e desejos: sobre afetações. Para aquelas/es que olharão e perguntarão do recorte dado ao material, já adianto que a delimitação por aqui é medida em termos de reverberações, em termos de estima, de cuidado e celebração. Te escrevo como quem manda cartas de amor (Emicida,2019). Com bell hooks (2020b) aprendi que amor é celebração da vida, em gesto de responsabilidade com a/o outra/o e consigo mesma/o. Reverbero em cartas temas que surgiram em conversas e nas trocas de cartas, em um vai e vem não medido pelos tempos acadêmicos nem medido pelo tempo do cronograma de pesquisa.

¹ Referência: Queer(izar) a escritora - Loca, escritora y chicana é uma tradução feita por Tatiana Nascimento do ensaio To(o) queer the writer - loca, escritora y chicana. In: KEATING, Ana Louise (Ed.). The Gloria Anzaldúa Reader. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163- 175.

Tu deve ter notado que escrevo falando como se estivéssemos em uma conversa, como se próximas fossemos. Escrever falando é um procedimento de escrita que estimo e fico pensando na riqueza e diversidade linguística que é apagada e silenciada pela norma culta do português, principalmente quando vamos avançando no mundo acadêmico. Invente com o que te ofereço e meça os textos que você lê pelo tesão que eles te dão em escrever. Compartilho contigo o desejo de que formemos uma comunidade, a sensação de pertencer a uma comunidade é importante para nossas vidas (Somé, 2007).

Assim, abro pra ti quatro coleções de cartas, quatro blocos de cartas (que chamarei de cartas-ensaio) e que funcionam como uma espécie de *móbile*: sabe aqueles que colocamos em cima do berço dos bebês? Esses mesmos. Cada carta é uma parte do *móbile*, uma versão da pesquisa, uma espécie de micro-mundo; gire-as à vontade, a sensação de vertigem é um bom movimento para nos deslocarmos pelo mundo. Uma pesquisa pendular, que vai se contando de pouco a pouco, que se movimenta e é movimentada por quem mexe nele. Por isso, escolhi não te antecipar o conteúdo de cada carta-ensaio e nem das pequenas cartas. Não haverá um sumário ou resumo dos ensaios, você terá que confiar. Caso bata a curiosidade, entre por onde te convier, se tua vontade é conversar, seja bem-vinda/o.

Não há *escrevedora* de cartas neste mundo que se sustente com a antecipação do conteúdo que cada envelope ou maço de papel guarda. Escrever cartas é um gesto de aliança com a memória, com um certo retrato do tempo vivido por quem as escreve e quem as recebe. Escrever cartas supõe mistério, uma instigação à curiosidade (o que há dentro do envelope?). Você já experimentou a sensação da expectativa antes de abrir um envelope recém chegado dos correios (não vale lembrar das cartas-cobranças)? Sua caixa de correios guarda o que? O primeiro procedimento desta tese é atizar a curiosidade. A tese já começou e não há necessariamente um meio, fim ou início. Te proponho entrar na caminhada comigo (caminhar junto é um ato de confiança). E o desejo nesta pesquisa é um desejo amoroso, de confiança, de estabelecimento de uma relação de cuidado e respeito, lembrando do que bell hooks (2021) nos ensina no livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*.

Rodopiar por entre formação e pesquisa, por entre vida e academia, por entre cartas e conversas. Eu não sei tu, mas antes da pandemia, na vida cotidiana eu batia perna pela cidade, pela vida acadêmica, pelos conceitos e autoras/es; rodopiar como eu fazia no brinquedo gira-gira, rodopiar como atitude de caminhada. Como tu nomeia o ato de bater pernas por aí? Ah, e tu vai encontrar um texto escrito prioritariamente no feminino; o português é uma língua sexista em sua constituição e uma forma de lidar com isso é fazendo escolhas. Escolho seguir priorizando a escrita no feminino (ou no feminino

primeiro) e torço que os homens que entrem em contato com meu trabalho se sintam destinatários de minhas cartas também. Tu vai ver que cada carta tem uma intenção que pode se encerrar nela, mas também pode se conectar com outras em uma espécie de continuidade: eu me espalho na escrita. Costumo preferir escrever cartas menores e em maior número. Tem assuntos pelos quais vou me esparramar, pois eles surgem no meio de uma conversa e de outra também, pois querem conversar com outros temas.

As cartas fazem abertura para um modo de operar: destinar escritas! Destinar uma escrita é um ato político de engajamento com a tessitura de comunidades. Você ainda vai ouvir falar muito sobre bell hooks. Com ela aprendi que não há pesquisa feminista se não houver uma comunidade amorosa de aprendizagem. Alimentar comunidades em que vozes múltiplas sejam misturadas é uma aposta política, ou melhor, é a política que guia essa tese. Se escrevo pensando em alguém, se escrevo a partir do endereçamento, é porque desejo um corpo, desejo encontros entre corpos e espíritos, desejo um trabalho encarnado, no qual importa com quem e desde onde conversamos. Certa vez, li em bell hooks (2017) que uma boa teoria para a sala de aula é aquela que pode ser foco de uma conversa; um ensinamento que me guia nesta pesquisa: uma boa pesquisa se fundamenta com ideias que podem alimentar conversas.

Seja bem-vinda/o ao meu mundo/pesquisa! E qualquer coisa me escreva.
Vou adorar!

Bruna

amizade: há preferências que seja húmida, pois mundo está a isolar pessoas; assim amizade procura por ela que pessoas se escorreguem para algum encontro. (Ondjaki, 2011, pp.62-63)



Legenda: arquivo pessoal. Imagem encaminhada por uma amiga.

Oie!

Não seria uma tese uma escrita para si mesma, ou melhor dizendo, para mim mesma, antes de tudo? Pergunta que me fiz esses dias. Escrevemos para nós mesmas, tentando significar e ressignificar as noites mal-dormidas, as preocupações, as intenções em atender às “ordens” e os “ritos” acadêmicos e se fazer entender pela comunidade de nosso campo de atuação. E, após cumprir essa satisfação, partilhamos com o mundo nossa produção.

Guria, que correria! Há meses que estamos correndo entre lavar louça, fazer comida, cuidar do Apolo e tentar trabalhar. É uma maratona eterna de segunda a segunda. A pia tá sempre cheia e a roupa vai se acumulando, a gente já aceitou a bagunça e parece que ela não tem fim; eu queria que as páginas escritas se multiplicassem como ela.

E o trabalho? Estamos aprendendo a fazer reunião e brincar ao mesmo tempo, num compartilhamento de atenção que não é possível de ser saudável. Esses dias a Lu tinha que se apresentar em uma reunião e bem no meio o Apolo precisou ir ao banheiro. O barulho de descarga desorganizou o pensamento dela e a acompanhou. Noutra dia, eu estava falando sobre um texto da Conceição Evaristo no EDIS (Núcleo de Estudos em Diversidade e Política) e o Apolo queria saber o que era a saliva que saía da boca dele. Era urgente ele saber, não dava para esperar com o dedo todo babado de saliva.

Não sei como tá sendo por aí, mas por aqui é pensar entre um prato e outro pra lavar, sair correndo da cozinha para anotar uma ideia e aprender a escrever cansada à noite, mesmo que isso custe horas de sono. Tudo dói e dói mais ainda quando a gente abre qualquer rede social e vê os estragos e a quantidade de mortes que poderiam ter sido evitadas. Dói o corpo por causa dos espaços improvisados para trabalhar, dói a alma pelo que estamos vivendo, dói a vida que vai sendo espremida entre as paredes do apartamento e os horrores que estão sendo permitidos. Mas seguimos! Seguimos apostando na vida mesmo ouvindo os vizinhos adoecerem, seguimos apostando em um futuro, pois com uma criança de quatro anos em casa esse é mínimo que podemos ofertar para ele.

“Quem vai brincar comigo?” É a pergunta que o Apolo faz enquanto repassamos as reuniões de trabalho, os prazos e as urgências. “Quem vai brincar comigo?” é a pergunta que nos angustia, é a pergunta que nos faz querer almoçar e jantar juntas/o, que faz com que a gente tenha paciência pra brincar de escola, de carro, de desenhar, inventar músicas e falar bobices mesmo quando a cabeça pensa nos prazos, nos textos a ler e a escrever, nas demandas que vão se acumulando, nas mortes que vão sendo banalizadas. Escrevo esta carta (e essa tese) com dor, uma dor que faz o sono ir embora e pela qual fico me questionando: qual a validade de uma tese em tempos como o que vivemos?

—Tem janta?

—Bah! Não sei! Mas a gente faz uma crepioca com couve! Tô atrasada! Cadê os fones?

—Deve estar no quarto! Apolo vem pra cá!

Diálogos que se repetem, muda a refeição, a demanda doméstica, os fones sempre por achar e o atraso entre uma reunião e outra. Ainda tem as manhas, as birras, as TPMs, o sono que insiste em aparecer durante a tarde (esses dias dormi sentada vendo algum desenho que não me lembro), os pedidos por brincadeiras, as leituras por terminar, o sono que vai embora de noite. Enquanto te escrevo, minhas costas doem, a Lu tá fazendo o Apolo dormir e tô vendo o Grey's Anatomy pela sei lá qual vez. Ver uma série repetida me ajuda a esvaziar a cabeça e marcar o ritmo da escrita.

Obrigada por acolher minha tese, tu foi inspiração, vento que soprou meu pensamento para bandas mais interessantes e me fez lembrar que tudo isso que narro é parte do trabalho. Me escreva quando e como puder. Ficarei na expectativa do que achou.

Conta como andam as coisas por aí!

Saúde para nós! Grande abraço, Bruna

Carta-ensaio 1

Um caminho de encontros

E se o mundo acabasse agora, o que eu deixaria registrado sobre isso?, pensou, e nada aconteceu.

Não tinha jeito, estava desafinado.

(Fábio Monteiro & André Neves, 2015, p. 55)

1.1- Girar mundos...

Porto Alegre, início de março de 2021.

Oie,

Você conhece os Giramundos? Os conheci por intermédio de Fábio Monteiro e André Neves que escreveu um livro sobre dois Giramundos, meninos de lá e de cá, separados por um oceano de distância e que em suas cartas entrelaçam as histórias de Brasil e Angola num livro lindo chamado *Cartas a povos distantes* (2015). A história que envolve a troca de cartas entre o Giramundo de cá com o Giramundo de lá nos acompanhará, por hora, queria citar uma frase de Fábio sobre as cartas: “Acredito que escrever ‘cartas’ tenha sido minha primeira experiência de escritor. Nelas guardava uma necessidade, maior que palavras, de lapidar sensibilidades e rebuscar emoções” (2015, p.89). Pesco essa frase, pois tenho me preocupado com a escrita e sobre o porquê de me preocupar com a escrita acadêmica; quero uma escrita que cuide, que acolha e faça girar mundos e nem sempre será uma escrita que cabe em formato APA ou ABNT. Qual foi sua primeira experiência como escritora? Tu lembra? Por aqui foram com as cartas. Eu as escrevia para minha mãe, em uma espécie de intermediação entre minha avó e minha mãe; duas mulheres que tiveram pouco tempo de escolarização, mas que por toda minha infância e início da adolescência trocaram cartas. Lembro da chegada do carteiro, de sentir o envelope que vinha de São Lourenço do Sul (cidade em que a minha avó morava), de correr para avisar que a vó tinha mandado notícias; com minha entrada no mundo das letras, eu já me autorizava a abrir a correspondência e contar as notícias para minha mãe.

A minha vida de escritora começou com cartas, receitas e bulas de remédio (essas últimas eu as lia para treinar a leitura). Minha vida de escritora foi alimentada por professoras no ensino fundamental que faziam da lição de redação abertura de mundos – particularmente a professora da sexta série (a memória não me deixa lembrar o nome dela), eu escrevia páginas e mais páginas tendo esticar as histórias e ampliar mundos com elas. Na universidade já não foi assim, a história e os afetos com a escrita mudaram e muito, a ansiedade por cada trabalho a escrever não tinha dimensão: era do tamanho da imensidão e fazia eu sentir que não tinha “nascido” para aquilo. Esse sentimento se acalmou quando me apropriei das cartas, quando produzi meu primeiro trabalho em uma outra “roupagem”, fiz a monografia de fim do processo da Especialização (em Instituições em Análise/UFRGS) contando as histórias que carregava comigo sobre o acolhimento institucional de crianças e adolescentes (Battistelli, 2014; 2019). Vendo com os olhos de hoje,

eu teria reescrito algumas partes daquele trabalho, contando aquelas histórias com a companhia de outras vozes.

Eu sigo com as cartas, espero que não me torne repetitiva. Tentei abandoná-las, adentrar o mundo dos ensaios, mas aparentemente será com elas que encerrarei meu processo de doutorado. Agora fundi elas com os ensaios; cartas-ensaios como Ítalo Calvino nomeou (Guerini & Moysés, 2009), ou ensaios epistolares como descobri que Eduardo Lourenço nomeava suas cartas vivas (Lourdes Soares, 2011). Quem são esses e do que estou falando? Pois bem, o primeiro é um escritor italiano que descobri faz pouco tempo e que escrevia muitas cartas nas quais exercitava o papel de escritor crítico, se comunicando com outros escritores por cartas. Já o segundo é um autor português que também tinha como hábito a escrita de cartas-ensaios, uma aposta no gênero epistolar no encontro com o ensaio. Minha tese é uma escrita-andarilha, em percurso, habitante de entres. É em um entre cartas e ensaios que o conforto para a escrita vai ganhando força.

Desta vez vou abandonar os envelopes, os laços, as sacolas e as caixas e apostar em um objeto conhecido por muitos e de grande valor na minha formação: o livro. Um livro-coleção de cartas-ensaios: são cinco coleções – a primeira foi escrita para uma amiga, a segunda para uma jovem que iniciou a formação em psicologia, a terceira para uma amiga que deseja fazer o mestrado em psicologia e não sabe o que/como fazer e a quarta é para quem se interessa pela escrita e a quinta é minha coleção pessoal de cartas que ganhei ao longo do doutorado. Chamo amiga, pois a amizade é ponto importante no processo de pesquisa e formação. Não acredito em processos de formação e de pesquisa que não sejam alimentados por uma espécie de amizade (falarei desse conceito mais adiante), em uma política de constituição de comunidades amorosas de aprendizagem. E se sigo com as cartas é porque elas me permitiram chegar até aqui e com elas eu me sinto confortável em escrever.

Você já parou para pensar sobre sua escrita? Sobre sentir-se bem com ela? De quais formas tu consegue colocar suas ideias no papel? E sobre as demandas e cobranças que atravessam nosso trabalho? Nessas horas, lembro dos desejos de higienização aos quais fui exposta durante o processo de graduação e pós-graduação. Frases do tipo: “preciso higienizar teu texto, tu me permite?” me acompanharam, em uma espécie de polimento para que as ideias coubessem no que seria o Texto acadêmico correto. Há um texto acadêmico correto ou ideal? Essa escrita é temperada pelo tempo da pandemia que restringe a possibilidade de retornos e voltas ao texto (as escritas, leituras e releituras são feitas entre uma tarefa e outra), é um tempo de urgência, em que a afinação vai se dando imundada por afetos que nem sempre são alegres. Escrevo ensopada de memórias, encharcada por uma vida que há mais de um ano se dá prioritariamente entre as

paredes de meu apartamento. E se falo em termos de encharcar e ensopar é porque tenho andado com Paulo (Freire), tenho lido suas cartas (2019a), suas pedagogias: da Indignação (2019b) e da Esperança (2019c).

Mas voltando algumas casinhas: como está? Espero que com saúde e ainda com esperanças; são tempos difíceis e precisamos estar juntas e bem. Não sei como funciona contigo, mas tem dias que eu poderia ficar deitada o dia todo vendo algo aleatório na televisão, algo que me alienasse um pouco do que estamos vivendo; tem horas que cada notícia corta a carne da minha existência de um modo que não sei como farei para que essas feridas se curem (precisaremos de medidas coletivas para lidar com esses traumas). Quando puder e se quiser me conte um pouco como tem sido para ti. São tempos de dor e lágrimas, precisamos senti-las se queremos um futuro; não desaguar pode ter efeitos profundos em nossa saúde.

Por aqui estamos “funcionantes”, gratas por cada dia com saúde, por cada atividade que damos conta e aprendendo juntas/o como viver e trabalhar num mesmo espaço. Os malabarismos com a rotina, a criação de pequenos espaços de respiro, aprender a focar no trabalho mesmo quando a volta encontra-se caótica. Aproveitar cada pequeno espaço de tempo para produzir é uma tarefa complicada, pois os tempos da universidade e os da vida nem sempre se respeitam ou se conversam. Como cuidar do tempo?, venho pensando com meus botões. Escrever uma tese em meio a uma pandemia, vivendo em um apartamento de menos de 60m², com uma criança que se encaminha para o cinco anos (um ano inteiro vivido na quarentena), dividindo tarefas domésticas e horários de trabalho com minha companheira, escrevendo e lendo à noite ou de manhã cedo tem sido uma experiência intensa e vou falar sobre isso ao longo da tese, pois o tempo que vivemos nos acompanha, é parte do que produzimos: sou uma carteira pandêmica e se aprendi algo sobre esse processo todo é que não podemos fingir que ele não existe; precisamos falar da angústia, das mortes, do mundo, da pandemia, do isolamento. Seguimos, pois com tudo isso, ainda somos privilegiadas e podemos trabalhar em casa; um enorme privilégio em tempos de pandemia. E se tenho esse tempo de escrita é por que estamos dividindo tempos: se estou trabalhando, ela está brincando e vice-versa.

Aprendi hoje que alguém chamou as cartas que rompem o laço da inviolabilidade de cartas vivas (Lourdes Soares, 2011). A autora conta do processo de escrita epistolar de Eduardo Lourenço e conta que ele chamou de cartas vivas aquelas em que rompia o lacre do envelope e as publicava. Gostei demais desse nome e resolvi transformar nossa correspondência em cartas vivas. Que a vivacidade das palavras permita que essas escritas povoem mundos, ampliem escritas, permitam que outras/os também se permitam escrever. Uma escrita gestada há muito custo em tempos pandêmicos e imersa

em um mundo de sensações muito variadas: por horas uma escrita de ódio, em outras uma escrita otimista; por horas habitada pela desesperança. Escrevo essa tese toda em forma de ensaios que nomeei cartas-ensaios, inspirada nas escritas de cartas e no romance *A cor púrpura* (2020) de Alice Walker. Você já ouviu falar em romance epistolar? Conheci esse gênero com o livro *Ligações Perigosas* (Choderlos de Laclos, 1792/2015), posteriormente com o livro *Precisamos falar sobre Kevin* (de 2011 e escrito por Lionel Shriver) e pelo livro *Cartas para minha mãe* (2010) de Teresa Cárdenas. Percorrendo a memória em busca de referências percebi que o *Drácula* de Bram Stoker (1993) e o *Frankenstein*, de Mary Shelley (2015) também bebem da inspiração epistolar. Mas *A cor púrpura* (2020) encara algo que gosto demais, que é a escrita oralizada, como se tu tivesse escutando uma pessoa falar; o livro é uma coleção de cartas de Celie, uma mulher negra do Sul dos EUA para Deus e algumas cartas para sua irmã Nettie. Celie narra a Deus aquilo que é impossível falar com os outros e com suas cartas vamos encontrando com a vida, por muitas vezes dura demais da conta, acompanhando também os momentos de brisa fresca que vem acompanhado das descobertas dela com o amor. O livro e o filme são experiências muito diferentes; ler Alice Walker é algo mágico que muda tua percepção das relações e do viver.

Mudei o modo como vou escrever a tese logo após uma orientação ocorrida no início de março de 2021 em que o Luciano me perguntou sobre as cartas, pois estavam sumidas do escrito que tinha entregue para ele e Érika (minha dupla de orientadora/orientador). Fiquei pensante e logo me coloquei a reescrever o que tinha entregado a eles: voltei para as cartas.

Tenho interesse pelos movimentos que elas causam em quem as lê, gosto do efeito delas no texto e de como meu pensamento voa mais fácil por escritas em que há uma destinatária. Quem poderia ser? Escolhi você depois de muito pensar. Pensei naquela nossa carta que foi parar na *Pandemia Crítica da n-1²*. Já que escrevo cartas como meio de acessar parcerias de pesquisa e pensar a produção de conhecimento é com elas que decidi seguir a escrita que chega até você. É com elas que eu resolvo encerrar o doutorado. Tu vai lembrar que uns parágrafos antes eu tinha descrito duas destinatárias, pois bem, quando me ponho a escrever personifico o destino de minhas cartas, na criação de uma espécie de rosto, de alguém a quem desejo transmitir o que aprendi com mulheres e homens que vieram antes de mim. Uma destinatária que vai ganhando forma a cada carta, a partir do desejo de me encontrar com outras/os para contar o que aprendi.

² Cara colega de Universidade pode ser acessada no link: <https://www.n-ledicoes.org/textos/35>

Tu foi minha fonte de inspiração e luz como Nossa Senhora da Luminescência (2016), personagem de um conto de Conceição Evaristo, como alguém que me guia por entre palavras, frases e escritos. A cada sentada na frente do computador sinto a chama de tua vela, inspiração para tempos nos quais não há muito tempo para cozinhar as palavras e as ideias. Você é Uma e também muitas e muitos, um ser-coletivo, uma destinatária-multidão, que poderia ser minha companheira que trabalha ao meu lado enquanto escrevo (essa é uma carta escrita em muitos tempos), como poderia ser minha avó, minha mãe, minhas colegas de grupo de pesquisa, poderia ser uma pesquisadora que nesse instante se debate sobre seu trabalho, que sente o impacto de não conseguir dar conta das tarefas, para quem a escrita não cabe na rotina e pensa sobre a relevância do que produz, sobre sua postura; poderia ser a professora que vê o mundo mudar a sua volta, assim como, poderia ser aquele professor homem que urgentemente precisa rever seus privilégios. Você é imensidão corporificada como destinatária. Você é como os personagens da Ursula Le Guin no livro *A mão esquerda da escuridão* (2019); uma versão atualizada da história que a autora criou: sua aparência não é definida como é a dos personagens de Úrsula (homens-mulheres que passam a maior parte do tempo apresentando características masculinas e sendo chamados de homens), nem há definições como a autora sustenta no livro. Você anda mais como Gloria Anzaldúa (2021) que se apresenta, metade-metade, olhando seus medos de frente, encarando a besta-sombra.

Hay una rebelde en mí- la Bestia-Sombra-. Es una parte de mí que se niega a obedecer a mi voluntad consciente, amenaza la soberanía de mí gobierno. Es esa parte de mí que odia las restricciones de cualquier tipo, incluso las autoimpuestas. A la primera señal de limitaciones sobre mi tiempo o mi espacio por parte de otras personas, suelta una coz con los dos pies. Sale a escape³. (Anzaldúa, 2021, p.56)

Você acolheu a besta-sombra em sua cama e a acarinha toda noite para poder seguir com suas histórias, com as escritas, com os artigos, com aquilo que lhe dá prazer; escreve mesmo quando lhe roubam o tempo do pensar, do exercitar as palavras, escreve na urgência de se fazer existir para o mundo acadêmico. E sinto que lhe devo algumas histórias, então te mando essas cartas escritas ao longo de 2021, mais um ano pandêmico, em um Brasil que luta para resistir. Sinto que estamos todas/os adoentados, precisando de cuidados

³ Há uma rebelde em mim - a Besta-sombra. É uma parte de mim que se recusa a obedecer minha vontade consciente, ameaça a soberania do meu governo. É aquela parte de mim que odeia restrições de qualquer tipo, mesmo as auto-impostas. Ao primeiro sinal de limitações no meu tempo ou espaço de outras pessoas, chuta com os dois pés. Ela escapa (tradução livre).

intensivos, sofrendo de feridas que foram abertas há muito muito tempo atrás e que ainda sangram, ainda nos sangram. E essas cartas-ensaios não são escritas de produção de mais feridas, elas têm intenção: serem escritos de cuidado e de saúde e, quem sabe, de cura; procuro por textos aliançados com a vida e afinados com as emoções, textos que mostrem as possibilidades de uma política de pesquisa feminista e decolonial. Tenho aprendido com o Giramundo de nossas bandas que escrever exige “paciência, perseverança e, principalmente, afinação” (Fábio Monteiro, 2015, p. 54). Mas **como manter a afinação em um mundo devastado?**

Torço por notícias tuas!

Um abraço, Bruna

1.2- **Corpos que se encontram: por uma política do erótico para nossas pesquisas**

Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como **presença** no mundo, corro risco (Paulo Freire, 2019, p.32).

Querida,

Da última vez que nos encontramos presencialmente tu andava assustada com o rumo que as coisas estavam tomando, o cheiro da insegurança e do ódio soprando em nossos cangotes. Mas seguíamos um andar mais otimista, acreditando que as feridas coloniais tivessem se amenizado ao longo dos últimos anos no Brasil (era ainda 2017) e que o país resistiria; o tanto de coisas que mudaram e se agravaram assusta. Precisamos ainda falar muito e muito sobre os efeitos do colonialismo em nosso cotidiano. Mas não vou me adiantar nos temas que quero conversar contigo.

Lembro que tu estava em ótima companhia naquele momento: carregava *Irmã Outsider* (2019) da Audre Lorde; de tanto que tu falou dela, fui conhecer a autora. Conheci Audre assim, em nossa conversa sobre a universidade, os rumos do Brasil e autoras interessantes que estávamos lendo. Te emprestei o livro *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019b) da bell hooks e tu me emprestou *Irmã Outsider*. As autoras costumam entrar assim na minha vida: pelas políticas e amizade, pela generosidade de outras como tu que vão partilhando as delícias que encontram por aí. E sim, minha tese será falada assim, em termos de prazer, deliciamento, afetos que movimentam e tudo mais. Tenho lido bell hooks por demais da conta e ela impregna esta escrita. Ler *Erguer a Voz* (2019b) mudou minha relação com o texto, impossível não escrever como se estivesse conversando comigo mesma ou com alguém; como cansei de

conversar comigo mesma nesta pandemia, sigo contigo. Eu escrevo daqui, tu me provocas daí e, assim, sentindo as puxadas de tapete que me dá, vou registrando os caminhos pelos quais andei.

É com Audre que escrevo esta parte deste ensaio-carta; quero te contar com quem andei para que essa pesquisa existisse: pessoas, livros, grupos, ideias, conceitos, ferramentas, intervenções. Um mundo de coisas que compuseram os percursos que tracei. Se na geologia⁴ eu falhei em me localizar (não conseguia traçar localizações na disciplina de desenho técnico), por aqui espero conseguir traçar minhas muitas rotas de viagem. Aprendi a gostar de mapas, mas ao contrário de geólogos e geógrafos, traço caminhos de cartas, encontros e conversas. É esta que te escrevo, gostaria de ensopá-la de presenças-encontros. Ando em companhia de Paulo Freire enquanto reviso esta carta antes de te mandá-la. Assim, meu corpo se molha de histórias, ensopa cartas com encontros-presenças que reconhecem o risco em estar no mundo. Andar com Paulo Freire (2019a; 2019b) é um exercício de transbordamento esperançoso, por isso, te ofereço aqui retalhos de memória de encontros que inspiram minha produção.

Volto a Audre que nos lembra a todo instante: somos uma-muitas, somos indivisíveis e, desta forma, precisamos ocupar a pesquisa de forma inteira. Essa sou eu recontando o que ela disse, evitando assim um hábito que tenho de encher o texto de citações diretas (aquelas que vão separadas do texto quando muito grandes ou entre aspas quando menores). Se pretendemos sobreviver ao mundo devastado que se apresenta como nossa morada, precisamos estar inteiras e reconhecer os riscos de ser presença nesse mundo: o que escrevemos, como escrevemos, com quem escrevemos, as escolhas que fazemos produzem efeitos no mundo. Te prometo uma carta somente sobre o mundo, devastações e habitar o devastado. Tenho tentado me demorar com as ideias e trabalhar elas de forma mais “compactada”: lembra que tenho o hábito de ir me esparramando (além de ser um pouco repetitiva às vezes).

Então, inspirada por Audre Lorde, uma pesquisadora desobediente, reaprendi a confiar em meus conhecimentos mais profundos, lidos como irracionais por modelos masculinos de poder. Audre Lorde (2019) e bell hooks (2019b, 2020b) nos falam sobre o risco de acolhermos a ideia de que para sermos fortes e melhores precisamos abdicar do amor ou do poder do erótico. Audre nos conta como os homens, aqueles irritantemente brancos e elitistas, que circunscreveram o que seria ciência e se apossaram e colonizaram o que denominamos conhecimento científico, nos forçaram a desconfiar do erótico e

⁴ Minha primeira opção de graduação foi geologia a qual cheguei a cursar um semestre mas falhei miseravelmente, eram disciplinas que me mostraram que somos uma pessoa bem de humanas e não sei lidar com cálculo, física ou química. Na disciplina de desenho na qual tínhamos que traçar pontos de localização era incrível o quanto perdida eu era.

de sua força, como se fosse algo indigno, sujo, proibido e monstruoso. Nos deixaram desconfiadas da força do amor e dos encontros como mediadores de relações de produção de conhecimento.

Sinto que para não correremos riscos, muitas vezes limpamos os rastros desses em nossos trabalhos: não contamos sobre as marcas que carregamos, sobre as noites mal dormidas, sobre as escritas apressadas que acontecem entre o fazer o almoço e lavar a louça. Para entrarmos no clube da tão tradicional ciência acadêmica, muitas vezes, deixamos de fora de nossos textos os saberes que carregamos em nós, os encontros amorosos que foram disparadores de pensamento e o percurso da escrita. Assim, apresentar uma pesquisa, na perspectiva que escolhi habitar esse processo, se dá pelos encontros, pelas pessoas, livros, conceitos, objetos com que fui me enlaçando. **Somos grãozinhos de areia em uma imensidão de mundo** e, dessa forma, essa pesquisa conta de alguns grãozinhos, de pedrinhas miudinhas (Luiz Simas, 2019) pelas quais fui me apaixonando. Me permiti o encontro com pessoas que pintaram minhas pupilas com as cores da vida (inspirada na música Anhelando Iruya⁵, Perotá Chingó); com muitas cores e histórias. Sim, uma política de pesquisa que se teça em companhia de feministas e autoras/es decoloniais falará de amor, de paixão, de prazer, de erótico, de práticas e de encontros. Que eles se acostumem com isso! Ainda sou muito tímida para contar de mim, ainda estou aprisionada pelos modos que aprendi a fazer ciência e a escrever textos na academia: escreva na terceira pessoa, fale sobre os dados, apresente a amostra, discuta os dados, explique a análise; qual método usou? Para sobreviver aprendi a ser discreta sobre o que vivo e o que sinto; tem sido um desaprendizado intenso nos últimos anos: falar, me expor, escrever de maneira coerente com o que penso, sustentar posicionamentos. O exercício tem sido constante, mas a timidez que fui aprendendo, por vezes, ainda ganha o jogo. Lembra do meu assombro quando o Luciano identificou minha insegurança com a escrita na defesa da dissertação? Quase caí da cadeira quando ele começou a falar sobre isso no parecer dele. Era assim tão explícito? Tu riu demais da minha cara enquanto ele lia o parecer; disso eu lembro.

Estar no doutorado só foi possível pela aposta nas relações e nos encontros do cotidiano. E desses preciso falar, pois são eles que me ajudam a acionar o que Audre Lorde chama de poder do erótico (2019), esse poder que está nas entranhas, que me acompanha e que é vigiado para que não assuma sua força. Eu quero e posso mais, ela nos lembra com esse texto. Mulheres são ordenadas psiquicamente, nos lembra a autora e o objetivo desse ordenamento é nos manter quietas, dóceis, obedientes e paralisadas (Lorde, 2019).

⁵ A gente é fã dessa banda, elas são lindas e acho que tu vai gostar muito do álbum Águas. Tu consegue acessar a música aqui nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=VMDeYT4QNQA>

E são com corpos que se encontram com outros corpos que uma pesquisa insubmissa é possível. Não pense que falo somente de corpos humanos, contam aqui os seres inanimados, outras espécies e também aqueles que habitam outros planos. Assim, tracejando mapas e aproximando localidades parto para uma tese que se tece desde Porto Alegre, mas que vou viajando junto com parceiras e parceiros de pesquisa.

O primeiro encontro que gostaria de narrar é com bell hooks, intelectual feminista estadunidense que surge em um grupo de whatsapp que mantenho com colegas-amigas do tempo de mestrado: “para quem quer ser professora, a leitura dessa autora é importante”, me disseram lá. O livro compartilhado era *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017); conheci bell hooks em janeiro de 2018 e ela me acompanhou no início do doutorado, ou melhor dizendo, fui iniciada no doutorado por ela, que como uma espécie de guia intelectual, me acompanha desde então. “O que bell hooks faria?”, pergunta que me acompanha como um lembrete, uma espécie de bússola ética para minha formação. Sem a autora eu não teria coragem para modificar perspectivas teóricas, alterar posturas e seguir apostando em uma produção de conhecimento mais cuidadosa e prazerosa, em uma aprendizagem que se dá no coletivo: escrevo com minhas mãos e corpo, mas não escrevo só. O pensamento de bell hooks alterou minha estadia no doutorado, fez com que eu apostasse nas cartas e nas conversas, na metodologia como problema e na intervenção como campo problemático. Como produzir um processo metodológico implicado com a defesa de um mundo mais justo? Justo, aqui entendido como um mundo onde o racismo, a homofobia, o machismo e o elitismo não tenham as chances que tem até então. bell hooks me trouxe a necessidade de outras mulheres, de estudar junto com intelectuais que se ocuparam/ocupam de pensar o mundo a partir de outras perspectivas. Com bell hooks veio Maria Paula Meneses, intelectual moçambicana que nos conta sobre os processos de colonialismo na África, principalmente em Moçambique; a elas se juntou Lélia González que conheci em uma disciplina intitulada *Feminismos descolonizados* ofertada no PPG de Educação da UFRGS pela professora Magali Menezes. Também veio Audre Lorde, que ouvi falar nessa mesma disciplina, assim como Gloria Anzaldúa e Sueli Carneiro. Carolina de Jesus chegou com Conceição Evaristo, Silvia Cusicanqui chegou na mesma viagem que Lélia e Sueli. Uma mulher foi puxando outra e puxando outra e mais outra. Com elas fui conhecendo outras mulheres, como minha companheira que conheci (ou melhor, conheci de novo) no início de 2018. Encontrei com Luciana, na primeira vez, quando ela foi estagiária docente em uma disciplina que cursei na graduação; líamos coisas muito diferentes na época. Quando nos (re)conhecemos em 2018, ela trouxe junto Octavia Butler, assim como um reencontro com Vinciane Despret. Ela me mostrou Teresa

Cárdenas e eu mostrei para ela a bell hooks. Com ela chegou o amor, a vida a três (ela, eu e meu enteado- o Apolo), as discussões sobre bell hooks e os feminismos, a reafirmação do desejo de sustentar uma academia mais acolhedora e afetiva e de estudar com mulheres. Luciana chegou como um sopro, me empurrando de vez para abraçar outras mulheres e seguem elas, todas sentadas à mesa ofertada por Audre Lorde:

Sabemos que não precisamos nos tornar cópias umas das outras para sermos capazes de trabalhar juntas. Sabemos que, quando damos as mãos ao redor da mesa de nossas diferenças, a diversidade nos concede um grande poder (2019, p. 55).

Assim, a necessidade de uma coorientadora que trabalhasse com feminismos e que complementasse o entendimento de meu trabalho se fez necessário desde o início de meu processo de doutorado. Como fazer tal escolha? Pelas leituras! Por artigos, capítulos e outros textos conhecêssemos muitas pessoas, então, porque não apostar em um nome que me ajudou a adentrar mais pelo campo dos feminismos? Conheci Érika por um texto que ela escreveu para um livro que organizei com outras professoras. O texto se chama *Ortopedias políticas* e a produção de “mulheres universais” na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), escrito com Simone Maria Hüning, que se encontra no livro *Psicologia e Assistência Social: encontros possíveis no contemporâneo de 2019*. E desde aquele momento eu tinha certeza: gostaria que ela estivesse junto em meu processo de doutorado, o que só foi possível muito mais tarde, quando mudei de orientação. Esse é um assunto que me é espinhoso, um tanto quanto traumático: nunca imaginei que eu trocaria de orientação no meio da formação, mas foi um movimento necessário vide os acontecimentos que se sucederam. Ler bell hooks me fez ver que era impossível seguir pactuando com algumas lógicas; ler bell hooks me deixou mais exigente com minha formação. Um caminho de encontros, como percebes, não é linear.

Desde que entrei no mestrado tinha curiosidade em saber como eram as aulas do Luciano, e mais para o final do mestrado fiz uma aula com ele, penei o que pude para acompanhar uma disciplina sobre Barthes (não o conhecia), mas o que mais me pegou foi o modo como o professor ocupava o espaço de sala de aula, o como se importava com o como estávamos naquele espaço. Lembro do dia em que eu estava sentada no pátio do Instituto de Psicologia ao final da aula e ele passa para ir embora e me questiona como tinha sido a aula, como eu tinha sentido a aula, pois ele tinha ficado preocupado que estávamos muito quietos, se ele estava conseguindo nos ajudar no percurso. Em seis anos de graduação, dois de especialização e um ano de mestrado, não tinha visto nenhuma/nenhum professora/professor expressar esse tipo de preocupação. Essa foi uma experiência que me marcou a ponto de brigar para que ele fosse de minha banca

de defesa do mestrado (acho que nunca contei para ele essas coisas). Com Luciano, um professor conhecedor de Roland Barthes e pouquíssima leitura feminista na época, encontrei espaços para permitir me movimentar: pude me experimentar, a escrita voou, a qualificação chegou e, posteriormente, convidamos Érika para estar conosco nesse processo.

Uma dupla que me instiga a me movimentar por meios muito diversos, a operar com a composição de referenciais e de perspectivas muito distintas. Quantas psicologias existem por esse Brasil afora e que não conhecemos? Quão hegemônico é nossa escolha por parcerias de escrita? Você já mapeou suas referências? Os outros que te fazem produzir? Até onde eles te levam? Gosto de um texto de Suely Messeder (2020) que fala sobre saberes blasfêmicos e no qual ela nos interroga: qual é o hegemônico de seu pensamento subalterno?

O ano de 2019 foi muito difícil (academicamente principalmente) e, como disse, precisei trocar de orientação. Fui acolhida por Luciano, que mesmo não conhecendo as referências que uso, me acolheu em seu grupo: o Políticas do Texto, formado por pessoas de diferentes áreas de formação e com múltiplos interesses. No Políticas do Texto voltei a acreditar no doutorado, na universidade, na produção de conhecimento, no estar junto como forma de produzir cuidado e acolhimento e alargar o conhecimento. O Políticas do Texto me acolheu como se já me conhecessem, era como se já fôssemos íntimas/os, como se estivéssemos juntas/os desde o início. Um grupo formado prioritariamente por mulheres e alguns homens e que me acolheu em um momento muito complicado, me mostrando que é possível estar junto na universidade sem disputas de ego e exercícios violentos de poder. Se faço nuvens, é inspirada em mulheres e homens, que ocupam a universidade com suas muitas políticas do Texto. As nuvens são uma piada interna sobre o Luciano ter sido chamado uma vez de fazedor de nuvens.

Como uma coisa puxa a outra, com a orientação da Érika, desde 2020, circulo pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); nunca fui lá, só conheço por fotos e pelos encontros dos grupos que passei a frequentar. Circular pelos grupos que a Érika coordena foi decisivo para algumas tomadas de posição nesta escrita. Conhecer o grupo de orientação Feminismos Subalternos e o Núcleo EDIS (Núcleo de Estudos em Diversidade e Política) fez meus pés coçarem e procurarem estradas diversas e reencontrarem estradas familiares com um novo olhar. O gosto pela desobediência e pelas/os monstras/os veio com eles; encontros que me fizeram andar pelas linhas escritas pisando firme e mais consciente de minhas pegadas por esse mundo. Alagoas e a UFAL também me apresentaram o Freakções, um projeto de extensão coordenado pelo professor Saulo Fernandes. Um grupo que tem por objetivo estar junto e ler de forma coletiva livros variados de ficção científica; nos encontramos desde

dezembro, passando por muitas obras e construindo juntas/os uma outra possibilidade de ocupar o espaço acadêmico.

Sinto como se esses espaços (Políticas do Texto, Feminismos Subalternos, EDIS, Freakções) funcionassem como amplificadores de minha força para a escrita, deslocando meu corpo por entre margens que não achava possível habitar. Desta forma, para habitar a academia a partir de uma política do erótico, precisamos de companheiras/os, seres com quem possamos nos aliançar e conjurar pedaços de terra para que existências plurais ganhem força e espaço. Se “como mulheres, acabamos desconfiando do poder que emana de nossos conhecimentos mais profundos e irracionais” (Audre Lorde, 2019, p.68), precisamos de coletivos, de encontros que nos permitam abrir essa porta e ampliar nossa percepção sobre como estamos produzindo conhecimento e o que intentamos com nossas produções.

Pensar sobre encontros e corpos em uma pesquisa é, então, voltarmos para a obra de autoras como Audre Lorde (2019; 2020) e entendermos nossas disposições para o encontro, para as redes afetivas que construímos e alimentamos. Quem convidamos para sentar à mesa? Com quem nos relacionamos e qual a qualidade dessas relações? E como nos colocamos em campo? “O erótico não diz respeito apenas ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer” (Audre Lorde, 2019, p.69.) Assim, antes de pensarmos com quem nos relacionamos, sobre nossa disponibilidade ao encontro, precisamos olhar para nosso próprio corpo, para nossas forças, do quanto nos permitimos e de qual vazão damos ao desejo. bell hooks (2017; 2019b; 2020a) nos fala da necessidade de pensarmos a dimensão do prazer, muitas vezes jogada para debaixo do tapete como algo menor, pouco interessante e que, assim como o amor, não é preocupação no mundo acadêmico. Volto a essa questão ainda com uma cena muito presente: era início do segundo semestre do doutorado e um colega me indaga, pois de acordo com ele, eu estaria fazendo errado alguma coisa, já que me sentia feliz com meu trabalho de pesquisa. Como constituir um trabalho de pesquisa que seja desejado, que seja prazeroso, que dê tesão? Perguntas que me acompanham e que lanço a você, como ofertas possíveis em tempos de dor, ódio, cansaço e paralisia. Escrevo esta tese, ou melhor, este ensaio, quando o Brasil bate um novo recorde em relação aos mortos pelo covid-19, são mais de 1.900 pessoas em um único dia (quando esta carta chegar a você este número, infelizmente, será outro). Mas dos encontros que apagam o encanto, que fazem crescer o desamor e alimentam políticas de apagamento falarei em outro momento. Para seguirmos cuidados intensivos, precisamos saudar e comemorar, os encontros que alimentam o encanto, que movimentam palavras e que permitem que sigamos... “Como responder com vida àqueles que desejam a morte?” (Luiz Rufino, 2020, p. 170).

Como exercitarmos o uso do poder do erótico? Como nos fala Audre Lorde; se não praticarmos o amor próprio como nos questiona bell hooks? Algumas pessoas lerão minhas interrogações e dirão que essas preocupações não são importantes em meio a um cenário como o que vivemos (governos ultraconservadores, pandemia, neoliberalismo, crise). Alguns, principalmente, homens brancos e sua irritante preocupação com o “bem” da ciência, dirão que esses são assuntos para feministas, para militantes, para mulheres, para LGBTQIA+s. Pois bem, sou tudo isso e muito mais e é com todas essas partes que escrevo essa pesquisa, ou melhor, que me inscrevo em minha pesquisa, pois o exercício é pesquisar com todas as minhas partes.

Estamos em 2021 e ainda paira no ar um certo assombro quando se deseja uma tese escrita prioritariamente com mulheres (fui chamada de muito radical por escrever uma tese inspirada em autoras). Um certo espanto quando se rejeita a autoria masculina branca europeia em detrimento de autorias trans, negras, feministas e lésbicas. Se irá falar de amor, que fale com os homens da psicanálise; se irá falar de produção de conhecimento, que seja com os filósofos europeus (mais contemporaneamente, aceita-se algumas mulheres brancas estadunidenses). Poderia seguir com uma lista de assuntos e de como temos blocos referenciais irritantemente brancos e masculinos para todos, mesmo com autoras proeminentes nos assuntos. Te conto isso, pois tu sabe que as feministas estarão comigo ao longo do processo: para a pensar a pesquisa, a escrita, concepções de mundo e de psicologia.

E por aí? Como as coisas estão? Quando puder, me conte como tem sido escrever, produzir, dar aula e pensar com tudo que estamos vivendo? Como tu vem experimentando a universidade? Sente satisfação com seu trabalho? Perguntas que faço, pois vivemos em um meio em que parece inviável sentir prazer e ser pesquisadora. A experiência da insatisfação, do não prazer e do sofrimento parecem ser o esperado no campo da pesquisa acadêmica. Um estudo desenvolvido nos Estados Unidos afirmou que os estudantes de doutorado são seis vezes mais propensos a sofrerem de depressão ou ansiedade⁶. A relação com quem lhe orienta, as condições de trabalho, as incertezas com o futuro, a instabilidade financeira são alguns fatores que podem produzir sofrimento. Para as mulheres, há que se levar em conta as dificuldades encontradas em relação ao compartilhamento ou não de tarefas de cuidado com filhas/os. Uma certa banalização da violência, que vai se passando de geração em geração, somada com as frequentes cobranças por produtividade, além da desqualificação de determinadas áreas em detrimento de outras, constituem quadro importante para análise do sofrimento em pesquisadoras/es,

⁶ Reportagem do portal de notícias el país sobre saúde mental na pós-graduação: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964_993420.html

principalmente, estudantes de mestrado e doutorado. Como manter a sanidade neste meio?

Pistas, somente pistas é o que tenho. Vindas de intelectuais lésbicas e negras que somente em 2019 começam a ser traduzidas para o português de forma mais organizada; de uma chicana lésbica que até o momento de nossa carta não foi traduzida para o português; de uma intelectual negra feminista estadunidense que também começa a ser traduzida para o português e acessível pelos lados de cá apenas a partir dos anos 2017. Mulheres que pensam os corpos em sua inteireza, que aprenderam a respeitar sua força interna, que experimentaram o poder do erótico e compartilharam em versos, ensaios e livros sobre quão intenso é essa experiência. Desta forma, acredito que uma pesquisadora desobediente precisa olhar para estas produções, para estes corpos “dissidentes” que cruzam caminhos outros e pensar sobre como posiciona seu corpo, sobre o quanto escuta seus saberes interiores e o quanto de espaço abre para seus monstros e medos. “Uma vez que conhecemos a extensão do que somos capazes de experimentar, desse sentimento de satisfação e completude, podemos constatar quais dos nossos vários esforços de vida nos colocam mais perto dessa plenitude” (Audre Lorde, 2019, p.68). Há quem vá ler e, capturada/o pelo modo de vida apressado e desenfreado que vivemos, entenderá que a autora nos exige demais, que ela fala do mesmo lugar daquelas/es que bravam por produtividade, por aceleração, por consumismo. A autora, ao contrário, fala de um sentimento íntimo de satisfação, não de nos cobrarmos o impossível.

Uma aposta na força vital das mulheres, a energia criativa que reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos trabalhos, nossas vidas (Audre Lorde, 2019, p.70). Na capacidade de nos amarmos (bell hooks, 2020b) e assim estarmos inteiras em nossas produções. Precisamos resistir há um “sistema que rouba do nosso trabalho o seu valor erótico, o seu poder erótico e o encanto pela vida e pela realização” (Audre Lorde, 2019, p. 69).

Desta forma, quando penso a dimensão dos encontros na pesquisa, quando proponho conversas-encontros em que a reciprocidade seja objetivo, intento um pesquisar aliançado com o cuidar; é o como desejo o percurso metodológico que defendo com esta tese. Não o cuidar tutelar que foi se constituindo ao longo dos séculos como papel das mulheres em relação àquelas/es com as/os quais o capitalismo não desejava se preocupar. Falo de um cuidar que se constitui como acontecimento (Emerson Mehry, 2006), na relação entre pessoas que experienciam um estar junto para além de formalidades de cargos e trabalhos. Um cuidado que estaria próximo ao que Audre Lorde nos diz quando

fala sobre a capacidade de compartilharmos o gozo, do poder de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa.

Compartilhar o gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, cria uma ponte entre as pessoas que dele compartilham que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não têm em comum, e ameniza a ameaça das suas diferenças (2019, p. 71)

O quanto sua pesquisa comporta o sentir com intensidade, o se abrir para uma autoconexão compartilhada (Audre Lorde, 2019)? O quanto você anda se conformando com o seguro ou conveniente? Assim, pensar uma pesquisa-relação, construída no fulgor dos encontros é preocupar-se com o compartilhamento de sentimentos. “Quando negligenciamos nossa experiência, erótica ou não, nós usamos, em vez de compartilhar, os sentimentos daquelas que participaram dessa experiência conosco. E o uso sem consentimento da envolvida é abuso” (Audre Lorde, 2019, p.73). Muitos lerão Audre Lorde e entenderão que a mesma fala de sexo, de amor, de relacionamentos íntimos, de questões que importariam às mulheres e as feministas, circunscrevendo sua obra como aquela que discute problemas femininos, não verão ciência, não verão relação com a produção acadêmica de conhecimento. Pesquisar, desse modo, sentando à mesa com Audre Lorde é pensar em quanto nossas relações acadêmicas, por vezes, são abusivas, pois ao invés de compartilhar experiências, muitas vezes acabamos por usá-las em nosso benefício.

Entendo que com Audre podemos avançar em discussões sobre saúde mental, cuidado e procedimentos metodológicos de pesquisa. A diferenciação entre uso e compartilhamento, a necessidade de entendermos o erótico como uma capacidade de compartilhamento é, portanto, uma pista importante de pesquisa. Uma pesquisa-relação precisa entender o uso do erótico como força motriz para a produção, um processo de responsabilização com o outro, consigo mesma e com o que advém da pesquisa. Como manter o anonimato sem discutir sobre isso com as pessoas que encontramos na pesquisa? Uma garantia a priori que rompe com a responsabilização pela relação, pelo encontro e que abre brecha para os abusos advindos da interpretação, dos recortes e de um encapsular a existência alheia no “bom e velho” discurso sobre o outro. Já passei por isso e foi desagradável, no mínimo; a pessoa convidou para uma troca de cartas e mais tarde vi um trecho do que eu tinha escrito recortado, descontextualizado e analisado ao bel prazer da pessoa. Nada de bom saí de um trabalho no qual não nos responsabilizamos em campo e com os demais envolvidos como uma ação da pesquisa. Para entender e acolher o poder do erótico, a pesquisadora precisa de tempo, precisa entender o medo que sente

de instâncias como o comitê de ética, precisa encontrar suas redes de afetos e compartilhamentos e estabelecer parcerias com outras/os que pensem de forma próxima. Grupos como o Políticas do Texto e o Edis permitem estes exercícios que narro, pois se me fortaleço, é no estar junto à parceiras/os de universidade que inventam frestas para fazer passagem para a psicologia.

Abraços desejosos de notícias!

1.3- Pedrinhas miudinhas, ou, sobre parcerias para construir a pesquisa

Março, que já vai lá pelo meio e que em 2021 anda triste que só.

Pedrinha miudinha
Pedrinha de Aruanda, aê
Lajedo, tão grande
Tão grande na Aruanda, aê
Ponto de Boiadeiro⁷

Oie!!!!!!

Chegamos ao patamar de mais de 4.000 mortes por dia, banalizamos o morrer, e precisamos urgentemente de uma política de cura para tamanho trauma. Uma política que narre os mortos, que não os deixe cair em esquecimento e que também narre as/os heroínas/heróis que batalham firmemente nessa guerra. Uma política de cura que responda com vida aos senhores do desencanto. Uma conversa que dialogue com meu trabalho e preocupações de pesquisa: pensar uma psicologia que esteja preocupada com o acolhimento e engravidamento do mundo pelas histórias possíveis, pela escuta de vozes outras que não somente as que se posicionaram como hegemônicas e na aliançada com a constituição de políticas de memória que acionem processos de cura.

Tu me pergunta como tenho feito as conversas, como escolhi as pessoas com quem ia conversar e como vou justificar as escolhas que fiz. Pois bem, escolhi minha metodologia de encontros e conversas inspiradas na obra Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros (2019) de Luiz Antonio Simas. Há quem vá ler isso e torcer o nariz, afirmando que essa não é uma técnica válida para escolha de amostras em pesquisas no campo da psicologia. Pois eu convido essas pessoas para a conversa, podemos sentar à mesa com algum petisco e alguma bebida e trocarmos ideias sobre escolhas de amostras, aposto que seria uma bela conversa. Eu contaria que para chegar até

⁷ Se quiser ouvir, pode acessar pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=TFqmhkRLPrQ>

essa tese fiz cruzo com as formas clássicas de seleção de amostra, escolhi uma que se chama, na gramática acadêmica hegemônica, snowball (bola de neve) que, de acordo com Nelma Baldin e Elzira M. Bagatin Munhoz (2012), é uma “forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente” (p.50). Ou seja, é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, formando uma espécie de rede de pessoas que se conhecem a partir do tema de interesse que move a pesquisa. Peguei a ideia dessa técnica consolidada e propus um desvio de caminho, ou seja, fiz um uso criativo de um conhecimento consolidado em uma espécie de dobra: escolho convidar para a conversa pessoas que me são interessantes para minha pesquisa, com quem me encontro por textos/lives/palestras ou que são indicadas por outras pessoas. Se formos analisar, a maioria das pesquisas no campo das ciências humanas são interessadas, movidas por afetos, desejos e conhecimentos prévios; muitos fingem neutralidade para adentrar mais facilmente aos grandes salões da produção científica. E não é o primeiro desvio que pego (aparentemente sou boa nos desvios de caminho): no mestrado fiz da técnica observações participantes para iniciar um correio em um serviço de acolhimento institucional (Battistelli, 2017), se tu olhar para meu projeto de qualificação do mestrado encontrará lá uma discussão sobre essa técnica. Com o campo e a escrita da dissertação, os desvios foram se tornando caminho e a **cartagrafia** foi ganhando corpo. c

Conhecia o ponto dos boiadeiros (somente a versão cantada pela banda Cordel do Fogo Encantado), não conhecia a história e nem tinha pensado em enlaçar minhas escolhas de procedimentos metodológicos a partir delas. Foi quando li Arruaças: uma filosofia popular brasileira escrito por Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo (2020). Se tu não conhece o trabalho deles, te sugiro fortemente; eles parecem que trabalham com fios que vão se entrecruzando. Em uma espécie de encantamento tu vai sendo puxada para as ruas, terreiros, praças, bares; conhecendo encantados e encantamentos de muitos cantos de nosso país, eles vão dobrando a conhecimento colonial para que caiba no bolso do malandro que é doutor nas artes da cura. Seguindo por Arruaças (2019) parei em Pedrinhas miudinhas de Luiz Simas (2019), deste pulei para a A ciência encantada das macumbas (2018) escrito por Luiz Rufino e Luiz Simas e sinto que este me puxa para o Flecha no tempo (2019) também escrito pelos dois autores.

Os autores encharcam o mundo com histórias miúdas engravidadas desde nosso chão. Afirmam que se “a agenda colonial produz a incredibilidade de inúmeras formas de existência e saber” (2019, p. 11), o compromisso deles é com

o encanto, com a vida (Simas, Rufino & Haddock-Lobo, 2020). Me ajudam a ocupar as frestas em um mundo de grandes edifícios e instituições, já que apontam que “na miudeza da vida comum os saberes se encantam, e são reinventados os sentidos do mundo” (Simas & Rufino, 2019, p.13). Faço cruzo entre eles com Silvia Cusicanqui, socióloga boliviana aymara que oferta, para a política de pesquisa que percorro nesse processo, palavras sobre memória, língua e pensamento.

Arremangue as calças, tire as meias, sinta o chão em que pisa, respire fundo, solte os braços, abra os olhos e sinta as batidas de seu coração; sinta o caminho que trilha, cuide seus dedos do pé, enxergue o caminho com a luz que vem de seu coração, como Stefania fazia com as filhas no livro *A mulher de pés descalços* (Scholastique Mukasonga, 2017). Uma política de pesquisa feminista e decolonial é para ser vivida, sentida com o corpo todo, habitada no território e ensopada de histórias: “Seu boiadeiro por aqui choveu/Seu boiadeiro por aqui choveu/Choveu que amarrotou/Foi tanta água que meu boi nadou⁸”.

Como me ensinou Silvia Rivera Cusicanqui (2018), o interesse é por um pensamento que, para além do racional, descubra que pensar é ligado ao bailar, ritmado pelas batidas do coração e pelo pulsar da respiração. “Podría decirse entonces que la respiración y el latido constituyen el ritmo de esta forma del pensar⁹” (Cusicanqui, 2018, p. 121). Se pensar tem a ver com a memória, ou melhor, com as muitas memórias que habitam as subjetividades pós-coloniais e que se expressam também no terreno linguístico, a autora afirma que

El otro modo de pensar, es el **amuyt'aña**, um modo de pensar que no reside en la cabeza, sino en el **chuyma**, que se suele traducir como “corazón”, aunque no es tampoco eso, sino las entrañas superiores, que incluyen al corazón, pero también a los pulmones y al hígado, es decir a las de absorción y purificación que nuestro cuerpo ejerce en intercambio con el cosmos¹⁰ (Silvia Cusicanqui, 2018, p. 121).

Uma política de pesquisa que faça falhar o projeto de morte que vivemos desde que por aqui desembarcaram navios portugueses; pactuada com políticas do encanto, precisa sentir o chão em que pisa, honrar as memórias que compartilha com outras/os em nosso continente, abrir-se para o encontro com

⁸ Se quiser ouvir, segue o link da música Chover ou Invocação para um dia líquido da banda Cordel do Fogo Encantado: https://www.youtube.com/watch?v=4xYpDxi4s_g

⁹ Pode-se dizer então que respirar e bater constituem o ritmo dessa maneira de pensar (tradução livre).

¹⁰ A outra forma de pensar é a *amuyt'aña*, uma forma de pensar que não reside na cabeça, mas no *chuyma*, que geralmente é traduzido como “coração”, embora também não seja isso, mas sim as entranhas superiores, que incluem o coração, mas também os pulmões e o fígado, ou seja, os de absorção e purificação que nosso corpo exerce em troca com o cosmos (tradução livre).

outros corpos do Sul (Claudia Miranda¹¹) e estabelecer-se enquanto crítica a toda e qualquer violação de direitos que tolhem as múltiplas formas de ser, viver e existir.

Neste ponto, lançamos a provocação e afirmamos que o Brasil precisa dar errado urgentemente. O país que anda se vendo no espelho nesses anos bizarros é aquele que destrói sistemas de mundo e formas plurais de vida, formado por capitães do mato, capatazes, senhores de engenho tarados, feitores, bandeirantes apesadores de índios e destruidores de quilombos, genocidas, generais, torturadores, coronéis, pistoleiros, membros do esquadrão da morte, misóginos, homofóbicos, parasitas as sociais, fanáticos religiosos, burocratas medíocres, empresários mafiosos, doutores pedantes, milionários sibaritas e arrivistas inescrupulosos (Simas; Rufino, 2020, s.p).

Já participei de algumas pesquisas na vida acadêmica: desde aquelas com mais de quatrocentas pessoas que preenchiam formulários e testes, bem como de pesquisas que precisavam ir atrás de pessoas muito específicas, como foi em meu processo de iniciação científica (Battistelli, Amazarray & Koller, 2011) em que a amostra foi escolhida por interesse, ou seja, pessoas que trabalhavam com o tema pesquisado. No mestrado, a escolha por realizar a pesquisa em uma unidade de acolhimento institucional da prefeitura de Porto Alegre se fez pela necessidade de pensarmos e valorizarmos a municipalização e descentralização da política de Assistência Social – seria uma forma de fazer experiências diferentes dialogarem, já que eu tinha trabalhado no acolhimento institucional de crianças e adolescentes oferecido pelo estado do Rio Grande do Sul na Fundação de Proteção Especial. As intenções estão lá e sempre estarão, mesmo quando optamos por pesquisas que escolhem pessoas de forma randômica. A seriedade do trabalho não pode ser medida por critérios que não levem a sério uma certa ética responsiva (Simas; Rufino, 2019), de relação com o outro. Pelas bandas de cá, em como opero com a pesquisa, a dimensão do maravilhamento é ponto presente na constituição dos processos e tracejos de percursos.

Voltando ao cenário que compõe essa escrita, a sensação que tenho é andar neste março como que em uma espécie de moedor de carne gigante, estamos sendo torcidos, moídos, apertados, esmagados, sufocados. Muitos adjetivos me vêm à cabeça para descrever o mês mais mortal da pandemia por covid-19 no Brasil, somos o epicentro do mundo neste momento e o RS é o epicentro no Brasil. Pela primeira vez na história do estado morrem mais pessoas do que

¹¹ A professora Claudia Miranda (Unirio/RJ) foi convidada para uma fala no Internúcleos (organizado entre os grupos EDIS/UFAL e GEPCOL/UFPE sobre desobediência epistêmica e pesquisas monstruosas em 2021.

nascem, um dado para ser doído no fundo do coração e não ignorado ou banalizado como vejo por aí. Notícias de amigas/os, parentes dos mesmos adoecendo e indo à óbito, o medo por minha mãe e pai que seguem trabalhando e se expondo, a sensação de a qualquer momento ser infectada ou ouvir que minha mãe e meu pai foram infectados; um mundo de sensações que se abraçam aos processos de ansiedade que costumam acompanhar uma pós-graduanda. Não sei como tu tem gerenciado, mas, por vezes, a paralisia me pega de jeito, escrever parece uma futilidade. “O que registrar em um mundo devastado?” fico me perguntando. Imagino que por aí, as coisas não andam tão diferentes, mas torço que tu e os teus estejam com saúde. O desencanto bate à porta da alma de uma forma assombrosa, sinto um frio que não é costumeiro para março quando o vento corre solto pela rua à noite, penso nas almas perdidas em nosso país, para uma doença para qual já há vacina.

Na tentativa de afastar o desencanto e o desamor de meu trabalho, queria te contar sobre pedrinhas miudinhas. Meu enteado ama essa música e eu amo o livro do Luiz Simas que tem esse mesmo nome. Um ponto de boiadeiro (a música) que inspira o livro; o autor, junto com Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo tem me ajudado a pensar uma filosofia popular brasileira, eles escutam outras bibliotecas (Simas, 2019), encantadas por vozes de personagens que ocupam as ruas do Brasil, que sentiram as dores da colonização e que lutam contra as políticas de desencanto que desembarcaram por aqui com os europeus. Uma pesquisa insubmissa precisa de ouvidos experimentados para outras vozes que não somente as usuais que ditam as regras e seguem reproduzindo caminhos controversos e coloniais. Não que eu não escorregue pelo caminho, é cada tombo que já tomei que nem te conto, mas sinto que são com os tombos que uma outra gramática pode ir sendo tecida. Desaprender e reaprender são práticas que exigem vigilância e persistência, pois a cartilha moderna-colonial, brancocentrada e europeizada é repassada desde que a gente se conhece por gente. Te prometo uma carta sobre isso em breve. Mas por hora sigamos com pedrinhas. “Eu sou maravilhado pelas pedrinhas miudinhas, nelas me vejo e delas faço meu pertencimento” (Simas, 2019, p. 13). O autor afirma que se ilumina no mundo pela aproximação amorosa, pelo acariciamento com devoção sagrada as pedrinhas miudinhas e com ele aprendo a dimensionar as escolhas pela aproximação amorosa, pois é assim que colho pistas, escolho pessoas para convidar para serem minhas parceiras na pesquisa e pelo ato de acariciar com devoção que transito por entre referências. Ando com as pessoas por muito tempo, por muitas linhas, compartilho com outras pessoas. Ideias que maravilham, pessoas que nos fazem escrever e pensar precisam ser compartilhadas com o mundo.

“Palavras, como as pedrinhas do professor João do Laço, são preciosas por sua sua miudeza, e não por sua pureza” (Rafael Haddock-Lobo, 2020, p.41). Encontrei com Luiz Simas e Luiz Rufino meio que ao acaso, procurando artigos sobre decolonialidade no início do doutorado, entre um texto e outro, a curiosidade foi aumentando, mas foi somente em 2020 que comecei a ler com o devido cuidado as obras desses autores que escolhem o Brasil e suas figuras, falam dos pequenos atos do cotidiano, daquilo que acontece nas ruas, nos terreiros, nas festas, nas frestas do que conhecemos como História. Andar com os dois é abrir o corpo para o que de mais brasileiro há, é calçar os chinelos, andar descalça, correr o mundo com olhar atento para aquilo que acontece ali na esquina. Não é um exercício fácil depois de seis anos de graduação, dois de especialização, dois de mestrado e quatro de doutorado. A universidade faz, na grande maioria do tempo, o oposto ao que propõem e isso tem efeitos que sentimos nas letras que escolhemos, nas palavras que formamos e nas ideias com as quais pactuamos. Se eu tivesse juízo faria essa tese em forma de artigos, o que facilitaria minha vida, produziria pontos mais substanciais para o currículo e diminuiria o trabalho futuro, mas quero alargar a experiência e contar essa tese de um jeito que me faz gostar de sentar para escrever, que permite que eu tenha um pouquinho de prazer em meio ao cenário pandêmico.

Sou do signo de peixes e reza a lenda que não consigo lidar bem com metáforas e imagens. Uma vez, quando era criança, passei horas pensando sobre uma piada que as/os primas/os acharam muito engraçada: Como passar um elefante por debaixo da porta? tem que colocá-lo num envelope. A literalidade do meu pensamento me fez passar horas pensando em um elefante num envelope. Pense que isso me ocorreu muitas vezes com ditados populares: procurar pelo em ovo, tirar o pai da força, água mole em pedra dura e por aí vai. Retomo esses casos, para apresentar uma pergunta que tem me acompanhado nesses últimos meses (de novembro de 2020 para cá): como passar a psicologia pelas frestas? Qual psicologia é possível por frestas? Pergunta que me guia enquanto passeio e encontro com psicólogas e psicólogos espalhados pelo país. As frestas permitem um certo fazer tecido desde aqui, e se repito esse desde aqui, é pela necessidade de olharmos para a multiplicidade e riqueza do que produzimos, para a memória do que vem sendo criado em nosso território. Uma história miúda e oral, tramada a partir de retalhos que vou coletando de conversas, cartas, leituras, casos da profissão, documentos e que me fazem pensar no lugar das mulheres na história da psicologia e na história das “invenções” no campo da psicologia.

Quando trabalhava com crianças e adolescentes, eu costumava dizer para as mães que seus filhos sempre achavam a grama do vizinho mais verde, um velho ditado popular, que me volta à memória. A colonialidade do saber que nos

acompanha e que, por vezes, nos faz insistir em uma produção de conhecimento eurocentrada, tem raiz forte em nossa existência; arrancá-la não é fácil, exige do corpo um exercício cotidiano de desaprender para reaprender sob outra lógica. Não estou falando aqui de substituir seis por meia dúzia, um fundamentalismo por outro (Ramón Grosfoguel, 2012), mas em uma espécie de adequação transgressora (Luiz Rufino, 2020), uma cumplicidade subversiva (Grosfoguel, 2012) que só é possível desde aqui, por aquelas/es que vivem os efeitos da violência colonial. Falo de um habitar a academia consciente das opressões que vivemos, dos privilégios que nos sustentam e das lutas que precisamos travar. Falo desde a vivência de uma mulher colonizada, descendente de colonizadores, branca, lésbica, cis, de origem pobre e hoje no que se denomina classe média, sem vínculo empregatício e vivenciando uma fragilidade financeira que pode fazer com que eu dependa da renda de minha companheira ao final do doutorado. Coisas que dizem de mim e que me situam em espaços e lugares, que me permitem transitar com mais ou menos facilidade.

Desde novembro de 2020, tenho andado pelo Brasil com mulheres e homens que generosamente me ofertaram memórias, vivências e experiências. Você saberá mais delas/es ao longo da nossa conversa, não me apressarei; esta é uma escrita cozida no tempo da **demoridade**. Pretendo me demorar para narrar os encontros com as pessoas que conversei que tive e como eles me forneceram pistas para políticas de pesquisa em psicologia. Demorar como minha avó fazia quando estava na cozinha e levava uma tarde toda para fazer algum doce ou geléia. O tempo, neste trabalho, é espichado, esticado ao máximo, demorar é um procedimento para estar em campo, construir e analisar dados e construir o texto. Se o capitalismo nos faz correr, pegue uma cadeira, um suco, algo que lhe apeteça e siga com calma (esse é meu lema desde o final do mestrado). É uma ironia para quem conhece meu processo de trabalho: se eu não fizer um milhão de coisas juntas o pensamento não destrava; mas são acionamentos diferentes. Se acelero no cotidiano, me demoro na escrita (o que me permite esses tempos de pandemia).

É com cartas e conversas que resolvi afrontar o tempo da produção hegemônica; como estamos sempre com pressa, tentando dar conta de prazos, reuniões, burocracias, lazer, filmes e tudo mais que nos aponta que não estamos dando conta de sermos eficientes e boas, por vezes, perdemos a capacidade de sermos surpreendidas/os, se não exercitarmos o maravilhamento que bell hooks (2020a) narra ao final do livro *Ensinando o pensamento prático*. Se você conhece alguma cidade do interior, pense nas vizinhas que sentam na calçada ao final da tarde, pense nas rodas que se formam para ver o movimento. É este tempo que acionarei para este trabalho, o tempo de sermos inúteis juntas/os, de pararmos para contemplar o que temos feito e com quem estamos nos

responsabilizando em nossos cotidianos. Para como estamos cuidando da história que narramos sobre a produção de conhecimento e sobre a psicologia, meu campo de atuação e de preocupação.

Olhar para o interior, me diz Jaileila de Araújo Menezes, se inspirar no cheiro do mato, na água, ser uma pesquisadora *interioranda* em tempos que nos exigem ser uma pesquisadora internacionalizada (em conversa em novembro de 2020). Aprendizados de uma mulher que me recebe em sua casa e me conta sua história, de como virou psicóloga, professora, pesquisadora. Estamos em tempos de distanciamento social, mas sinto como se tivesse sido recebida para um chá na casa de mulheres e homens que aceitaram o convite para pensarmos junto sobre a psicologia, a formação, a pesquisa e a criação. Quando “visitei” a casa da Jaileila em Pernambuco, ainda em novembro de 2020, segui pensando em como acolher as muitas histórias que uma conversa pode conter. Há uma pista sobre conversas, sobre como apostar nestas como ferramentas de pesquisa, mas adianto aqui que a imprevisibilidade é força motriz para um pesquisar-conversadeiro. A pesquisadora sempre tem suas perguntas, seus objetivos, mas quando ela parte para a conversa com outra pessoa, algo do imprevisível toma conta e habitar esse é parte do trabalho da desobediência.

Olhar para o interior é, assim, assumir uma ética de pesquisa brasileira, amefricana, feminista e situada. Olhar para o miúdo, dizem Luiz Simas (2019) e Rafael Haddock-Lobo (2020), para as pedrinhas miudinhas que precisam ser cuidadas uma a uma em sua singularidade. Aprender com o boiadeiro que diz que “apenas uma delas já é o mundo” (Haddock-Lobo, 2020, p.41). Quando Jaileila fala da pesquisadora que deseja e se inspira no interior, no sertão, lembro do boiadeiro e das pedras miúdas que constroem o caminho por onde se guia uma boiada, lembro do pescador, dos poetas de Pajeú, lembro das histórias de meu avô e lembro do cheiro do mato que na cidade desaprendemos. Uma pesquisa feita com pedrinhas miudinhas é assim constituída no lastro das memórias que florescem do cotidiano daquelas que aceitam andar juntas/os com a pesquisadora.

Desaprendemos a dar valor para aquilo que pulsa vida em nome de coisas como currículo lattes, melhores colocações, verbas de pesquisa, competitividade, número de citações, verbas de extensão, status. Não escrevo para negar a importância da valorização da pesquisa e pesquisadoras/es, muito menos para defender a erradicação de sistemas de monitoramento de produções e aplicação de verbas; escrevo desejando percursos mais saudáveis de competição e articulação entre universidades, pesquisadoras/es e Estado. Inspirada em Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas (2020) penso em como precisamos fazer falhar um projeto que está em voga no Brasil desde 1500. Um projeto genocida, violento, homofóbico, epistemocida e que se pauta na morte, no

esquecimento e na não valorização de outros saberes que não aqueles do colonizador. Como bem me disse Rejane Kaingang, precisamos desejar menos o pai colonizador e mais a mãe indígena. É com ela que iremos, quem sabe, disputar um outro projeto de Brasil. Não pense que por aqui encontrará um discurso pouco responsável, daqueles que pensam que a solução é explodir tudo e reinventar do zero. Como dizia a professora Inês Henningen, que me acompanhou em muitas disciplinas durante a graduação: não é possível desconstruir tudo, precisamos de um chão, precisamos de algo para construirmos novas possibilidades. Me alianço, assim, com o pensamento de Jota Mombaça (2016) que diz que precisamos ser monstruosas na norma. Quero jogar o jogo, mas o como jogar, com que peças, de que forma, é outra história. Junto com estes ensaios, encaminho algumas cartas que contarão um pouco do avesso da pesquisa, do como fui aprendendo e desaprendendo, assim como algumas cartas que recebi ao longo do processo. E com isso, pretendo mostrar como foi habitar os movimentos dessa cartografia.

E o que uma pesquisa em Psicologia Social tem a ver com isso? Uma pesquisa que esteja interessada em pensar desde aqui, desde nossa terra, desde o cheiro de nosso continente, precisa estar preocupada com isso, precisa desejar disputar um outro projeto de país. Mas não carrego receitas, muito pelo contrário, sigo com um saquinho de pedrinhas miudinhas, sigo com certezas provisórias, com ânsia pelo aprender, pela mudança. Carrego no bolso um saquinho cheio delas, como se carregasse pistas que foram me sendo ofertadas a cada conversa e carta. Pistas que não são generalizáveis, que podem não funcionar da mesma forma com outras pessoas, que fui construindo quando perguntei: e você como pensa a academia? Como pensa a psicologia? Sua formação?

Portanto, este conjunto de ensaios conta uma pesquisa que vai discutir políticas de pesquisa que possam responder com vida há um sistema de morte (Luiz Rufino, 2020). A pesquisa e a/o cientista precisam entender que seu conhecimento precisa ser produto acalentado na ousadia da colonizada (Cusicanqui, 2018), qualidade imprescindível no processo, pois o jogo é violento e precisamos aprender a driblar a violência colonial com as ferramentas que vamos construindo a partir daqui. Desse modo, recorro a autoras/es como Lélia González, Silvia Cusicanqui, Ramón Grosfoguel, Luiz Rufino, Luiz Antonio Simas, Audre Lorde, bell hooks, Paulo Freire para construir um lugar de cuidado e acolhimento para a coleção de pedrinhas que colhi durante o processo de doutorado e que agora, em forma de tese ganham novamente o mundo.

Se miudezas me foram ofertadas, é chegado o tempo de eu retribuir e devolvê-las ao mundo; as pedrinhas miudinhas funcionam assim, elas têm um

tempo próprio, devem permanecer de posse de uma mesma pessoa por um determinado tempo e depois ganhar o mundo novamente. Como farei isso? Com uma pesquisa tecida com cartas, conversas e ofertas, em uma ética da humildade e generosidade, assumindo os riscos, assumindo a tomada de posição que é necessária para que eu possa me afirmar enquanto uma psicóloga feminista e decolonial. Visitei lugares como o Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Portugal, Pernambuco, Minas Gerais, Portugal, Espírito Santo e Alagoas. Enquanto te escrevo esta lista segue sendo atualizada pois os tempos de uma pesquisa na pandemia são outros, que vamos aprendendo a gerenciar.

Se interessar por pedrinhas miudinhas é apostar em uma ética responsiva (Luiz Simas & Luiz Rufino, 2018) na qual “a forma com que se responde o outro é sempre o mote do jogo” (p.87). Os autores nos convidam a conhecer Zé Pelintra e com a lógica do malandro habitar a pesquisa pela via do encantamento. Pois seguir com Zé Pelintra é assumir caminhos a favor das multiplicidades da vida, ampliando as possibilidades de explicação e de conhecimento do mundo. “Vencer a morte pela via do encante e do não esquecimento” (2018, p.218), desta forma, produzir um trabalho interessado pelo encante, fez com que decisões sobre com quem andar fossem tomadas pela linha do encantamento: com quem gostaria de falar? Quem fosse acha interessante me apresentar? Com quem seguirei? Por que não escrever para a/o autora/autor deste texto? Por que não conversar com quem inspira este trabalho?

Se formos analisar os manuais de metodologia, são linhas de interesse que traçam escolhas de amostras, nos ritos formais da ciência colonial, estes interesses são ocultados, polidos através de lentes como a da neutralidade. Mas não teria lente mais interessadas do que a da neutralidade? Uma lente interessada em apagar corpos e saberes e afirmar algumas vozes como as **sabedoras do mundo**. Uma lente que apaga autoridades como Zé Pelintra, que “além de ser mestre curador dos males do corpo e do espírito, é representante de uma malta de pensadores que problematizaram com fino trato os aspectos circundantes à natureza do ser, à condição humana e às relações sociais” (Simas & Rufino, 2018, p.84).

Assim, para construir uma cartografia, ou melhor, para abrir uma cartografia; como uma instalação de um correio, esta é uma abertura: de conversas, encontros e afetos, precisamos pensar em interesses, procurar pessoas que entendamos que se interessem por proximidades, por frestas e pelo encanto. Sobre as lógicas de um correio falarei mais tarde, por hora quero contar sobre quem aceitou a andar comigo.

Os convites iniciais partiram das indicações que a Érika e o Luciano me deram, de nomes que eles entendiam que seriam interessantes para eu

conversar. Um ponto de partida para estabelecer a rede de contatos, conversas e correspondências. E de conversa em conversa outros nomes foram surgindo. Há pessoas que receberam o convite e com as quais não consegui conversar, ou por não retorno ou por dificuldades de agenda. Algumas pessoas foram convidadas a partir de minha aproximação com leituras feitas e outras foram indicações que surgiram de conversas com minha companheira e com amigas próximas. Escolhas que surgem a partir de uma política da amizade e que vão possibilitando que eu coleciono retalhos de memórias que foram sendo ofertado; pedrinhas miudinhas que me fazem maravilhar com a pesquisa em psicologia social, com as discussões sobre metodologia e história da psicologia. Com as ofertas e parcerias que fui estabelecendo vou recontando uma história que é minha e de cada uma dessas pessoas, que conta das muitas histórias que carregamos em nós.

Falo de **Lisandra Moreira** professora de psicologia na UFMG, de **Jaileila de Araujo Menezes** professora de psicologia na UFPE, de **Luciana Caliman** professora do PPG de Psicologia Institucional da UFES e radicada atualmente em Portugal, de **Rejane Kaingang** mestranda do PPG de Psicologia Social e Institucional/UFRGS, de **Adriana Marcondes** professora de psicologia da USP, de **Daniele Noal Gai** professora na Faculdade de Educação na UFRGS, de **Paula Rita Bacellar Gonzaga** professora de Psicologia na UFMG, de **Mirela de Cintra** psicóloga na prefeitura de Porto Alegre, de **Ana Paula Melchiors** professora na UNIFIN e psicóloga clínica em Porto Alegre, de **Samilly Valladares** psicóloga quilombola no Pará, de **Saulo Fernandes** professor de psicologia na UFAL, de **Flávia Carvalhaes** professora de Psicologia na UEL, de **Luz Analice** psicóloga clínica em Alagoas, de **Arthur Arruda Leal Ferreira** professor de psicologia na UFRJ, de **Virgínia Kastrup** professora de psicologia na UFRJ, de **Sílvia Galesso Cardoso** pós-doutoranda em psicologia na USP, de **Cristiane Bremerkamp** professora na UFPA, de **Maria Paula Meneses** antropóloga e investigadora no CES na Universidade de Coimbra, de **Sandra Azeredo** professora aposentada pela UFMG, de **Maria Laura Medeiros Bleinroth** mestra em psicologia na UFAL e doutoranda na UNESP/Assis, de **Aline (Daka) da Rosa Deorristt**, doutoranda em Educação na UFRGS, artista e professora no IFSC, de **Christine Gryscek**, mestranda em Escrita Criativa/PUCRS, doutoranda no PPGPSI/UFRGS e escritora e **Karina Pereira do Santos** mestra em Psicologia/UFMG.

Delas e deles irei contar com mais calma mais adiante, por hora fico por aqui. Fique bem e com saúde!

Um abraço, Bruna

Carta-ensaio 2

Conversas e cartas com uma jovem estudante de Psicologia

Leia para imaginar um futuro (...)

Leia para descobrir percursos diferentes (...)

Leia para se surpreender com quanto ainda há para ser feito.

(Contracapa do livro *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*, 2008)

Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença—aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas— sabem que *a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica*. É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer (Audre Lorde, 2019, p. 137).

8



Conto



Retrato da parte de fora dos muros da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG e da realidade social de Belo Horizonte que bota à porta da Universidade. Foto da aluna Luiza Carmen, do sexto período diurno.

Cidade murada de verdades Lisandra Moreira Espíndula

Universa, uma cidade dentro de outra, com contornos geográficos menores, mas com grandes conexões. Tão grandes que se poderia ter a sensação de que ela não tinha muros, nem limites. Mas os muros estavam lá. Não exatamente como os fortes e muralhas de cidades medievais, mas tinha muros físicos, cercas e catracas e também muros piores, daqueles que a gente não via mas sabia que não podia ultrapassar.

◊ Mas quem controla Universa?
- Perguntou certa vez um novato forasteiro.

◊ Não seja tolo. Aqui está em funcionamento o mais avançado programa de segurança. Não somos controlados por ninguém. Veja quanta liberdade nós temos, não há policiais nas ruas, não há prisões.

Ao olhar ao redor foi obrigado a concordar com seu anfitrião. Havia uma certa tranquilidade em Universa. Entretanto, a imagem que o novato forasteiro fazia de um lugar com tamanha liberdade era um pouco diferente. Se ele fosse livre, estaria

imediatamente testando seus limites, experimentando coisas que antes não ousava. Já o que via em nada se diferenciava do que se fazia fora dali. Cogitou que a eficiência do sistema não estaria na inexistência do policial ou da prisão, mas nos nossos próprios policiamentos. Abandonou a ideia, deve ser bobagem de quem está pisando pela primeira vez na cidade, pensou consigo. Logo se acostumaria com Universa e aprenderia a desfrutar da sua plena liberdade.

◊ E o que se faz em Universa?

Rapidamente, no silêncio e nos olhares de desaprovação, o novato forasteiro vai percebendo que precisaria descobrir sozinho muitas coisas. Quem está mais tempo na cidade não tem paciência com perguntas que já estão como que respondidas. Perguntas que além de simplesmente querer saber sobre algo deslizam para compreender por que algo é assim. Incômodos questionamentos porque mesmo quem já se acostumou com a cidade não sabe porque as coisas são como são.

Em Universa, havia um mercado muito diferente. O mercado das verdades. Algumas baratas, em promoção. Outras muito valiosas e caras. Era permitido o escambo de verdades. Muitos já na chegada trocam as verdades trazidas consigo por novas, geralmente mais tecnológicas, esterilizadas, neutras. Outros garimpavam verdades mais antigas mas ainda úteis. De fato, esse parecia ser o bem maior dessa cidade. Tal como algumas cidades são industriais, outras mais agrícolas, Universa era uma cidade predominantemente produtora de verdades. Produzia para uso interno e externo.

◊ Eu posso também produzir verdades?

◊ Calma, não é porque você está na cidade que você já pode fazer tudo. Há regras para isso, é necessário acumular tempo, experiência, contatos.

Abria-se uma fresta de esperança para o novato forasteiro que seguiu o caminho indicado. De bom grado, no início, e depois carregando uma incômoda

pulga atrás da orelha. Seria a promessa de produzir verdades a forma eficiente de colocar as regras? Mesmo assim seguia exemplarmente, cumpria com tarefas, vivia a cidade na sua plenitude, conhecendo seus diferentes lugares, negociando verdades. Um cidadão pleno de Universa. Não, não era bem assim. Havia no intramuros outros muros.

◊ Você não é daqui. Esse lugar não é pra você.

Escutou certa vez o novato forasteiro, que já não era assim tão novato, mas que não deixava de ser tratado como forasteiro. Estranho que alguns se sentissem tão naturalmente de Universa, se todos sabiam que ninguém ali nascia. Universa era desde o princípio uma cidade de migrantes. Mas alguns faziam questão de classificar as migrações, diferenciar quem chegava. Seria o forasteiro menos merecedor de estar na cidade porque alguns achavam que ele tinha pego um caminho mais curto, sem se importarem se até ali seu transporte foi precário e cheio de buracos em estradas mal cuidadas?

Nos muros do intramuros de Universa, os lugares pareciam bagunçados desde que a nova estrada fora construída. Abrir aquele portão seria facilitar demais o acesso?

Pejos percalços que vivia diariamente circulando por lá e por aqueles que experimentou antes de migrar para a cidade, o forasteiro carregava a certeza de que não haviam facilidades. Quando se deu conta, já havia feito o que tanto desejava, estava produzindo verdades. Verdades sobre sua cidadania em Universa. Pronto para pôr à venda, descobre que a verdade mais barata do mercado é a verdade forasteira. Até então era bem-vindo como objeto, mas como sujeito e produtor de suas verdades não tem a mesma recepção. Resta saber se encontrará comprador para as verdades produzidas no seu sofrimento.

Fonte: Jornal VOZ acadêmica do CAAP/UFMG

2.1- Sobre a universidade

Porto Alegre, entre setembro e novembro de 2021.

Olá,

Se o mundo ficar pesado
 Eu vou pedir emprestado
 A palavra **poesia**
 Se o mundo emburrecer
 Eu vou rezar pra chover
 A palavra **sabedoria**
 Se o mundo andar pra trás
 Vou escrever num cartaz
 A palavra **rebeldia**
 Se a gente desanimar
 Eu vou colher no pomar
 A palavra **teimosia**
 Se acontecer afinal
 De entrar em nosso quintal
 A palavra **tirania**
 Pegue o tambor e o ganzá
 Vamos pra rua gritar
 A palavra **utopia**¹²

Não sei se conhece essa música que se chama Samba da Utopia¹³ que foi escrita por Jonathan da Silva. Inspirada nela, te desejo poesia, sabedoria, rebeldia, teimosia e utopia. Desejos de quem aprendeu com o tempo que as coisas miúdas que interessam precisam ser acarinhadas de maneira encantada. E como não sou muito versada nas artes da poesia e nem das artes de um modo em geral, escrevo cartas onde conto causos, aceitando que posso espantar o desencanto com as histórias que passam por mim. Aprendi com bell hooks (2021) que quando torno o pessoal político posso experimentar a transformação em meus modos de pensar e viver, e de acordo com ela, esse momento pode vir acompanhado de grandes mudanças. Minhas cartas para ti são inundadas do desejo de que

¹² grifos meus

¹³ Tu pode escutar ela por esse link: <<https://www.youtube.com/watch?v=KDX7m3iBzc>> acessado em 08 de novembro de 2021.

experimente grandes mudanças e que perceba que tudo aquilo que tu é e o que tu vive é político. As cartas que te escrevo vão chegar em tempos diferentes; uma das belezas de trabalhar com cartas: elas se movimentam ao sabor dos tempos e falam de camadas temporais muitas, como se fossem aquele doce: o mil folhas. Há o tempo em que tu me escreveu, o tempo da chegada de tuas cartas, da leitura delas, da escrita de minhas respostas, do envio. E nelas trato de memórias, memórias próximas, alargadas e memórias que fui acalentando aqui e ali.

Voltando na música de Jonathan, meu primeiro desejo pra ti é por rebeldia! Seja uma psicóloga rebelde, incomodada e inquieta. Se proteja para que tu não pague um preço demasiado caro por tua rebeldia, mas aqueça em tua alma os desejos combativos por uma psicologia popular, atenta às demandas e necessidades particulares das sujeitas/os à tua volta. Se é algo que aprendi nesse tempo todo de formação é que para que pensemos em práticas de pesquisa, a sala de aula é nosso primeiro e mais importante território de combate e por isso me alarguei para falar contigo sobre a formação em psicologia. Não há política de pesquisa sem o fazer docente no chão da sala de aula. Tu vai ouvir de algumas/alguns professoras/es que elas/eles estão na sala de aula só porque é um pré-requisito para poder ser pesquisadora/or, e isso é triste.

Minha carta para ti começou muito antes de nos conhecermos, quando li um texto muito mal intencionado em suas proposições veiculado pela Revista Piauí (um texto chamado *Parece revolução, mas é só neoliberalismo*¹⁴. Por que chamo de mal intencionado? Por que é uma pessoa que não se identificou, atacou demandas de alunas/os de diferentes lugares e posicionalidades no mundo, não propôs nenhum diálogo, nenhuma saída. Um texto escrito sem nenhum respeito às diferenças que ocupam as salas de aula nas universidades pelo nosso país. Em muitos momentos, apontou o que poderia ser identificado como fragilidade branca, principalmente quando aponta um certo ressentimento com alunas/os que questionam o racismo das/dos professoras/es. O que me entristeceu na época é que a veiculação deste texto que nem assinado é, foi muito maior (enormemente maior) que as respostas que posteriormente foram veiculadas. Minha vontade de inserir a discussão sobre a formação e a relação com a pesquisa na tese vem dessa época. E essa vontade foi reforçada com outro texto veiculado na mesma revista e intitulado *DIÁLOGOS POSSÍVEIS: É preciso ampliar o debate acadêmico para escapar das lógicas binárias que produzem os*

¹⁴ Este texto foi publicado em janeiro de 2021. Caso tu queira ler o que o autor escreveu, tu pode encontrar este texto na íntegra no link: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/parece-revolucao-mas-e-so-neoliberalismo/>> acessado em 21 fevereiro de 2022.

*conflitos entre estudantes e professores*¹⁵; assinado por muitas professoras, um texto que aposta no diálogo, na construção de possibilidades e que assume que a universidade precisa encarar o racismo, o sexismo e a misoginia que circula por suas salas, corredores e aulas. Um texto que se compromete com a crítica e com a proposição, assinado por pesquisadoras e docentes que se mostram implicadas com o engajamento no cotidiano de seus trabalhos e nos lembrando que precisamos assumir o conflito que habita os espaços em que trabalhamos. Esse texto em específico me faz lembrar o como bell hooks (2022; 2021; 2020) foca na necessidade de enfrentarmos o conflito como parte do trabalho na sala de aula, pois como bem lembra a autora, se temos outras relações que passam por conflitos, porque a sala de aula seria um ambiente isento dos mesmos? Que ilusões as/os professoras/es criam em relação como se relacionar com as/os alunas/os? Que ilusões sustentam o imaginário de que na sala de aula não devemos ter conflitos?

Vou te contar das partes não boas do processo de ter me formado em Psicologia; para isso, me aproximo de Luiz Simas e Luiz Rufino e do que eles denominaram como *carrego colonial* (2019): uma forma que encontraram para nos explicar os efeitos da maquinaria colonial em nossas terras. Para eles, o *carrego colonial* se expressa “pelas ações de terror mantidas por uma política de mortandade/mortificação que investem na produção do esquecimento” (2019, p.20). Assim, para os autores, o significado da morte, não necessariamente (ou unicamente) quer expressar o morrer físico, mas está atrelado a todas as formas de fazer esquecer pessoas, culturas, ensinamentos, valores, existências outras. Para os dois, que tecem o conhecimento a partir do cruzo entre saberes e existências diversas, “as ações de morte do *carrego colonial* estão atrelados ao desarranjo das memórias e saberes ancestrais” (p. 20). Quanto a formação para a pesquisa e a formação para escuta em psicologia ainda carrega forças do *carrego colonial*? Uma pergunta que reverbera em mim ao acionar as memórias de minha formação: quais foram as histórias que acompanharam o meu estar em sala de aula e me transformar em psicóloga? Eram brancas, escritas por pessoas de lugares muito distantes, escritas em outras línguas, consumidas por pessoas oriundas das classes alta/média. Há um problema nessas histórias? O problema é que na minha experiência elas foram vendidas como únicas e isso é matéria que alimenta o desencanto.

¹⁵ Este texto foi publicado em fevereiro de 2021 e assinado pelas professoras: Elizabeth Araújo Lima, Vima Lia de Rossi Martin, Sylvia Gemignani Garcia, Christina Brech, Patrícia Izar, Maria Luísa Sandoval Schmidt, Adriana Marcondes Machado, Soraiá Chung Saura, Cláudia Lago, Elizabete Franco Cruz, Silvana de Souza Ramos, Ana Flávia Lucas d'Oliveira e Cláudia Vianna. Tu pode encontrar ele na íntegra no link: <https://piaui.folha.uol.com.br/dialogos-possiveis/> acessadora em 21 de fevereiro de 2022.

Meu pacto contigo será de vida e com ela aprendemos a celebrar a morte também, pois bem como dizem os autores, o oposto da vida não é morte, mas o desencanto (2020). Te desejo dessa forma, desejos de um fazer psi rebelde, encantado e carregado de boa teimosia e que faça florir por onde passar a vida em sua diversidade. Mas para isso, para um projeto amoroso, tu vai precisar se a ver com pactuações à sistemas de opressão com os quais somos socializadas e se deparar com uma ciência predominantemente branca e elitista. Nessa altura do campeonato tu já ouviu uma versão da história da Psicologia que vem carregada por nomes de homens, laboratórios na Alemanha e nos Estados Unidos, testes e normatizações de pessoas. A Psicologia chegou enquanto ciência no Brasil de braços dados com a política eugênica que muito encantou as elites brasileiras. Caso tenha interesse, procure por histórias como o I Congresso Universal das Raças (Souza; Santos, 2012) no qual o representante brasileiro defendeu que em 100 anos seríamos um país cem por cento branco. Um projeto de Brasil imaginado por homens no poder, homens com dinheiro e homens em prol de uma ciência hegemônica e de um projeto mortífero para pessoas negras e pessoas indígenas. O que não nos contam com tanta frequência é que o projeto da Psicologia enquanto ciência desembarca em nossas terras junto com uma ideia eugênica¹⁶ de mundo.

Pensar sobre como tu vai ser psicóloga, como eu sou psicóloga é um exercício de imaginar uma história para além de uma ciência que querendo ou não, foi forjada no seio desse projeto mortífero. Dificilmente tu vai ver esse tipo de discussão nas aulas de psicologia: não falamos sobre nossa pactuação com o modo de ser e de violentar pessoas que o capitalismo neoliberal produz. Mesmo a Psicologia Social não escapa dessa história, se lermos com atenção autores como Silvia Lane (2006) e Martín- Baró (2017) é possível entender que esse é um campo que em sua formação esteve pactuado com as causas que preocupavam os grupos hegemônicos. Maria Helena Souza Patto (2015), uma pesquisadora que conheci por intermédio de Érika, falou sobre isso em suas obras, quando desmonta a produção de conhecimento em Psicologia no campo da educação. O percurso que fiz durante a pesquisa de doutorado me fez encontrar

¹⁶Se tu ouviu falar sobre a segunda guerra mundial, conhece bem as aplicações da da ideia de eugenia, um termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911). Ele definiu eugenia como o estudo do que pode melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, tanto física como mentalmente. Na Alemanha nazista nós temos o maior exemplo de como funcionava as ideias que visavam a pureza da raça. Se formos pensar em termos de Brasil, o maior entusiasta dos estudos eugênicos era Renato Kehl. Nosso país foi o primeiro na América do Sul a ter um movimento eugênico organizado e suas ações tinham como foco a saúde pública, a saúde mental e a educação. O movimento no Brasil defendia questões como: o fim da imigração de não brancos, prestigiar as iniciativas científicas ou humanitárias de caráter eugenista que sejam dignas de consideração, ou seja, medidas que visavam impedir a a miscigenação e focavam no melhoramento da raça. na constituição de 1934 há a inclusão da educação eugênica como algo a ser estimulado pelo Estado brasileiro. Ou seja, um movimento que em sua vertente mais branda visava desde ações preventivas quanto a temas da saúde pública e em sua vertente mais radical tanto quanto defendia o melhoramento da raça via controle da miscigenação e controle de corpos não brancos.

com mulheres que falaram sobre seu processo de formação, mais adiante tu vai conhecer Samilly e Rejane com mais devagareza. Psicólogas que forjam desde os saberes que carregam consigo um outro fazer *psi*.

Te imagino recém chegada na universidade, cursando as primeiras disciplinas do curso de Psicologia. Aquela sensação de alegria misturada com a ansiedade de ter que viajar para outra cidade, ansiedade por estar frequentando um ambiente completamente diferente do que tu estava acostumada. A gente não se conhece, mas já me sinto íntima. Tenho essa facilidade! Não sei como explicar, mas é uma conexão que se estabelece assim, de forma muito rápida. Reza a lenda que falo com qualquer desconhecida/o que tiver disposição; já sai com receita de xarope pra tosse em uma viagem rápida de ônibus (menos de 10 minutos); uma senhora muito simpática me ensinou a fazer pão com casquinha em uma viagem de trensub. Em meia hora ela me contou sobre os filhos, o trabalho, me mostrou um vídeo sobre como formar casquinha no pão feito em casa e sobre como a pandemia impediu que ela fosse encontrar com o filho que mora na França.

Mas retomando a minha formação acadêmica: me formei em 2012, já acompanhei processos de conclusão de curso de outras pessoas, já fiz parte da formação de algumas/uns psicólogos/os e acredito que tenho coisas a dizer que podem te ajudar. Vou te contar um pouco sobre como tenho visto o mundo que vivemos e sobre a relação que eu e outras pessoas estabelecemos com a psicologia. Tomo coragem para te escrever depois de ouvir algumas histórias sobre como algumas pessoas seguem se apropriando do trabalho de pessoas negras na universidade, e pensando em como ainda estamos longe de ações afirmativas epistemológicas (Luiz Simas e Luiz Rufino, 2019) que permitam que o mundo das produções de conhecimento se encharque com outras produções e reafirmo a necessidade de uma psicologia versada em múltiplas línguas.

Pensando no que te escrever e rememorando meus tempos de graduação, sonho pra ti muito mais do que sobrevivência; nessa hora, lembrei que Audre Lorde (2019) afirma que a sobrevivência não é matéria acadêmica. Olha que forte o que ela diz sobre sobrevivência: “É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando de fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer” (2019, p. 137). Aprender a estar só e reconhecer comunidades de mudanças são ações no mundo que nos exigem disposição à diversidade de existências de uma forma que o projeto colonial não nos ensinou. Na universidade, em alguns momentos (ou em todos os momentos) tu vai sentir que teu corpo, tua história, teu modo de ser e existir não são bem-vindos. Atualmente é comum professoras/es brancas/os lerem ou ouvirem as histórias de alunas/os negras/os, trans, indígenas, trabalhadoras/es e pobres

e alertarem que não concordam com as críticas que essas/es tecem, alertando inclusive que tais críticas seriam usadas contra a própria universidade. Essa é uma arapuca da branquitude para evitar falar de privilégios e de como simpatizam com práticas que consolidam sistemas de opressão.

Do jeito como te imagino, lembre-se de Audre Lorde nessa hora: tu aprendeu a sobreviver bem antes de pisar nos terrenos da universidade e encontre coletivos que permitam que tua existência seja celebrada e não apenas defendida. Daí vai surgir uma psicologia coerente com nosso país, com nossos problemas, com nossas formas de existir que são tão múltiplas e sabedoras. Acredito que é daí que vai ser gestada a psicologia sonhada por Martín-Baró (2017): humilde, associada com as demandas do povo e com os processos revolucionários, gestada a partir de uma produção de conhecimento coerente com as necessidades sociais mais urgentes e que se permita um banho de realidade constante. Sonho para ti, assim como acalento para mim, uma “psicologia rebelada, revoltada, insurgente [...]. Uma psicologia que ainda precisa movimentar-se para se livrar de todo aprisionamento intimista, individualista, conservador e elitista dos saberes *psis*” (Mariana Alves Gonçalves, 2019, p. 23).

Talvez a psicologia não seja uma ferramenta para romper com sistemas de dominação e macroestruturas, mas podemos atuar em processos subjetivos que viabilizam essas estruturas violentas e injustas (Martín-Baró, 1996). De acordo com o autor, que ao longos últimos anos foi sendo invisibilizado na formação em Psicologia (pelo menos aqui do sul do país), uma contribuição do profissional *psi* é se descolar dos fazeres tradicionais e hegemônicos estabelecidos para si. Conheci Mariana Gonçalves (2019) quando estava coorientando o trabalho de uma residente em saúde comunitária (a Victória). Victória vivia/sonhava uma psicologia inconformada, incomodada com aquilo que ela via no campo de atuação (uma unidade básica de saúde em um dos territórios mais pobres de Porto Alegre). Nosso encontro com Mariana e por consequência com Martín-Baró me fez conhecer o que a autora cunhou como Psicologia favelada e rendeu uma aproximação com o pensamento do autor. Mariana narra o encontro da Psicologia com a favelada, e como esta produz efeitos múltiplos em uma área de conhecimento que ainda escorrega quando no encontro com territórios como a favela, como a vila, como o quilombo, etc. Nessa época eu já andava com bell hooks e com elas/ele entendi que não se tratava de abandonar a psicologia (Martín-Baró, 1996), mas de colocar o saber *psi* a serviço da transformação social. Ser propositiva com a psicologia e aquilo que aprendi; parece pouco, mas ao longo do teu processo de formação, tu vai ver que isso, às vezes, não é nada fácil.

Já ouvi de muitas profissionais (incluindo professoras em minha formação) que o fazer da/do psicóloga/o é muito mais analisar do que propor intervenções. E isso me faz lembrar de como a branquitude e a supremacia branca são sistemas de dominação que estruturam a produção de nosso campo. E não há boas ou bonitas histórias sobre elas; para seguir por aqui, fio uma conversa com vozes como a de Jéssyca Barcellos, bell hooks, Maria Aparecida Bento, Jota Mombaça, Alisson Ferreira Batista, Lourenço Cardoso, Octavia Butler e Sobonfu Somé. Intelectuais, escritoras/es, pesquisadoras/es que ofertaram sua experiência friccionada com instituições diversas e que se encontram em um ponto comum: são pesquisadoras/es negras/os que vivem, produzem, brilham e inspiram apesar do racismo que o sistema colonial supremacista branco impõem a vida de cada uma/um. São pessoas que com seus trabalhos, nos ofertam chaves de entendimento que podem ajudar a Psicologia a se tornar uma ciência pactuada, de fato, com ações antirracistas e em busca de um mundo mais justo. Não sei como tem sido essas discussões em tua formação, mas é tímido ainda os movimentos em boa parte do país.

Essa é uma estrada longa, e torço para que possamos seguir conversando e construindo juntas possibilidades de encontros. Sinto que para chegarmos às pedrinhas miudinhas e ao encanto celebrados por Rufino e Simas (2019; 2020), precisamos falar de muros, cercas e pedras que estilhaçam vidas. Por tempos relutei em trazer longos trechos em minhas cartas, há quem ache que elas atrapalham a fluidez do texto, há quem se incomode com os desvios que outras vozes produzem, mas hoje percebo que as vozes daquelas/es que leio, que nos ofertaram a partilha de sua experiência, não podem ser simplesmente reescritas; parafrasear a experiência alheia é uma violência, pois o fazemos sem consentimento e isso precisa ser analisado com seriedade. Até que ponto podemos parafrasear?

Então, em nossas cartas, optei por essas costuras, como uma espécie de colcha daquelas que as mais velhas que nós, faziam com retalhos de muitos tecidos. A arte das colchas em retalhos é um ensinamento precioso para a pesquisa que se quer pluriversal. Teço com retalhos-trechos que são essenciais para alimentarmos nossa conversa. Começo com bell hooks e sua relação com a pós-graduação, escute o que ela narra sobre ser uma mulher negra na Universidade:

Na pós-graduação, foi especialmente difícil escolher disciplinas que não fossem ministradas por professores muito racistas. Embora fosse possível resistir nomeando o problema e enfrentando a pessoa, era raro encontrar alguém que levasse a sério tais acusações. A figura dos professores brancos era apoiada por instituições de supremacia branca, por colegas racistas, por hierarquias que punham a palavra do professor acima da do estudante. Quando eu falava para os professores mais solidários sobre os comentários racistas ditos a portas fechadas, durante horários de atendimento ao aluno, havia sempre uma expressão

de descrença, surpresa e suspeita sobre o rigor do que eu estava reportando. Normalmente ouviam porque sentiam que era sua obrigação liberal fazer isso. A descrença deles, a recusa em se responsabilizar pelo racismo branco, tornava impossível que mostrassem autêntica preocupação ou ajuda. Um professor de literatura de escritores brancos do século XVIII me convidou para sua sala e me disse que se esforçaria pessoalmente para que eu nunca recebesse um título de pós-graduação (bell hooks, 2019b, p.129).

Venho pensando se o que tenho para te dizer é algo que realmente vai te ajudar a passar pela graduação, ou se vou te deixar mais incomodada que tu já se sente. Sim, suponho que tu esteja incomodada, pois te imagino próxima de mim, compartilhando experiências como por exemplo o fato de vir de anos como estudante do ensino fundamental e médio público: que conviveu com professoras/es que faziam o que podiam com o pouco que lhes era ofertado, com privações em termos materiais e financeiras e longos períodos de greve (pois o salário das/os professoras/es não era respeitado). Te imagino vindo da classe trabalhadora, assim como eu.

Nesse ponto, eu me reencontrei com um texto de bell hooks, um ensaio do livro *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra* intitulado *Superando a supremacia branca* (2019b). E é com ele que resolvo seguir a te escrever; isso por que acredito que para pensar/problematizar a psicologia, a pesquisa e a produção de conhecimento, é preciso que olhemos com muito cuidado para esse sistema de opressão que consolidou as grandes violências no mundo: a supremacia branca. Foram os homens brancos europeus cristãos que carregaram consigo a chama da opressão com outras existências. Fomos socializadas a achar que supremacia branca é um conceito que usamos para falar daquelas pessoas brancas que gritam seu racismo aos quatro ventos ou aquelas pessoas ligadas à movimentos de morte de pessoas negras. Lourenço Cardoso (2010), importante pesquisador brasileiro vai usar o termo branquitude acrítica para definir essas pessoas que narrei. O mesmo autor vai colocar em questão o antirracismo das pessoas brancas, analisando a branquitude como crítica e acrítica. A branquitude crítica, afirma o autor, é aquela que publicamente se diz contra o racismo (o que não significa que seja de fato contra o racismo). Ao longo de sua obra, ele vai nos apontando as dificuldades de ser um homem negro pesquisando a branquitude, citando que a branquitude crítica se mostra de verdade apenas entre pessoas brancas. Já bell hooks (2019) diz que não se lembra quando ela percebeu que racismo não era o melhor termo para pensar sobre os processos de opressão que pessoas negras viviam, mas que vem utilizando esse termo (supremacia branca), pois o mesmo facilita o entendimento sobre como as relações raciais se dão. Ela afirma que supremacia branca é um termo possível para o confronto e que a ajudou a confrontar mulheres brancas feministas que não conseguiam perceber o quanto utilizavam mulheres negras feministas a partir de valores e atitudes

supremacistas brancos nos quais foram socializadas. A autora, nesse texto, dá exemplos de como essa opressão influencia nas relações de aprendizagem, de trabalho e, por consequência, de vida. E sim, pense muito sobre guerras e confrontos, escolha os que tu vai entrar, quais as batalhas que são possíveis e quais as que não valem teu tempo e energia. Dependendo de tuas posicionalidades no mundo, tu vai ser convocada a pedagogizar pessoas brancas e caso tu escolha acolher essa demanda, isso gastará uma energia preciosa. Te deixo aqui um recado que a Diônvera deixou pra mim e que serve para nossa conversa:

Bruna aqui cabe uma problematização sobre o pedagogizar. Acho importante dizer que ela poderá dizer não a essa convocação, se esse não for o seu desejo, e isso não significa que ela não estará comprometida com a libertação negra ou com o fim das opressões. Que ela tem o direito de não ensinar as pessoas, se esse não for o seu desejo, que é uma violência ela estar em alguns espaços e as pessoas acharem que ela precisa dar aula sobre racismo, por exemplo. Tem uma entrevista do Lucas Veiga que é muito valiosa, em que ele vai falar sobre isso, sobre a diferença entre silêncio e silenciamento, sobre a possibilidade de pessoas negras não serem convocadas apenas para falar e ensinar sobre racismo, mas que elas possam falar sobre outras coisas, e que possam ter o direito de não falar tbm. Nesse link você pode ver a entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=ZewEetTpOkQ&t=2543s>. Peço que você note a postura da jornalista, acho que ela não conseguiu ler o livro, eu fiquei muito constrangida, mas o Lucas tirou de letra (Correspondência pessoal, 2022).

A leitura da Diônvera de nossas cartas foi tão cuidadosa que mais do que “corrigir” o que ela sugeriu, resolvi trazê-la junto. Se quiser conhecê-la melhor, posso te passar o contato dela. Tu pergunta sobre quando me entendi psicóloga, e te digo que levei muito tempo para ter “orgulho” da minha formação em psicologia, para sentir que eu cabia nessa “roupa”, que eu não precisava modificar meu modo de falar, escrever, vestir para me sentir psicóloga; espero que isso seja mais tranquilo para tua geração. Meu otimismo tem reservas, pois a medida da mudança nas universidades ainda é medida por uma régua bem branca. A bell hooks fala de um outro tempo e localidade: fez seu mestrado nos anos de 1976 e terminou seu doutorado no início dos anos 1980 e nos Estados Unidos. Pessoas brancas costumam se orgulhar sobre como as coisas mudaram; sim, muitas coisas mudaram, mas as microrrelações será que mudaram tanto mesmo? Mudou para quem e em que intensidade? Me implico nessa discussão, pois sou convocada a celebrar essa mudança sem pensar criticamente sobre o que ela significa na vida de minha companheira, de minhas/meus amigas/os e conhecidas/os.

Desejar um mundo mais justo, menos opressor e violento tem sido difícil, quando escutamos coisas do tipo: Universidade “não é para todos”, mas “somente para algumas pessoas”, como disse o ministro da Educação¹⁷ do Brasil em 2019,

¹⁷Para acessar o conteúdo da notícia, você pode acessar o link:<https://congressoemfoco.uol.com.br/tema/educacao/universidade-nao-e-para-todos->

enquanto nosso país voltou ao mapa da fome e as desigualdades sociais aumentaram de forma vertiginosa. Como falar em um mundo mais justo quando nesse exato momento há alguém com fome, há alguma mulher com medo por sua vida, quando uma/um estudante de graduação pensa em desistir da universidade, pois lhe faltam condições mínimas em sua vida, ou porque tem sofrido violências importantes que o fazem sentir que ali não é o seu lugar. Para acalantar pedrinhas miudinhas precisamos olhar mais ao longe, precisamos ver também os grandes blocos que produzem muros de exclusão, de violência e de múltiplas formas de morte; as grandes pedras que constituem sujeitos, que tentam apequenar existências e que criam opressão e dominação. E analisar nossa pactuação com esses muros, pois são pedras que foram colocadas também por pessoas que se dizem antirracistas, descoladas, desconstruídas e estudadas. E precisamos falar sobre isso. Dói, mas é necessário.

Entrei na universidade um ano antes da implementação das ações afirmativas na UFRGS (universidade em que cursei graduação, especialização, mestrado e doutorado). Uma das últimas universidades no país a constituir um sistema de ações afirmativas. Te digo que até hoje, a fantasia que me acompanha é que houve algum erro para eu ter conseguido passar no vestibular em Psicologia na universidade federal. Evidentemente um lugar que não era pra mim. Síndrome da impostora? Sim, mas essa fantasia acompanha corpos para os quais foram situados lugares muito específicos e fala mais de como há lugares que não são para alguns corpos. Uma sensação que acompanha pessoas que foram criadas sabendo que há lugares e lugares. Se, por acaso tu sentir que está com um pé pra fora, se sente empurrada para fora ou sente que não pertence ao ambiente acadêmico, lembre-se que esse sentimento não é só teu e fala de um processo histórico de formação da ideia de universidade ocidentalizada que foi importada para os cantos mais remotos do planeta. Tu sente isso? Em quais lugares tu te sente confortável na universidade? Confesso que foram muitos anos em que me sentia confortável em atividades que não envolvessem exposição de ideias em grandes grupos, que não envolvessem a sala de aula. Não me sentir confortável na sala de aula foi uma das vivências mais dolorosas que vivenciei na graduação. Eu amava a escola, amava falar nas aulas, sempre fui uma estudante participativa, mas isso mudou (e muito) na universidade. Algumas pessoas vão individualizar a leitura do que te conto, mas partindo da ideia de que o pessoal é político, te conto essas experiências, pois acredito que as mesmas falam de sistemas de dominação que fundamentam o fazer na universidade.

Acompanhei nesses anos, uma mudança nos corpos que circulam pelos corredores da universidade, dos temas que começaram a pulsar e serem exigidos pelas/os estudantes e também as crises que acompanham essas mudanças. E escutei também as histórias de violência, as histórias de racismo e sobre o pouco movimento que os corpos brancos faziam quando esses fatos aconteciam. Muito mudou, alguns vão dizer. E eu fico pensando nos corpos que dizem isso (são corpos brancos em sua maioria), e sobre os corpos que seguem sentindo que a universidade não é seu lugar. Lembro do dia em que uma professora me disse que se ela precisasse ser violenta novamente, ela seria, pois estava “cuidando” de uma de suas orientandas. Ela colocou cuidado com violência e racismo e não teve constrangimento em falar abertamente sobre isso. Lembro da vez que precisei romper um laço de orientação por divergências em relação a como nos situamos no mundo frente aos sistemas de opressão. Como uma pesquisadora que busca práticas de cuidado, que defende que a sala de aula, a pesquisa e a escrita como meios de produzir cuidado, foi impossível seguir concordando com práticas que violentaram a existência de outras pessoas. Lembro do quanto chorei em uma reunião aberta em que se discutia sobre questões de assédio, violência e racismo no PPG em que estudo. Lembro que chorei de raiva, chorei de vergonha falando sobre como não conseguimos falar de fato sobre cuidado, sobre estar junto na formação. E se foi pesado pra mim (uma mulher branca), imagina como foi para minha/meu colega negra/o ser exposto a fragilidade branca e ao racismo em nível institucional. Naquela reunião eu decidi que em todas as oportunidades que eu tivesse, o tema da supremacia branca seria discutido, pois não dá para as pessoas brancas se eximirem de curar essa ferida que sangra o mundo.

Se tu quiser ser uma psicóloga mais consciente de teu processo de formação, tu precisa conhecer o trabalho de conclusão de curso da Jéssyca da Rosa Santos Barcellos (2016) intitulado *Formação em psicologia e a educação das relações raciais: um estudo sobre os currículos de graduação em psicologia em Porto Alegre e região metropolitana* (2016). Ela é uma pesquisadora negra formada na UFRGS e com quem pude partilhar por um breve período o espaço de formação na pós-graduação. Ela fez um importante trabalho de analisar a educação das relações raciais nos currículos das universidades de Porto Alegre e região metropolitana; nos apresentando um importante relato sobre o impacto de viver um currículo brancocentrado, aos moldes de como bell hooks faz, analisando quanto a branquitude ainda faz pouco caso de sua implicação com a estrutura de dominação supremacista branca. Veja o que Jéssyca falou sobre sua formação:

Foi quando percebi que aquele mundo não era meu, não porque eu não deveria estar ali, como o sentimento anterior, mas porque ele não falava

de mim. As teorias não falavam de mim, nem da minha constituição, nem do meu sofrimento, nem de nada sobre mim. As teorias nunca pensaram em mim enquanto Ser. As teorias foram ampliadas para me incluir (e notem que falei ampliada, pois nem adaptadas foram), dizendo que eu era igual aos outros, quando cada parte do meu eu gritava que eu era diferente. Procurei, agora sim, meus iguais. Sim, éramos poucos na época, mas éramos. Cada um de nós lutando e buscando formas de sobreviver àquele mundo. Comecei devagar, lendo alguns blogs, indo a alguns encontros promovidos pelo coletivo Negração (coletivo de estudantes negros da UFRGS) que também estava em seu início. Posso hoje dizer que sou aceita. Aceita por mim! Hoje tenho condições de fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso questionando exatamente o que me fez sofrer tanto, questionando a falta de estudos raciais nos cursos de graduação de Psicologia. Questionar o porquê de não facilitar a vivência do negro nesse mundo branco, e quando falamos de ensino superior, mais branco ainda (Barcellos, 2016, p. 08).

Instituições como a universidade foram apropriadas por pessoas brancas da elite para pessoas brancas da elite, e elas trouxeram um modelo ocidentalizado para nossas terras (Ramón Grosfoguel, 2016). Se tu colocar no google qual foi a primeira universidade do mundo, aparecerão inúmeras páginas indicando a Universidade de Bolonha, mas o que poucas vão reconhecer, que ela é a primeira no modelo ocidentalizado europeu. É a primeira na Europa. Expandido tuas buscas, vai surgir notícias sobre a Universidade de Timbuktu no Mali e os historiadores acreditam que ela tenha sido criada antes do século 12. Invisibilizada pelos processos de apropriação cultural e apagamento epistêmico produzidos pelos povos da Europa, pouco ouvimos sobre ela ou sobre a universidade conhecida como Al-Qarawiyyin (no Marrocos), ela foi fundada em 859 AC por uma jovem princesa da Tunísia, Fatima al-Fihri. A universidade esta localizada na cidade de Fes, um centro histórico de ensinamentos educacionais e espirituais do mundo muçulmano.

São apagamentos e apropriações sistemáticas que vão apagando fatos, contribuições, intelectuais, ideias. A coragem de mulheres como Jéssyca, Virgínia Bicudo, Neuza Santos precisam ser honradas, pois habitam uma outra memória de formação em psicologia. Se nos desapegarmos de uma memória branca da história da Psicologia, vamos ver que nosso campo de atuação vem sendo forjado desde outras vozes e em um exercício de alargamento da memória vamos ver que vozes femininas, vozes negras brigam por um outro fazer desde os primórdios de nossa profissão¹⁸.

A supremacia branca segue moldando as perspectivas sobre a realidade, configurando posições sociais das pessoas em diferentes espaços (bell hooks, 2019); e isso é bastante evidente na universidade (e pessoas brancas, particularmente, não estão dispostas a reconhecer essa verdade). Então, como

¹⁸ Se te interessar por este tema, sugiro esta ótima live sobre a psicanalista Neuza Santos no canal Psicologia e ladinidades que tem um projeto super interessante para resgatar uma outra história da Psicologia Social na América Latina: <<https://www.youtube.com/watch?v=yOC6NU35ecQ>> acessado em 17 de dezembro de 2021.

nos lembra Maria Aparecida Bento¹⁹, precisamos analisar como as instituições acolhem os corpos em suas diversidades, e qual o impacto de nossas políticas de acolhimento e gestão da diversidade. Maria Aparecida Bento é uma intelectual negra brasileira, uma psicóloga social preocupada em compreender a forma em que as organizações se relacionam com a diversidade, e em como a branquitude sustenta relações de poder e de superioridade racial no interior das instituições. Precisamos de análises e intervenções organizacionais de enfrentamento ao racismo e ao elitismo acadêmico: são mudanças que implicam refazer estruturas, refundar epistemologias, abrir brechas por onde a vida passe em abundância. Lendo bell hooks e Jéssyca Barcellos temos uma diferença de mais de 30 anos e, mesmo assim, acompanhamos fios que conectam as existências de duas mulheres negras em suas formações por entre instituições de ensino. De acordo com Paula Bacellar:

Ainda se admite em muitos círculos que o fenômeno psicológico é passível de ser analisado a partir de perspectivas de teorias psicológicas europeias e norte americanas, que circunscrevem a formação psíquica às experiências familiares da primeira infância ou a aspectos fisiológicos que interferem no temperamento humano (2019, p.83).

Uma Psicologia que enfoque a formação psíquica às experiências familiares da primeira infância ou à aspectos biológicos, segue respondendo às necessidades do capitalismo neoliberal, mais do que às necessidades das pessoas e dos povos. É limitante uma psicologia que se faz sem analisar em profundidade suas bases misóginas, racistas e elitistas. Então, quando Gloria Anzaldúa (2019) fala do risco de não conectarmos nossas vivências e visão de mundo com o mundo que vivemos, ela nos lembra que o mergulho é mais profundo e com isso aumentamos os riscos em nossa experiência como escritoras. Mergulhar de forma mais profunda sobre como somos socializadas em um sistema supremacista branco, sobre como por vezes reproduzimos os valores do mesmo é algo necessário, mas que envolve riscos: o maior deles é ser empurrado para fora da dita “inclusão” nos círculos acadêmicos. Sobre isso, tem um artigo muito bom escrito por Abrahão de Oliveira Santos e Luiza Rodrigues de Oliveira (2021), no qual eles discutem que um dos medos das pessoas brancas é ser “expulsa” dos círculos de indicações para publicação, serem marcadas em concursos públicos, enfim, serem “prejudicadas” por se posicionarem com práticas antirracistas. Com essas cartas que te escrevo corro o risco de perder aliadas/os, de não ser bem quista em muitos lugares, mas me negar a escrever sobre como a formação em Psicologia que ainda é muito estruturada pelos valores da supremacia branca, é reproduzir o que bell hooks narra:

¹⁹Falo da palestra que ela proferiu no CRP/SC e que está acessível no link: <[Palestra Prof^a Dr^a Maria Aparecida Bento - YouTube](#) >

Quando liberais brancos falham em compreender como podem incorporar e/ou incorporar valores e crenças da supremacia branca, embora não adotem o racismo como preconceito ou dominação, não conseguem reconhecer o modo pelo qual suas ações apoiam ou afirmam a própria estrutura de dominação e opressão que declaram desejar ver erradicada (2019b, p. 232).

E Jéssyca nos questiona: “profissionais psicólogos/as, com base na sua formação de graduação, podem se considerar preparados/as para lidar com o racismo?” (2016, p. 11). E com a pergunta dela, reverbero minhas próprias: como formamos psicólogas/os sem colocar em questão a supremacia branca que estrutura currículos? Jéssyca fala disso em seu trabalho, narra como as disciplinas, as teorias e o processo de formação são sustentados por princípios brancocentrados e como os corpos como o dela são tomados como iguais aos corpos brancos. A autora fez a análise do currículo de 19 instituições que oferecem o curso de psicologia e mostra como em alguns deles (6 cursos), o ensino das relações raciais está sustentado em uma disciplina (nem sempre obrigatória), ficando a critério das/os professoras/e abordar ou não a temática em suas disciplinas. Jéssyca (2016; 2020) nos escancara algo que é indigesto à branquitude, ou seja, de que há muito a se fazer, de que há muito a se aprofundar e principalmente, há que se mudar práticas, para que as mesmas acompanhem os discursos muitas vezes inflamados de antirracismo da branquitude.

Antirracismo, mais do que uma expressão é uma atitude, ato que pode mostrar às pessoas negras e indígenas que pessoas brancas podem ser aliadas/os confiáveis. Desta forma, mais do que te dizer que área da psicologia é interessante, te convido a olhar e sentir tua formação com olhos desconfiados (seja a área que for, o que importa são os princípios éticos). Lembre-se que a questão não é abandonar a psicologia, mas olhá-la a partir de pressupostos críticos e ser propositiva na invenção de um fazer aliançado com outros pressupostos. Escrevo aqui pensando em como usar a branquitude do meu corpo para além de usufruir dos privilégios que, querendo ou não, minha raça me oferece. O que tu fará com as informações que compartilho contigo fica a teu encargo. Se teu corpo for branco como o meu, lembre-se que pactuar com pessoas racistas, que não se posicionam frente a uma situação racista é um gesto que fará com que pessoas negras não confiem em ti, te fará conivente com os processos de opressão. Quando pedi que uma amiga (a Diônvera) lesse nossas cartas antes de te mandar, ela me pontuou algo importante: com essa prática, a profissional psi vai estar ferindo o nosso código de ética, que sustenta que o trabalho da psicologia é lutar contra as opressões de raça, classe, gênero, sexualidade; ou seja, contra todas as violências que despotencializam a vida. O que tu faz com o teu racismo? (Grada Kilomba, 2019). Se teu corpo for negro, espero que a universidade não seja tão cruel como foi para muitas pessoas que

vieram antes de ti, e que tu saia dela acreditando no teu conhecimento e na potência de tuas ideias. A Diônvera (que é doutoranda em Educação/UFPel, psicóloga, mulher negra e integrante do Coletivo bell hooks) também pontuou nos comentários que me fez, que é importante se você for uma pessoa negra

que também não reproduza racismo, pois sendo uma pessoa negra, pode de alguma forma negar a opressão racial e isso não ser uma questão na prática psi da pessoa. Se quiser, você pode citar a Neusa Santos sobre o fato de negar o racismo e que isso também atinge pessoas negras, profissionais que para ascender socialmente acabam esquecendo de si, de suas origens para cumprir com o ideal de ego (Correspondência pessoal, 2022).

Mesmo com os avanços percebidos nesses anos de ações afirmativas, estamos longe de termos cenários de acolhimento e de mudanças estruturais consideráveis. Tatiana Dias Silva (2020) em pesquisa realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) relata que apesar dos avanços quanto ao número de matrículas de estudantes negras/os no ensino superior tanto público quanto privado, em 2017, a população negra ainda correspondia a 32% das pessoas com ensino superior completo. E considerando a população com 25 anos ou mais, apenas 9,3% dos negros tinham ensino superior completo, enquanto na população branca havia chegado a 22,9%. Estamos longe de um cenário de igualdade, e nessas horas, lembre-se que o Brasil, em 1911 tinha um projeto de governo pautado na ideia de extermínio da população negra e indígena. No I Congresso Universal das Raças que aconteceu em Londres (Vanderlei Sebastião de Souza & Ricardo Ventura Santos, 2012), o governo brasileiro mandou um representante que defendia essa ideia: de que em cem anos não teríamos no Brasil pessoas negras ou indígenas. Ou seja, a ideia defendida pelo Brasil era que as pessoas pudessem investir no país e virem morar aqui, pois seríamos um país branco. Tu entende a dimensão disso? Eu tenho pensado muito desde que comecei a estudar sobre nosso passado (não tão passado) higienista e eugenista, sobre como a psicologia por vezes, segue reproduzindo valores de um sistema que diz reprovar.

Pra tu ter uma ideia de como as coisas são complicadas, podemos perceber que os ataques às universidades públicas sempre existiram. Quando a universidade pública era frequentada por pessoas brancas e ricas, a mesma era sucateada, mas não se falava em privatização com a intensidade que se fala hoje, tu já percebeu isso? Devolver a universidade pública para as elites é um projeto da classe média/alta do Brasil. Num primeiro momento essa nossa conversa pode parecer aleatória em uma pesquisa sobre metodologias e percursos de pesquisa, mas algo que as pessoas com quem conversei me

ensinaram é que precisamos olhar os caminhos trilhados e quais pedras e desafios atuam para o exercício do desencanto.

As políticas de desencanto (Simas; Rufino, 2019;2020) são pautadas pela produção de morte: de corpos, de culturas, de saberes, e pautadas por uma ideia de universalização que se sustenta pela captura, subalternização e relegando ao esquecimento uma série de saberes explicativos de mundos. O meu convite é que a gente olhe para esses processos de desencanto, de mortificação e mortandade, porque depois eu quero te contar sobre vida e sobre Sobonfu, Samilly e Rejane. Elas carregam consigo a força de saberes ancestrais diversos dos que a universidade costumeiramente reconhece como válidos. São mulheres que moldam, que fazem florir e que tecem fios de possibilidades para a psicologia. Com duas delas tive a oportunidade de conversar, e com elas aprendi sobre seus percursos pela psicologia; Rejane é uma mulher kaingang e psicóloga e Samilly é uma mulher quilombola e psicóloga.

A universidade vem mudando, está em risco, segue reproduzindo violências que perpassam nossa sociedade; tudo acontecendo ao mesmo tempo. A Psicologia vem mudando, mas também segue reproduzindo violências que perpassam nossa sociedade. E precisamos pensar sobre esses temas, ou melhor, mais do que pensar sobre, precisamos nos posicionar. E te pergunto: tu, como tem lidado com a/o opressora/or que te habita? Te convido a pensar a Psicologia e entender como precisamos analisar nossas práticas na produção de conhecimento, se somos aliadas/os confiáveis para corpos que diferem de nós, se estamos de fato produzindo práticas antirracistas. Onde você estuda? Como você se sente enquanto cursa a graduação? Qual é a sensação que mais te acompanha ao longo das aulas?

Seguimos conversando, porque esta carta já vai longa demais; prefiro te mandar mais cartas com menos páginas! Assim vamos alongando a conversa sem pressa. O importante é que possamos esticar o fio de conexão ao longo do tempo.

Um forte abraço, Bruna

2.2- Moldar a formação: descolonizar a universidade e a psicologia

(...) o Kôngo era o local do Grande Diálogo. Até os dias de hoje, os Kôngo resolvem os problemas na base de diálogo. Nunca existiu a pena de morte entre os Kôngo porque não faz sentido um homem decretar a morte do outro homem. Há um adágio que diz: “Todo chefe eleito respeita a formiga; respeita o capim. Todo cidadão é rei e não pode ser morto em nenhuma circunstância”.²⁰

Oie,

Como reunir gente interessante para celebrar um processo de formação? “Toda celebração precisa reunir gente” diz Renato Noguera (2020) no texto *Afro-anarquismo, malandragem e preguiça* publicado na coletânea de textos *Pandemia Crítica* organizado pela editora n-1. Quais são os convênios que tu vem estabelecendo para celebrar a vida? Pergunta que te faço depois de ler o texto de Renato e que me ajuda a destrinchar um assunto que por meses me acompanha, mas que me faltava companhia para me esparramar por ele: o que seria política? Tenho usado o termo política para falar sobre meu trabalho: política de pesquisa, política de Texto, política do erótico, etc. Mas o que seria essa tal de política?

O dicionário diz que tem a ver com a arte de governar, relacionada a termos como nação ou Estado; em uma relação com partidos políticos²¹. No Brasil de 2022 muitas pessoas evitam falar de política, pois essa é associada àquilo que fazem os políticos e seus partidos. E tu já deve estar ouvindo sobre o paradigma ético-estético-político. Algo que por vezes vai ser repetido à exaustão na formação em psicologia social, mas que não necessariamente te vai ser explicado. Pois bem, depois de 15 anos após iniciar o processo de graduação cá estou às voltas com o político deste trio. O que seria essa tal política, essa dimensão tão repetida em minhas preocupações e que é tão repetido no processo formativo? Como não desejo definições e certezas, realizo aproximações que me ajudam e podem te ajudar.

Como bem diz Renato Noguera (2020), precisamos de coletivos, de aldeias, de convênios para celebrar a vida, e investir no termo política pra mim, é me aproximar do que ele afirma: “falar de democracia não é investir na cultura ocidental, existem outros sotaques do regime democrático” (s.p.). Então, se para falar de democracia existem outras vozes e sotaques, por que não para

²⁰ <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-kongo-vivia-em-democracia-quando-os-portugueses-chegaram-no-seculo-xv-diz-patricio-batsikama> (acesso em 15 de nov. de 2021)

²¹ Caso tu queiras saber a definição completa do dicionário, pesquisei o significado no Michaelis no seguinte link: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/politica> (acesso em 16 de nov. 2021)

falar de política? Para esta celebração, então trago homens e mulheres com habilidade de fazer vozes se misturarem, de olhar aguçado para a criatividade e artistagens para além do que a cultura e modo de viver ocidental colonial nos ensinaram como válido. Política, assim, é esta arte de fazer vozes se misturarem, de reunião de corpos que por mais que não compartilhem laços de sangue são como parte de minha aldeia. Política, assim, tem a ver com a constituição de comunidades, uma influência que vem do pensamento de bell hooks (2017; 2019b; 2020b, 2021a; 2021b) que nos instiga ao desejo por comunidades de aprendizagem. Sonhe aprender em comunidade, sonhe comunidades para uma Psicologia implicada com um mundo mais justo. “Aqueles de nós que querem fazer conexões, que querem atravessar fronteiras, o fazem” (bell hooks, 2021b, p. 23).

Essa é uma conversa que tem a ver com as perguntas que tu me faz sobre como sobreviver em um mundo em que as pessoas se relacionam utilizando palavras que tu não conhece, listando filmes e artistas que tu nunca ouviu na vida e falando sobre coisas que são distantes da tua realidade. E vivendo como se houvesse um fosso que separa pessoas. Há quem vai nos ler e dizer que é exagero de nossa parte e que as coisas não são bem assim, que professoras/es não tem obrigação de traduzir o que falam para uma linguagem do cotidiano, e que há certas coisas no mundo para as quais precisamos que nossos pais possam nos sustentar. Lembro da vez que a professora disse em aula que a bolsa de iniciação científica não era para ajudar a pagar contas em casa, mas para pagar livros e congressos. Ouvi isso em uma época que almoçava no serviço da minha mãe para economizar um real e trinta centavos (preço do almoço no restaurante universitário). Muitos estudantes de pós-graduação também vão ouvir isso: que sua bolsa deve ser destinada para livros, congressos e aquisições para a pesquisa.

Pois bem, quem sonhou a Psicologia e a universidade sonhou ela com um linguajar muito peculiar, que muitas vezes provoca medo, submissão e desconfiança; a psicologia tem uma língua que flerta com o controle dos corpos em sua origem. Flerta com o que o dicionário narra sobre política (governo dos corpos, da nação e do Estado); fazendo dela uma serviçal importante para a manutenção de lógicas coloniais: quantos laudos psicológicos são escritos sem as devidas discussões sobre o impacto causado pelos sistemas de opressão racial, de gênero e de classe na vida de alguém? Quantas análises são constituídas sem o devido cuidado quanto ao que a parte analisada está entendendo ou não do processo? A língua da psicologia é uma língua dominadora, que produz e conforma modos de ser e estar, quando finco o pé em afirmações como essas lembro de Maria Helena Souza Patto (2015) que a partir da análise do fracasso escolar, produziu um importante trabalho de crítica ao

fazer da nossa profissão. Quantas violências reproduzimos se não dobrarmos a língua da psicologia?

Animada pelas ideias de Renato Nogueira (2020) gosto de pensar que precisamos de uma psicologia malandra, que “brinca depois de crescida” (Nogueira, 2020, s.p.). Uma psicologia que se encontre em celebração com outros espíritos, viventes, seres e objetos. E se como nos convida o autor, vivêssemos como se todos os seres vivos fossem nossos parentes? Seria mais fácil assim uma colisão contra forças opressivas como a supremacia branca e o racismo. Ampliar a noção de parentesco, para além do que convencionou a ideia de família ocidental, é um passo importante para vivermos uma política amorosa de pesquisa. No livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021b), bell hooks afirma que o perigo do objetivismo (sustentáculo de um fazer hegemônico universitário) é que ele nos coloca em uma relação adversária umas/uns com as/os outras/os. O objetivismo, assim, não nos permite o exercício da conexão, da comunidade. Uma formação sustentada em notas e competições (por bolsas, produtividade, por notoriedade) não nos permite o exercício da comunhão e por consequência dificulta o estabelecimento de comunidades. Quando em nossa formação escolar e acadêmica é estimulado a cooperação? Perguntas que vou fazendo a partir do chamamento de bell hooks (2021b) no livro sobre esperança e comunidades.

Se tu for ler o texto de Renato, vai perceber que ele não faz necessariamente uma definição de política, mas sua ideia de política de aldeia, me ajuda a sustentar como vivo o conceito de política: como um jeito de fazer emaranhar histórias e vozes, de se posicionar no mundo em celebração com a vida, de alimentar uma rede de conexão alimentada pelo desejo de produzir juntas/os. Com Renato trago junto Sobonfu Somé para a conversa, e nessa roda se faz necessário que acionemos a língua bifurcada de Gloria Anzaldúa. A humanidade, mais do que essa invenção que nos foi imposta pelo projeto colonial, é a ação que nos permite enxergar a inteireza daquela/e que está à nossa frente (Alice Walker, 2011); autora que andou pelo mundo em contato com sobreviventes de genocídios como o de Ruanda e o de Gaza nos lembra que definir humanidade é muito mais do que repetir uma ideia norte ocidentalizada. Lembro de Alice Walker (2011) sentindo as dores das histórias que foram compartilhadas com ela, lembro da dança que ela e suas companheiras fizeram para que pudessem falar com o espírito com toda a força de seu corpo. Desta forma, falar de política é falar de um certo modo de estar conectada/o com o mundo e com o outro, assim, quem sabe, podemos romper com a lógica da inimizade e do aniquilamento (Achille Mbembe, 2020). “A cultura do dominador promove um objetivismo calculado que é desumanizante” (hooks, 2021b, p. 208). A política da comunidade, assim, é uma forma de alimentar a pertença, de

constituir espaços onde possamos ser e nos mostrarmos vulneráveis (Mbembe, 2020).

Sobre minhas conversas com Sobonfu, é importante salientar que a mesma parte de uma outra raiz epistêmica que não o feminismo, Sobonfu é uma intelectual afrocêntrica, que parte dos conhecimentos africanos, de seu povo (os Dagaras) para pensar temas como os relacionamentos, relações familiares. Fala desde os conhecimentos africanos e para as pessoas africanas. A autora nos ensina que as melhorias na vida de um casal influenciam na vida da comunidade, pois o sentido de conexão está no coletivo, na comunidade, na partilha com todos. Se um casal tem problemas, os problemas são da comunidade, os filhos são cuidados por todos, e as decisões políticas da comunidade são parte de um processo coletivo e trabalhoso, dividido por homens e mulheres mais velhos. De uma certa forma, quando li *O Espírito da Intimidade*, lembrei de como bell hooks ao longo de seus livros vai nos convocando a pensar um feminismo para além das mulheres, afirmando que as crianças, os homens, as/os mais velhas/os, as/os mais novas/os precisam estar em relação e precisam se responsabilizar uns pelos outros. É na força comunitária que essas intelectuais sustentam seus conceitos e proposições, e por isso, pensei que o diálogo com as duas seria possível. Mas precisamos fazer distinções para não incorrerem em generalizações que acabam por apagar saberes.

Minha tese é sustentada pela ideia de política como um estar no mundo conectada/o a cada sujeita/o, animal, ente vivo como se a/o mesma/o fosse parente, estabelecendo assim, um exercício de responsabilização, de co-dependência e de retroalimentação, enfim, um exercício de amor. Politizar a existência amorosamente é se responsabilizar, assim, pelo nosso próprio crescimento espiritual e pelo dos demais à nossa volta (uma ideia que aprendi com bell hooks). “Na aldeia, a vida é diretamente inspirada pela terra, pelas árvores, montanhas e rios. Assim, o relacionamento entre o homem e a natureza é traduzido na construção da comunidade e das relações entre as pessoas” (Somé, 2007, p. 16). A autora nos ajuda a situar o território por onde os Dagara estão situados, percorre no início de seu livro os nomes de fronteiras estabelecidas pela língua colonizadora, que com suas régua coloniais fabricaram delimitações que chamamos de países. Ela narra que em 1882, o conselho europeu, na tentativa de dividir o continente africano, acabou por separar os Dagara em três países (Burkina Fasso, Gana e Costa do Marfim). A violência colonial começa com a ideia de mapeamento, uma repartição que beneficia o controle dos corpos, das culturas e por consequência, facilita sua possível aniquilação.

Sobonfu Somé é uma daquelas pessoas que nos pegam pela mão e vão nos ofertando ensinamentos desde onde seus pés pisam. Seu nome significa a

mantenedora do ritual, e ela afirma que seu dom é explicar aos ocidentais os ensinamentos de seu povo, mantendo viva os saberes dos Dagaras por onde anda. Gosto dela, porque me lembra duas mulheres que escrevem a vida por entre suas memórias (Conceição Evaristo e Scholastique Mukasonga). E falando em política, as três escrevem sobre um fazer político por entre suas memórias, em um entrelaçamento por fios que enredam o mundo por muito além dos corpos das delas; Conceição narra sua vida e de suas personagens tramando por entre linhas a história de nosso país. Tu não vai encontrar fatos históricos hegemônicos nos livros de Conceição, mas sim, um miudinho tão miúdo que dependendo de como teus olhos foram socializados, será impossível reconhecer a amplidão de vida que o projeto de mundo da autora alimenta. Scholastique Mukasonga nos empresta suas próprias cicatrizes para contar de um mundo que deixou morrer quase um milhão de pessoas à golpes de facão, e por entre as cicatrizes de uma mulher que sobreviveu à uma barbárie contemporânea encontramos uma ética do cuidado que ela aprendeu com sua mãe e com a coletividade feminina tutsi que a acompanhou. Por que te conto sobre essas mulheres? Por uma psicologia que se importa com a conexão entre corpos do Sul global precisa honrar os ensinamentos de sábias intelectuais que não reproduzem o saber canônico (lembre-se que quando as pessoas falam em cânone, elas estão falando de lugares de poder e formas de submissão de saberes).

E elas me fazem lembrar da ética do cuidar articulada por Patricia Hill Collins (2019), que se abraça então com esse fazer misturador de vozes e de histórias. Aprender com mulheres e homens que foram socializadas/os a partir de outras cosmopercepções de mundo, é assim se abrir para falar do coração, falar com o coração e aprender com intelectuais negras. A “ética do cuidar sugere que a expressividade pessoal, as emoções e a empatia são centrais para o processo de validação do conhecimento”. (Collins, 2019, p. 419). A razão e o pensamento como um imperativo da cabeça é obra masculina, branca e ocidentalizada. É entender que a ênfase dada à singularidade individual para estas formas de sentir e explicar (Collins, 2019, p. 419) não tem a ver com a lógica capitalista neoliberal, mas sim com ensinamentos que vem desde os diferentes povos africanos que foram escravizados e sequestrados para trabalharem no continente americano. Desconfie das caras feias e das objeções que fizeram ao longo de tua formação sobre trabalhos de mulheres negras, e desconfie caso as leituras que te apresentarem colocarem as leituras hegemonicamente brancas e masculinas como as essenciais ou como as que melhor explicam o mundo. Lembre o que Patricia (2019) fala sobre a colcha de retalhos produzida pelas mulheres negras; cada parte é importante, todas as partes enriquecem a colcha, e uma psicologia que prima por um certo modo de explicar o mundo reproduz o que se vem convencendo como política no

mundo ocidental, ou seja, uma ação possível para alguns corpos em detrimento de outros. A Psicologia enquanto ciência ocidental nasce a partir de uma certa ideia de política: de governo de corpos por alguns poucos reconhecidos como detentores do saber e do poder.

O cuidar enquanto exercício ético que sustenta essa política de emaranhamento de histórias e vozes, é algo que precisamos aprender com as mulheres negras, indígenas, trabalhadoras e pobres, que bem antes de Foucault olhar para os gregos para pensar uma ética do cuidado de si, já operavam com um cuidar que envolve o como nos expressamos individualmente, as emoções e a empatia. Como você se conecta com as emoções nos diálogos? Patricia vai dizer que “a emoção indica que um falante acredita na validade de um argumento” (2019, p. 421). Não confunda emoções com a reprodução de discursos de ódio, por exemplo, um alerta importante para nosso país. Para entender o que ela fala, olhe no youtube Billie Holiday²² cantando ou olhe Elza Soares cantando²³ (Elza deixou este plano neste ano). Tudo isso tem a ver com o como a gente se posiciona no mundo, como a gente se relaciona e como produzir conhecimento e como a gente se envolve com o que estamos produzindo. Quando falo de uma política do Texto, por exemplo, pego o que Luciano trabalhou em suas pesquisas e conecto com isso que estamos conversando. Desejo, assim, uma política do Texto que emaranhe vozes e histórias de tal modo que possamos celebrar a vida (ou seja, viver de tal modo que nos responsabilizemos pelo crescimento nosso e das/os outras/os). Quando falo de uma política do erótico para nossas pesquisas e práticas, falo de um certo modo de relação entre corpos, não mediados por valores que alimentam o desencanto, mas por valores ensinados por povos muitos e que alimentam as relações a partir das emoções, da coerência, da responsabilidade com a/o outra/o.

Desta forma, uma política de formação em psicologia, assim é gestada como minha avó gestava seu jardim. Sim, precisamos trazer nossas avós para essa conversa. Se quiser saber um pouco mais de como as avós se relacionam com a produção dessa tese, te sugiro espiar as cartas que escrevi para outra amiga. Por aqui, te falo sobre como minha avó (Edi) gerenciava um jardim selvagem, ela tinha uma capacidade de empatia com muitas espécies distintas, fazia caber em um pequeno espaço de terra criaturas que não costumamos ver juntas em um jardim. A babosa fazia companhia ao pé de mamão que fazia companhia às rosas. Não lembro de ver muitas flores no jardim dela, era a sensação de floresta que me pegava quando ia para a casa dos meus avós. Era um exercício criativo e de

²² Caso não conheça a história da cantora, sugiro olhar o filme Estados Unidos vs. Billie Holiday, que conta o como ela foi perseguida pelo governo estadunidense por persistir cantando a música Strange Fruit que tu encontra no link a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=JH5dHUo2Uik>> acessado em 20 de dezembro de 2021.

²³ Te deixo o link da música O que se cala <https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw_9BFfQ> acessado em 20 de dezembro de 2021.

empatia como narram Patricia Hill Collins (2019) e Alice Walker (2021); elas narram sobre as vivências de mulheres negras, e com elas fico pensando em corpos de mulheres trabalhadoras e pobres de nosso país. Minha avó casou por obrigação, até hoje, desconfio que se ela tivesse escolha não teria casado e nem tinha tido filhos. Casou para desonerar sua mãe de uma boca para alimentar. Trabalhou a vida toda e quando se aposentou logo faleceu; o trabalho a acompanhava mais do que gostaríamos de imaginar, o trabalho a sustentava psiquicamente. Com meu avô, andarilharam por fazendas pelo interior do estado do Rio Grande do Sul com os 10 filhos; a vida na cidade veio somente mais tarde, e com ela minha avó, como muitas mulheres pobres, foi trabalhar em uma casa de família: não sei se ela chegou a trabalhar como empregada doméstica, só conheci seu ofício de cozinheira. Minha avó cuidava dos outros, dos filhos e bem pouco de si, cuidava do jardim com afinco, por mais que as pessoas rissem de sua obra de arte (um jardim selvagem, sem fronteiras definidas, habitado por sementes que minha avó espalhava ao redor de casa. Quando eu passava as férias com ela, fazia questão de me ensinar a fazer os trabalhos domésticos e afirmar que eu deveria estudar para não depender das outras pessoas; uma forma de cuidado a partir dos saberes do cotidiano. Hoje vejo que ela me transmitia aquilo que não tinha sido transmitido à ela. Cuidar é uma arte bem antes de entrar no campo de interesse de Michel Foucault com a ética do cuidado de si, e cuidar é uma arte bem antes dos gregos que o autor utiliza para contar de suas proposições. Os gregos segregavam corpos do que se convencionou ética do cuidado de si, falo dos escravos, as mulheres, os animais. Pensar cuidado a partir dessa perspectiva pode ser perigoso para pensar as relações em nosso país. Volto aos Dagara que Sobonfu Somé nos apresenta no livro *O Espírito da Intimidade* (2007); eles são um exemplo de como a arte do cuidar é uma política de vida para povos fora da Europa há bem antes do que se narra na história do conhecimento narrada desde o viés ocidental. Ela conta que eles tomam muito cuidado com o uso de qualquer tipo de poder sobre os outros, não há um chefe, mas um sistema no qual os mais velhos supervisionam a aldeia, sem pretensões de enriquecimento. Te mando um trecho sobre como eles entendem o cuidado de uma criança:

Esse conceito de grande família realmente ajuda muito. Lembro-me de quando era criança podia escolher um pai diferente todos os dias, dependendo do meu humor. Assim, se eu quisesse que um dos meus tios fosse meu pai naquele dia, concentrava toda a minha atenção naquela pessoa e ignorava as outras. E ninguém tomava isso como uma ofensa pessoal; antes, consideravam isso como uma oportunidade para eu decidir o que eu queria. Essa prática também permite que um grande número de pessoas na aldeia conheça a criança e veja seu espírito (Somé, 2007, p.24).

Ao falar das epistemologias feministas negras, Patricia Hill Collins (2019) vai diferenciar sabedoria de conhecimento, afirmando o quanto os poderosos vão se apegar a ideia de conhecimento sem sabedoria, do quanto para estes é suficiente que haja apenas o conhecimento, mas que para as pessoas oprimidas a sabedoria é primordial. Pois bem, andarilhar pelo doutorado foi um exercício de olhar, sentir, buscar pela partilha da sabedoria para que os conhecimentos que venho adquirindo ao longo desses anos façam de fato sentido. Sobonfu (2007) nos ensina sobre conhecimento com profunda relação com a sabedoria, ela nos fala de uma outra epistemologia, de um sistema de conhecer que se vale da conexão, do estar em relação, da comunidade que se encontra no centro, no público e no fora da casa. A autora afirma que para os Dagaras, “as construções servem principalmente para dormir, para rituais e para armazenar os alimentos. A vida da aldeia, de fato, dá-se do lado de fora” (Somé, 2007, p.21). Cuidar é, assim, uma política que mulheres negras e não brancas partilham e nos ensinam. E é importante nos perguntarmos: O quanto os corpos brancos (como o meu) estão dispostos a aprender? A escutar de verdade? Para uma profissão sustentada na escuta, como treinamos nossos ouvidos para aquelas histórias gestadas desde os solos do Sul global?

Quando te venderem uma história da psicologia prioritariamente branca, lembre que o terror colonial, pautado na lógica de produção do outro como inimigo a ser exterminado, banido e esquecido é o concreto que machuca os pés de mulheres negras, não brancas e pobres pelo mundo. Machucou os pés de minhas avós, de minha mãe e minhas tias e os de tuas avós, mãe e tias; as ranhuras que acompanham elas, nos/te ensinaram a chegar até aqui. Machucaram os pés de mulheres negras que escolheram a profissão como psicologia. Não esqueça disso em troca de uma maior e falsa aceitação por parte de professoras/es e colegas que não partilham da mesma experiência que tu. Não vale a pena. A competição que tu vai encontrar ao longo do teu percurso escolar é uma arma potente do dominador, e enfraquece tuas possibilidades de aprender e fazer uma Psicologia amorosa.

Então, se quero celebrar contigo uma outra forma de estar em formação em Psicologia, precisamos abrir os poros do corpo para mulheres como as que estou te apresentando. Olhe o que Sobonfu conta sobre os Dagara e as relações de poder entre eles:

Não há um chefe responsável por tudo, que dá ordens para todos seguirem. Ainda temos um sistema no qual os mais velhos supervisionam a aldeia, sem a intenção de adquirir riqueza ou poder. Entenda que, na aldeia, o poder é visto como algo muito perigoso, se não for usado corretamente. Portanto, todo mundo toma muito cuidado com o uso de qualquer tipo de poder sobre os outros (2007, p. 20).

Não seria importante para a Psicologia aprender um certo modo de estar em comunidade, desse que nos fala Sobonfu, que nos fala Renato e que apresentam Conceição e Scholastique. Para tanto, um aprendizado da celebração se faz necessário. Enredadas/os pelo sistema colonial opressor operado desde as forças de desencante, fomos ensinadas e socializadas de que o conhecimento se faz de forma solitária (um certo fazer que nos exige afastamento, que exige do corpo um exercício de constrição e de superioridade). Como se para algumas de nós fosse possível o tempo da solidão, quando temos a casa cheia pela vida de nossas/os companheiras/os, filhas/os, enteadas/os, mais velhas/os, etc. Mais do que desejar a solidão, devemos trazer a vida de nossas comunidades para dentro do texto acadêmico, povoando ele com aquilo que nos passa em nossos territórios existenciais e afetivos.

Teu corpo pode não se dar conta disso no processo, mas os efeitos estarão aí, por entre as dobras da tua vida. Escute tuas dobras e vá percebendo que elas vão se modificar e muito ao longo da graduação; e que elas possam ser coerentes com a vida. “As ideias não podem ser divorciadas dos indivíduos que as criam e as compartilham” (Collins, 2019, p. 419). Uma ideia que deveríamos discutir com mais profundidade nas aulas que oferecemos para a formação em psicologia. Defendo que tu construa contigo uma ideia de conhecimento baseado na conexão, na abertura do corpo para sabedorias que encontram resistência nos textos tidos como acadêmicos. Meus alunos não são da psicologia (trabalho prioritariamente com estudantes das ciências contábeis) e ensino a eles que o conhecimento e as ideias precisam ser coerentes com a vida de quem as produz. A ciência colonizada fala em rigor, mas nós devemos lutar por mais coerência. E lembre-se do que Patricia nos conta: no Brasil, assim como “nos EUA, com exceção da família, poucas instituições sociais controladas por pessoas brancas validam essa forma de conhecimento” (2019, p. 423). Em nosso país, quais instituições apoiam a ética do cuidar como as mulheres negras nos apresentam?

Esse estar junto, em conexão e em celebração, é desta forma, uma tomada de posição; um se posicionar em oposição aos sistemas de dominação vigente, na busca por uma coerência entre o que se fala, o que se vive e o que se escreve. Collins (2019) vai afirmar que para as feministas negras essa é a ética da responsabilidade pessoal. Ou seja, as pessoas devem não apenas desenvolver reivindicações de conhecimento por meio do diálogo e apresentá-las em um estilo que comprove sua preocupação com as ideias, como também se mostrar responsáveis em relação a suas reivindicações de conhecimento (Collins, 2019, p. 423). A autora afirma que “avaliações de reivindicações individuais de conhecimento levam em conta simultaneamente o caráter, os valores e a ética do indivíduo” (p. 424).

A formação, o trabalho, o fazer psi nos modifica, mas dependendo de como tua vida foi se desdobrando e redobrando, será dolorosa essa transformação. Lembre das palavras de Jéssyca (2016) que te contei em nossa carta anterior e de como para ela foi um ato de resistência importante cuidar de quem ela era e se aceitar nesse processo. O custo subjetivo pode ser bem alto pra ti; mais adiante te falarei de como outras duas psis (Samilly e Rejane) fizeram para lidar com as demandas de uma academia ainda branca demais.

Lendo Sobonfu lembro das tardes na casa de minha avó paterna onde os adultos ficavam sentados à mesa da cozinha; os assuntos interessantes, as histórias de família, as festas, as fofocas e os planejamentos futuros passavam por lá. Havia um outro tempo em ação, não era o tempo da pressa, o tempo das publicações, do lattes e do relógio que nos conforma no cotidiano. Era o tempo mediado pela vida cotidiana e suas questões. Já um tempo mais demorado do cotidiano era algo que eu podia sentir na casa de meus avós maternos quando ficava as férias com eles. Uma criança de sete, oito anos imersa no tempo de dois idosos que partilhavam a vida e passavam a maior parte do tempo sozinhos. Meu avô passava a tarde de pé ao portão de casa acompanhando o trânsito de uma rua de chão batido, na esquina do único cemitério da cidade, na qual passavam poucos carros e muito raramente um caminhão e onde um enterro era promessa de maior movimentação nos arredores da vizinhança. O acenar para as pessoas que por ventura iam e vinham era a única ação que percebia em meu avô. O que ele esperava? O que se passava com ele naquelas horas em que ficava lá? A companhia chegava quando minha avó vinha do trabalho. “Na vida tribal, a pessoa é forçada a diminuir o ritmo, a vivenciar o momento e comungar com a terra e com a natureza. Paciência é essencial. Ninguém na aldeia parece compreender o sentido da pressa” (Sobonfu Somé, 2020, p. 21). Estar com o outro em comunhão, assim, é um desafio político, em tempos de barbárie capitalística neoliberal onde a pressa e a urgência nos esmagam. A comunhão é inimiga do desencante e com isso foi afastada da universidade, da produção de conhecimento quando esta deixa se embriagar pelo desencantamento colonial. Os prazos, as demandas burocráticas, a competição, os financiamentos nos deixam com pouco tempo e energia para alimentar o encontro pedagógico como um ato de responsabilidade. A psicologia deveria aprender mais com mulheres como Sobonfu para que possamos sonhar com um tempo para o cuidado semeado nas relações e não em metas e pressas. Me permito um pouco de utopia enquanto te escrevo e te desejo sonhos! E quando tu tiver em estágio ou já formada, te desejo tardes em que seja possível acolher por horas uma mesma pessoa, sem que isso não signifique fuga do setting terapêutico ou que achem que tu está com preguiça de atender mais pessoas. Te desejo tempo para que estar junto com as pessoas não seja contado pelos ponteiros do relógio.

Tu deve estar pensando em onde quero chegar com essa conversa, pois bem, minha intenção é florir um solo fértil para uma psicologia que fale de amor e intimidade a partir de outras linhas explicativas e que não acione espíritos masculinos, brancos e europeus com tamanha naturalidade que esmague a possibilidade de escuta de outras epistemologias. Que tu consiga ouvir a canção do espírito que clama por uma experiência de intimidade. “A intimidade, em termos gerais, é uma canção do espírito, que convida duas pessoas a compartilharem seu espírito. É uma canção que ninguém pode resistir. Acordado ou dormindo, em comunidade ou sozinhos, ouvimos a canção. Não conseguimos ignorá-la” (Sobonfu Somé, 2020, p. 25). Como fazer isso dentro de uma ciência que muitas vezes nos ensina distanciamento e neutralidade? Uma forma que venho cultivando é a de acionar espíritos femininos, de mulheres negras e não brancas, trabalhadoras, pobres que muito antes de mim, vem cultivando uma ética do cuidar e do cuidado, que entre outras coisas, é pautada por uma experiência de compartilhamento. E com isso lembre de uma canção de Lia de Itamaracá:

Minha ciranda não é minha só
 Ela é de todos nós
 A melodia principal quem
 Guia é a primeira voz
 Pra se dançar ciranda
 Juntamos mão com mão
 Formando uma roda
 Cantando uma canção

O que acontecerá com a produção de conhecimento quando percebermos que precisamos juntar mão com mão e que a mão que virá ao meu encontro não se parecerá com a minha? bell hooks (2019) afirma que isso é parte do processo de politização do cotidiano: “ a verdadeira politização é um processo difícil, que demanda desistir de determinadas maneiras de pensar e ser, mudar nossos paradigmas, nos abirmos para o desconhecido, o não familiar” (p. 67). Uma luta contra a dominação, na qual o esforço está em nos mudarmos e mudarmos as estruturas (bell hooks, 2019). Te desejo, assim, uma psicologia que possa voar mundo como os grãozinhos do dente de leão quando são soprados ao vento, mudada pelas pessoas, mudando pessoas e assim mudando estruturas.

E, desta forma, o movimento, já não depende do que convencionamos como indivíduo. Sobonfu, fala dessa conexão que mantém nossa sanidade, e com isso, lembro de quando falei sobre a dimensão do erótico em Audre Lorde (2019), sobre essa energia que nos movimenta, que nos faz querer mais e que nos faz mais consciente dos laços que vamos produzindo. Lembro disso, pois a autora afirma que quando os Dagara falam de espírito, estão se referindo à força vital que há em tudo. “Espírito é a energia que nos ajuda a nos unir, que nos ajuda a ver além de nossos parâmetros racialmente limitados. Também nos ajuda nos

rituais e na conexão com os nossos ancestrais” (Sobonfu, 2020, p. 26). Dessa forma, se comecei nossa conversa falando sobre as forças que exaurem o espírito, que minguem as possibilidades de celebração e de um estar junto em aldeia (Noguera, 2020), foi por entender que é preciso que mobilizemos nossas forças em combate a esses sistemas de opressão. Alimentar o espírito é essa luta paradoxal, que precisa ser travada no todo e sempre. O sistema racial hierarquizado que nos foi deixado de herança no carrego colonial é motor para que outras opressões se estabeleçam e minguem o encanto. Se resistimos é em comunidade.

Volto a trazer para nossa conversa a intelectual Patricia Hill Collins (2019) que no capítulo intitulado *Epistemologia feminista negra* nos oferta ensinamentos preciosos sobre validação de conhecimentos, produção acadêmica e cuidado que são muito importantes para seguirmos nossa conversa. A primeira questão que Patricia nos faz é sobre como a produção de conhecimento é permeada pelos interesses de um determinado grupo racial: brancos; permeada pelos interesses de homens brancos, assim como de mulheres brancas que nascem na classe média/alta. Ou seja, as experiências de outros grupos como pessoas negras, pessoas indígenas, pessoas pobres, pessoas trans, enfim, todos os grupos que fogem ao que controla as estruturas de validação do conhecimento. Essa é uma conversa importante, pois vai mediar quem é lido ou não como importante ao longo da tua formação. Como interpretar o mundo? Essa é uma questão que nos acompanha, pois são esses parâmetros que traçam vidas que são defendidas e outras que são relegadas às muitas experiências de apagamento e morte. Quais são “as versões da verdade que acabam por prevalecer”? (Collins, 2019, p. 404).

Assim, espero que minhas cartas cheguem como um convite para que um certo modo de estar em relação, em conexão e em celebração seja possível de ser acionado. Uma política do cuidado e da formação com os contornos da epistemologia feminista negra narrada por Collins (2019), na qual “a experiência vivida [é tomada] como critério de significado, [tem-se] o uso do diálogo na avaliação de reivindicações de conhecimento, a ética do cuidar [como princípio orientador], [e a observância da] ética da responsabilidade pessoal” sejam princípios organizadores da pesquisa.

Fique bem! Um abraço, Bruna

2.3- Uma carta sobre a terra, as águas e as estrelas

Porto Alegre, 2021, faz calor.

Eu queria pegar um pequeno desvio; fui à feira hoje de manhã e enquanto remoía o caminhão de angústia sobre a tese e sobre o medo de não ter uma tese, lembrei do quanto foi importante ter uma dissertação em que eu dialogava com autores que eram hegemônicos nas discussões do programa de pós-graduação em que eu estava inserida. Um pensamento que irrompeu como uma barragem que estoura: por que Deleuze, Foucault e Benjamin voltavam ao meu pensamento enquanto caminhava e tentava desenhar as escritas que precisava fazer? Depois de um tempo matutando sobre eles, me dei conta que escrever com eles foi como um rito de passagem, como se depois disso, eu me autorizasse para outros voos. Sim, fala de um certo aprisionamento de pensamento, e não podemos ser hipócritas e precisamos assumir que há conversas que são mais aceitas que outras quando vamos escrever um artigo, publicar e ganhar visibilidade no mundo acadêmico. Fiquei pensando no tanto de energia que gastei para que depois de muitos anos (seis de graduação, dois de especialização e dois de mestrado), eu pudesse fazer uso dos referenciais hegemônicos que tanto me assustaram ao longo da formação (eles paralisavam a minha escrita de tal forma que me formei com uma sensação de que era burra). Um corpo nascido com todos os pré-requisitos para a formação em psicologia não vai entender nossa conversa. E porque lembrei de te dizer isso? Para te tranquilizar quanto aos percursos teóricos que escolher ao longo da formação: eles não são definitivos; tudo muda e afinal tu vai ser psicóloga e não um trem (hehehehe). Sim, tu não precisa se aliançar tão ferrenhamente a uma única linha de conhecimento dentro da psicologia, lembre de Silvia Cusicanqui (2018) e as borragens de tecido das quais ela faz alusão quando fala dos processos de colonização e colonialismo que imperam em nosso continente; pense naquilo que se mistura e borra o que antes era uma coisa e outra em separado. Quando te exigirem uma promessa de votos eternos há um campo de conhecimento da psicologia, lembre-se de Manoel de Barros: “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras-liberdade caça jeito” (2010, p. 156). Ou como eu dizia para as/os estagiárias/os que tive nessa vida: quem tem linha é ônibus, eu sou psicóloga! Essa pesquisa que te conto algumas partes é escrita assim, a partir de borrarmentos entre fronteiras, naquilo que se forja no entre. O que seria uma conversa senão o produto de duas (ou mais) fronteiras que se encontram de mãos dadas?

Te devo algumas explicações e queria te falar sobre três mulheres, e pra falar sobre elas quero acionar a terra, as águas e as estrelas. Quero começar

pelas estrelas e pela mulher que me ensinou sobre moldar a mudança. Moldar: gosto deste verbo, ele me remete às discussões que bell hooks (2021) e Patricia Hill Collins (2019) fazem sobre coerência das ações, responsabilidade, crescimento e uso das emoções. Moldar é o verbo que inspira a religião de Lauren Olamina, personagem principal de Octavia Butler nos livros *A Parábola do Semeador* (2018) e *A Parábola dos Talentos* (2019). Moldar é ação feminista que acompanha a produção de mulheres pelo mundo. Nesses anos de doutorado percebi que esse verbo move uma ética de estar no mundo que me interessa: moldar o mundo em busca de justiça, amor e transformação social.

Octavia Butler é uma das maiores escritoras de ficção científica do mundo (pra mim ela é a maior): uma mulher negra, filha de uma empregada doméstica e que passou muito tempo sendo desacreditada do sonho de ser escritora. Nasceu em 1947 e foi criada em Pasadena, uma comunidade “racialmente integrada” no sul da Califórnia. Foi uma garota tímida, assombrada por sua altura (sempre a mais alta entre as crianças); uma mulher com 1,80m de altura. A biblioteca pública era sua morada por boas horas por dia, e a escrita de histórias sua companhia. A primeira história de ficção científica que escreveu foi aos doze anos de idade, em resposta há um filme que viu: ela tinha certeza que conseguiria escrever algo melhor do que o que viu no cinema. Em *Obsessão positiva* (2020), um dos ensaios em que ela fala de seu processo criativo e de escrita, ela narra uma conversa com sua tia quando era criança, te transcrevo um pedaço abaixo:

- Quero ser escritora quando eu crescer- falei.
- Quer? - perguntou minha tia. - Ah, que legal, mas você também vai precisar arrumar um emprego.
- Escrever vai ser meu emprego - respondi.
- Você pode escrever quando quiser. É um passatempo ótimo. Mas vai ter que ganhar a vida.
- Como escritora.
- Não seja boba.
- Estou falando sério.
- Querida... Pessoas negras não podem ser escritoras. (2020, p. 141)

A tia de Octavia narrava aquilo que vivia e que conhecia, narrava um sistema que colocava travas para sonhos como os de Octavia, e não é atoa que a autora intitula seu ensaio de *Obsessão positiva*, algo que Jota Mombaça (2021) vai utilizar para falar sobre vidas subalternas que brilham e vivem apesar do Brasil. Jota Mombaça narra sobre a ansiedade pela vida que pode ser retirada de forma repentina; uma ansiedade que movimenta a escrita e que torna urgente os atos de criação. A tia de Octavia viveu o apartheid social e racial instituído nos Estados Unidos e pessoas brancas com privilégios de classe e/ou de gênero talvez não entendam essa obsessão de Octavia, esse furor em

produzir, em ser publicada, em viver de seu dom; algumas vão dizer que isso atualiza lógicas neoliberais (eu já ouvi isso: sobre como algumas autoras negras atualizam lógicas neoliberais em suas obras).

Octavia escrevia desde uma situação de subalternidade, escrevia histórias em um campo dominado por homens brancos e de elite (autores e leitores), não há nada de neoliberal na história da autora. É alguém que moldou sua história e moldou as mudanças que sonhava em suas histórias. Octavia não escreve histórias de ninar, ela narra histórias que miram o passado, presente e futuro de uma forma que talvez a graduação não te ensine; ela vê para muito além do que vive. Narra em *Kindred* (2019) sobre o processo de escravização das pessoas negras e não nos deixa esquecer os horrores que foram produzidos por pessoas brancas nesse processo. Suas viagens no tempo são para visualizar um sistema de dominação racial e de gênero imposto por “homens que se intitulavam de bem”; Octavia nos lembra que não há alienígenas para responsabilizar por esta barbárie.

E falando sobre Octavia, queria te contar sobre uma jovem que era um pouco mais jovem que tu quando a conheci: falo de Lauren. O desejo de falar sobre ela veio das conversas com Saulo, Rejane e Samilly. Lauren vive um mundo em desmoronamento, um mundo em franca devastação, utilizando uma ideia que ouvi de Saulo que escreveu um artigo sobre a pandemia com João Paulo Macedo (2021). Os dois partem da ideia de um mundo em devastação quando narram seus encontros com povos originários de nosso continente, e de como estes povos já vivem em um mundo devastação: devastado pela ação dos homens brancos que em nome do “progresso”, do mercado e do agronegócio que violentam a Terra sem pudor e sem dimensionar as consequências. Os autores contam o quanto a pandemia veio trazer para mais próximo das pessoas brancas aquilo que é cotidiano para povos originários e aqueles trazidos de forma forçada da África. Poder olhar para autoras de ficção científica é algo muito novo em meu trabalho, mas Octavia é uma intérprete do mundo que nos rodeia e em um processo de formação, assim como em um processo de pesquisa é preciso que nos cerquemos de pessoas que leem o mundo criticamente e de forma que dialogue com o que estamos vivendo e propondo.

Voltando à mulher que mira as estrelas, Octavia e Lauren nos apresentam um mundo em que as pessoas precisam morar envoltas em muros, crianças e adolescentes andam armadas e são treinadas para usar essas armas em sua proteção, a escravização é modelo corporativo que organiza a produção de grandes empresas e consolida cidades inteiras, as ferramentas de dominação são aprimoradas com os avanços tecnológicos. No mundo de Lauren, assim como no nosso, não há intervenção alienígena; o que há são pessoas e um sistema capitalista que ao entrar em mais uma de suas crises arrastou o mundo junto.

As ditas crises são característica do capitalismo, ele se alimenta delas e as pessoas subalternizadas que se virem em dar conta de sobreviver até o mundo voltar a ficar são novamente (Butler, 2018). Lauren nos dá pistas de como o clima e o senso de comunidade foram destruídos por um projeto de mundo predatório e extrativista. A insanidade de um projeto de mundo colonial e mortífero é levado ao extremo por Octavia Butler, ela enxergou longe a falta de limites para a ganância neoliberal; uma das inspirações da autora para esses livros é o modo como o governo da Califórnia lidava com o tema dos imigrantes nos anos 60, sobre o como as pessoas (governantes) queriam dificultar a permanência das pessoas que migravam do México com a retirada de direitos básicos (acesso a saúde e educação). A autora, assistindo a isso, se questiona: que mundo queremos ao retirar direitos básicos? Que mundo teremos com essas barreiras impostas há algumas pessoas? Octavia Butler narra nossa dança com a barbárie.

Se tu quiser conhecer melhor o que guia Octavia Butler, sugiro que procure as entrevistas da autora; ao final dos livros que citei, há entrevistas em que ela narra as escolhas que faz. Octavia escreve por décadas esses dois livros. A autora termina *A Parábola do Semeador* nos anos 60 e diz que somente em 1997, muitos anos depois, ela consegue voltar ao livro e finalizar a continuação intitulada *A Parábola dos Talentos*. Octavia construiu o ano de 2024 lá nos anos 60 e se tu olhar para o que ela nos apresenta e olhar a tua volta, coisas muito próximas vai encontrar: ricos cada vez mais ricos, pobres cada vez mais pobres, super-exploração de pessoas e do meio ambiente, violências de todos os tipos autorizadas pelo Estado. Mas não quero ficar aqui reproduzindo cenas do livro: vá e leia com o teu corpo e se quer entender como as coisas chegaram ao limite, Octavia Butler é uma excelente intérprete do mundo.

Olamina era uma jovem ambiciosa: queria mudar o mundo e acreditava que tudo era mudança, e que mudanças são moldáveis. Moldar a Deus, moldar a si, moldar o destino e o mundo, prerrogativas da religião que Lauren vai criando ao longo dos livros. O que isso tem a ver com psicologia e com fazer pesquisa? Moldar tem a ver com as pisadas que deixamos no mundo e com o como pisamos no mundo. Se o capitalismo neoliberal pisa de forma agressiva e acelerada (Noguera, 2020; Krenak, 2020) precisamos pensar em como pisamos e em como isso tem a ver com o como agregamos pessoas em comunidades que sejam aliançadas com prerrogativas da ética do cuidar e de enfrentamento aos sistemas que nos oprimem. Lauren nos ensina sobre como moldar comunidades e assim, construir mudanças em nossa volta. Ela sonha com as estrelas, mas para alcançar o espaço sabe que precisa constituir laços de confiança com aquelas/es que encontra à sua volta. Lauren dissemina comunidades por onde passa, são em comunidades

que as fronteiras do mundo podem ser alargadas. Octavia, mesmo contando história em que o horror não é feito por espécies alienígenas (como no caso dos livros que estamos falando), produz a sensação de que ela está falando de laço, de confiança, de alteridade, de estar ao lado.

Desde que li os livros de Octavia, fiquei pensando nas mulheres que moldam a psicologia e que ensinam com os seus fazeres outras possibilidades para uma ciência ainda tão elitista, branca e higienizante. Te falo desde a bolha da psicologia social, um campo que algumas/uns pesquisadoras/es vêm mudando e se questionando, mas ainda são minoria, uma pequena esfera dentro de um universo enorme chamado psicologia. Desde pequenas bolhas da psicologia social há movimentos tentando pensar em como as implicações raciais e de gênero são invenções coloniais que seguem nos classificando e violentando e em como as opressões precisam ser pensadas em seus entrecruzamentos. Ainda são pequenos movimentos que intentam mudar, mas ainda estamos longe de sentirmos mudanças estruturais e são muitos passos pra frente e um tanto de passos pra trás. Nessas horas lembro de bell hooks (2019) que em *Teoria feminista: da margem ao centro* afirma que “dentro de nossa sociedade, todas as formas de opressão encontram apoio no pensamento ocidental tradicional” (p. 70). Assim, se pensarmos que o pensamento filosófico e religioso ocidental focado no que foi produzido pela cultura grega e romana é base para os sistemas de dominação sexista, racista, machista e de classe, temos um problema estrutural na psicologia. bell hooks (2019) afirma que a “ideia filosófica ocidental de regras hierárquicas e autoridade coercitiva está na raiz da violência contra a mulher, (...), de toda a violência entre aqueles que dominam e aqueles que são dominados” (p. 176). Se pensarmos em como a psicologia do desenvolvimento vem sendo ensinada e aprendida, como a psicologia clínica, a psicologia da personalidade, da educação, o campo das avaliações psicológicas, da psicologia organizacional, da psicologia social, etc, vamos ver que o pensamento filosófico ocidental é base para todos os campos de nossa área. Quanto mais ampliarmos o olhar, mais vamos perceber que minha bolha é um espaço relativamente protegido, a bolha de onde faço pesquisa, existo e vivo essa tese é bastante pequena. É preciso estourar a bolha para aprender a arte de moldar, de alimentar comunidades e produzir mudanças. E estourar a bolha nem sempre é um movimento tranquilo de ser feito. Moldar a psicologia e a universidade é assim um processo de abandono de pressupostos ocidentais, de minorizá-los em busca de protagonismos que foram apagados e subalternizados.

Pensando sobre mulheres que moldam e que fazem o mundo a partir de sua agência, quero te contar de minha conversa com Samilly Valadares. Conheci Samilly na internet, mais precisamente pela divulgação de um webnário na

Articulação Nacional de psicólogas/os negras/os e pesquisadoras/es (ANPSINEP). Quando Samilly entrou na nossa sala de conversa, o fundo estrelado que tinha atrás dela me fascinou. Assim como Lauren e Octavia, Samilly era uma mulher com os pés no chão, mas que mira as estrelas. Uma mulher de território, que narra com orgulho de onde vem e sobre as histórias da terra que habita. Mulher quilombola e psicóloga, é assim que ela se apresenta. O friso é que o quilombola vem primeiro, algo que a define e define o como se apropriou da psicologia em seu cotidiano mais miúdo em comunidade. Do Território Quilombola de Jambuaçu (Moju- PA) composto por 15 comunidades, Samilly me conta que pertence a Comunidade Oxalá de Jacundaí.

Te conto de Samilly pelas pistas que ela me oferece: neta de Dona Perpétua, irradia luz a cada história que conta. Diz que herdou seu dom de contar histórias de sua avó, ou melhor, que aprendeu esse ofício com ela. Samilly é daquelas mulheres que defendem a psicologia, o escutar, o cuidar desde aqui, desde nossas terras, moldada por mulheres-territorialidade, como ela mesma se definiu. Samilly aprendeu sobre escutar bem antes de conhecer a psicologia na universidade, assim como, aprendeu sobre saúde bem antes de iniciar a formação em psicologia. Aquilombou a psicologia e fez dela matéria para fortalecer o exercício político para com os seus. Se tu quer pensar em “usos” da ideia de política que te apresentei anteriormente, pense em Samilly que tem como responsabilidade produzir uma psicologia que seja condizente com seu povo, com seu território e suas histórias; é na mistura de vozes, no fortalecimento de sua comunidade que Samilly baseia sua prática: um exercício político ancorado em suas ancestrais.

Escrevo sobre Samilly como uma mulher que defende a contação de histórias como metodologia de pesquisa para a Psicologia, que defende que a Psicologia precisa de um banho de humildade para se colocar no lugar de aprendiz de psicologias que correm nosso país bem antes de existir essa ciência branca que diz que sabe ouvir os outros. Caso tu fique interessada com o que ela tem a contar te sugiro esta live sobre infâncias: <https://www.youtube.com/watch?v=NNu5nyhxVUA>. Acessei ela neste ano de 2021 e o como Samilly ensina sobre infâncias é muito potente para pensarmos, por exemplo, a psicologia do desenvolvimento para além dos seus clássicos referenciais.

O que Samilly faz é arte, é psicologia, é contra-colonialidade; ela e os quilombos que ela vai formando por onde passa produzem uma psicologia brasileira, contextualizada como ela falou em nossa conversa, que sabe que é preciso estudo, ação, implicação e associação com saberes que vieram muito antes do que se convencionou psicologia lá nos laboratórios da Alemanha (como tu deve ter ouvido nas aulas de História da Psicologia). O que aprendi com

Samilly? Que um corpo é muito mais do que um eu; um corpo traz consigo toda uma memória coletiva ancestral e os passos de suas/seus antepassadas/os; comunga de uma história que vem passando de geração em geração. Aprendi que se a psicologia quer mesmo escutar, precisa virar seus ouvidos e aprender com quem é guardião da terra. Ensinaamentos que ela tão generosamente me ofertou em nossa conversa. Quando abrimos a câmera, foi a primeira vez que nos vimos e parecia que eu já a conhecia há algum tempo.

Falar com Samilly, me lembrou de uma outra psicóloga que conversei: Rejane. Uma psicóloga kaingang que carrega objetivos próximos ao de Samilly, e um deles é o de fazer falar os conhecimentos dos seus, do coletivo a que pertence. E, infelizmente, as duas dividem também uma particularidade: enfrentavam à época de nossas conversas a falta de emprego formal. Formadas em universidades federais e desempregadas, pois vivemos em um país no qual o estereótipo de psicóloga ainda é de mulheres brancas de cabelo liso ou homens brancos, com roupas que mostram uma certa combinação com o ambiente em que trabalham. Certa vez, ouvi de uma orientanda que uma professora na faculdade disse que psicólogas precisavam usar roupas cinzas para mostrar sua neutralidade. Samilly e Rejane vem reinventando outros usos para a psicologia e quem sabe um dia sejam devidamente reconhecidas por isso.

Conheci Rejane em 2020, mulher das matas e das águas, me conta sobre sua relação com a universidade e com a psicologia. Conversar com Rejane foi uma lindeza! Ela já começa falando que faz/defende uma psicologia das florestas (das matas e das águas), e de como não se enxergava na Psicologia, que era uma psicologia muito psicanalista, muito Freud. Falava de como os colegas não a cumprimentavam no início, que chegava e ninguém a cumprimentava. Se você quiser conhecer mais de Rejane, te indico o TCC dela²⁴. Fala que se sentia muito mal com isso, com o distanciamento que os colegas colocavam entre eles e ela. Fala que se passassem por ela fingiam que não a viam e que se perguntava se ela tinha algo de errado. Um traço próximo ao que Samilly conta quando diz que não se sentia dentro, mas sim, mais fora do que dentro em sua formação, que se sentia empurrada para fora do curso.

Rejane conta de sua gravidez e de como engravidou quando entrou na graduação e como isso foi visto como algo ruim pelas colegas, que questionaram sobre como ela engravidou e como manteria a graduação, pois de acordo com elas (as colegas) que era impossível ter filho e ficar na graduação. Rejane me disse que perguntaram se ia doar o filho. Nem consigo dimensionar a violência desse tipo de pergunta. Ninguém ia perguntar isso para uma aluna

²⁴ Se tu quiser conhecer mais de Rejane, segue o link para o trabalho de conclusão de curso dela, intitulado *Kanhang Eg My Há: para uma psicologia Kaingang*: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/212727>> (acessado em dezembro de 2020).

com “perfil de psico”, ninguém ia perguntar isso para uma mulher de classe média alta e branca. Ninguém se autorizaria a fazer esse tipo de pergunta para uma mulher branca. E como conseguem fazer esse tipo de pergunta para alguém que elas/eles nem cumprimentavam? Fala que na aldeia tu só é abençoada quando tem filhos e que vivia uma alegria em sua gravidez. E diz que teve a criança com 20 anos e já era considerada muito velha pelos mais velhos. Quando retoma a conversa sobre a universidade fala que ser indígena e pobre piorou a exclusão. Não falei com Rejane sobre isso, mas agora escrevendo sobre nossa conversa lembrei das muitas vezes em que disse para as minhas colegas que ia resolver alguma coisa na hora do almoço para justificar porque não ia ao Restaurante Universitário com elas e ia almoçar no serviço da minha mãe que passou a trabalhar em um apartamento perto da UFRGS enquanto eu era aluna. Economizar o preço do almoço era importante para nós naquele tempo, pois precisava economizar para os xerox e outros gastos. Quando Rejane fala que ser pobre piorava as coisas, eu fico pensando em como as relações de classe, raça e gênero não são de fato pensadas na formação que nos oferecem, pois não são pensadas nas práticas e no cotidiano e não são pensadas em suas interconexões. O que Rejane narra, costura com o que vivi e com a cena que Alisson Ferreira Batista (2016) traz em seu trabalho de conclusão de curso, quando narra que os colegas riam quando ele falou que ia perder o ônibus (afirmando que teria que sair mais cedo de uma assembleia entre estudantes). Algo impensado para a branquitude que nasceu com privilégios de acesso, moradia e locomoção pela cidade. Lembro que tive um semestre no qual eu muito eu faltava às aulas para não precisar criar desculpas para não sair com as colegas ou ter que sair correndo antes para não perder o ônibus. Nenhuma/um professora/or me perguntou o porque eu sempre saía antes ou faltava muito.

Rejane antes de falar sobre o filho, me contou que uma vez uma colega se ofereceu para ensinar que ela virasse vegetariana ou vegana. Rejane falou que a colega disse que era importante isso por causa dos hormônios. Ela me contou que tentou conversar com a pessoa, mas que depois que explicou teve a sensação de que a menina ia rir dela e de que a achava menos ou burra por pensar daquele jeito. Ela me contou que explicou a relação dela e do povo dela com a mata, com a caça, com a vida e com a morte, de que se virasse vegetariana iria ofender os antepassados caçadores. E que o ritual de comer carne não era como ir no mercado e comprar uma galinha, que eles têm todo um ritual de pedir permissão à natureza e a floresta, com o compromisso de devolver a alma do animal que vai ser consumido para a natureza, ou seja, de que há uma relação de respeito com aquele ser que virou alimento e que tem uma relação de cura compartilhar o alimento com os outros. Sou vegetariana e te confesso que fiquei com vergonha por tudo isso que outras pessoas vegetarianas fizeram Rejane passar,

o que mostra uma série de preconceitos religiosos disfarçados de preocupação com a saúde e com os animais. Tem um sentido outro a relação de Rejane e seu povo com os animais. Rejane mais de uma vez falou sobre como era difícil para as pessoas aceitarem seu jeito simples de falar e suas roupas.

Fala que com o tempo, ela e outras mulheres se juntaram e começaram a contar nos cursos que tinha alguma estudante indígena sobre como elas eram, os costumes, porque falavam simples, porque se vestiam do jeito que se vestiam. Diz que iam em todas as disciplinas que as professoras lhe davam espaço. Sobre a universidade, Rejane diz que não sabia o que era psicologia e que não tinha nenhuma psicóloga kaingang formada no sul do país. No TCC ela fala que a escolha do curso é dada de forma coletiva já que a mesma precisa atender as necessidades do seu povo. A ideia era que Rejane fizesse direito, mas quando abriu o processo seletivo não tinha vaga para este curso.

Ela me contou de que defende uma Psicologia das florestas, que esta não é algo novo; me conta da floresta e como esta fala e de como os espíritos que ali habitam falam e como os povos da floresta conversam com estes. Diz que estranhou as aulas que abordavam o tema de escutar vozes. Diz que a universidade ainda está muito centrada na loucura. Conta de um episódio em que tentou falar sobre isso com uma professora nos primeiros semestres e que ela lhe disse que não podia falar essas coisas porque na Psicologia trabalhamos com coisas que são cientificamente comprovadas e que na Psicologia só vale o que é cientificamente comprovado. Me fala em como pensou em desistir do curso. Quantas provações são necessárias para expulsar uma pessoa do curso de psicologia? (pergunta que me passava a todo tempo enquanto conversava com Rejane) e que surgiu também quando conversei com Samilly. Fiquei pensando na pergunta da Maria Aparecida Bento em uma palestra que proferiu no CRP/SC²⁵: de quantas maneiras a instituição mostra que ali não é lugar de negros, indígenas, pobres?

Conversar sobre a formação, sobre percurso é conversar sobre como a vida é acolhida ou não no processo. Rejane fala da separação mãe e filho que precisou viver na Universidade. Diz que isso não é algo que exista para os Kaingangs e que foi muito sofrido ter que se separar do seu filho, me contou do adoecimento que isso provocou. Rejane frisa do quão diferente são as muitas etnias que existem no Brasil, que cada uma das mais de 300 tem ideias e entendimentos muito diferentes. Me lembra que fala a partir do povo Kaingang, e que sua intenção era (é) mostrar o que é saúde para seu povo. Diz que na universidade teve que começar aos poucos, pois esta trabalha muito com a loucura. Conta que quando as colegas sentiam que estavam muito cansadas e dispersas falava se elas queriam experimentar tirar os sapatos, colocar os pés

²⁵ Tu pode ver a palestra neste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Lh3rfGTu8c&t=396s>>

no chão, pedir permissão para a terra, pedir permissão, falar com respeito com as águas, com os seres que a gente não escuta mas que estão ali, e que são formas de se sentir viva.

Rejane ensinou que o foco na Psicologia Kaingang é no fortalecimento espiritual, pois o corpo é uma junção de corpo físico, espiritual e mental e que a Psicologia (as pessoas na psicologia) são muito centradas na questão mental ou do corpo, mas nada cuidadosa com o espiritual. Volta a falar da caça e de como eles agem em respeito à mãe Terra e em como precisam agradecer ao que ela provém, com isso, me conta sobre como o corpo são (saúde mental, física e espiritual) de que todas essas partes precisam estar bem.

Ela afirma que estava na universidade para aprender e que queria aprender, mas que algumas professoras e colegas agiam como se ela não pudesse aprender, como se ela já tivesse que já ter aquilo que falavam. Fala das diferenças entre a escola e universidade e de como tinha que anotar palavras que usavam em aula pra pesquisar depois. Conta sobre uma disciplina de desenvolvimento que fez e que já estava com 8 meses de gravidez, fala sobre como ficou de recuperação e que no dia da recuperação alguém a molhou com o carro (estava chovendo), conta sobre como chegou encharcada na aula e que foi reprovada por meio ponto. Diz que pediu ajuda para a professora que falou que não podia fazer isso, que a Rejane precisava conquistar aquele meio se um dia quisesse chegar onde ela (a professora) chegou. Rejane diz que já tinha reprovado em outra disciplina e que nesse dia foi chorando até em casa. Fala que estava há seis meses em Porto Alegre e se questiona sobre o tipo de inclusão que os profissionais da psicologia aprendem com professoras que fazem isso.

Conversamos sobre como ela e os Kaingang entendem desenvolvimento infantil. Ela diz que o filho tá sempre com a mãe, que a mãe não impõe regras, que o filho conhece o mundo real, que ele precisa conhecer o mundo real e que conhece as lutas do povo. Enquanto conversamos, o filho de Rejane está pela volta, nos ouvindo. Ela diz que o modo de criação deles não faz tantos adolescentes adoecidos como temos nos brancos e nessa hora, me conta sobre as privações que passam, que às vezes os pais não tem o mínimo para oferecer aos filhos, mas que cuidam para que eles não fiquem doentes. Fala de como por vezes não se tem nem acesso ao Bolsa-família (programa extinto pelo atual governo brasileiro), mas que o cuidado oferecido é para que sejam fortalecidos. Ouvindo Rejane lembrei de uma fala de Ailton Krenak: “É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo. Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível” (2020, p. 85).

Falando sobre seus desejos de atuação, Rejane me conta que queria oferecer para seu povo uma psicologia não individualizada com um terapeuta

que pouco fala sentado numa sala. Mas sim uma psicologia mais coletiva, pensada a partir do que o povo dela respeita e entende como ferramenta de cura, fala sobre a importância de conectar e levar para a água, sentar e comer juntas/os, compartilhar a comida e sentar em volta do fogo. Rejane conta de psicologia ancorado nos elementos do nosso planeta, em conexões para além do encontro humano-humano.

Criar uma criança para os Kaingang parece uma atividade ligada à coerência. É ter uma relação de coerência com o que são. Fala sobre sua relação com a casa dos estudantes e de como teve que esconder seu filho, de como as pessoas se incomodavam e que a denunciavam. E que quando começou a se juntar com outras mulheres indígenas e começou a trazer um pouco de suas práticas para o cotidiano da casa do estudante, as denunciavam. Diz que se riam alto, denunciavam e diziam que eles (os estudantes brancos) estudavam muito e até muito tarde e que os indígenas não e que faziam bagunça e incomodavam. Fala da ditadura do relógio e de como as pessoas brancas são guiadas em alimentar o capitalismo e trabalhar e viver guiadas pelo relógio. Me conta sobre liberdade, de como vive outro ritmo e de como a universidade não respeita esse ritmo que não é o do relógio, de ficar sentada em sala por horas e ter que ficar estudando por horas. Quando pergunto o que Rejane pensa sobre criar no sentido de inventar, ela diz que talvez esse não seja o melhor verbo e que eles precisam aprender com os mais velhos. É ouvindo os mais velhos, observando o que eles fazem que a possibilidade de existir no mundo e em relação é possível. Criar/inventar, conversando com Rejane, tem a ver com o que é passado de pessoa para pessoa e para exemplificar ela afirma que o diploma não a deixa mais sábia que os mais velhos de sua aldeia.

Falamos sobre a língua que nos é exigida na psicologia e como parece que para ser uma boa psicóloga tu tem que ficar repetindo uma mesma linguagem. Ela fala que diz isso nos cursos que está oferecendo, sobre como aprender é diferente para ela e os Kaingang, afirmando que precisa que seja divertido e leve. Conta que as crianças aprendem na volta da fogueira, que quando se cansam, saem e vão brincar, voltam em outro momento e vão aprendendo no tempo deles. Quando narra essa situação, dos aprendizados ao redor do fogo, conta de um querer estar junto não por obrigação; aprender não é uma obrigação, ela diz. Fala que quer defender uma psicologia que vem sendo invisibilizada desde antes da “psicologia”, e que quer se sentir viva e que deseja que as pessoas que atenderá também se sintam. Ela me contou sobre um caso que ela trabalhou na clínica: uma mulher que estava sofrendo com problemas de memória, com problemas para lembrar do filho e do marido. Diz que sentiu vontade de abraçar aquela mulher e dizer como sentia que sabia o que ela estava passando, mas que precisava ficar sentada lá na triagem com uma

prancheta fingindo que não existia. Fala de como na próxima semana a mulher voltou e perguntou se ela (Rejane) não entraria junto, que lembrava dela. Rejane diz que se comoveu: como ela não lembrava do filho e lembrava dela? E que aquilo é porque elas tinham tido uma conexão espiritual. Diz que é dessa psicologia que está falando e que deseja fazer.

Sobre seu TCC ela contou que em algum momento queriam que ela colocasse Bem-Viver no título e ela disse que não queria, porque queria as palavras de seu povo e que bem viver é de outro país e de outro povo. Um dos tantos escorregões coloniais dos quais foi vítima. A necessidade de resistir à ignorância dos brancos, que insistem em formas de relação com o conhecimento brancocentrada e elitista, é algo presente na vida de mulheres como Rejane e Samilly. Rejane me mostrou sua relação com a psicologia, com seu povo, olha para o poder de cura das matas, e mira que os pés possam pisar nas águas, banhar-se em busca de conexão com o planeta. Samilly e Rejane falam dos conhecimentos por conexão, inundados de sabedoria, são intelectuais que aprenderam sobre saúde, escuta e cura muito antes de sentar nos bancos da universidade para ganharem o diploma de psicólogas. Trazem consigo a força de ancestrais que nunca pisaram na universidade, que não são tidos como intelectuais. E o que a psicologia aprendeu com elas? Uma pergunta que me fica. Para finalizar, lembro de um trecho de Patricia Hill Collins (2019) no qual ela afirma

O motivo da existência desses diálogos é o **exame das experiências vividas pela presença de uma ética do cuidar**. Nem a emoção nem a ética estão subordinadas à razão. Em vez disso, **emoção, ética e razão são usadas como componentes interconectados e essenciais na avaliação de reivindicações de conhecimento**²⁶. Para essa epistemologia alternativa, os valores ocupam o cerne do processo de validação do conhecimento, de tal forma que uma investigação sempre tem um objetivo ético. Além disso, quando essas quatro dimensões se tornam politizadas e associadas a um projeto de justiça social, elas são capazes de formar um referencial que sirva ao pensamento e à prática negra (p. 425).

Um forte abraço, Bruna

²⁶ grifos meus

2.4 Histórias para uma Psicologia feminista

Porto Alegre, finais de 2021, um ano que não acaba.

Agradeço, hoje, a visita de Vida que você me fez e sua bondade, e os seus olhos, e o seu sorriso de criança (Patrícia Galvão, 2020, p. 07).

Estava por aqui pensando em te escrever e lembrei de duas mulheres: Beatriz Nascimento e Pagu (Patrícia Galvão). Estava pensando em como a vida delas foi atravessada por uma série de violências, cada uma de um jeito e marcada por nuances variadas, mas marcadas pela violência. Beatriz teve a vida interrompida por violência de gênero, morta pelo companheiro violento de uma amiga a qual vinha tentando ajudar a sair do relacionamento abusivo. Pagu, com os benefícios que a raça e a classe lhe oportunizaram, sofreu violências de outra ordem: foi humilhada, abusada psicologicamente em prol da ideologia política do partido ao qual se filiou. “Conheci” Pagu em uma série brasileira sobre os artistas da semana da Arte Moderna, ela era a coadjuvante da coadjuvante, mal me lembro da personagem. Quando li sua autobiografia, por sugestão do Luciano, fiquei pensando na quantidade de figuras femininas que são apagadas da história da política brasileira, ou melhor, na quantidade de mulheres que são violentadas na política brasileira. Confesso, que no auge dos meus privilégios e ignorâncias, fiquei chocada com a quantidade de violência psíquica que ela sofreu ao longo dos anos de militância no Partido Comunista. Sobre a trágica morte de Beatriz, fiquei sabendo a bem pouco tempo atrás. Conheci ela no documentário Ôrí, uma obra de arte narrada e roteirizada por ela, impactante, pois é uma afronta em forma de documentário à história hegemônica que nos ensinam na escola. A voz de Beatriz é como o embalo das ondas e nos leva a navegar por outros mares, um mar envolto de histórias que não são narradas no projeto colonial branco que sustenta a formação escolar e universitária. Falarei dela em outras cartas. Lembrei delas quando fui revisar nossa correspondência para te encaminhar.

E lembrando delas, uma outra memória me acompanhou: logo que comecei a frequentar as reuniões do Edis, a professora Claudia Miranda foi convidada em um encontro, em sua fala citou um texto sobre misoginia e o pensamento ocidental. Na época eu anotei o nome, pesquisei o texto e salvei, li ele muito tempo depois e agora escrevendo pra ti, sobre as mulheres com quem conversei e sobre minha relação com os feminismos retomo o mesmo; ele faz uma história sobre a misoginia no pensamento ocidental. Se as bases estruturais da

psicologia ainda são ocidentalizadas, precisamos pensar sobre como essa base sustenta algumas violências: no caso, falo da violência de gênero. Maria José Ferreira Lopes (2012) faz o caminho sobre como foi construído o discurso da misoginia no pensamento grego, romano e judaico-cristão, mostrando como o ódio e desconfiança com as mulheres foi sendo construído e narrado por escritores gregos: os mitos gregos são encharcados de histórias misóginas e seguimos repetindo eles sem grandes críticas, pois afinal, são tomados pelo pensamento ocidental como a base da produção de conhecimento. Um processo com relação muito próxima com a herança cultural ocidental escrita: “domínio secularmente exclusivo do homem, a palavra foi sendo também um inimigo, por acção e até supressão, da mulher” (p. 491). E figuras como Eva e Pandora representam a misoginia ocidental e o peso do verbo no masculino na história da produção de conhecimento ocidentalizada. Nos educaram para aceitar a ideia de que são os homens brancos e algumas mulheres brancas que ditam os saberes do mundo, queimaram séculos de histórias quando expulsaram os mouros da região de onde hoje é Portugal e Espanha, embranqueceram a história do Egito, uma lista grande de violências produzidas pelo saber norte-ocidental. E te digo que lendo o texto de Maria José, pensei na força das histórias pluriversais para uma psicologia aliançada com a justiça social. Mas preciso te fazer um alerta, os mitos de Eva e Pandora, assim como boa parte da mitologia ocidental fala de uma série de apropriações de histórias africanas, que em sua origem não dizem do machismo e misoginia que, por exemplo, a mitologia grega e a romana carregam. Pense na figura de Hera e todo o seu poder e no como ela foi reduzida a uma mulher ciumenta que ama de mais e se vinga das amantes de Zeus. A apropriação de teorias, histórias e narrativas pelos povos europeus falam de um processo de violência que distorce sentidos e produz violências.

“Narrar é teorizar”, essa frase me marcou! Foi dita pela professora Dolores Galindo no Seminário Temático que ela coordenava com outras professoras. Quando ela compartilhou essa frase, após comentar um dos trabalhos da sessão, senti que nos convocava a escrever sobre, a colocar no mapa de publicações nossas impressões sobre essa sentença. Narramos nossas histórias, mas enquanto psicólogas, parece que ainda tateamos na defesa de um conhecimento sustentado a partir delas. O que aprendi com as histórias de Beatriz? Com as histórias de Pagu? O que aprendi com as histórias de Samilly? E com as de Rejane?

Aprendi sobre histórias e sua formação na universidade com bell hooks que no livro *Teoria feminista: da margem ao centro* (2019c) fala sobre o processo das mulheres negras feministas moldarem um feminismo que se

preocupasse com os seus problemas e não apenas com os problemas das mulheres brancas com ensino superior da classe média e rica que estavam cansadas de permanecerem no lugar de esposa, dona de casa e mãe. Logo no capítulo 1, a autora afirma que nos Estados Unidos, o feminismo “nunca foi protagonizado pelas mulheres que mais sofrem com a opressão sexista; que são diariamente subjugadas, mental e física e espiritualmente- mulheres sem o poder de mudar suas condições de vida” (p. 27). Ela vai mostrando como as feministas brancas da classe média e rica foram construindo uma série de argumentações e teorizações que excluía as necessidades de mulheres negras, pobres e trabalhadoras. Excluía as necessidades e incluía uma história única sobre as mesmas: subalternizadas, não produtoras de conhecimento, sem histórias que interessassem. Ela cita como exemplo o livro *A mística feminina* e como esse vai construindo o drama de mulheres, mas que na verdade preocupa-se com o que aflige um grupo muito seletivo de “esposas brancas das classes médias e alta, com nível superior- mulheres do lar, entediadas pelas horas de lazer, atividades domésticas, crianças e compras, e que esperavam mais da vida” (p. 27). Por que associa uma informação com a outra? Para mostrar que quando nossa base de conhecimento não é questionada, incorremos em problemas que se perpetuam e se atualizam. A misoginia alimentada pela escrita dos autores gregos e romanos se reatualiza e é reproduzida inclusive por outras mulheres quando entramos nas encruzilhadas com as relações de classe e raça, produzindo um descrédito das histórias e existências de mulheres que não respondem a um determinado padrão. Cultua-se mulheres como Clarice Lispector, com a mesma rapidez com que se afirma que as escritoras de Conceição são narcisistas.

bell hooks (2019c) afirma que o livro de Friedan (*A mística feminina*) teve um papel importante na consolidação das bases do pensamento feminista contemporâneo, o que acabou marcando uma perspectiva unidimensional sobre a realidade feminina como uma característica do feminismo hegemônico branco. Os exemplos que bell hooks (2019c) traz já no primeiro capítulo do livro, nos mostram que as bases da misoginia, inclusive adentram o movimento feminista hegemônico branco, quando esse não consegue reconhecer necessidades e particularidades para além das mulheres que ele representa. Um exemplo que ela nos oferece é sobre as mulheres brancas ricas colocarem como similares os sofrimentos por elas vividos e os de trabalhadoras pobres e negras.

E quando te proponho histórias para fazer florir uma psicologia social feminista, me alio com mulheres que não partem deste feminismo hegemônico, são intelectuais que moldaram um lugar de protagonismo para si,

as/os suas/seus e suas histórias; são intelectuais que sonham um mundo inclusivo para todas. Uma perspectiva que alimenta meus desejos de uma psicologia mais próxima de nossas vidas no presente e no nosso território. Desta forma, tomo o **verbo narrar** como um importante interlocutor para o verbo **teorizar**. As histórias são importante locus de produção de um conhecimento que está pactuado com a vida. Teorizo com as histórias que te conto, e te convido a abrir tua caixa-vida de histórias e ir teorizando por aí também: engravide a psicologia com tuas histórias, de tal modo que vá brontando uma psicologia desapegada dos velhos referenciais e mais aberta as histórias que correm o mundo.

Conheci Jaileila durante a pandemia em um dos encontros do Internúcleos entre os grupos de Pernambuco (GEPCOL) e Alagoas (EDIS). Ela era uma das professoras organizadoras daquele coletivo. Lembro que ela usava um fundo de tela colorido, agora não lembro se eram flores ou o fundo do mar. Desde então, venho conhecendo e me aproximando de uma das intelectuais que mais admiro. Érika, que me conectou com outras mulheres intelectuais feministas, foi quem indicou que conversasse com Jaileila. E são histórias o que ela compartilhou comigo: histórias sobre sua juventude e maternidade, sobre sua formação, sobre as distâncias com sua filha que precisou enfrentar para obter o título de doutora. Me mostrou como foi se aproximando dos feminismos negros e como esses resignificaram suas vivências afetivas e acadêmicas. Era novembro de 2020, uma das primeiras conversas que fiz. Te digo que eu estava com muita vergonha: conversar com uma professora com tamanha experiência sem perguntas organizadas, munida de desejos de conversa e de um bom encontro. Há quem vá ler nossas cartas e achar que tenho pouco rigor. Jaileila me levou para passear em sua casa, fomos mudando de cômodo em busca de maior estabilidade para a internet. Conheci uma mulher que molda seu destino, que molda o mundo para que ele possa ser mais compatível com suas necessidades. Lembro da angústia com que falou sobre o racismo na academia e na hora lembrei das muitas pessoas brancas que falam: “nossa, mas muito mudou!”. Será que mudou ou apenas não estamos escutando o que pessoas (e mulheres) negras, trans, pobres, mães e trabalhadoras têm a dizer. Jaileila, muito pacientemente, como uma boa contadora de história me mostrou a partir de suas memórias o que os feminismos mudaram em sua vida. Uma coerência outra, que não as que nos exigem usualmente na universidade, mudar é um gesto de vida, de não pactuação com os sistemas de opressão. Quantas violências raciais carrega em seu corpo uma docente negra? Fico pensando nas quantas vezes em que Jaileila precisou guardar suas palavras, sentimentos, medos e histórias para caber no mundo branco e elitista da universidade. Conversar com ela, me fez pensar em como minha companheira vem moldando uma morada pra

si na academia; uma mulher negra de pele clara que mesmo com medo afronta aquelas/es que ousam dizer/mostrar que ali não é seu lugar.

Tive outras oportunidades de conhecer Jaileila: no próprio Edis, em um projeto que ela e Érika organizaram juntas sobre escrevivências, no coletivo bell hooks, como leitora do trabalho de minhas orientandas, como uma mulher que sonha e molda uma universidade para que este seja um espaço de mais cuidado e acolhimento. O amor por bell hooks nos aproxima e isso é belo. Me encontro com Jaileila a partir de nossos interesses por um mundo em que o cuidado esteja na ordem do dia. Se há uma palavra para definir essa intelectual, a mesma é generosidade.

Tu precisa entender, que nossa conversa é menos sobre rigor e mais sobre respeito ao que a outra pessoa tem a ensinar. Como acolher a sabedoria de outra existência em nossas escritas? Sonhei para mim e para meu doutorado um habitar a pesquisa como uma aprendiz que vai tecendo proposições a partir de fios de vida que são ofertados no encontro (essa é minha aposta para a psicologia). Enquanto se movimentava pela casa, ela (Jaileila) foi me contando como foi ser estudante de graduação e mãe de uma bebê recém nascida. Sobre as diferenças que ela e as/os colegas habitavam e sobre os processos de luta para dar uma boa vida para si e para a filha. Os feminismos negros, ela me contou, vieram em um momento posterior a sua formação, vieram como uma espécie de guia para que ela pudesse perceber as opressões que vivia. A conversa com Jaileila inspirou coragem.

Lembro que na mesma época (novembro de 2020) conversei com Dani Noal, professora na Faculdade de Educação da UFRGS. Uma artista que pensa os encontros entre arte, saúde e educação, preocupada com o brincar, com as geringonças e com uma política do encontro pela arte. Dani, é uma das conversantes neste processo que não vem da psicologia, sua formação é no campo da Educação Especial. Quando encontro com Dani sinto que converso com uma mulher cansada, reconheço o cansaço de quem precisa gerir casa, filhos, aulas e escritas, em um malabarismo com o tempo que nunca é suficiente. O quanto a pandemia foi cruel com mulheres que cuidam de crianças? O quanto a vida acadêmica, ou melhor, o tempo acadêmico, é pouco acolhedor para mulheres que são responsáveis pelo cuidado de crianças? Compartilhamos frustrações, reconhecimentos, pistas, admirações. Ela me contou de seu percurso na universidade e as dores que floresceram em seu peito desta travessia e também as alegrias de ser uma intelectual que aposta na extensão, na força dos encontros entre muitas formas de ser escola. Nas notas de rodapé te deixo o

link para tu conhecer o Projeto Geringonça²⁷. A conversa com Dani foi de composição de um tempo de cuidado, de reconhecimento, de admiração. Senti que em nossa conversa estabelecemos um espaço de cura pela oferta: quando nos pomos a conversar, ampliando as possibilidades em um exercício de horizontalidade, a cura para feridas advindas de algum sistema de opressão é possível. Encontrar sombra, acolhimento, cuidado é um exercício possível no processo de nos encontrarmos com nossas histórias.

Conversar com Jaileila e Dani na mesma semana foi de uma imensidão só. Por que te conto essas histórias? São elas que alimentam em mim o desejo por uma formação em Psicologia conversadeira. Precisamos aprender a escutar; para algumas correntes teóricas o silêncio é supervalorizado, para outras, precisamos estar junto mediado de perguntas pré-estabelecidas. Mas e se aprendêssemos a arte da conversa? Conversa como as vizinhas fazem por cima do muro em qualquer bairro de casas. Conversa como aquelas que acontecem no ônibus quando o percurso é longo e todos os dias as pessoas se encontram no mesmo espaço e tempo. Uma política de formação conversadeira é consciente de que conversamos com o corpo todo: com os gestos que fazemos, com as expressões faciais que ofertamos, com as palavras que partilhamos em busca de um entremeio fiado a partir de experiências que mesmo que se toquem, são diversas. Falo de uma psicologia feminista, que aprendeu com os feminismos negros, que é conversadeira, e por consequência a pesquisa que vem daí também o é. Conversar é uma forma de alargar as possibilidades de aprendizagem e também uma forma de alargar o pesquisar. Aposto nas histórias que surgem das conversas e que vão sendo costuradas no tecido-pesquisa que fiamos. Utópico demais? Viajante demais?

Vai parecer um tanto desconexo, mas nessa conversa sobre histórias, fiquei pensando nas minhas aulas de História da Psicologia. Não sei como está por aí, mas por aqui a paciência tem sido curta, o desânimo tem tirado minha energia, nem mesmo a reposição de Bl2 tem dado algum ânimo. Estou cansada! Muito cansada! E não é um cansaço por excesso de atividades, é um cansaço desanimado. E te escrever tem sido uma das coisas que tem me permitido habitar outros sonhos. Tenho pensado no que tu me disse sobre não se reconhecer nas leituras que te oferecem e do como ainda operamos por exclusão, muito mais do que inclusão. Tenho pensado no espaço para as histórias. E aí, eu lembrei de um artigo (que é uma resenha de um livro sobre História da Psicologia e as mulheres pesquisadoras deste campo).

²⁷ Projeto Geringonça- se tu ficou curiosa, te aconselho a procurar nas redes sociais sobre o projeto e aqui segue o link da página deles:< <https://www.ufrgs.br/projetogeringonca/>>

Rosario Román Pérez (2007) no artigo *Psicología y feminismo: Historia olvidada de mujeres pioneras en psicología* resenha sobre o livro de mesmo nome escrito pela pesquisadora Silvia García Dauder. A autora afirma que Dauder produz uma crítica sobre o legado misógino dos psicólogos homens na história da Psicologia. Eu já tinha lido sobre como Wilhelm Wundt e Stanley Hall discriminavam mulheres que tentavam fazer doutorado com eles (Duane Schultz; Sydney Schultz, 1992). Os autores escrevem sobre como a história da psicologia, mesmo sendo um campo prioritariamente formado por mulheres, tem sido dominada por homens. Um fato que não é exclusividade da nossa profissão, mas que precisa ser evidenciado e analisado.

Os autores afirmam que por muito anos as mulheres enfrentaram restrições, discriminações e preconceitos quando resolviam adentrar a pós-graduação, sendo desencorajadas e em alguns programas tendo o acesso restrito. Um ponto importante que os autores e Rosario a partir da obra de Dauder salientam que os grandes nomes da psicologia como Hall, Thorndike, Cattell e Freud aceitavam a concepção de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens. Schultz e Schultz (1992) afirmam que para Stanley Hall era um risco educar mulheres, pois isso as desvirtuaria do caminho da maternidade, enfraquecendo o impulso maternal das mesmas. Grandes nomes da psicologia alimentaram a misoginia ensinada pela mitologia grega; eles utilizavam os próprios achados da psicologia para sustentar a inferioridade das mulheres.

Os autores avaliam que nos Estados Unidos, o avanço da psicologia permitiu que houvesse campo de atuação para psicólogas mulheres, mas que isso significou o afastamento das mesmas dos cenários acadêmicos (mulheres podiam ser psicólogas, mas não produzir conhecimento sobre a área). Eles ainda evidenciam que o sistema de nomeação e referenciação que utiliza o sobrenome e iniciais das/dos autoras/es impossibilitou muitas vezes de termos a dimensão do trabalho de pesquisadoras. Felizmente, o enfrentamento a esse modo de referenciar vem sendo enfrentado aos poucos, com possibilidades em algumas revistas, livros, nas teses e dissertações de utilizarmos o primeiro nome das/dos autoras/es; a passos lentos, alguns modos de tornar invisível vão sendo questionados e enfrentados. “(...) quantas notas de pé de página de agradecimento não deveriam se tornar o reconhecimento de co-autorias, quantas vezes a co-autoria não é na verdade autoria ou quantas vezes era o co-autor masculino que deveria ter merecido a nota de pé de página” (Schultz; Schultz, 1992, p. 389).

Pérez (2007) conta que quando as mulheres foram aceitas para cursar o doutorado em Psicologia nos EUA, eram avaliadas como os colegas homens, frequentavam as aulas como os mesmos, mas não podiam receber o título. Ela

cita Christine Ladd-Franklin, feminista defensora do direito ao voto das mulheres e psicóloga especialista em lógica e teorias da visão das cores e que somente aos 79 anos e depois de 44 anos lutando, teve o título de doutorado outorgado pela Universidade Johns Hopkins. Pesquisando nomes para a pesquisa, olhando o corpo docente de cursos de psicologia espalhados pelo Brasil, fiquei impressionada com a quantidade de homens professores, quando temos uma grande quantidade de mulheres psicólogas.

Assim, você precisa ser atenta à memória de nossa profissão, a memória de nosso país e o como precisamos olhar para nossas fontes. Quem controla as fontes de informação de sua formação? Visibilizar essa história é buscar pistas sobre como os processos de resistência foram sendo constituídos. Se estamos aqui hoje conversando sobre feminismo, sobre o machismo de nossa área é graças ao trabalho de outras mulheres, que foram pioneiras e que apesar da violência de gênero e racial que viveram, brigaram pela possibilidade de pensar a Psicologia.

Tu já ouviu falar sobre a professora Sandra Azeredo? Conheci ela lendo o trabalho de Tayane Lino, psicóloga, pesquisadora negra brasileira que no doutorado trabalhou com pesquisadoras negras na psicologia. Li um dos artigos de Tayane, escrito com sua orientadora Claudia Mayorga (2020), foi neste que conheci a professora aposentada da UFMG, pesquisadora negra, brasileira, que em seus artigos narra o processo de se reconhecer como uma mulher negra (o que afirma que só foi possível quando estava fazendo o doutorado nos Estados Unidos). Conversei com Sandra numa manhã, já não lembro bem a época do ano, mas fazia frio. Ela se desculpa pela sinusite que a acompanha, e conversamos sobre nossas histórias. Conto para ela como cheguei em seu nome: conversei com Jaileila, que me indicou o nome de Tayane, com quem troquei alguns emails, mas não conseguimos conversar e nos textos de Tayane encontrei com Sandra (nome conhecido de Érika). Sandra me conta de sua irmã, de como escolheu a psicologia, e sobre como tem uma personalidade que não deixa passar o que ocorre a sua volta, afirma isso, quando fala que sempre esteve atenta às relações de dominação que ocorriam em sua casa. Conta de como sua irmã mais velha queria fazer psicologia, mas não existia o curso na cidade (elas têm três anos de diferença uma da outra). Fala que a irmã acabou cursando filosofia e que ajudou no movimento de criação do curso em Belo Horizonte. Sandra diz que escolheu a psicologia porque era interessada em mudar o mundo e que precisava conhecer as pessoas e as subjetividades.

Diz que acreditava que para mudar o mundo, precisava entender as pessoas, trabalhar as peculiaridades do sujeito. Voltando à sua memória, me contou que teve uma formação maravilhosa, diz que sentia que tinha algo errado no colégio de freiras que estudava, cita as questões relacionadas à

sexualidade; de acordo com ela, foi o colégio que abriu possibilidades para pensar sobre os feminismos. Fala de como foi percebendo a assimetria de relação entre a mãe negra e o pai branco. Conversamos bastante sobre sua experiência com o doutorado. Me conta do seu percurso como professora e do como quando fez o concurso (em 1969) não havia professores psicólogos no quadro. Em 1974 vai com o marido para os EUA (ele foi fazer doutorado). Fala de algumas experiências de pesquisa, e de como em suas análises foi entendendo a importância de analisar as diferenças de classe e raça nos processos de pesquisas. Diz que percebia que suas análises não eram boas e que com isso o doutorado foi uma consequência. Conta de como foi um divisor de águas ter ido estudar com Donna Haraway, diz que nessa época já tinha dois filhos. Fala sobre como começou a teorizar sobre feminismos, mas que na sua volta foi difícil não ter um doutorado na área da psicologia e que ficou sem emprego. Fala do carinho que nutre por Donna Haraway e do como foi importante ter conseguido se aprofundar nas discussões feministas. Conversamos sobre a produção de mulheres e como as traduções dificultam a aproximação com os conceitos de escritoras como a própria Donna Haraway. Sandra foi orientada por Donna Haraway, foi aluna de Gayatri Spivak e amiga de bell hooks. Conto de uma situação nas aulas de Spivak, que não estava entendendo nada e que encontrava-se com dificuldades e foi falando sobre isso com a professora, que conseguiu com a intermediação da mesma, avançar nos estudos da disciplina. Falamos sobre como é necessário esse movimento por parte das professoras: se tornar acessível para suas/seus alunas/os.

Sandra encontrou no doutorado uma comunidade de aprendizagem e desenvolvimento. Ter comunidades de pertencimento é importante para o enfrentamento aos sistemas de opressão que seguem operando e constituindo espaços pouco acolhedores. Christine Ladd Franklin, quando fundaram a Sociedade de Psicólogos Experimentais e proibiram a entrada de mulheres, protestou publicamente contra essa medida sexista. Virgínia Bicudo, em nosso país, enfrentou pesadas campanhas de difamação perpetradas por psicanalistas homens. Em uma delas, divulgavam que quem se analisasse com ela se tornaria esquizofrênico.

Memória é um ato de olhar para o lado e ao longe no passado, para o perto e para aquilo que se acostumou a deixar de fora. Leia estudantes que se formaram na tua universidade, leia colegas, leia pesquisadoras brasileiras, leia literatura, veja filmes, escute as pessoas mais velhas. Conheça a história do Brasil para além do senso comum e estude história, mesmo que a formação em Psicologia não te exija. Abra o corpo para as histórias que não estão nos livros e tu vai se surpreender. Virgínia Bicudo foi uma pioneira, não só no campo da psicanálise, mas também no campo da sociologia (sua primeira formação). Carlos

Cesar Marques Frausino (2020) afirma que se tivéssemos uma fotografia com os fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, teria destaque Virgínia Bicudo,

(...)a primeira pessoa a deitar em um divã no Brasil, e possivelmente na América Latina, foi uma mulher negra, não médica, filha de pai negro e de mãe imigrante italiana; alguém que se interessou pela sociologia e depois pela psicanálise como caminhos para ampliar o seu entendimento acerca de questões raciais e de sua própria vida (Frausino, 2020, pp.229-230).

Virgínia foi uma intelectual que fez de sua experiência motivação para enfrentar ambientes racistas, machistas e elitistas. Sua sede por conhecimento tem a ver com uma necessidade de pensar os assuntos urgentes que influenciavam sua vida: a discriminação racial e o racismo. Em 1938, ela foi a única mulher na turma de oito formandos do curso de sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Anos depois, na mesma instituição, defendeu sua dissertação de mestrado intitulada Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. Um resgate por estas histórias de pioneirismos é urgente para uma política de memória em nossos trabalhos e fazeres. Os resultados da pesquisa Virgínia questionavam visões hegemônicas que postulavam a existência de uma harmonia racial no Brasil, ou que a discriminação era resultado de uma questão de classe social. Por meio da intersecção entre sociologia, antropologia e psicologia social, a intelectual teceu uma ampla pesquisa acerca das relações sociais na cidade de São Paulo, destacando a mobilidade social e o preconceito de cor como traços de relevo na dinâmica da cidade (Frausino, 2020). Olhe o que Clélia Prestes escreve:

Brasil, 2020, um campo que inclui a psicologia, psiquiatria e psicanálise, e que costuma ser denominado como campo “psi”, pretensamente neutro, busca promover a saúde mental a partir de um referencial de psiquismo tido como universal. **Conivente com algumas violências, aliado a outras, e violentando novamente quando não escuta outros referenciais e patologiza²⁸.** Via de regra, desconsidera as relações raciais, enquanto procura invisibilizar figuras negras com contribuições notáveis. Não sou eu do campo psi? (2020, p. 54).

Clélia reconta a história da Psicologia: aciona personagens como Juliano Moreira, Virgínia Bicudo e Neuza Santos. E mostra como as/os precursoras/es do campo psi no Brasil são negras/os. Pensar sobre como escolhemos (e escolhem por nós uma certa história da Psicologia) me fez voltar para o trabalho de Silvia Cusicanqui com o *taller* oral das mulheres andinas. A partir do trabalho com a história oral, a autora pensa as suas relações com a

²⁸ grifo meu.

produção de conhecimento e com a memória: “Un pasado remoto emerge vivo, imágenes atávicas salen a la superficie y actúan, la furia de los tiempos se desata. Este es el tipo de conocimiento, riesgoso y abismal, que me ha deparado la historia oral, y con ello he encontrado también, paradójicamente, los límites de la escritura²⁹ (2012, p. 16). A história que passa de geração em geração, que vai sendo contada por entre trabalhos de conclusão de curso e entre teses e dissertações é muito mais do que artigos que ficam, as histórias omitidas nos livros de histórias explodem nossas práticas e sua eficácia quando não entendemos que o mundo é muito maior que a história ocidental narra. As avaliações das pós-graduações e o que fica dessas memórias são distinções importantes de fazer. O que não narramos nas versões “oficiais” de nossos trabalhos? Silvia (2012) diz que há quem ache que o trabalho com a oralidade é um exercício passivo, como se só se tratasse de ligar o gravador e depois transcrever depoimentos. É muito mais do que o exercício de transcrever histórias, diz de uma relação com a memória para além do que fica registrado. O que sentimos? Como nos movimenta as histórias que entramos em contato? O que fazemos com as histórias que escutamos para além da história “oficial”? Como resgatar o passado para moldar o futuro?

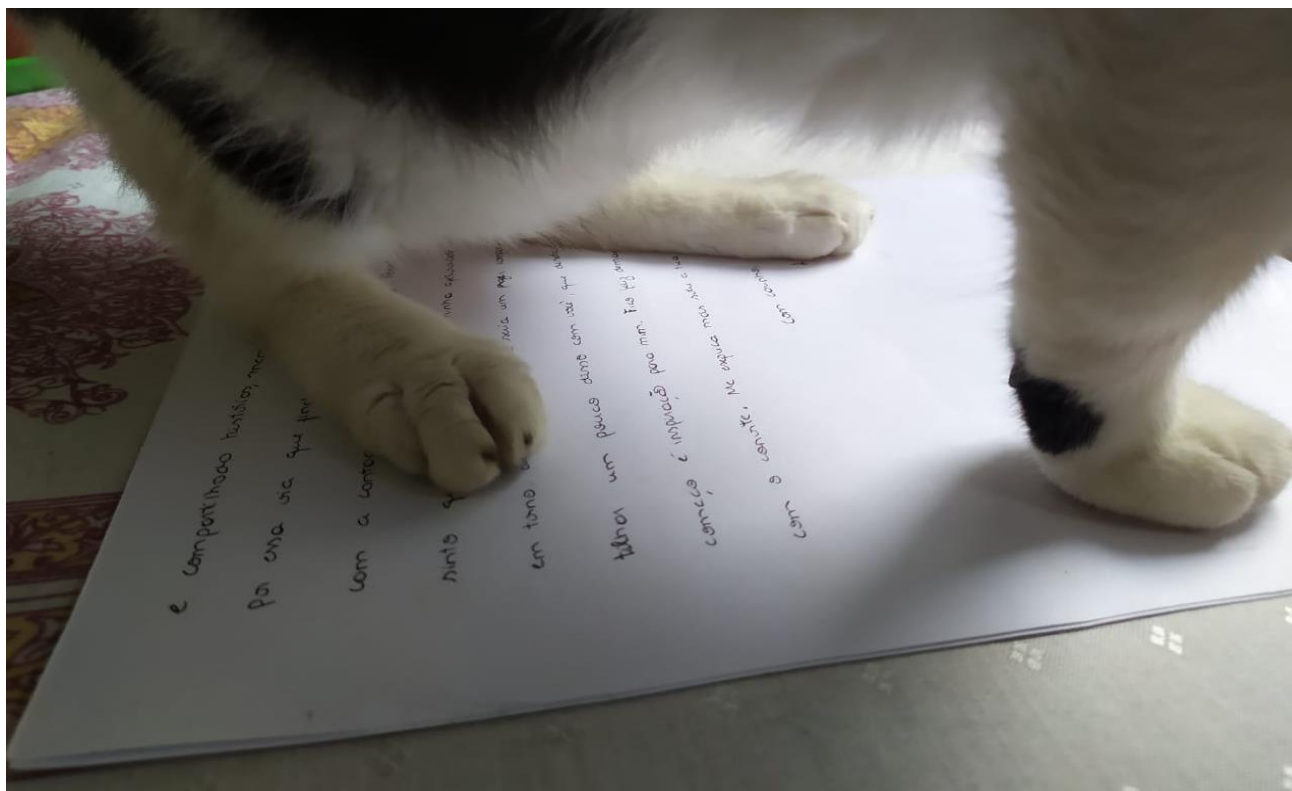
Um forte e apertado abraço, Bruna

²⁹ Um passado remoto emerge vivo, imagens atávicas surgem e agem, a fúria dos tempos é desencadeada. Este é o tipo de conhecimento, arriscado e abismal, que a história oral me trouxe, e com ela também encontrei, paradoxalmente, os limites da escrita (tradução livre).

Carta-ensaio 3

Cartas e conversas com uma jovem pesquisadora:
construindo uma metodologia

Do fundo do meu coração
Do mais profundo canto em meu interior, ô
Pro mundo em decomposição
Escrevo como quem manda cartas de amor
(Cananéia, Iguape e Ilha Comprida, Emicida)



Legenda: fotografia de Maria Laura Medeiros Bleinroth oferecida como parte de nossa correspondência.

3.1-Afirmando uma língua para a pesquisa

Porto Alegre, outubro de 2021.

(...)faltavam palavras. Palavras que não fossem traduções simplórias e reducionistas de um projeto colonial que nos redefiniu a partir de seu próprio molde. Palavras que não fossem representantes da vitória do colonizador que nos impôs sua língua, seus signos, sua narrativa, suas definições. (Paula Rita Bacellar Gonzaga, 2019)

Querida,

Lembrei do dia em que nos encontramos e tu disse:

— Cuida o correio! Te mandei uma carta!

Fazia quase um ano em que não encontrava com alguém conhecido que não fosse por uma tela de computador. A ansiedade de não saber o que fazer deixou meu coração acelerado. Fiquei feliz com teu carinho e na expectativa por tua carta, que me deixou alegre, inspirada, surpresa e instigada. Levei um tempo para começar a te escrever de volta, já fui uma carteira mais ágil, mas a pandemia e o trabalho remoto tem feito com que o tempo para instaurar correios tenha se escasseado, me senti em falta com as pessoas que tão generosamente me escreveram. Algo que já te adianto: o tempo é uma dimensão importante em uma pesquisa. Li um artigo e lembrei de ti. O autor escreve uma carta à pós-graduação e ele fala um pouco sobre o tempo.

Um professor querido, Carlos Lucena, em suas aulas durante o doutorado comentava que “é preciso tempo para ler e tempo para pensar no que se leu”. Será que temos esse tempo nos nossos, para mim, curtos e intensos encontros? Será que tenho tido esse espaço? Concordo com ele, preciso de tempo para ler e pensar no que li. Mais do que pensar, preciso do tempo para sentir, experimentar, degustar, mastigar, engolir, digerir e integrar o que devorei nas leituras, aulas, reuniões, falas, encontros, pesquisas, escritas... preciso de tempo para viver os nossos encontros e também de tempo para expurgar o que não cabe mais em mim após isso. Tempo para processar (Tiago Amaral Sales, 2021, p. 91).

Tu vai notar que as cartas que te mando tem tempos diferentes, essa é uma das belezas de escrever cartas; é possível voltar de um assunto a outro, escrever e mudar a ordem de envio, escrever uma ideia em um ponto e lembrar dela muitas cartas depois. As que te mando foram escritas assim: no rodopio da vida que fez uma tese dançar em um ritmo que por vezes me angustiou. Para dançar-escrever em tempos pandêmicos escolhi a vertigem dos rodopios. Não sei se tu lembra de um brinquedo de pracinha chamado gira-gira (uma roda em que nos sentávamos e a girávamos na velocidade que as/os viventes sentadas/os

aguentavam), meu gosto pelos rodopios vem de lá. Gosto dos giros e da sensação de embaralhamento, algo que sustento em minhas escritas. Um ir e vir que possibilita esticar essa teia de relações que fui tecendo ao longo desses últimos quatro anos (ou seria seis anos?). Para realizar o sonho de ter um título de doutora e quem sabe um dia ser professora acadêmica efetiva, escrevo entre os rodopios da vida.

O rodopio configura-se como o giro que desloca os eixos referenciais, fazendo com que aqueles princípios que comumente são compreendidos como objetos a serem investigados e que por uma série de relações de saber/poder são mantidos sobre uma espécie de regulação discursiva sejam credibilizadas como potências emergentes e transgressivas. (Simas; Rufino, 2019, p.35)

Rodopiar me faz lembrar dos meninos Giramundos, lembra deles? Falei deles nas primeiras cartas que compõem a minha tese; girarmundos deveria ser verbos estudado na universidade. Girarmundos é conceito implicado em fazer crítica aos conhecimentos assentados em bases racistas, homofóbicas, misóginas e sexistas. Girarmundos é pegar sua pesquisa e seu tema e fazê-lo conversar com gentes diversas, com responsabilidade à diversidade dos mundos que nos rodeiam. Girarmundos não é tranquilo e cuidado com a vertigem, pois para aprender a girar é preciso aprender a cair. O tombo é um exercício de constituição de mundo importante, pois aprender a cair e levantar, entender a força do chão que nos sustenta para levantar nossas cabeças para além do que nos ensinaram a olhar é um procedimento de pesquisa importante. E nisso, lembro de Maria Laura, pesquisadora que encontrei na UFAL, quando ela era orientanda de mestrado da Érika. Não estava nos planos conversar (trocar cartas com ela), mas acompanhar seu processo de pesquisa, entrar em contato com sua dissertação me aguçou a curiosidade. Maria Laura é pesquisadora das aprendizagens que se dão por fios, entre bordados e riscados de senhoras que conhecem o mundo em mais profundidade e estão nesta existência a mais tempo que ela e eu. Laura trabalha com o alargado da memória de suas mais velhas e com isso vai recontando uma Psicologia outra desde o que chamou de pedagogias subversivas. Uma pesquisa das memórias e que com elas vai nos ensinando sobre saber, ensinar, pesquisar, conversar. Com Laura aprendi como precisamos nos ater aos fios e como eles vão se entrelaçando nas relações que estabelecemos, assim como uma mulher bordadeira vai aprendendo o mundo desde suas linhas e agulhas. Uma memória, assim, que é pelas mãos, acessada a partir do corpo e como este vai desenhando o mundo em bordados. É como se Laura nos convidasse a adentrar nas memórias mais afetivas de nossas vidas (das dela e das minhas), influenciada por ela e por Flávia, revisitei

muitas memórias de minhas avós e meus avôs. Te deixo um trecho de uma carta que ela muito gentilmente me mandou falando um pouco do seu processo de pesquisa e aproximação com as mulheres com quem conversou. No ensaio 5 tu vai encontrar uma série de fotos que ela me mandou (lindas!).

Tenho feito minha pesquisa de campo - não tão no campo assim, já que tem sido por vídeos -, e encontro o amor como o caminho para abençoar o meu encontro com os interlocutores. Algumas vezes penso em estar fazendo errado, com aquele velho sentimento de "munda" a pesquisa com a ausência da neutralidade, esta rejeitada pelas normas que querem segurar nossos corpos. Mas, sabe, Buena, eu não poderia estar mais feliz. Se estou com esse sentimento, estou no caminho certo. Tem sido lindo conhecer, de fato, cada uma dessas idosas. Tenho dedos gongolados constantes em novos encontros. Elas alimentam meu amor pela pesquisa e, sobretudo pela vida neste momento tão delicado. Temos conversado

e compartilhado histórias, memórias e afetos. Será por essa via que finalizarei a pesquisa/escrita, com a contação do que temos vivido. Penso e sinto que estou no ápice da minha aptidão em tanto dessa pesquisa e seria um prazer compartilhar um pouco disso com você, que desde o começo é inspiração para mim. Fico feliz demais

Legenda: correspondência pessoal, abril de 2021. Não repare nas bordas amarelas, elas surgiram quando recortei um trecho da carta de Laura.

Tu nem sabe que cogitei fazer a tese em uma versão mais próxima do formal, tentando dar conta de escrever introdução, revisão bibliográfica,

discussão de dados e conclusão, mas a escrita saiu tão morta, mas tão morta que causou estranhamento na/no orientadora/orientador. Quando o Luciano e a Érika me perguntaram por onde andavam as cartas, levei uns dias para entender que era com elas que terminaria o doutorado. Para tanto, dois livros me vieram à mente: *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos* (2008) de Contardo Calligaris e *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa* (2012) de Débora Diniz. O primeiro eu li há muito tempo atrás, quando iniciei o trabalho no acolhimento institucional para crianças (meu primeiro emprego como psicóloga) e o outro eu li na minha primeira experiência como orientadora de bolsista de Iniciação Científica quando orientei a Thaís Gomes de Oliveira. Naveguei brevemente por eles nesses dias enquanto te escrevia e a partir desta lembrança tomo coragem pra assumir a ideia de que tenho algo a te transmitir e de que meu percurso pode interessar outras/os pesquisadoras/os. Posso ser sombra para que tu vá constituindo possibilidades para teu processo de formação.

E minha inspiração são mulheres que tomaram/tomam a escrita como uma questão em suas vidas; mulheres escritoras como Françoise Ega e Carolina de Jesus e a pesquisadora Flávia Fernandes de Carvalhaes. Te escrevo inspirada na pergunta que Françoise faz a si mesma: “De que adianta? (2021, p.8). Ela (Françoise), mulher negra, trabalhadora doméstica na França, seguiu apostando nas escritas depois de se encontrar com Carolina de Jesus; não um encontro físico, mas um encontro tão intenso que a fez seguir apostando nas palavras e nos textos. Por que escrever? Como seguir escrevendo? Para que tu conheça um pouco mais da Françoise, te mando uma carta dela (um registro datado de 17 de setembro de 1962).

Enquanto escrevia as últimas frases, Carolina, encostada na máquina de lavar (é preciso encontrar um cantinho tranquilo), meu marido, desanimado, disse que o que eu escrevia seria um fiasco, que não era necessário falar de coisas que não me diziam respeito. Se ninguém não está nem aí para nada, a palavra “egoísmo” faz mais sentido do que nunca. Logo depois, comentou que eu folheio meu dicionário com muita frequência; segundo ele, os romancistas não necessitam de dicionário. Maldosamente, acrescentou: “Sua papelada é um papelão, um mamoeiro macho! Flores ao vento! Nunca dará frutos! Você tem que falar sobre lanchonetes e piscinas! Garotas bronzeadas tomando banho na praia, as pessoas adoram isso! Quem vai se interessar por histórias de negros?” Eu poderia ter desanimado. Mas, Carolina, vejo você escrevendo à luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, me debruço então sobre uma nova página e a encho de realidade (2021, p. 33).

Uma pesquisa se faz de encontros como esse que Françoise teve com Carolina, como o que tive com as duas, como os que tive com as pessoas que aceitaram conversar comigo e se sigo é pelo efeito que a generosidade alheia pode causar. As cartas para ti foram escritas entre muitos momentos em que segui emperrada com a tese, preocupada com o desemprego futuro, com nosso país que tem ficado cada vez mais violento, opressor e pouco sensível à fome do outro. Como apostar no futuro, se nosso presente vem sendo desmontado peça a peça? Tu me pede conselhos sobre o mestrado, sobre seguir no mundo acadêmico, sobre pesquisas, sobre como seguir quando a academia te parece inacessível demais e sobre apostar em uma carreira que talvez não tenha futuro. Como seguir na universidade podendo falar com tua própria língua? Tu me pergunta.

Quando leio tua carta me encho de empolgação, mas no minuto seguinte recaio num pessimismo profundo e na síndrome de impostora. Não sei como é isso pra ti, por aqui eu convivo vinte quatro horas com essa sensação que é sempre um misto de empolgação por ter algo a ensinar e medo por não me sentir suficientemente preparada, por não ter feito todas as leituras que as outras pessoas dizem que fazem. Por não saber o suficiente. Mas me arrisco. E quando o Luciano e a Érika me sugeriram que eu escrevesse pensando em estudantes mais jovens que eu, em uma espécie de transmissão, logo pensei em nossas cartas.

A insegurança é companheira nesse processo e a síndrome da impostora³⁰ é algo bem comum em mulheres; precisamos pensar sobre isso. Como se produz esse sentimento que não vejo os colegas homens compartilhando? Lendo tua carta lembrei de Carolina de Jesus, de Lydia Francisconi e de Gloria Anzaldúa; mulheres que escrevem como se suas vidas dependessem disso. Os livros das três não circulam nas aulas de epistemologias e de metodologias de pesquisa, elas não são acionadas como chaves de entendimento para os fazeres psi, e sinto por isso, temos muito a aprender com elas. E também escolho acionar as memórias que Flávia compartilhou comigo, memórias das mulheres de sua vida. Flávia é professora de Psicologia na Universidade Estadual de Londrina no Paraná (UEL). Conheci ela por intermédio da Érika. Tivemos uma troca de cartas intensa e interessante no final do ano de 2020. Flávia passa por mim como aquela brisa leve que acolhe em tempos de calor.

³⁰ **Síndrome da impostora**– De uma forma muito genérica, a síndrome da impostora é aquela sensação de fraude, de fracasso que nos acompanha mesmo quando as coisas vão bem e mesmo que você esteja tendo sucesso em sua vida acadêmica e profissional. Sabe aquela sensação de sempre achar que alguém lhe fará uma pergunta que tu não sabe a resposta, ou que seu trabalho não é bom o suficiente, mesmo as pessoas dizendo que ele é bom. Isso é um pouco de como a síndrome da impostora ocorre. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1978 em um estudo dirigido pelas pesquisadoras Pauline R. Clance e Suzanne A. Imes que analisaram 150 mulheres que haviam alcançado êxito em suas carreiras e que mesmo assim, eram acompanhadas pela experiência de não conseguir valorizar seu sucesso, por entender que não mereciam.

Gosto de falar da pesquisa como se construísse pequenas versões dela: em cada carta conto uma versão da mesma e vou costurando carta a carta uma tese-tecido mediada pelas conversas que tive nesses tempos de doutorado. Costuro com folhas de papel e cartas! Tanto a dissertação quanto a tese tem esse tom: ir escrevendo, apresentando, introduzindo as pessoas envolvidas, contando as conversas que tive e como elas reverberam em mim. O que importa é a intensidade dos encontros e das relações que estabelecemos. E para isso, para que o processo de instauração de um correio funcione, precisamos olhar para a língua com a qual narramos os processos e com a qual nos pomos em diálogo (Battistelli; Oliveira, 2021).

“Cada vez mais, somente um tipo de teoria é visto como valioso - aquele que é eurocêntrico, linguisticamente empolado e embasado em abordagens filosóficas ocidental - masculino-branco- machistas e racialmente tendenciosas” (bell hooks, 2019, p. 88). Ela fala sobre a produção de conhecimento feminista branco nas universidades nos Estados Unidos. Mas podemos pensar sobre isso também para o campo da pesquisa em Psicologia Social e dos feminismos brancos no Brasil. Há textos, formas de escrever que não me parecem que se querem acessíveis; quando falo com colegas e amigas/os com mais intimidade, muitas histórias de sofrimento, de textos que não foram entendidos, que foram penosos para ler/escrever surgem. Não se reconhecer em um texto, não entender e ter vergonha de expressar isso em aula foram experiências que me acompanharam na formação. Se foi assim contigo também, lembre-se que a pós-graduação pode intensificar experiências como essa; criar comunidades de leitura, de estudos, de partilha de experiências é importante. Sobre experiências e como essas nos são caras, lembrei de um trecho de uma carta escrita por Saulo, professor na UFAL (Universidade Federal de Alagoas). Falando nisso, não sei se falei de Saulo; o conheci quando comecei a frequentar o Edis na UFAL e ele circulou os cards de seu projeto de extensão (o Freakções) no grupo do whatsapp: era um convite para ler obras da ficção científica em grupo e conversar sobre. Frequentei o Freakções por um semestre e um pouquinho (lemos obras como Frankenstein, A mão esquerda da escuridão, Parábola do Semeador, A Cidade e a Cidade, O Homem do Castelo Alto, Solaris, etc). A ideia era conversar sobre as obras como possibilidade de produção de outras narrativas possíveis. Minhas cartas com Saulo são dessa época (2021) e falam sobre mundos possíveis, ou melhor formas possíveis de habitar o mundo. Durante todo o processo de formação nunca tinha participado de um grupo tão diverso, formado por pessoas dos mais variados lados do país e com os mais diversos interesses. Trazer a Octavia Butler como uma interlocutora possível na tese diz dessa época. Com o povo que habitava o

Freakções, senti que podia dialogar com autoras da ficção científica em meu trabalho como psicóloga.

Por falar em mundo devastado, comprei o livro da Octavia, ainda não li, tá guardado, mas logo logo vou ler... aprendendo com você que as temporalidades podem ser outras e que algumas delas são importantes e precisam da presença do experimentar, da experiência de estar presente. Uma coisa que venho pensando sobre isso é a forma instrumental que nos treinamos diariamente para nos retirar da experiência e nos guiar metodicamente pelas informações. A experiência apresenta-se para este mundo moderno/global como algo perigoso, que coloca em dúvida o modo que seguimos as coisas, que possibilita encontros furtivos, astuciosos, a experiência como um ladrão... Srsrsrsrsr... Há um medo hoje em experimentar, em sair do playground, das pistas de ciclismo, das piscinas, dos passeios turísticos, das rotas traçadas... acho que aqui de novo nos encontramos com o confiar em nós, no ato de experimentar com os outros e o mundo... mas ao contrário, me parece que há sempre um ato de desconfiar de nós... por isso a sua pergunta (e da Octavia) são tão potentes. Para confiar é necessário experimentar. Estou eu aqui, experimento através de sua carta a escrita solta, um livre devaneio, em tempos de abarrotamentos de artigos...

(Correspondência pessoal, janeiro de 2021).

Conversar com Saulo me fez lembrar que não há passado para o qual voltar e muito menos um futuro mágico no qual possamos nos refugiar: o que há é o tempo que vivemos, as sementes que plantamos, as pegadas que deixamos (Ailton Krenak, 2020), as relações que tecemos. Como habitar um mundo devastado (com todo o tipo de assolação e destroço que nele é presente)? Uma pergunta que Saulo fez no primeiro encontro do Freakções e que deriva de um texto que ele escreveu com João Paulo Macedo (2021): *Encontro com os territórios tradicionais: possibilidades para habitar uma terra devastada*. O devastado é o hoje e vem sendo o hoje desde que se inventou uma ideia de uma humanidade branca e centrada nos saberes da Europa. O que fazemos para moldar possibilidades no mundo presente que habitamos?

“A amizade e a confiança não se compra, se adquire com seus atos” (Lydia Francisconi, 2010, p. 119). Quando conversei com Saulo sobre confiança, lembrei de nossas conversas: para conseguirmos dizer em público que algo não nos é acessível ou que não entendemos, precisamos confiar na/no outra/o. Se uma aula não faz sentido, precisamos de confiança para conseguir dizer para a/o professora/professor (nosso medo é de que a/o mesma/o tome isso como uma ofensa pessoal). O medo e a falta de confiança para afirmar que aquela leitura não foi entendível, de que sobre tal conceito não se sabe nada é algo que pode paralisar os processos de pensamento e de escrita. As/Os professoras/es

aprenderam a temer os conflitos em sala de aula (bell hooks, 2021), bem como as/os alunas/os temeram as violências possíveis que podem surgir nesses encontros. É preciso confiança para que possamos construir uma comunidade de aprendizagem, um desafio que só pode ser superado no coletivo. E os livros da Octavia são entre outras coisas sobre confiar entre os destroços de um mundo devastado.

Tu precisa se preparar psiquicamente para encontrar um ou outro colega (muito provavelmente homem cis branco nascido na classe média/alta) que parece que domina todas as leituras do mundo; esse tipo é bem frequente na pós-graduação. Não se deixe dominar pela síndrome da impostora que esse encontro vai te acionar e lembre-se que intelectualidade não tem nada a ver com a quantidade de citações que tu consegue fazer em uma aula ou em uma escrita, ou o quão difícil é a forma como tu te comunica. Gosto de uma definição ofertada por Kabengele Munanga: "Intelectual é um cientista que influencia na mudança da sociedade humana. Você pode ser um cientista que passa a vida no laboratório, mas não se incomoda com os rumos da sociedade. É cientista sim, mas não é intelectual" ³¹. Seguindo o que o autor fala, ser uma intelectual é firmar compromisso com as línguas em sua multiplicidade e com isso desdobrar possibilidades para um mundo mais justo. Não tem a ver com reproduzir sistemas de conhecimento que são passados de geração em geração em uma espécie de herança colonial que percorre gerações. Sobre essa conversa lembrei de um trecho de uma carta de Lisandra Moreira, professora na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e com quem conversei e troquei cartas:

Às vezes tenho a impressão que nas turmas de início de curso as vozes/línguas são mais plurais, mais selvagens e carregam mais vivas as marcas da trajetória de cada um. No final do curso, a gente vai percebendo um jeito específico de falar, um certo juridiquês (já que estou no curso de direito), mas também encontro um psicologuês quando estou nas aulas da pós em Psicologia. Fico pensando nas perguntas que você levanta na carta que fez para a colega: "Que projeto de mundo estamos reproduzindo em nosso cotidiano, com nossas ações? Com o nosso estar em sala de aula?" Então me questiono se essa adaptação da língua não precisaria ser tensionada também. Certamente uniformizar o jeito de falar vai delimitando algumas possibilidades no espaço acadêmico. Dominar a língua que é dominante é uma ferramenta poderosa (Correspondência pessoal, abril de 2021, s.p.).

³¹ Kabengele fala sobre o que ele entende como cientista e intelectual em uma reportagem especial. Te aconselho a ler o restante do texto se tu quiser saber mais sobre o que o intelectual está falando, pode acessar o restante do texto no link: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/intelectual-deve-influenciar-na-mudanca-diz-antropologo-kabengele-munanga/#pagel>> acessado em 27 de dezembro de 2021.

Minha conversa com Lisandra foi sobre línguas possíveis para o ensino de psicologia para não psicólogos (ela trabalha com estudantes de direito), sobre a experimentação de exercícios de escrita contra-hegemônicos (partilha de experiências pessoais e escritas de contos), sobre maternidades e o fazer psi fora dos muros da formação em Psicologia. Nos meses posteriores à primeira conversa que tive com Lisandra, ela publicou um livro de contos que escreveu pensando em seu encontro com a Psicologia Jurídica. Contos que escreveu em uma oficina de escrita e que tinham relação com sua docência. Fazer da experiência matéria para a escrita e desta, conteúdo de aula é uma preocupação de Lisandra.

Lisandra é uma das autoras de um artigo (*Meu lugar é no cascalho: políticas de escrita e resistências*) muito legal escrito à muitas mãos: por Érika, Lisandra, Késia e Simone. Um tecido entremeado por mulheres e suas histórias, no qual contam de suas avós, de suas mães e de como essas relações as vão constituindo como mulheres escritoras e pesquisadoras. Pensar em uma língua para tua pesquisa é pensar sobre território habitado, sobre a casa e os caminhos que tu vai habitando e sobre como podemos habitar os casarões velhos que o cânone acadêmico esvazia de vida para que sigamos com nossas línguas selvagens. Pensando no que Lisandra nos oferta, penso no meu próprio percurso pela graduação, pelo mestrado e pelo doutorado e do quanto foi preciso que eu me imundasse de mundos para além dos muros da universidade para que uma língua conversadeira e oralizada pudesse ganhar espaço. Pontuações próximas às que Lisandra faz sobre a língua aparecem na tese de Paula Bacellar Gonzaga (2019) que narra um episódio em que foi questionada sobre sua língua (uma participante da pesquisa lhe questionou que não entendia o que ela dizia, que sua linguagem não era a mesma da participante) e como ela (Paula) se deu de conta que mesmo sendo uma mulher de origem pobre, chegando na universidade com uma outra língua, teve seu falar modificado pelo percurso acadêmico.

Pensando nas discussões que elas apontam, lembro de uma cena de trabalho: estava atendendo uma adolescente no serviço de acolhimento em que trabalhava. No meio da conversa ela me olhou e disse: “aí, não aguento quando tu vem com essas conversas!”. Perguntei que conversas eram essas e ela me disse que era cansativo quando eu vinha com a língua da psicologia, quando eu começava a falar psicológicas. Desde lá, venho pensando em como fazer transpor aquilo que na universidade estudamos, para uma língua da vida cotidiana das pessoas (e sim, ainda temos essas diferenças, ainda há uma vala gigantesca que separa mundos). Mas há cada vez mais pessoas tentando diminuir essas distâncias, o convite é que tu também produza pensando nisso.

E são mulheres escritoras como Carolina (de Jesus), Lydia (Francisconi), Gloria (Anzaldúa) e Octavia (Butler) que me inspiram a olhar a escrita como um

problema em minha tese. Elas viveram suas escritas, lutaram para que fossem publicadas, escreviam mesmo não tendo apoio para isso. Escreviam e inscreviam a si enquanto escreviam suas histórias. Uma catadora de lixos, a outra paciente de um hospital psiquiátrico, uma chicana e uma filha da empregada doméstica; simplificações que tu vai escutar por aí quando ouvir falar delas. Para mim, são raios de Sol que irradiam uma luz tão forte que me põem a escrever, são como o vento forte que faz voar os cabelos e apressar o passo: são mulheres que me ensinam que é urgente que nos coloquemos em posição para que não sejamos engolidas pelo que esperam de nós e pelo que nos oferecem. Pensar nelas faz o pensamento correr mais rápido, faz da ocupação dessas páginas um exercício de existência. E o que isso tem a ver com a escrita acadêmica? Tudo! Precisamos de amigues e guias intelectuais que permitam que possamos seguir nossos próprios caminhos com nossa própria língua: indomada, incomodada, bifurcada, imundada pelo que nos rodeia.

Quando comecei a marcar as conversas com as parceiras de trabalho (conseguir o contato, escrever o email, esperar a resposta) a timidez me acompanhou, tinha vergonha, pois a maioria das pessoas eram professoras com uma grande experiência na pesquisa e na docência. Nas quatro primeiras conversas (com Lisandra, Jaileila, Dani e Adriana) gaguejei, suei, travei, com o coração saindo pela boca, ficava admirada de mulheres tão poderosas terem aceitado conversar comigo. Depois de várias conversas, lembro de Maria Paula Meneses que me disse que uma das funções de uma professora é oferecer sombra para que as/os alunas/os possam descansar, encontrar paragem e seguir suas próprias trilhas. Oferecer sombra para que a aprendizagem possa se constituir, uma bela imagem que me foi ofertada por Maria Paula.

Com o tempo, ao longo das conversas, fui percebendo que cada uma/um iria me ofertar aquilo que sentia que conversava com o meu convite. Não ter perguntas pré-definidas me levou a aceitar as ofertas que vinham e perceber que quando nos colocamos ao lado, em parceria, a composição no entre não necessariamente responde aos nossos desejos; a pesquisadora precisa aprender a operar com as ofertas gestadas no emaranhamento de desejos que acontecem no/pelo encontro. As questões e problemas que por aqui reverberam se encontram com questões e problemas que reverberam em outras pessoas.

Desde que a gente se conheceu mudei bastante o referencial teórico com que produzo conhecimento. Uma mudança que fica visível em dois textos meus que saíram em 2021. Eles contam de processos de escrita que têm uns dois anos de diferença. Em um (*Cartografias: A Escrita Acadêmica entre Cuidado, Pesquisa e Acolhimento*) conto minha dissertação e nele a parceria de escrita é com Gilles Deleuze e Walter Benjamin. No outro (*Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica*) que escrevi com a Érika, as

referências são Silvia Cusicanqui, Esperança Garcia, Gloria Anzaldúa, entre outras intelectuais. Tenho orgulho e carinho pelos dois e eles me lembram que conversar é ação no mundo e as parcerias podem ser as mais variadas possíveis. E quando nos colocamos a escrever uma pesquisa, precisamos pensar em como queremos nos relacionar com nossas/os leitoras/es. Sobre a produção de teoria feminista, ela (bell hooks) afirma:

A teoria feminista está se tornando rapidamente outra esfera do elitismo acadêmico, no qual o trabalho que é linguisticamente ininteligível, que se aproxima de outros similares, é considerado mais sofisticado intelectualmente, mais teórico, do que o trabalho que é mais acessível. (...) Toda vez que isso acontece o potencial radical, subversivo dos estudos feministas - e da teoria feminista, em particular - é enfraquecido (2019, p. 89).

Nesse mesmo capítulo, ela diz que é fácil a gente se tornar conivente com as estruturas de dominação, mesmo quando tu faz parte de um grupo oprimido. Esse é um ponto que ela vai abordar muitas vezes no livro *Erguer a Voz* e, se tu tá pensando mesmo em entrar pro mestrado, te indico a leitura. Quem é deixado de fora de uma produção hermética e empolada (utilizando o termo que a bell usa)? Com o que(m) tua escrita é comprometida?

Quando Flávia me contou da avó dela e eu contei da minha, nas primeiras cartas, não parecia que estávamos falando de universidade e de produção de conhecimento. Falávamos do que nossas avós nos ensinavam, dos silenciamentos que elas viviam, do que ensinaram para nossas mães e para nós. Foram cartas sobre costuras, plantas, cozinha, sobre o tempo e sobre outro tempo. Precisei de uma certa distância da nossa troca de cartas para perceber que Flávia me instigava a olhar para mulheres além das que produzem conhecimento na universidade, como se ela me convidasse a tirar o feminismo da academia e o levasse para minha família, para casa.

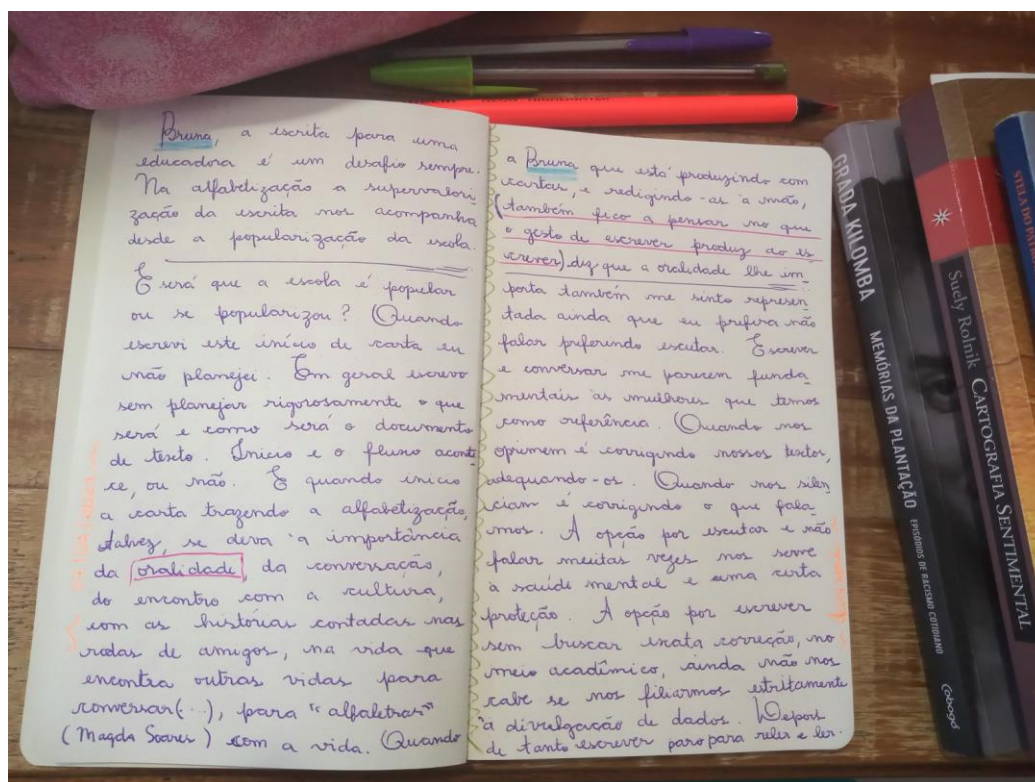
E percebi que sempre tenho muita vergonha de falar de minha família, da profissão de minha mãe, de me reconectar com a memória de minhas avós. Fui socializada na graduação em Psicologia e em uma parte do mestrado a entender que conhecimento é o que se produz na universidade, que pesquisa é o que se faz na pós-graduação e que escrever produz sofrimento. “Somos ensinados, nos colégios e universidades, a pensar com a cabeça e os cânones do ocidente” (Luiz Simas, 2019, p. 102). Vou me encaminhando para o final do doutorado com algumas proposições e inquietações; uma delas, que quero conversar contigo é: a escrita acadêmica pode gerar sofrimentos, mas ela não pode te adoecer. Contar do teu processo de pensamento não é fácil e a ansiedade pela avaliação que passamos é sempre algo que produz algum desconforto e sofrimento, mas se

a escrita te incapacitar, se o medo da escrita te travar, há algo de violento acontecendo e há algo de errado nas relações que permeiam este processo. Pode ser uma pista de como a tua comunidade de aprendizagem e pesquisa está fragilizada.

Tu vai entrar no mestrado e ver que talvez alguém expresse o desejo de higienizar tua escrita, que ela seja formatada e isso vai causar adoecimento. O que posso dizer? Nessas horas, se isso te acontecer, procure olhar para o lado, para outros lados e procurar aquelas/es que tiveram coragem de afrontar esse modo de produzir antes de ti. Lembre das mulheres e seus diários, das poetas e do modo como criticamente sentiam o cotidiano e o mundo (um imperativo importante para o amor é sentir o mundo criticamente, afirma bell hooks no livro Tudo sobre o amor); são elas que fazem minha tese um lugar possível e um lugar povoado. Lembre dos ensinamentos de intelectuais como bell hooks e todos os enfrentamentos pelos quais ela passou. Procure por outras escritoras que travaram batalhas antes de ti, talvez elas te ofereçam pistas para enfrentar a prerrogativa de que teu texto precisa de higienização.

Essa conversa me fez lembrar de Daniele Noal (mais conhecida como Dani). Conheci ela por intermédio do Luciano; antes disso só a conhecia de nome (dos elogios pelo trabalho que ela desenvolve e por sua tese³²), de algumas leituras que fiz. Conversar com Dani foi um momento curativo pra nós, como estivéssemos as duas emprestando coisas que nos ajudam a viver na academia: ela me contou um bocadinho de suas andanças e de como é ser mãe de duas crianças, pesquisadora-professora, orientadora e escritora. Conteí como tenho resistido na pandemia e como eu e a Luciana temos criado possibilidades de fazer as escritas furarem o cotidiano. Nosso encontro foi um encontro de cuidado, de partilha de dores e amores pelo mundo da academia. Essa é uma das belezas do pesquisar enquanto uma política do cuidado, se eu tivesse escolhido fazer entrevistas, momentos como o que vivi com Dani não teriam sido possíveis. Ao longo das cartas, vou te mandar as cartas dela, uma pesquisadora brincante que em sua generosidade, segue alimentando conversas (conversei a primeira vez com Dani em novembro de 2020 e desde lá seguimos trocando cartas, referências, cuidados). Pude participar um pouquinho de um momento muito especial de Dani, que mandou sua tese para publicação em livro; tive a honra de escrever o texto de orelha desta obra.

³² Se tu tiver interesse na tese da Dani há duas formas de acessá-la: uma é no lume da UFRGS pelo link <[<Ética do brincar \(ufrgs.br\)>](http://ética.do.brincar(ufrgs.br))> ou na editora CRV onde esse ano ela lançou sua tese em formato de livro e tu pode acessá-lo pelo link: <[<EDITORA CRV>](http://editora.crv)>.



Legenda: carta ofertada pela Dani Noal (arquivo pessoal, fev/21)

Uma coisa tu vai notar: não há interpretações aqui sobre o que me foi ofertado durante o processo da pesquisa; a tese e eu nos movimentamos por reverberações, como as ondas do mar que vão se encontrando com a terra e modificando a superfície e o terreno. As cartas-ensaio foram escritas a partir do que as conversas me movimentaram, por entre deslocamentos que foram me causando. Escrevo por povoamentos: povoar uma tese é um procedimento necessário se queremos de fato descolonizar a produção de conhecimento. Mesmo se te indiquem somente corpos colonizadores oriundos do Norte global para ler e basear teu trabalho, procure colo com almas que habitam/habitaram o Sul global. Peça auxílio aos espíritos como Sobonfu Somé (2007) nos orienta. Enquanto pensava no que te dizer, eu mesma andava às voltas com a escrita e me perguntando: de que adianta escrever uma tese otimista em tempos de dor, violência e fome? De que adianta? Pergunta que reverbera em mim. Adianta quando destinamos nossos trabalhos, quando nos propomos a construir comunidades de aprendizagem, quando nossa aposta é em um projeto de mundo amoroso. Adianta quando estamos junto com outras/os que enfrentaram a violência com suas escritas encarnadas e cheias de coragem, adianta, pois com nossas histórias adiamos um pouquinho mais o fim do mundo (Ailton Krenak, 2019).

E falando nisso, lembro de duas residentes em saúde mental que tenho a honra de orientar na escrita do Trabalho de Conclusão de curso delas; falo de Letícia e de Cristina. Uma deseja um trabalho sobre a escuta de mulheres, a outra sonha um trabalho sobre acolhimento. Mulheres que sofrem por e para escrever, mulheres que sofrem com as impossibilidades que o mundo lhe apresenta. Duas mulheres que se indignam e que sentem as dores no corpo-escrita por não poderem fazer mais, pelas exigências que o trabalho em saúde mental tem lhes feito. Duas pesquisadoras que não tem medo e propõem em seus trabalhos críticas e possibilidades mesmo quando o mundo a sua volta mostra que é impossível fazer diferente. Cortam a carne da psicologia para que possam parir em seus trabalhos e escritas uma psicologia implicada com um mundo mais justo. Tem sido uma honra acompanhar o processo das duas de construírem uma língua para si, de encontrarem palavras que possam acolher a memória do vivido que passa pelo corpo de cada uma. Me alegro de ter intermediado o processo de orientação para que cada uma pudesse constituir uma língua para si em seus processos de escrita. O mundo tem exigido demais da conta das mulheres, mas nos erguemos e encontramos as brechas para nossas emoções, experiências e sabedorias.

Ao entrar na pós-graduação, desejo que tu encontre mulheres *deslenguadas* (val flores, 2010) e que tu encontre terreno para falar, pensar e se expressar sem amarras dos sistemas de dominação que conformam o elitismo acadêmico. Mulheres deslenguadas me inspiram a pensar, sentir, escrever desde minhas palavras, com a língua que me habita. Se me permito escrever uma tese em cartas, cartas urgentes, vivas e abertas, é porque estou rodeada de mulheres que me inspiram, de mulheres que batalham para que suas escritas, apesar de toda violência hegemônica, ganhe o mundo em livros, artigos, ensaios, poemas. Falo de ti, de Conceição Evaristo, de bell hooks, de Audre Lorde, de Gloria Anzaldúa, Octavia Butler, da Luciana Rodrigues, de Cristina, de Letícia, de Érika, entre outras.

Antes que tu pergunte: *deslenguada* é um termo que aprendi com val flores (2010), escritora argentina e lésbica e que me foi apresentada por Érika. Em um livrinho pequenino que carrega em si força que movimenta e que faz ventar o pensamento e as escritas. Pois bem, pesquisando aqui e ali sobre o termo *deslenguada*, descobri que é quase um xingamento, um palavrão, como se chamássemos uma pessoa de desbocada. Quando leio val flores, lembro da língua bifurcada de Anzaldúa e de como permanentemente tentam controlá-la. Em uma fabulação *deslenguada* não há pureza ou monolinguismo, mas sim uma multiplicidade de micromundos narrados em uma língua de fronteira, que resiste a ficar calada ou ser polida (flores, 2010). “La lengua de la disidencia

respira por los poros del enemigo³³” (2010, p. 32) e explode com todos os pactos de controle. Deslenguada é aquela que deixa para trás a língua na qual foi socializada e constrói uma outra para si, em uma recusa da língua hegemônica heteronormativa (Lilian Aparecida de Araújo, 2019).

La escritura deslenguada empuña una destreza nómade, vagando en las fronteras de lo periférico y lo hegemónico, entre lo masculino y lo femenino, entre lo hetero y lo homo. Generosa y suspicaz, espolvoreada con cenizas de lo orgánico, lo técnico, lo mítico, lo textual, lo político, la lengua de la proletaria vulvea alteridad situada. Todo glosario es transitorio y anida sus propias rupturas en los intersticios de lo indecible. En el ilimitado campo de la entrelínea se abren brotes arropados de no-palabra³⁴ (val flores, 2010, p.34).

Quando aciono a imagem da *deslenguada*, celebro a força de cada mulher que, nesse momento, escreve apesar do Brasil, cria apesar do cotidiano, inventa apesar do que vive e segue apostando na vida. Mulheres que entendem que “não cabe esperar passivamente” (Jota Mombaça, 2021, p. 55) quando a ameaça bate à porta. Recentemente eu vi um filme chamado Um ninho para dois³⁵ que conta a história de um casal lidando com a morte da filha pequena. Conta a perspectiva da mulher e do homem e, em um certo momento do filme, ele (o marido) percebe que a mulher e ele tem modos de lidar com a vida que são o oposto. Ele se paralisa quando encontra a dor e o sofrimento e ela é alguém que quando encontra a dor, segue em frente, vai indo e criando caminhos para ir vivendo. Me identifiquei com essa descrição; sou alguém com pressa, alguém que segue apesar do mundo desmoronando; isso é algo que aprendi com minha avó materna, com minha mãe e com algumas de minhas tias. Minha mãe é uma mulher que segue, mesmo quando a vida lhe complica a existência. Ela já precisou lidar com a falta de dinheiro para alimentar os filhos, com o desemprego de meu pai, com uma doença que na época era um tabu (muito jovem minha mãe foi diagnosticada com Lúpus). Já precisou inventar mesmo com pouco e apesar de tudo seguiu moldando mudanças ao seu entorno. Então, falando sobre a escrita acadêmica, hoje, vejo que muitas vezes eu já tentei me adaptar, falar de forma empolada, reproduzindo a linguagem que me foi ensinada. Nunca deu muito certo e as escritas saíam quase que mortas de mim e não deseje as escritas mortas que não tenham sentido pra ti.

³³ A linguagem da dissidência respira pelos poros do inimigo (tradução livre).

³⁴ A escrita desbocada exerce uma destreza nômade, vagando nas fronteiras do periférico e do hegemônico, entre o masculino e o feminino, entre o hetero e o homo. Generoso e desconfiado, salpicado de cinzas orgânicas, o técnico, o mítico, o textual, o político, a linguagem da alteridade situada da volta proletária. Todo glossário é transiente e aninha suas próprias quebras nos interstícios do indizível. No campo ilimitado entre as linhas eles abrem botões envoltos em não-palavra (tradução livre).

³⁵ Um ninho para dois: caso tu tenhas interesse, segue o trailer e onde encontrar o filme. Link de acesso para o trailer: <<https://www.youtube.com/watch?v=wGs2tmiKh14>> acessado em 27 de dezembro de 2021.

Quando você estiver no mestrado lembre-se de olhar/escutar/sentir os textos com todo o teu corpo; escute bibliotecas (Simas, 2019) que estão próximas e mesmo longe de você e faça como Flávia me ajudou me ensinando a escutar as linhas “escritas” de pessoas que estão ao teu lado e que fazem parte da tua história. Componha com linhas múltiplas, como as mais velhas de Flávia compunham. Falando em costuras de histórias, em linhas passadas, em histórias que nos acompanham, lembrei da fotografia abaixo que Dani Noal me mandou:



Legenda: fotografia ofertada por Dani Noal (fev/21).

Uma pesquisadora contra-colonial se constitui na relação que estabelece a partir da língua que usa para se relacionar com seres, objetos e entes que estão a sua volta, pelas linhas que utiliza em seu tecer. Lembre-se que você é um corpo do Sul global, não queira reproduzir processos de dominação que ainda percorrem os corredores e salas das universidades. “A escola brasileira é reprodutora de valores discriminatórios e inimiga radical da transgressão necessária” (Simas, 2019, p. 102). Para muitas/os, as palavras de Simas podem soar exageradas, mas lembre delas quando estiver produzindo tua pesquisa, escolhendo autoras/es para teu trabalho. Faça aquele trabalho que bell hooks sempre orienta: enfrente a opressora em potencial dentro de ti (2019b). Lembre-se que às vezes a opressora/opressor tem o mesmo gênero, mesma raça, mesma classe (hooks, 2019b) ou tem um corpo marcado por localizações subalternizadas. Sua escrita não está livre dos sistemas de dominação nos quais tu foi socializada; esse é um trabalho sistemático e necessário se queremos almejar um projeto de mundo amoroso. Uma

proletária da linguagem (val flores, 2010) é organizada e conversa com outras que romperam com o modo hegemônico de escrever (Araújo, 2009).

Escrevo cartas para sobreviver em uma academia que ainda segue reproduzindo valores coloniais e sigo nesse percurso inspirada em Celie (a personagem mais linda que já existiu) que escreve a Deus e à sua irmã como uma forma de se manter sã, de manter a conexão com a vida, de manter uma conexão amorosa com o mundo. Celie e Alice Walker me ensinam sobre a força da autorrecuperação, conceito que bell hooks nos apresenta. Tu ia amar as três (bell, Alice e Celie). Autorrecuperação tem a ver com a voz e com a linguagem. bell afirma que “a linguagem é também um lugar de luta. O oprimido (bell hooks, 2019b, p. 73). Alice Walker deveria ser discutida em aulas sobre metodologia e epistemologia na pós-graduação, pois o modo como ela narra as vidas das pessoas que compõem suas histórias é muito transgressor; tu vai conhecendo e, primeiramente, tu vai se apegando às personagens que ela vai ofertando, e quando tu percebe, elas estão te ensinando sobre viver amorosamente. Celie escreve cartas no enquanto, entre as tarefas do cotidiano, entre as violências que sofre; e ela vai nos ensinando o amor como ação (bell hooks, 2020b). Celie descobre uma voz verdadeira com a qual pode falar no mundo. Um exercício poderoso, pois lembre-se que Celie é uma mulher negra, assim como Alice e bell. Mulheres com as quais aprendo, mas que nunca irei compartilhar a mesma dor da experiência. Nossas existências são separadas por muitos meandros e o mais profundo deles diz respeito a raça. Falo disso contigo, pois ainda engatinhamos para pensar sobre os processos racistas de escrita e de apropriação. Vejo pesquisadoras brancas falando sobre feminismos negros, lugar de fala, sobre racismo, sem olhar para o quanto minorizam escritoras negras em seus textos, sem pensar em como se apropriam de conceitos e os embranquecem e sem repensar suas práticas mais cotidianas. Suas práticas cotidianas são o que mostram se tu aprendeu de fato com as autoras que lê. Com quem tu aprende e quem tu referencia? O que tu aprende com as autoras que lê?

A escrita acadêmica foi e é forjada no seio da supremacia branca e ela, por vezes, reproduz os preconceitos e o ideal de superioridade branca característicos da branquitude. Falando nisso te indico fortemente a tese de Paula Rita Bacellar Gonzaga. Paula é professora de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais e me foi indicada pela Lisandra Moreira (colega de universidade da Paula); ela escreveu sobre mulheres negras lésbicas, sobre ancestralidade, produção de conhecimento e vida. Conversando com Paula, ela me narrou sobre as barreiras coloniais que encontrou em seu percurso, afirmando que algumas vezes foi questionada por escrever uma tese com referencial teórico prioritariamente feminino e negro. Uma mesma academia permite e elogia que teses e dissertações sejam produzidas com referencial

prioritariamente masculino e branco, muitas vezes sustentado na figura de um único autor (na nossa área tu vai encontrar muitos trabalhos orientados por autores como Foucault, Deleuze e Lacan) e recebe com ressalvas um trabalho que escolhe um referencial prioritariamente não hegemônico, focado em intelectuais negras.

Lembra que te passei os textos da Maria Aparecida Bento (2002)? Pois bem, leia eles pensando no que tu quer da tua produção, dos teus textos, quais os efeitos que teus trabalhos terão no mundo. Não vai importar tanto a política narrativa que tu escolher, mas sim, as implicações éticas do como tu procede. Confuso? Vou com mais calma! Uma pesquisa em Psicologia pode utilizar dados estatísticos, realizar entrevistas estruturadas, produzir dados com testes e questionários, trabalhar com cartas e conversas (como eu faço), há uma infinidade de procedimentos metodológicos possíveis para os mais diversos campos da psicologia. O que te digo é que o que importa na escolha de uma língua para trabalhar é a implicação ética dela, ou seja, com quais sistemas de opressão ela pactua e quais lutas ela tece. Então, antes mesmo de começar a estudar para o processo seletivo que tu deseja, te aconselho a ler os textos de Maria Aparecida Bento (2002) e Lourenço Cardoso (2008; 2010). Lourenço tem sido muito importante para que eu pense a Psicologia Social e Institucional, pois ele oferece uma chave muito importante: precisamos sustentar os conflitos raciais em nossos cotidianos de trabalho (inclusive em nossos textos). Uma chave de entendimento que também está em bell hooks, principalmente no livro *Erguer a Voz*; da primeira vez que li o livro esse ponto me passou, mas relendo ele, esse é um ponto crucial: são os conflitos, os atritos em diferentes contextos e entre diferentes sujeitos que permitirão que a gente avance em termos de projeto de mundo antirracista.

Mesmo as tradições discursivas que se reivindicam progressistas são ainda fixas em pressupostos ocidentalizantes e não disponíveis ao transe e não têm respondido de forma responsável à diversidade do mundo. Conhecimentos anteriores há cinco séculos de história são indexados como não relevantes por versarem em outras gramáticas. Em virtude disso, não levam o carimbo da consciência, do humano e da civilização (Rufino; Simas, 2020, p. 08).

Encontre para ti uma língua que responda de forma responsável à diversidade do mundo. E não tenha medo das críticas, das piadinhas, das descrenças que tu vai enfrentar. Sustente as escolhas que tu fará; e como é na linguagem que nossos escorregões coloniais ficam evidentes, trabalhe teu processo de pesquisar/viver a partir de uma ética condizente com a gramática que tu escolher. Coloque corpos para conversar, mesmo que te digam que não é possível; vivemos um mundo que desaprendeu a arte da conversa. Conversas são

sempre possíveis, o que nem sempre é possível é o consenso (Antônio Bispo). Infelizmente eu perdi o rastro para localizar a live na qual ele fala isso; senão te mandaria ela aqui.

No prefácio do livro *Poética da relação* de Édouard Glissant, Ana Kiffer e Edimilson de Almeida Pereira (2021) afirmam que o autor trabalha a partir da fricção entre materiais de herança colonial e os das matrizes culturais negras, não um trabalho de oposição entre eles, mas de encontro, de conversa. Tua capacidade de fazer conversar, de produzir crítica sobre o que te apresentam e a relação com os sistemas de dominação é muito mais importante que tu aprender a reproduzir uma língua que não é tua; busque uma língua que banque destronamentos (Rufino, 2021).

Tu vai gostar muito de bell hooks, uma mulher que mostra em suas ações o como se movimentar pelo mundo de uma forma inconformada com as opressões e com os sistemas de dominação. Ela se pergunta e nos pergunta: “Ouso falar com o oprimido e opressor com a mesma voz? Ouso falar com você em uma língua que nos levará para além das fronteiras da dominação, uma língua que não irá te cercar, prender e segurar?” (2019b, p. 74). Com que língua quero seguir falando com você que me lê? Escrever cartas é uma forma de encontrar uma voz possível (hooks, 2019), pela qual eu possa falar para além dos sistemas de dominação. Te escrevo como se estivesse falando contigo e escrever o mais próximo da linguagem da conversa é uma aposta que faço com as cartas. Falar sobre língua contigo me fez lembrar de Rosane Preciosa (2021) quando do encontro dela com Lydia escreveu:

Escrever para ela é ir em busca de uma borda afetiva que acolha sensações, visões, audições, delírios. Ter a chance de renascer com outras palavras, talhadas numa linguagem, a da literatura, que trata de botar para correr um mundo, para que um outro certo mundo aterrisse afirmando a força do que é esburacado, do que é intervalar, do que é irreduzível a uma unidade. Podemos pensar que a literatura cria neste nosso mundo a possibilidade de uma fuga, de uma invenção (p. 154).

E é aí que me encontro com duas inventoras: Carolina e com Lydia, com as mulheres que escrevem cartas, diários e que dobram o medo e escrevem para além dele, moldam a vida a partir da escrita e conseguem com suas histórias um espaço na narrativa sempre tão branca, sempre tão elitizada como a literatura. “O livro me fez nascer de novo, nascer pra vida” (Lydia Francisconi, 2010 p.92). Moldam as mudanças que gestam em seus ventres e moldar é “dobrar as condições, estudar o tempo, a coreografia das forças e operar sobre o destino como uma escultora” (Jota Mombaça, 2021, p. 55). Falo muito em moldar, um ensinamento de Octavia Butler, escritora negra estadunidense de ficção científica e que moldou seu destino com histórias fantásticas. Octavia é considerada a dama da ficção científica, premiada com os mais importantes prêmios da categoria, só

recentemente vem sendo traduzida para o português. Ela nos ensina sobre viver e sonhar uma vida em comunidade contando sobre a história de Lauren Olamina, uma jovem que se vê num mundo muito próximo ao nosso. Lauren cria a Semente da Terra, um princípio filosófico que sustenta a religião que ela acredita e passa a ensinar. Lauren é uma personagem, uma invenção de Octavia para nos mostrar que a esperança (mesmo em cenários pessimistas) se encontra nas dobras possíveis que a cada mudança vai se fazendo. Mudar é moldar e vice-versa. Lauren vivencia os efeitos da destruição que a humanidade e o capitalismo produziram e com ela aprendemos a moldar. Moldar uma pesquisa é operar nessas dobras que vamos aprendendo a habitar, é revisar seu lugar no mundo, a implicação com os outros e como me coloco nas relações que teço. Moldar é abrir-se para as possibilidades que tu vai construindo e modificando no processo, de forma coerente com aquilo que tu pensa (e que não necessariamente tem a ver com o que o rito acadêmico espera de ti). Moldar é não ter medo da mudança, é sentir a poeira estelar que compartilhamos com o universo.

Seus professores
Estão todos ao seu redor.
Tudo o que você percebe,
Tudo o que você vivencia,
Tudo o que lhe é dado
ou tirado e você,
Tudo o que você ama ou detesta,
precisa ou teme
Ensinará você...
Se quiser aprender.
Semente da Terra: o livro dos vivos
Octavia Butler (2018, p. 346)

Como moldei minha tese? Depois de uma primeira avaliação do comitê de ética, para facilitar o processo de aprovação fiz uso de um procedimento conhecido de escolha de amostras para pesquisas qualitativas (o snow-ball) e o moldei conforme os meus interesses; o que não significa que não tenha rigor, que não tenha cuidado com as normas éticas que regem a pesquisa com seres humanos, que não tenha aprofundamento. Falando no snow-ball (Nelma Baldin; Elzira M. Bagatin Munhoz, 2011), ele é utilizado para quando a amostra é muito ampla; assim, ele é uma forma de ir delimitando o campo, onde tu inicia as conversas, entrevistas, questionário (o procedimento que tu escolher) com uma pessoa que seja relevante para o objeto do teu trabalho e vai pedindo indicações e buscando as pessoas indicadas, uma a uma. Me relacionei com esse procedimento a partir de uma cumplicidade subversiva, algo que aprendi com

Ramón Grosfoguel (2012), um certo modo de me apropriar de ferramentas de um certo modo de fazer ciência que segue a risca do projeto colonial.

O que fiz de fato? As primeiras indicações vieram do Luciano e da Érika (meu/minha orientador/orientadora), algumas conversas surgiram de textos que li (o Artur Leal que te contarei melhor quando eu falar de anonimato) foi um dos que veio do impulso de escrever para quem leio e que me movimenta o pensamento. Samilly Valadares encontrei na página do facebook da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es (ANPSINEP). Rejane Kaingang foi indicação de minha companheira, depois que Rejane foi em uma aula de uma disciplina dela. Maria Paula Meneses, procurei pelo interesse em ouvir uma mulher que produz sobre colonialismo e processos de dominação desde Moçambique e que muito me ajudou a modificar o modo como eu pensava (o primeiro texto acadêmico que li sobre quais são as histórias possíveis no mundo foi dela).

A ideia inicial era conversar apenas com psicólogas/os, mas três conversas foram com pessoas de outras áreas (Daniele Noal, Maria Paula Meneses e Aline Daka). Procurei Dóris Soares e Mirela de Cintra por admiração pelo trabalho de produção intelectual que as duas fazem desde os seus ambientes de trabalho. Ana Paula foi indicação de Mirela. Adriana Marcondes foi indicação de Luciano, assim como Virgínia Kastrup. Cristiane Bremerkamp foi indicação de Luciana Caliman (que me foi apresentada por Luciano). Arthur Leal conheci em um texto e Saulo foi a partir do EDIS. Sílvia Galesso conheci no encontro entre grupos das/do professoras/or Márcia Moraes, Adriana Marcondes e Luciano Bedin. Maria Laura Medeiros Bleinroth conheci no grupo de orientação de Érika. Aline Daka conheci em uma disciplina e nos encontramos novamente no grupo de orientação do Luciano, onde conheci também Christine Gryscek. Sandra Azeredo conheci com Érika e depois lendo uma tese em que ela e Jaileila foram entrevistadas. Falando em Jaileila, ela foi uma das indicações de Érika. Karina Pereira conheci em um GT do Encontro Nacional da Abrapso no qual participamos.

Nem todos os convites para troca de cartas e conversas foram efetivados e isso é parte da vida. Alguns desses convites, mesmo não se efetivando, me proporcionaram conhecer pessoas que minha formação brancocentrada e elitizada não me permitiu. Seria indelicadeza mencionar nomes das pessoas, sou grata pelas conversas que ficaram na promessa, pelos emails recebidos, pelas cartas que vieram e também por aquelas que ficaram somente na imaginação. Ao longo das cartas, quando cito alguma memória sobre as pessoas com quem conversei ou troquei cartas, menciono por qual meio dialogamos e assim tu vai acompanhar como foram as andanças que fui fazendo. Érika chegou a cogitar de eu fazer um mapa sobre essas conversas, mas percebi que seria

melhor manter essa informação ao longo das cartas quando falasse da pessoa e o que reverbero a partir dela. Não sou boa de desenho ou com ferramentas de desenho e organização e entendo que está bem as pessoas terem que se a ver com as informações que chegam aos pouquinhos. Com quantas pessoas falei, troquei cartas ou fiz as duas coisas não é o mais interessante no processo. Algo que tive dificuldade com a pandemia e o trabalho em casa (e na maior parte do tempo com a criança em casa) foi ter tempo de intensificar o processo de escrita e troca de cartas, o que acabou prejudicando um pouco o processo. Para instaurar um correio é preciso estar presente, ter tempo para as escritas à mão e para pintar envelopes, pois produzir conhecimento COM é um processo que exige corpos em relação. Sinto um pouco de raiva por não ter conseguido ampliar e aprofundar os laços que criei. Tive que cavar tempo como uma criança cava a areia da pracinha; e sou grata por ter uma companheira que sempre me lembrava que eu estava fazendo o possível com o que tinha.

Te desejo uma língua como a que Alice Walker constrói para que Celie possa nos ensinar sobre amor, sobre o ato de re (existir) em *A cor púrpura* (2020). Quando tu lê as cartas de Celie é como se tu tivesse ouvindo ela as narrando em teu ouvido, tu ouve o sotaque, as pausas, os silêncios; é uma língua que fica em ti como uma tatuagem na alma. Te desejo uma língua que perceba que a norma culta é somente uma pequena expressão do que pode o português e do que pode um texto. E quando o medo te acompanhar, quando os encontros na Universidade produzirem o sentimento de inadequação, tu lembre das palavras de Gloria Anzaldúa: “Por que sou levada a escrever? Por que a escrita me salva da complacência que me amedronta. (...) Por que o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá” (2019, p. 89).

Quando conversei com Paula pela segunda vez, me disse que Gloria era alimento para a escrita, que quando a escrita da tese lhe doeu, recorreu às palavras de Anzaldúa para que as palavras ganhassem às páginas: uma pista importante quando estamos falando sobre descolonizar nossa língua. Para o exercício da descolonização precisamos experimentar alimentos que permitam que nosso corpo amplie sua potência e possibilidades de sentir para além do que foi ensinado. Desta forma, te falo sobre como é importante desembranquecer e deselitizar a produção de conhecimento são ações, práticas cotidianas que passam por um processo sistemático de desaprendizado. Leia fontes que falem de muitos mundos e que expliquem o mundo de forma diversa, tenha respeito pela diversidade; lembre o que mulheres como bell hooks (2019) e Audre Lorde (2019) falam sobre o ato de tolerar e o como esse esconde nossas pactuações com os sistemas de dominação. Isso não é um processo fácil no mundo que estamos vivendo, há um ar de retrocesso que paira em todas as instâncias da vida.

E falando em Alice Walker e em Celie, te devo mais informações sobre as duas. Falei rapidamente de Alice quando contei para outra amiga que me inspirei na ideia de romance epistolar para minha tese. Tu conhece elas? Conheci Alice por intermédio de minha companheira: vimos o filme *A cor púrpura* juntas. Disso, minha companheira comprou o livro. Como eu sentia que precisava riscar o livro quando fosse ler, peguei um exemplar extra que ela tinha comprado. Preciso dizer que não cheguei ao final do livro; leio de pouquinho, uma coisa que nunca me aconteceu (ficar tanto tempo com uma mesma companhia literária); ou leio rápido ou abandono.

Tenho a sensação de que não quero me despedir de Celie, me acostumei com sua casa, com sua coragem, com suas palavras, com sua alegria em encontrar Shug, com seu amor pela vida e pela irmã. Celie não tem uma vida fácil, o livro não nos poupa dos detalhes. Celie desde criança não é poupada da violência patriarcal e misógina que lhe rasga o corpo, lhe engravida e rouba seus filhos. Mas não rouba sua crença na vida; Celie tem um profundo amor pela irmã (um amor escrito todo em cartas). Celie não foi escolarizada de forma adequada (muito do que aprendeu foi com sua irmã), mas escreve e pela escrita vai encontrando sua voz, e no encontro com outras mulheres (Sofia, Netie, Shug) que ela vai encontrando o amor que lhe foi negligenciado em sua vida familiar; por amor entendo o comprometimento com o crescimento espiritual das pessoas e de si mesma (bell hooks, 2020b). Celie cresce no encontro com as mulheres que cito e no encontro com Deus e com sua irmã.

Nesse meio tempo, já me encontrei com outro livro de Alice Walker que se chama *Rompendo o silêncio: uma poeta diante do horror em Ruanda, no Congo Oriental e na Palestina/Israel* (2011). Um livro sobre o doer e sentir o mundo, em um exercício de enamoramento com o outro em todas suas particularidades. Te mando aqui um trecho que fala sobre se encontrar respeitosamente com a diversidade do mundo:

O que aconteceu com a humanidade? Mais lágrimas de dor se seguiram. Porque, o que quer que estivesse acontecendo com a humanidade, estava acontecendo com todos nós. Não importa se a crueldade está oculta; não importa se os gritos de dor e terror estão distantes. Vivemos em um único mundo. Somos um único povo. Minha doença demonstrou isso. Assim como a minha compreensão de que a filha perdida de Generose pertence a todos nós. É nosso dever encontrá-la; é nosso dever fazer o melhor para torná-la inteira novamente. Afinal, há apenas uma filha, um pai, uma mãe, um filho, uma tia ou tio, um cão, um gato, um jumento, macaco ou cabra no universo: aquele que está diante de nós (2011, pp.22-23)

Entrar no mundo acadêmico é perceber que o que acontece em nosso cotidiano também acontece na Universidade, ou seja, os sistemas de dominação também se fazem presentes; e precisamos perceber o quanto nossas ações (e não ações) pactuam com os mesmos no cotidiano do fazer acadêmico. Como você acolhe aquela/e que está à sua frente? Sei que sou chata repetindo essas coisas, mas

tenho estudado e falado sobre branquitude e supremacia branca e, para honrar o que bell hooks ensina, é impossível falar sobre qualquer tema, sem pensar a implicação com a reprodução da supremacia branca.

Falando em escrever desde uma língua que acolha diferentes pessoas e, principalmente, mulheres, recorro a duas Françaises (Ega e Vèrges). O mundo é cruel com as mulheres, principalmente com as mulheres negras, indígenas, de cor, trabalhadoras pobres. Françoise Ega (2021) conheceu Carolina de Jesus em 1962, quando começou a escrever para a mesma. E ela nos conta como as mulheres antilhanas são tratadas pela elite francesa; narra os episódios de tráfico de pessoas que envolvem a elite e suas empregadas domésticas. Uma narrativa que não tem como não acionar memórias da escrita da outra Françoise (Vèrges) que começa seu livro *Feminismo Decolonial* (2020) preocupada com a vida invisível de mulheres que limpam e varrem para que o capitalismo possa passar em toda sua violência. Leia e escreva tua futura pesquisa com mulheres que se preocupam em preencher a história com narrativas que não estão nos livros que nos foram oferecidos na graduação, histórias que são mais próximas de minha e tua experiência do que aquelas tomadas em aula como importantes para formar uma boa psicóloga ou uma boa pesquisadora. Minha mãe é empregada doméstica, meu pai mecânico de refrigeração, minha família conheceu esgoto tratado há bem pouco tempo, quando eu já tinha 26 anos. Há quem vai dizer que essas coisas não são relevantes para uma pesquisa; eu discordo fortemente, lembre-se que independentemente do campo da psicologia e do programa que tu for fazer, teu trabalho é escrito por uma pessoa com histórias, é escrito em composição com outras pessoas (o que vai fazendo com que histórias se entrelacem). Alargar o presente, acolher a coexistência de cosmo percepções e temporalidades diversas são formas de alimentar uma pesquisa que gire mundos e por consequência faça girar a Psicologia.

Volto aos diários de Carolina de Jesus (2014) e Lydia Francisconi (2010) em busca de inspiração, são mulheres que operam um exercício visionário de enxergamento para além do cotidiano. Mulheres que nos deseducam com suas escritas. E tome a deseducação como um procedimento para lhe acompanhar na escrita, na pesquisa e na vida. Desaprender a escrever, reaprender a escrever é muito mais do que colocar palavras no papel, é colocar o corpo em ação a partir de princípios ético-políticos condizentes com as parcerias que acolhe em tua vida.

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço

desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores (Carolina de Jesus, 2014, p. 39).

Mas é preciso jogo de cintura para este jogo que tu quer entrar, sabe, pois em algumas coisas é preciso ceder para ser publicada e ser ouvida. Em outras precisamos fincar o pé e sustentar nossas escritas. Falo das regras de publicação de artigos, de citação (algumas delas eu subverto como, por exemplo, a de citar somente o sobrenome das pessoas ou escrever em um determinado gênero). Precisamos reconhecer as pessoas com quem dialogamos, as ideias que aprendemos com outras pessoas. Não conseguimos medir o tanto de trabalho, de investimento que há quando alguém publica um livro, uma tese, um artigo, uma dissertação. O quanto de esforço foi preciso para que Carolina seguisse tendo espaço para suas palavras, o quanto Octavia precisou andarilhar para ter suas histórias publicadas. O quanto e como as ideias de mulheres vêm sendo apagadas ao longo da história de nosso mundo?

Escolho narrar o que me foi ofertado a partir da **reverberação**. As cartas que te escrevo tem a ver com as conversas que tive ao longo do último ano, com o como elas me fizeram vibrar sobre temas como pesquisa, escrita, invenção, encontros e metodologias. Não te ofereço interpretações do que escutei/li das ofertas que me foram dadas em conversas e cartas. Escrevo a partir do como essas conversas vibram em mim e se encontram com as leituras que tenho feito ao longo dos últimos anos. Um exercício de análise guiado por apaixonamento e comprometimento; escrevo o que ficou em mim de cada encontro. Esse é meu procedimento de análise desde o mestrado, naquela época eu era muito insegura para afirmar desta forma.

Vou ficando por aqui, seguimos conversando! Me conte que área da Psicologia te interessa, quais programas tu pensou em fazer seleção, pergunte o que sentir vontade. Estou por aqui para o que precisar.

Um forte abraço,

3.1.1- Uma carta entre cartas

Naquela tarde, enquanto lanchava com a mãe sentiu um impulso de falar um pouco sobre sua experiência como escritor de cartas para lugares distantes. Mas ficou em dúvida, pois imaginou que ela estivesse cansada e que talvez achasse uma bobagem aquilo tudo. (Giramundo do Brasil, 2015, p. 62)

Bom dia,

Fui dormir inquieta, me coçando toda! Te mandei uma carta e só hoje me dou conta que falo muito de como algumas mulheres escritoras me influenciaram, mas não paro para falar sobre elas. Acordei acompanhada dessa sensação e, por isso, te escrevo cedo pela manhã; tu não vai receber minha carta no mesmo horário em que a escrevi, mas desde que revisei as cartas que te mandei, fiquei com uma sensação de estranhamento e de angústia. Fiquei como o pequeno Giramundo (querendo falar, mas sem saber como ou com quem). Te falei de mulheres e não necessariamente te contei de fato sobre elas, ou melhor, não te contei como as vejo/sinto. E são mulheres importantes na minha trajetória, importantes para as mulheres e importantes como intérpretes de mundos e povos não tão distantes.

Como conheci essas mulheres de quem te falei? Algo importante no meu percurso, pois foram esses encontros que me ensinaram a cair e levantar, a rodopiar sem medo de perder o eixo e cambalear e em fincar o pé quando acredito em algo. Mulheres que entendem a intensidade do minúsculo e como este está sempre em relação com o mais macro de nossas relações: política, ciência, história; é na viração das lógicas hegemônicas que essas escritoras produzem modos de ver, ser, estar, ler, sonhar, viver e escrever.

Falar sobre elas é falar sobre fazer florir em tempos áridos, é falar sobre como Carolina de Jesus floria entre os seus diários, as flores no deserto da fronteira que colhia Anzaldúa, das que sonhava Octavia Butler quando a mesma olhava para as estrelas. Elas não falavam de flores, escolho essa metáfora, pois os trabalhos das mesmas faziam furo no asfalto quente da realidade com suas letras, palavras, frases e textos.

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.
 É feia. Mas é flor. **Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.**
 Carlos Drummond de Andrade (2003)

Na qualificação do meu projeto de tese iniciei um exercício que quero retomar aqui: contar do meu encontro com as mulheres intelectuais que me acompanham. Farei nessa carta a retomada desse exercício e tu vai notar que ele se espalhou pelas cartas outras. Por hora te conto de quatro mulheres que brotam vida em mim: Carolina de Jesus, Lydia Francisconi, Gloria Anzaldúa e Octavia Butler.

Carolina de Jesus, uma das grandes intérpretes do nosso país. Ela tece sua leitura desde suas letras riscadas em papéis que encontra pela cidade, riscadas em meio à fome que acompanha ela e seus filhos. Leio Carolina para pensar em como a psicologia é tão pequena e tão frágil quando falamos de problemas estruturais como a fome do outro. A fome consolida destinos, formas de estar e ser no mundo e ainda pouco falamos sobre, em nossas formações em psicologia. Não sei você, mas por aqui sempre senti que as/os professoras/es e colegas tinham um certo constrangimento para falar sobre pobreza e sobre as negligências de Estado para além do senso comum (um dos senso comuns mais cotidianos é tratá-las como fatores de risco para o desenvolvimento humano). Ouvi uma vez de um aluno da psicologia que ele não tomava banho em solidariedade com as pessoas pobres que não tinham água em casa. Vim de uma família acostumada com diferentes formas de dar seus jeitos quando a falta de dinheiro apertava; as redes familiares nesses momentos sempre foram importantes: se todos tem um pouco, que esse pouco seja repartido (essa era a lógica); desta forma minhas avós eram figuras importantes quando meu pai perdia o emprego e quando as faxinas escasseavam para minha mãe. Sempre tomei banho e ficava extremamente incomodada com meu colega que banalizava o que era ser pobre.

Conheci Carolina já no doutorado. Isso diz de mim, de minha formação e de quem ocupa as prateleiras das livrarias e das bibliotecas universitárias. Carolina mostra a luta por garantir a vida e ampliação da vida para si e seus filhos e filha, persiste com a escrita, mesmo quando riem dela, vai cavando trincheiras para que as flores possam brotar. Persiste pelo sorriso dos filhos, compra um balanço para manter as crianças em casa, persiste nos sonhos mesmo quando o corpo cansa, mesmo que o corpo dê sinais de que é impossível seguir. Me entristece que em tempos como os nossos, ela seja pouco lembrada como alguém que pode nos ensinar sobre escutar, estar junto e sobre a história de nosso país. Carolina e Esperança Garcia forjam com suas palavras um borramento da história hegemônica, deixando evidente que a brancura e o masculinismos dos livros de história, de psicologia e de memória do Brasil precisam ser enfrentados com letras negras, lésbicas, indígenas, femininas, trans, pobres. Carolina borda um Brasil preto, pobre, que se vira em rodopios tentando desviar das violências coloniais burguesas. Uma mulher que faz

ventar os casarões da branquitude que tendem a confiar em um projeto colonial que dá certo às custas de muitas Carolinas. Escrevendo a tese, fiquei pensando em como seria se ensinássemos escrita acadêmica com mulheres como Carolina? Como seria se ensinássemos epistemologia com mulheres como ela? Que metodologias seriam criadas se entendêssemos Quarto despejo como um intercessor de nosso pensamento? Gosto muito da passagem na qual a autora narra que dizia para a mãe que queria ser menino, explicando para a mesma que via nos livros de histórias que os heróis, aqueles pelos quais se prestavam homenagens por servir a pátria eram homens. Carolina me faz desejar utopias, me faz correr a preguiça e me põe em movimento. Andarilha como ela só, dava seus giros percorrendo incessantemente a cidade: busca os meios de sua subsistência e alimento para o corpo e suas escritas. A literatura de Carolina é para quem entende que o Brasil é muito mais do que os senhores dos cânones nos contam em suas histórias. Comecei essa tese atrás de histórias que valem à pena, ou seja, que valem o esforço de serem escritas, lidas e estudadas. Carolina nunca escreveu com uma pena, usava aquilo que estava à sua volta, os materiais que conseguia nos lixos da burguesia brasileira. Carolina é escritora que vale à pena, vale cada palavra que nos oferta: uma intérprete que precisa estar em nossas bibliografias mais básicas.

Sugiro que tu leia Carolina muito mais do que uma escritora de literatura de nosso país, mas como alguém que escreveu o Brasil por entre seus registros diários. Temos que ter a pressa e a ânsia de Carolina pelo registro e pelas memórias. Leia Carolina como lemos alguém que tem os olhos aguçados para o entendimento do aqui e do amanhã. E o que isso tem a ver com uma pesquisa em Psicologia social? Tudo! Pense em como a versão afrancesada da psicologia social que nos foi ensinada pode ganhar corpo e brasilidade, pode ganhar em rebeldia lendo mulheres como Carolina. Rebelde era ela que seguia com suas histórias, mesmo com a vida a lhe esmagar os ossos com invenções perversas como a fome e a falta de moradia digna. Carolina me acompanhou na pandemia por covid-19, me ajudou a entender o projeto de mundo que não foi desenhado hoje e que se alimenta dos estômagos vazios de muitos em detrimento da abundância de poucos. Escrevo cartas e honro a memória de mulheres que tinham em seus diários a força do registro.

Outra letrada em diários é Lydia Francisconi que me chega como um passarinho que se aproxima de alguma semente na calçada. Chega devagar, pequenos e firmes passos; desconfiada com o encontro, chega como se estivesse prestes a voar. Imagino Lydia com sua bolsa andando pelo centro de Porto Alegre, um pequeno pontinho na imensidão de pessoas que circulam pela Andradas. Usava um gorrinho de lã, por vezes, me diz o Luciano. Meu encontro com Lydia é mediado também pelas memórias de Luciano. Lydia, na minha vida,

é um livro pequenino, daqueles que podem desaparecer no meio de outros livros maiores. Mantenho ele sempre por perto; virou companheira de Carolina (duas escritoras das miudezas do cotidiano). Guardei Lydia no pensamento, terra vasta de espaços e imagino ela e Carolina sentadas à mesa. Mulher branca do interior do Rio Grande do Sul, atravessada pelas marcas do adoecimento psíquico e dos cuidados que oferecemos a quem adocece. Lydia é uma caminhante, sempre em movimento. Andarilhar é verbo feminino! Seus fragmentos reverberam no que estou fazendo. Engraçado como penso em Lydia nos momentos rotineiros do dia: quando vou na farmácia, quando estou no mercado, andando de ônibus, quando arrumo as coisas em casa; Lydia frequentou a oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, viveu em uma cidade próxima de onde trabalhei (ela morou em Nova Prata/RS vizinha de Vila Flores, cidade em que trabalhei). Quando me dei conta disso, fiquei imaginando se cruzei pelos caminhos que Lydia cruzava quando jovem. Será que nós duas andamos por lugares parecidos? Provavelmente.

Lydia, quando chega na minha vida, ocupa minhas páginas sem pudor. Uma presença que movimenta as letras e me ensina sobre coleções e arquivos. Ela junta o miúdo do cotidiano e eu lhe sigo. Junto minhas histórias e aprendo com ela: uma arquivista. Lydia, assim como bell, me mostra que precisamos ainda muito pensar sobre os processos de cura. Lydia e bell hooks me fazem pensar em saúde mental, em clínica e em escuta; e me fazem querer escrever. Escrevo esse registro sobre Lydia em um outro tempo (era 2019 e ainda podíamos sorrir com um pouco mais de tranquilidade). Mantenho ele (o registro) por aqui, pois as pistas que ela me ofertou seguem vivas e brilham apesar do Brasil. Em minha cabeça, enxergo Lydia e Carolina conversando sobre os miudinhos e as trilhas que construíram e os rastros que deixaram. Você tem que enxergar com elas. Você já pensou sobre os rastros que teus escritos deixam por aí? Uma pesquisadora interessada pelos feminismos, interessada pelas leituras contra-coloniais do mundo e pelo diálogo com saberes que explicam o mundo desde lugares muitos diversos precisa gostar de caminhar e volta e meia olhar para os rastros que vai deixando. Como narrar uma vida? Pergunta embrulhada de forma pequenina em uma sacolinha de supermercado, rabiscada no verso de uma folha de rascunho que vira material de registro.

E sobre Gloria (Anzaldúa)? Num Brasil que há pouco tempo vem traduzindo mulheres, Gloria é fragmento que chega de pouco em pouco, como um conta-gotas: um texto sobre língua selvagem, outro sobre escrita, um sobre consciência mestiza. A encontro sempre com outras mulheres: escritoras, artistas e pesquisadoras. Andam com ela, mulheres que ocupam o mundo com suas histórias que precisam ser contadas. Mulheres de língua bifurcada e de muitas origens. É sempre uma torre de babel. Quem olha de longe não sabe como elas se

entendem. Mas se entendem por que são todas *deslenguadas*: a língua dos afetos, a língua desde suas diferenças. São mulheres que leem o mundo desde suas entranhas, desde o pus, o sangue, as dores e seus processos de cura. Com Gloria, estão sentadas as mulheres que não tem medo do confronto e que aprenderam a arte da sobrevivência muito antes de adentrar uma universidade (Lorde, 2019). Quando leio seus textos, encontro o Sol mesmo em dias nublados. Glória-mulher-Sol me ajuda a pensar em como constituir um pensamento mestiço, poderoso em sua mistura, que respeite aquelas que agrego. Risca com suas escritas um pensamento de fronteira. Será que consigo? Uma autora que me convoca a **um modo leitora-pássaro** para com seus textos. A cada sobrevoo sobre eles uma vista nova se apresenta. Gloria me ensina que talvez eu não deva perseguir uma língua que pacificamente encontre lugar entre as ordens hegemônicas de escrita. Como uma vivente de língua bifurcada, indomesticada para os usos coloniais, ela ensina que há risco no voo, mas sem assumirmos esse, poderemos perecer em vida. Escreve poemas, livro infantil, ensaios, escreve e se inscreve em autohistorias nas quais costura a si e a história de seu povo. Me pego pensando na coragem que ela e bell hooks tiveram que ter para contar desde o ventre de suas famílias as histórias que enlaçam produção, vida, colonialismo, violência, dor e amores. Falam de suas mães, irmãos, de sua comunidade, fazem das histórias pessoais linha que alinhava sua produção. É preciso coragem para em um mundo supremacista branco, cisheteropatriarcal, racista, elitista e colonial fazer de suas próprias histórias miúdas matéria de produção de conhecimento.

Com o que aprendi com elas, conheci Octavia Butler, conhecida como a dama da ficção científica. Filha da empregada doméstica, aprendeu o gosto pelas histórias com os livros que eram doados para sua mãe. Lia o que vinha e com 12 anos escolheu escrever histórias, pois as que tinha contato não lhe satisfaziam. Sabia que podia escrever histórias melhores do que aquelas dos filmes. Octavia espichou seu olhar para além do visível, para além do concreto, para além do presente. Olhou tão firme e com tanta prontidão, que ampliou-se para a vastidão do universo, promovendo encontros entre mundos. Com o tempo, ela o espichou de tal forma, que Dana foi parar em looping no passado, o espichou mais adiante e nos carregou para a história de Lauren em 2024. Octavia é tão impactante em sua visão que nos mostra em dois livros um mundo bem próximo ao que vivemos (falo da série Sementes da Terra). Ela rasga a pele da ideia de que o apocalipse, o desmoronamento do mundo é obra de alienígenas e de ações não humanas: o fim da esperança é obra humana, assentada em ideias como escravização, lucro, extrativismo e assujeitamento. O capitalismo e os homens que o sustentam são os vilões. Mas gosto de pensar em Octavia como uma otimista: se o fim da esperança é obra humana, a construção

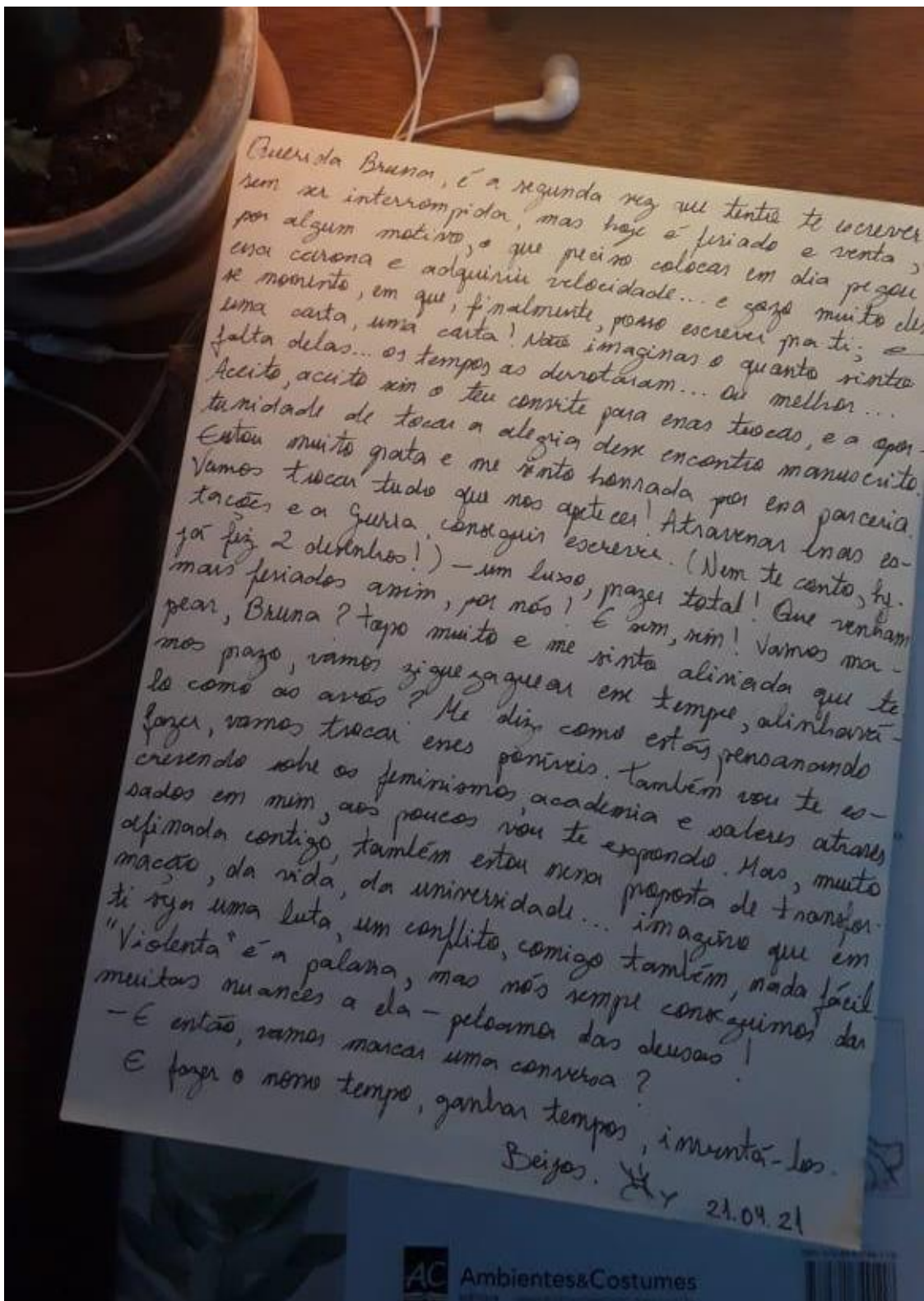
de brechas também o é; com Dana e Lauren (duas mulheres negras) acompanhamos a luta pela humanização das relações, encontramos laços de uma poética do encontro riscada à luz das memórias, prenes de um projeto de mundo em que o *ethos* da confiança é costurado no encontro e no desejo de moldarmos um mundo outro. Imagino Octavia, em toda sua elegância; uma mulher alta, com voz forte e palavras que nos orientam em busca de comunidades. Falei da voz de Octavia, mas te conto uma peculiaridade: nunca a ouvi de verdade (em meus pensamentos, imagino alguém que quando fala todos a volta prestam atenção). O que aconteceria se a humanidade fosse assolada por uma doença que tirasse a inteligência, a capacidade de leitura e fala? Essa é a premissa do conto *Sons da fala* de Octavia Butler. Ela disse que o conto foi criado em estado de exaustão, depressão e tristeza, em um momento em que sentia bem pouca esperança, mas que ao chegar ao final do mesmo, sentia que sua esperança tinha voltado.

—Está tudo bem falar— disse a ele. — Desde que não tenha ninguém por perto, está tudo bem. — Ela colocou o menino no assento da frente e, sem que lhe fosse pedido, ele abriu espaço para a menina. Quando os dois estavam no carro, Rye se encostou na janela, olhando para eles, percebendo que agora estavam menos assustados, que ao menos a observavam com curiosidade, tanto quanto medo.

—Sou Valerie Rye — ela disse, saboreando as palavras. — Está tudo bem, vocês podem falar comigo (Octavia Butler, 2020, p. 124).

“Não é sobre a minha vida. Eu conto as histórias das coisas que giram ao redor de mim” (Lydia Francisconi, 2010, p. 05). Essas mulheres contam de suas conexões com a vida, com as estrelas, com o sagrado, com o universo, com o mundo que as rodeia; contam as histórias que vão inundando o seu corpo com os rodopios que vão dando na vida. Fazer girar é ação que molda subjetividades, existências que vão mostrando que a história é uma coleção de miudezas. Com elas venho aprendendo a arte de narrar vidas, pois as histórias acadêmicas que narro nada mais são do que narrativas, e desta forma, o respeito a experiência alheia, o cuidado com as nuances da vida precisam estar presentes. Outras histórias esparramei pelas cartas, espero honrar a partilha e oferta de todas/os que estiveram comigo nesse processo. Uma pesquisadora em Psicologia precisa analisar como biografava vidas e como conversa com as pessoas, com as coisas, com seres encantados e viventes de carne e osso. É pelo encanto que escolho seguir conversas; vivemos muito tempo geridos por políticas de desencanto, que precisamos criar brechas por onde a multiplicidade de existências, o canto, a dança, as risadas, as boas conversas possam passar. Torcendo para que esta carta encontre contigo em breve.

Um abraço,



Legenda: carta-fotografia oferecida por Aline Daka.

3.2- Um caminho de cartas

Porto Alegre, seis de setembro de 2021.

Querida amiga,

Suas cartas me levaram a abrir outros tempos... não o cronos do dia a dia ou das agendas já fechadas com tantas atividades, mas um tempo de liberdade, de estar a vontade para a escrita junto, talvez aqui já entro no primeiro encontro nosso: o lance da confiança. Escrever cartas é tecer um lugar de partilha, de confiar coisas que estão saindo, brotando, gosto de pensar elas como um espaço de instante e ao mesmo tempo de coisas que estavam guardadas para poder ser colocadas para alguém, que de alguma forma nos conecta. Talvez a carta fale por ela e por quem lê e escreve. Tem algo aí de confiar para um mundo devastado (Saulo, correspondência pessoal, janeiro de 2021).

Início esta carta com um trecho de uma carta que Saulo me mandou. Já te falei sobre ele antes e pinço esse trecho por ele me lembrar do porque aposto nas escritas de cartas; nossa batalha tem que ser por processos que ampliem as possibilidades de fazer florir, sorrir e encantar. Quero escritas apaixonadas e me apaixonar pelos textos que vou deixando por aí! Preciso contar que essa carta vem sendo escrita ao longo dos dois últimos meses, minha ideia inicial era mandá-la para Esperança (Garcia). Uma mulher que me inspira e que deveria ser considerada uma das heroínas brasileiras (ela é, só não tem o adequado reconhecimento), mas nossa memória é ainda muito embranquecida para esse tipo de conversa. Como deixar de fora de minha partilha a mulher que nos ensinou como espichar a voz de tal forma a ser ouvida no entre séculos? Deixei a data em que comecei a escrever essa carta, pois nesse mesmo dia, há séculos atrás, mais especificamente em 1770, ela escrevia a carta que a deixou inscrita na história. Ela ainda não é personagem recorrente nos livros sobre o Brasil, nem ao menos nas universidades, mas a coragem dela chegou em nosso tempo. Um livro infantil foi escrito em sua homenagem por Sonia Rosa (2012) e no Piauí um museu em homenagem a mesma foi criado. A Ordem dos Advogados do Brasil no Piauí nomeou ela como advogada, considerando a carta dela como uma petição jurídica.

Eu sou hua escrava de V. Sa. administração de Capam. Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que o Capam. lá foi adeministrar, q. me tirou da fazenda dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira de sua caza, onde nella passo mto mal. A primeira hé q. ha grandes trovoadas de pancadas em hum filho nem sendo uhã criança q. lhe fez extrair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q. sou hu colcham de pancadas, tanto q. cahy huã vez do sobrado abaccho peiada, por mezericordia de Ds. esCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres

annos. E huá criança minha e duas mais por batizar. Pello q. Peço a V.S. pello amor de Ds. e do seu Valimto. ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Procurador que mande p. a fazda. aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e batizar minha filha q. De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia. (SOUZA, p. 1, 2018).

Não sabemos muito mais da história dela, se conseguiu ou não ficar junto dos filhos e marido como requisitava em sua carta. Pouco se sabe sobre a história de Esperança e sua família; de acordo com Carla Aparecida da Silva (ano), Esperança escreveu a carta um ano depois que os jesuítas (que eram seus donos) foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal. Com isso, ela e suas crianças menores foram levadas à força para outra fazenda, onde sofreram violências de muitas ordens. Cansada das mesmas, ela afronta os senhores de escravo que a violentavam e escreve uma carta para o governador da capitania. Ela era alfabetizada em um tempo em que era proibido ensinar pessoas negras a ler e escrever.

Então, se você quiser romper com velhos hábitos da academia, é preciso um investimento importante em aprender COM personagens de nossa história que não estão nos documentos hegemônicos e tecer conversas com elas. Se escolho as cartas (tomada por muito tempo como uma escrita íntima e feminina) como uma forma de produzir pesquisa no Brasil dos anos 2021, preciso voltar minha atenção para mulheres que escrevem a história de nosso país a partir do miudinho de suas vidas. Esperança é uma dessas mulheres que molda o futuro agindo em seu presente e produzir conhecimento a partir de uma política da intimidade, do amor e do erótico é olhar para aquelas/es que estão mais próximas/os de nós. Os séculos nos separam (eu e tu de Esperança), mas isso é poeira pensando no tempo do Universo e do nosso planeta. Nossas histórias se entrelaçam em uma linha tênue entre passado-presente-futuro.

Tu elogia meu uso das cartas e me pergunta como é possível escrever artigos, dissertação e textos acadêmicos de outras formas. Não tenho uma resposta pra tua pergunta, o que posso é te contar minha caminhada, não para que tu reproduza ela; tome meus passos como inspiração para que tu forje os teus, tá bem? Viver uma pesquisa é como viver, não há como reproduzir a vida alheia esperando que isso acabe bem. Não acha?

Pensando em termos de produção acadêmica, já escrevi alguns trabalhos em forma de cartas, principalmente capítulos de livros e alguns artigos. Vou te mandar a referência destes para tu ver que fui moldando possibilidades. E de tanto escrever por cartas, minhas escritas outras passaram a ser influenciadas por um certo modo de escrever falando, e desta forma, quando abro um arquivo penso em quem me escutará/lerá. O processo que culmina nesta tese, inicia ao longo do ano de 2017 no qual fiz o trabalho de campo que

originou minha dissertação de mestrado intitulada *Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento* escrita toda em cartas. Fiz uma caixa colorida na qual guardei quarenta e quatro cartas que carregavam muitas histórias sobre cuidado no acolhimento institucional (eram cartas que escrevi e outras que me foram ofertadas no período em que estive no serviço de acolhimento fazendo observações).

Um processo que me motivou a seguir escrevendo em cartas, como os verbetes sobre branquitude para o livro *Juventudes entre A & Z* que foram escritos em forma de cartas para uma professora branca que não entendia sua relação com a manutenção da branquitude. Foi a partir de vivências e histórias que me contaram que compus as narrativas que apresento nos verbetes Branquitude I e Branquitude II (Battistelli, 2020). Com a Luciana Rodrigues (2020) troquei cartas sobre a formação em Psicologia e a influência da branquitude e do epistemicídio nesse processo e com essas cartas formamos o capítulo de livro intitulado *Entre cartas: sobre branquitude e epistemicídio na produção de conhecimento em Psicologia*. E na mesma linha, pensando o tema da branquitude, escrevi um artigo com Leonardo Régis de Paula intitulado *Pensar a pandemia a partir da branquitude* (2022) no qual trocamos cartas para pensar o como a pandemia precisa ser pensada a partir da branquitude que sustenta pactos de comoção e de violência em nosso país. Apostamos nas cartas como uma escrita que acolhe nossas experiências sobre um evento tão devastador como uma pandemia.

No capítulo de livro *Cartas à Assistência Social* (2019) o exercício foi ampliar as discussões a partir de minhas experiências no campo da política de Assistência Social, assim, a troca de cartas teve como destinatárias/os e missivistas a própria política e as/os trabalhadoras/es. A intenção era abrir um diálogo com quem vive a política de Assistência Social nos mais diversos serviços e lugares pelo país. No artigo *CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica* (2021), eu e minha coorientadora Érika escrevemos cartas para mulheres importantes em nossas vidas e a partir destas cartas discutimos escritas para esperançar a pesquisa e a produção de conhecimento em Psicologia. Já no artigo *Cartagrafias: A Escrita Acadêmica entre Cuidado, Pesquisa e Acolhimento* (2021) produzo uma conversa com Deleuze e Benjamin para contar sobre como constituí uma troca de cartas em um serviço de acolhimento e como construí uma dissertação-coleção-de-cartas. Esse artigo é aquele que escrevemos para apresentarmos de uma forma mais resumida o problema de nossas dissertações ou teses.

Ainda como desdobramentos da dissertação, tem dois capítulos de livros nos quais publiquei cartas da dissertação, são eles: *Por que escrevemos cartas? Possibilidades entre cuidar, pesquisar e escrever* (2020) no qual fiz

uma reunião de cartas escritas para a dissertação; escrevi para Vinciane (Despret), para a moça das cartas, para o Senhor W. (mais conhecido como Walter Benjamin) e para o carteiro que me acompanhou naquela época. No capítulo intitulado *Cartagrafando entre práticas de cuidado e pesquisa: ensaio sobre a escrita* (2021) mescliei cartas que tinha escrito na dissertação com um diálogo missivista com o GT da Abrapso no qual participei em 2017 e que posteriormente organizou um livro para acolher nossas produções. Se tu for olhar para esses textos que te narro, nem sempre será uma troca de cartas com uma pessoa só, às vezes são cartas que escrevi para destinatárias/os variadas/os em um exercício de imaginação. Endereçar escritas é um princípio ético e metodológico importante nesse processo: como tu fala e o que tu fala com as pessoas com quem tu te relaciona? Te deixo o rastro de minhas produções para que tu possa ver que é possível irmos ocupando cada vez mais a escrita acadêmica de formas que caibam nosso modo de falar, nossas histórias e memórias.

Quando me ensinaram sobre memória, testemunho e narrativas foi com pessoas que sobreviveram e viveram a Segunda Guerra Mundial; são os homens sobreviventes desta guerra que nos são indicados para leitura (principalmente Primo Levi). Não tome as afirmativas que lhe faço como desconsideração da obra dessas pessoas, o que quero questionar é uma séria redução do nosso olhar sobre a memória. É necessário um olhar alargado para a história e para as personagens que dela foram apagadas de forma planejada: o esquecimento é uma armadilha colonial para o controle e submissão daquelas/es tomadas/os como Outras/os. Se por entre os séculos conhecêssemos histórias como a de Esperança, não seria tão fácil nos venderem um ideal de vida colonizador e colonizante, um sonho europeizante como dizia Lélia (2020). Para não cair na armadilha colonial que nossas formações nos impõem, leia as mulheres que produziram literatura no Brasil, leia pesquisadoras que estão situadas nas universidades fora dos grandes centros, leia intelectuais nordestinas e do Norte do país, leia e referencie autoras/es do Sul global. E lembre-se o que Suely Messeder (2020) nos indaga: há um hegemônico mesmo no contra-hegemônico. E se “cartas são os vestígios das mãos e do espírito de quem amamos” como diz Marcelo Ferreira (2014, p.15), nada mais justo do que traçar uma política de pesquisa inspirada pelo cuidado como ética de respeito aos encontros que se dão por e com cartas.

Pareço minhas antigas vizinhas que a cada versão da história acrescentavam detalhes, fatos e personagens. Minha relação com as cartas é assim, vou escrevendo, contando, (re)escrevendo e recontando o como penso elas e como opero com as mesmas. Escrevo muitas cartas e nem todas chegam ao destino, ficam escondidas no computador ou cadernos de rascunho. As escrevo

para pensar, a escrita delas me afeta. E principalmente, escrevo cartas acompanhada; mesmo quando estou só, muitas/os me acompanham nesse processo. O alimento para a escrita vem com a vida, com as experiências do cotidiano, com a literatura, com outras/os interessadas/os por cartas, com quem compartilhou uma experiência comigo. Sinto que com essa carta que lhe mando, faço um registro de missivistas que me marcaram.

As correspondências de Walter Benjamin e Gershom Scholem (1933-1940) me acompanharam por um tempo (pelo tempo do escrever a dissertação de mestrado). A escrita dos amigos que vivenciaram a Primeira Guerra Mundial, a ascensão do nazismo e a Segunda Guerra Mundial me inspiraram a pensar na experiência de escrever sobre cuidado e acolhimento institucional de crianças e adolescentes. Quando conheci as cartas de Walter e Gershom, estava trabalhando com a pesquisa do mestrado e pensando em como acionar um correio com trabalhadoras/es, crianças e adolescentes.

Lembro da sensação de acompanhar as cartas trocadas por corpos afastados por muitos quilômetros, angustiados com a devastação que se desenhava, pela devastação que viviam. As cartas dos dois nos contam como é viver um mundo em plena devastação; Walter Benjamin seguiu na Europa onde andarihou por muitas cidades, precisou refazer seu modo de trabalhar, se adequar, depender de outras pessoas, ficou em um campo de concentração na França e fugiu até não ter mais forças. O amigo o acompanhou à distância, em suas cartas, a angústia, os pedidos de notícias e as tentativas de interceder pelo outro. Cartas que me trouxeram proximidade com um autor (Walter Benjamin), sua obra e seu pensamento. Cartas que humanizaram uma figura que muitas vezes me pareceu inacessível. Conhecer as cartas de Walter me permitiram conhecer sua obra (eu me achava burra demais para ler ele. Imagina isso?).

Em uma experiência muito diversa, já fui acompanhada por Ana Cristina César, mulher brasileira branca nascida na classe média, imersa em seus problemas de classe média privilegiada. Um tanto arrogante, por vezes, mas me encantou com a honestidade com seus sentimentos. Suas cartas falavam de suas produções, de seu mundo interior, de suas divagações e de como existia no mundo. Com ela veio minha obsessão por laços, caixas de correspondência e coleções. Eu bem poderia transformar essa tese em uma pasta rosa³⁶, assim como a de Ana. Outro escrevedor de cartas importante é Guimarães Rosa, por muito tempo meu escritor de cartas favorito, um homem que se deixava derramar em suas correspondências. Acompanhei as que ele trocou com o compadre Antonio Azeredo da Silveira no livro *24 cartas de João Guimarães Rosa a Antonio*

³⁶ Encontrei com o livro *Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa* de Ana Cristina César pela primeira vez em uma aula da professora Tânia Galli.

Azeredo da Silveira (s/d)³⁷. Não li Guimarães Rosa antes de conhecê-lo na intimidade das cartas que escrevia para o cumpadre, uma das belezas possíveis com as coleções de cartas. Cartas guardadas nos permitem um registro de um tempo e da história que outras fontes não conseguem com a mesma intensidade. E elas são um registro do tempo vivido pela pessoa que escreve, limitam as generalizações, pois nos propõem um recorte da existência. Para pesquisar com cartas, tive que ter esse cuidado, minha tese, por exemplo, conta de um tempo muito particular de minha vida e da vida das pessoas com quem conversei.

Acompanhar os dois compadres, que encontravam-se distantes, mas ao mesmo tempo tão próximos, narrando as concretudes do cotidiano, a beleza da vida, dos encontros, me permitiu exercitar minhas próprias cartas. O encontro com ela/eles permitiu que eu fosse desenhando uma nova forma de escrever: mais do que pesquisar utilizando as cartas como intervenção e parte da metodologia, comecei a exercitar o ato de escrever o material final em forma de cartas. Por que não escrever cartas na academia? Cartas que contassem minhas histórias, memórias, linhas de pensamento. E por que não mostrar as cartas que me são ofertadas? Na dissertação eu as espalhei junto com cartas que produzi reverberando os encontros tecidos e na tese escolhi arrumá-las em uma coleção própria (última coleção de minha tese). Preciso te dizer que esse movimento contou com a ajuda de uma mulher vendaval que oferta ensinamentos e questões quando tu te aproxima dela. Falo de Mirela de Cintra, pesquisadora-psicóloga no acolhimento institucional de Porto Alegre, preocupada com a produção de conhecimento e com a produção de intervenções institucionais e movimenta quem está à sua volta para não aceitar as coisas tão facilmente como nos são colocadas. Com ela e com Adriana experimentei o vento forte de quem tem experiência com a análise das instituições e com produção de intervenções em coletivos que nem sempre são bem acolhidos pela Universidade. Por hora te conto que ela me perguntou sobre o que eu faria com as cartas recebidas, com aquilo que aprendi com as pessoas no serviço de acolhimento. Como eu acolheria em meu texto as ofertas que me foram dadas? Como uma guia intelectual, ela me acompanhou, instigou e me ofereceu espaço para a criação.

Um correio é uma oferta de partilha: partilho um bocado de mim em troca de um bocado da/do destinatária/o. Não sei se tu concorda comigo: penso que para escrever da forma como estou propondo, precisamos de alimento, precisamos de quem nos ofereça caminhos por onde construir nossas próprias

³⁷ Este é um livro publicado pela Editions fads e você encontra ele no site: <http://www.editionsfads.ch/publications_portugues.html>. Nele tu vai encontrar 24 cartas escritas entre os anos de 1945 e 1967 entre os dois. São cartas entremeadas por períodos em que ambos se encontravam no Rio de Janeiro a serviço do Itamaraty. A primeira carta é da véspera do lançamento da primeira edição de Sagarana. Nelas tu vai adentrar na vida dos dois, na relação com os livros, na história do autor para além de sua obra. A única coisa que em todos esses anos eu não encontrei foi o ano de publicação do livro.

andanças. Desta maneira, fui procurando entrar em contato com psicólogas/os, pesquisadoras/es que me interessavam em seus textos e em suas práticas. O primeiro contato foi sempre por email ou via whatsapp. Com a pandemia fiz algumas adaptações: escrever à mão e tirar foto para encaminhar, por exemplo. Fotografar envelopes pintados à mão, anexar no email ou mandar pelo whatsapp. Depois do primeiro contato, marcava com a pessoa uma conversa ou escrevia a primeira carta. A grande maioria das pessoas escolheu marcar uma conversa antes de receber uma carta minha. Com três pessoas eu troquei cartas e ainda (enquanto te escrevo) não conversei pessoalmente (pelo computador): falo de Flávia, Saulo e Mirela. Te conto mais sobre eles em outro momento. Uma partilha de Flávia te deixo aqui, ela narra um certo modo de ofertar esperança, ensinamento-força entre pesquisadoras:

Escrevo para te dizer que você insiste em mim. Escrevo-te cartas imaginárias ao correr pela vida, de modo simbólico e literal, geralmente às 6:00 horas da manhã. Correr parece que se tornou um modo de existir, então, meu corpo optou por estabelecer aliança com esse movimento.

Ontem à noite fiz uma breve intervenção artística em uma banca de mestrado. Li um trecho final da carta que Gloria Anzaldúa escreveu para mulheres escritoras do terceiro mundo. Senti que seria importante para Camila (e para mim) encontrar uma noção de nós em Gloria. Senti, mais especificamente, desejo de dizer para Camila continuar escrevendo com olhos de pintora, com ouvidos de musicista, com pés de dançarina. (Flávia, fevereiro de 2021)

Pensando em como acessar fontes para que tu possa produzir uma língua para tua pesquisa, por aqui outra grande fonte de inspiração para meu trabalho são os livros de literatura infanto-juvenil, são desses que costuro os argumentos para a defesa das cartas como importante procedimento metodológico e como forma de escrita acionada por uma memória riscada por corpos viventes do Sul global. Foi com referências da literatura infantil que tomei a liberdade de brincar com as cartas e assumi-las como metodologia. Quando conto este processo de me constituir carteira lembro de Suely Rolnik (2011) quando a mesma em seu livro *Cartografia sentimental* afirma que para a cartógrafa tudo é material, tudo que dê língua aos afetos é material adequado à pesquisadora. Construir uma pesquisa conversadeira é mais complicado do que parece, mas é mais divertido e coerente.

Procurar fontes é trabalho importante para uma pesquisadora, já que uma biblioteca selvagem (Jota Mombaça, 2016) não cai do céu, é fruto de um trabalho intenso de andar como formiguinha, olhar para aquilo que é produzido em outros lugares que não os usuais (ou os que nos são oferecidos). Fico pensando

na imagem que Luiz Simas (2019) nos oferece: escutar bibliotecas. Como escutam bibliotecas e as acolhem em nossas pesquisas? Você já pensou em como chegou aos livros e autoras/es que cita? Que conversas você anda tecendo em seus trabalhos?

O carteiro chegou de Janet & Allan Ahlberg (2007) me foi apresentado pela professora Gislei Lazzarotto em uma disciplina sobre cartografia na especialização em Instituições em Análise. Na época ela nos apresentou os livros que a inspiravam e entre eles havia alguns de literatura infantil. Lembro de ficar encantada por este que conta a história do carteiro que entrega cartas para diferentes personagens de histórias infantis (Lobo Mau, Cinderela, Cachinhos Dourados, etc). Um livro com muitos envelopes e cartas diversas, com cores, desenhos e muitas aberturas. Andei com ele para pensar em como chegar em um abrigo e começar uma pesquisa (Battistelli, 2017; Battistelli; Cruz, 2021). Há quem vá dizer que a literatura infantil é um gênero inferior em qualidade, mas para estas/es apenas digo que não conhecem boa literatura infanto-juvenil. Pintar envelopes e preparar manualmente as cartas surgiu com este livro, mostrando para cada pessoa que aquela carta tinha sido pensada, desejada, querida e intencionada e que a pesquisadora estaria presente ali (naquele envelope). Uma oferta de estar junto contida em um envelope colorido e com desejos de encontros. *O carteiro chegou* (2007) bem como Guimarães Rosa me levaram a explorar a Arte Postal.

Conheci a Arte Postal através da Sofia que foi aluna em uma disciplina na qual fiz estágio docente no mestrado. Um dia ela chegou com o convite impresso de uma convocatória de Arte Postal. Como eu já tinha falado dos meus interesses pelas cartas, ela me ofertou aquele convite e a partir daí fui procurando mais informações sobre esse movimento artístico originário dos anos 1960-1970. Liana Schedler (2016) afirma que a arte postal acolhe e veicula qualquer tipo de informação e objeto a partir da constituição de uma rede de comunicação que aproximava artistas de diferentes lugares do mundo. Uma rede que possibilitava a troca de trabalhos e materiais que poderiam receber intervenções dos destinatários alcançados. Assim, a arte postal se sustentava pelo estabelecimento de uma rede de pessoas interessadas, pela partilha de materiais e pela crítica a um modo hegemônico de fazer arte. Entender como esse movimento artístico se produziu, originou-se, modificou-se em nosso continente foi importante para afirmar a potência de escolher os correios e a troca de cartas como metodologia. Falo um pouco mais sobre essa relação no artigo *CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica* que escrevi com Érika e foi publicado em 2021.

No Brasil e na América Latina como um todo, artistas utilizaram a Arte Postal para veicular material contra as ditaduras que aconteciam em

diferentes países (Souza, 2010); uma forma importante de subversão aos regimes militares da época (Araújo, 2016). Fui aprendendo que a Arte Postal é um movimento que colocava em questão o que é arte, onde se veicula o que se denomina arte e principalmente, é uma prática que se efetiva no trânsito (Schedler, 2016). Pensar a pesquisa e a escrita com cartas, desta forma, me levou a olhar mais atentamente para os elementos em nossa vida que representam o tempo da espera. Pensando sobre isso, encontrei uma tese sobre caixas de correio, escrita por Tânia de Castro Araújo (2016): “Talvez, as caixas de correio permanecerão apenas como um elemento simbólico: metáfora da espera. Um “fóssil urbano” – parasita incrustado nos muros das casas–sem nenhuma funcionalidade (p. 62).” Seria esse o triste fim das caixas de correio? Tânia se propõe a pensar sobre a dimensão do tempo, das manualidades, da memória, da potência das caixas de correio de sua cidade.

No mundo contemporâneo, fomos pressionados a não gastar tempo com coisas ligadas a atividades manuais, que demandam paciência e um maior cuidado na manipulação e que por isso, passam a ser consideradas por muitos, como “perda de tempo” (Araújo, 2016, p. 76).

Escrever à mão movimenta o pensamento a partir de um outro tempo: tu já parou para pensar no como é mais fácil quando podemos apagar o que escrevemos só com um click? É possível modificar, arrumar, reescrever, sem precisar jogar fora tudo o que tu já tinha escrito. As ideias e pensamentos também andam em uma velocidade diferente quando utilizamos o computador ou o papel. Nem sempre consegui escrever à mão no processo de pesquisa, uma pena, pois uma carta à mão, entre outros efeitos, produz a sensação de cuidado: quem escreve passa um tempo contigo e a outra pessoa de uma certa forma se sente acompanhada (esse é o relato de algumas pessoas ao longo dos anos em que passei a valorizar as escritas à mão). E quando termino de escrever uma carta, já não sou mais a mesma de quando comecei. “No envio de uma carta há um intervalo de tempo, às vezes longo entre a escrita, postagem, sua leitura e posterior resposta” (Araújo, 2016, p. 78). Como eu já te disse antes, não consegui ser tão ágil como no mestrado no alimento ao correio que propus e isso, obviamente, produziu efeitos em meu trabalho, como a interrupção das conversas ou enfraquecimento das conexões estabelecidas. Te conto isso, pois precisamos de honestidade em assumir que o processo não saiu como esperado e que nossas pesquisas vão sofrer com as adversidades que atravessam nossas vidas. Esconder isso é um arranjo colonial de modos de fazer ciência, no qual vida e pesquisa são separadas pela régua da razão e de um certo objetivismo.

Após a conclusão do mestrado no qual construí uma caixa de cartas como material final, aguçar o olhar para produções que tenham o correio e as cartas

como interesse foi algo que permaneceu. A cada passada por livrarias, feira do livro, sites de livrarias, o olhar se espichav xados por Esperança, pelos rastros femininos em nosso país e em minha profissão. Devemos olhar o passado e avivar a lembrança das mulheres que ousaram escrever, produzir, pesquisar, inovar, que romperam com estereótipos e ergueram a voz. Mulheres que não se aquietaram mesmo quando foram vítimas de misoginia, negligência, violências de todo tipo.

Aposto nas cartas como uma forma de escrevermos mais próxima da fala; já que podemos conversar por cartas e com elas esticar o tempo da presença. Voltando: tu já leu a carta de Pero Vaz de Caminha? E a da Esperança? Na primeira temos a versão do colonizador que nem se deu ao trabalho de disfarçar suas intenções por aqui (apropriação, morte, captura e controle), na segunda, Esperança nos conta uma outra versão de nosso país, nos conta a vivência de alguém que experienciou a maior atrocidade da história do que convencionamos humanidade: os processos de sequestro e escravização da população negra. A carta de Esperança conta sobre alguém que não se calou. E aí? Preferimos homens colonizadores e seus rastros de morte? Ou mulheres insurgentes em suas necessidades de acolhimento e cuidado com a vida? Apostar em Esperança como referência neste trabalho é assumir a responsabilidade com a tessitura de outros mundos, de novos mundos; deseje uma pesquisa e vida que busque subverter mundos (Simas, 2019). As cartas como ferramentas de travessia metodológica permitem que diversas dimensões da existência sejam acolhidas (Eduardo Restrepo & Axel Rojas, 2010). Quando proponho a tecer a pesquisa como uma travessia contra-colonial e feminista me interrogo sobre nossas práticas, sobre o proceder cotidiano que se articula com as leituras que escolho. Não há, assim, possibilidade de uma travessia sozinha, desacompanhada, sem outros corpos do Sul global.

“Como alcançar a intimidade e a urgência que quero? (...) Uma carta”. Gloria Anzaldúa (2019) inicia suas cartas no texto *Falando em línguas* com esta questão, preocupação que me acompanha como pesquisadora. Cartas são escritas feitas para irem embora e ganharem o mundo: elas não são de quem as escreve, nascem como algo que vamos ofertar a alguém. Pode parecer um tanto infantil, mas gosto de pensar na escrita de cartas como um presente, algo que dou a alguém para demonstrar minha gratidão. Pesquisar, antes de tudo, precisa ser um ato de generosidade por aquilo que vamos aprender com outras pessoas. O que aprendemos? Com quem aprendemos? E como narramos o que aprendemos? Perguntas que sustentam a tessitura deste trabalho. O que te transmito nas cartas que te escrevo foram aprendizados que venho colhendo pela vida. Cartas me lembram de minha avó.

Bisa Guilhermina, que me foi gentilmente apresentada por Flávia me lembrou que era hora de incluir também minha avó nessa tese. Edi Moraes, uma senhora carrancuda, reclamona, que teve dez filhos e um casamento que suspeito que só ocorreu por que minha avó foi obrigada. Reza a lenda que ela não gostava nem de meu avô, nem dos filhos ou netos. Por muito tempo acreditei nessa história, mesmo sendo beneficiada com a atenção dela quando ia passar as férias com ela e meu avô. Contavam uma versão muito dura sobre a história de minha avó, coisa que só me dei conta quando li bell hooks falando sobre sua família. Que histórias contavam de tuas avós? Tu lembra delas? (Imagino tu se perguntando o que isso tem a ver com pesquisa em Psicologia e produção de conhecimento). Siga com as indagações que te oferto, e se não se perguntou, se pergunte.

Sobre minha avó contavam de sua amargura e dureza; do meu avô contavam da alegria e das diversões. Amo meu avô, mas hoje me questiono por que os homens costumam ser narrados como alegres e divertidos e as mulheres como duras e amargas? Minha avó talvez não fosse alegre, mas promovia diversão aos moldes dela. Com ela eu passeava pelo centro de São Lourenço do Sul após ela sair do trabalho, com ela eu ia visitar a benzedeira (figura que era cercada de mistérios), com minha avó eu tinha acesso a cozinha, ao galinheiro, aos doces que ela escondia embaixo da cama. E foi ela que me iniciou na arte das cartas. Como morávamos em cidades muito distantes (minha família em Viamão e meus avós em São Lourenço do Sul), ela nos escrevia cartas. Os telefones naquela época eram coisa pra gente muito rica (minha tia que era casada com um juiz era a única pessoa que eu conhecia com telefone). As cartas entre minha mãe e avó eram uma das formas escritas que me fascinavam. Um material novo para ler, e ajudar minha mãe com as respostas é uma lembrança que me acompanha. Ela estudou muito pouco, mas escrevia cartas e cadernos de receita.

Não menospreze as pessoas à sua volta e encontre formas de honrar os conhecimentos de quem te cerca. Digo isso, pois já questionaram o uso de cartas: e se alguém não souber escrever? Pois bem, no mestrado quando cheguei no serviço de acolhimento institucional, achava que iria escrever cartas somente para as pessoas adultas trabalhadoras, mas logo nos primeiros dias uma criança de quatro anos me perguntou: “e quando eu vou receber uma carta? Quero uma carta com palavras, desenho e meu nome. Tu entendeu?”. Ela, que não sabia ler ou escrever, exigiu que a carta tivesse palavras, como as que eu ofertava às pessoas adultas. Quando comecei a escrever cartas para as crianças, elas recorriam aos adultos à sua volta para que eles pudessem ler suas cartas. Além de receber minhas cartas, algumas das crianças quiseram que eu escrevesse cartas para eles, processo que narro na dissertação e no capítulo de livro intitulado *Pesquisando com crianças em Acolhimento Institucional*

(2019). Você já foi pesquisada por crianças? E por adolescentes? Foi algo extremamente importante para esta tese, que no mestrado eu tenha sido sujeita de pesquisa para crianças, adolescentes e adultos lá no serviço de acolhimento. Como assim? Tu pode se perguntar. Falo do processo de entrar em um serviço como alguém que tem uma “pesquisa” e encontrar pessoas com suas próprias pesquisas cotidianas. Não estou banalizando o que seria pesquisa, olha as perguntas que as crianças me faziam: “Por que estudar o serviço de acolhimento?”, ou “o que tu quer saber sobre cuidado?”, “quem cuida?”, “O que é cuidar?”.

Para ir encerrando essa carta, te conto sobre a carta mais bonita que já recebi nessa vida de pesquisadora. Era um dia quente de verão em Porto Alegre e eu fazia minha pesquisa de mestrado, com meu bolo de cartas cheguei ao abrigo. Fui distribuindo para as pessoas que passavam por mim, e naquele dia eu tinha escrito uma carta para uma das senhoras que limpavam a instituição. Uma delas, uma mulher negra de pele retinta com um sorriso amplo e muito tímido recebeu a carta dela meio sem jeito, como se ela não devesse receber uma carta. Depois que pegou a carta, ela saiu da sala em que estávamos e eu seguí brincando com as crianças que estavam à minha volta. Uns minutos depois, ela volta, sem a vassoura que a acompanhava; dizia que queria responder a carta que eu tinha lhe dado, mas que não era boa com a escrita. Eu lhe afirmei que estava tudo bem, e que conversas também eram cartas, só que faladas. Sentada em um banco embaixo de uma árvore ela me contou sua história. Me contou dos abandonos que sofreu, das negligências que a vida lhe ofertou, me contou dos filhos, dos sonhos de um futuro cuidadoso e de como entendia que o seu fazer era parte de uma política de cuidado maior na instituição. Ela me fez garantir que sua história estaria na minha dissertação; por questões legais que ela passava, sugeri que mantivéssemos o nome dela em anonimato. Caso tu queira espiar a história dela, tu vai encontrá-la na minha dissertação (2017,p. 136).

Não é o fato da pessoa não saber escrever que irá impossibilitar que ela seja minha parceira de pesquisa. Não é o fato de que a universidade convencionou o português formal como linguagem hegemônica que vai barrar que outras histórias possam ser narradas e que outras línguas gestem produção de conhecimento. É o desejo de relação, é o olhar espichado para as relações que vai fazer uma pesquisa diversamente povoada. Há povos monocromáticos e monolíngues demais habitando a academia, precisamos de pesquisa, pesquisadoras/es que mais do que questionar, mostrem que os povoamentos precisam de pluriversidade. Sigo escrevendo cartas a partir dessas apostas.

Fique bem e me mande notícias.

Um abraço, Bruna

3.4- Fiando conversas

Outubro, 2021

Flora era feita de silêncios e sons. Do lado de fora, Flora era silêncio. Ora silenciava, ora era silenciada. Mas também era calmaria, brisa, chuvinha fina, cochicho, olhar que vivia a se esconder de outros olhares. Do lado de dentro, Flora era sons. Barulho, agitação, gritaria, interrogação, indignação, furacão, temporal, algazarra, festa, muvuca, música, dança, arte. (Janete Marques, 2021, pp. 4-5)

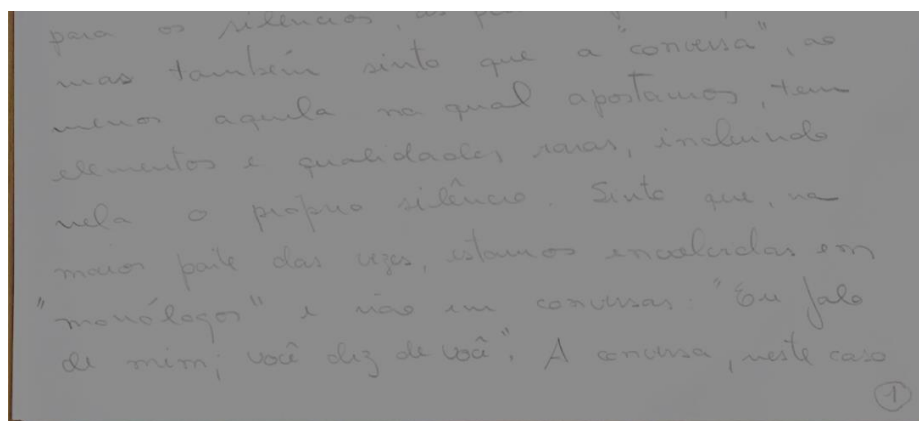
Querida,

Tem certos dias que eu queria ser uma pessoa objetiva, daquelas direta ao ponto, que fazem pesquisa com muitos dados quantitativos e que tem uma autoestima boa para se afirmarem como excelentes no que fazem. Minha autoestima ainda engatinha no quesito autoafirmação, não sei como é isso pra ti, mas é um ponto que a pós graduação nos exige (mesmo não estando nos pré-requisitos). É onde pega a insegurança e uma ótima abertura para o adoecimento psíquico. Mas aprendi a entender que eu tenho outras coisas a oferecer nesse meio. Eu não sei se eu sempre fui faladeira como sou agora, houve um tempo em que o silêncio me era companhia (minha graduação foi assim, por exemplo). O medo de errar, de falar de forma inadequada, de dar uma resposta errada, de ser desqualificada em sala de aula, me fazia silenciar. Talvez por isso eu insista tanto em práticas de cuidado, tenho medo que isso aconteça de novo, e que aconteça com outras pessoas (e que elas achem que é um problema individual delas).

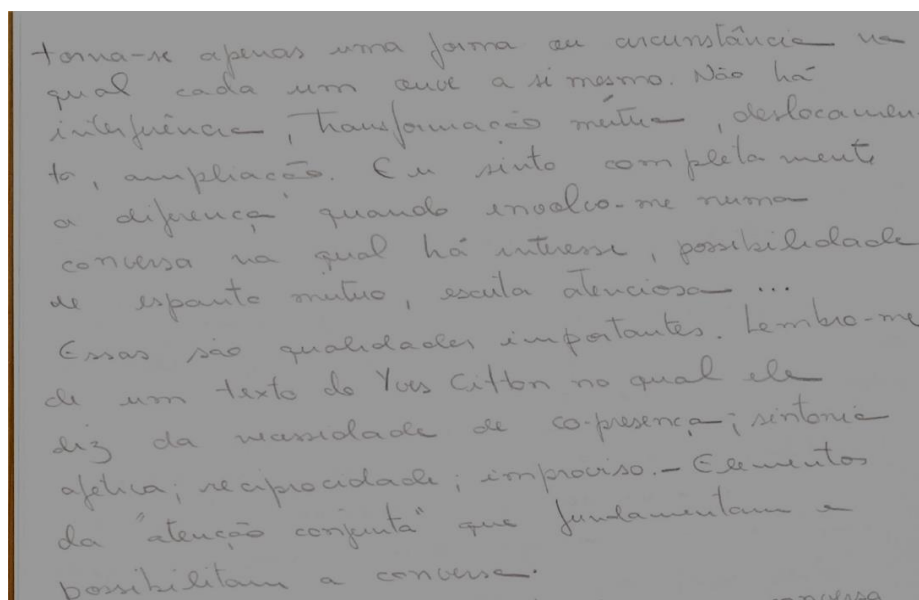
E pensando sobre isso, quero te contar sobre como Luciana (minha companheira) me fez encontrar Flora; meu primeiro encontro com essa menina que faz florir foi meio indiferente (não prestei atenção em Flora, eu confesso). Um livro pequenino escrito por Janete, autora que dá passagem à Flora e as mulheres que rodeiam a menina (Ayo, Zuri, Abayomi, Ayana); com elas Flora exercita os sons, a linguagem dos afetos e da partilha. E é ela que escolhi como nossa parceira nessa carta, pois a menina é entendida dos silêncios e das palavras. Na verdade, eu sempre tive mais facilidade com os silêncios, e com conversas com os estranhos do que com os conhecidos, contar algo de mim é sempre constrangedor e intimidador; ficar exposta sempre foi algo que tive muita dificuldade.

Por incrível que pareça escolhi caminhos de pesquisa que entre outras coisas me forçaram a lidar com isso. Pesquisar sobre cuidado, sobre relações e buscar parcerias de pesquisa é um ato de exposição. Me exponho com a intenção de que a outra pessoa também se exponha, um ensinamento de bell hooks (2017).

Conversando com Flora, lembrei de uma conversa que teci ainda em 2021 com Luciana Caliman que está residindo atualmente em Portugal e é professora adjunta convidada da Escola Superior de Educação de Lisboa e do PPG em Psicologia Institucional da UFES. Não sei se Luciana conhece Flora, mas a conversa que teceu comigo parece muito com as conversas da avó da menina. São relações de cuidado e atenção que avó de Flora tece com a minha que me fazem lembrar de Luciana. Te mando um trecho da carta que ela me mandou. Como gosto das escritas à mão, deixei como ela me encaminhou:



para os silêncios, mas também sinto que a "conversa", ao menos aquela na qual apostamos, tem elementos e qualidades raras, incluindo nela o próprio silêncio. Sinto que, na maior parte das vezes, estamos encobertas em "monólogos" e não em conversas: "Eu falo de mim; você diz de você". A conversa, neste caso



torna-se apenas uma forma ou circunstância na qual cada um vive a si mesmo. Não há influência, transformação mútua, deslocamento, ampliação. Eu sinto completamente a diferença quando envolvo-me numa conversa na qual há interesse, possibilidade de espanto mútuo, escuta atenciosa... Essas são qualidades importantes. Lembro-me de um texto de Yves Citron no qual ele diz da variedade de co-presença; sintonia afetiva; reciprocidade; improviso. - Elementos da "atenção conjunta" que fundamentam e possibilitam a conversa.

Como fazer conversar silêncios e sons? Uma pergunta que me surge com Flora e que Flávia me ajudou contando a história de Guilhermina e Iolanda (bisa e avó), e encorajada por ela, eu trouxe Edi (minha avó) para a conversa. Bordar, desenhar, escrever, falar, silenciar. Nossas avós e bisavós silenciaram por demais da conta. Cada qual em seu tempo, em sua cidade, em diferentes estados do país. E pensando sobre elas, lembro de Flora, a menina do livro de Janete que te contei ali no início. Flora também pensava sobre esses silêncios que são infligidos às mulheres (em especial para algumas mulheres), e encontrou uma forma de fazer florir. Fazer florir, no caso da

pesquisa que venho tecendo, tem a ver com como acolho os silêncios, as histórias, os gestos, as partilhas possíveis em uma conversa. A vó Ayana ensinou para Flora que “é preciso transformar o SILÊNCIO em SONS. E os SONS em AÇÃO” (2021, p. 27). E para isso, vovó Ayana dizia: “Escolha palavras que abraçam e acarinhos o coração” (2021, p.28). A carta que Luciana me mandou são sobre palavras que acarinhos o coração. Para alimentar a arte da conversa, me lembra Luciana, é preciso atenção e práticas de cuidado. Acompanhando os trabalhos de Luciana Caliman, Virgínia Kastrup e Cristiane Bremenkamp tu vai ver que elas não tomam a atenção como focalização, como o senso comum nos convoca a pensar, mas como algo que se dá no coletivo:

(...) a atenção não é um processo cognitivo individual e natural, mas tem uma dimensão coletiva e conjunta. A atenção é coletiva na medida em que resulta de um jogo complexo que envolve vetores heterogêneos - materiais, midiáticos, tecnológicos, políticos, econômicos e estéticos. Ela é também conjunta por ser produzida por meio de práticas relacionais (Luciana Vieira Caliman; Janaína Mariano César; Virgínia Kastrup, 2020, p.169).

Mulheres que me instigam a pensar que conversar não tem a ver com focalizar nossa atenção com quem dialogamos, mas sim manter-se atenta/o às práticas relacionais que se estabelecem, em um processo que é coletivo: para uma conversa é preciso pelo menos dois corpos disponíveis, que acolham os movimentos, silêncios e distrações que surgirão na relação. “Um ecossistema atencional é um complexo folheado de atenções que coexistem, interpenetram-se e se co-afetam” (Caliman; César; Kastrup, 2020, p.172). Quando conheci Cristiane Bremenkamp (indicada por Luciana Caliman), foi como se o que li sobre atenção se materializasse em uma conversa sobre budismo, postura escutadeira, atenção e relação com corpos humanos e não humanos. Minha conversa com Luciana e Cristiane me fez pensar na vovó de Flora (Ayana), pois ela nos oferta um ensinamento daqueles que tu não vai encontrar na aula de metodologia de pesquisa de nenhuma universidade, nem em livros de metodologia. Como constituir uma pesquisa que cuide e que busque ser trabalhada com palavras que abraçam e acarinhos? E para o mundo que vivemos, precisamos de palavras que abracem e acarinhem para subverter um sistema colonial que vem dando mais do que certo.

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos

é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. (Rufino; Simas, 2020, pp. 07-08)

Fazer florir não é ação fácil, por vezes vai fazer teu interior tremer, vai te deixar angustiada com o que vão pensar de ti. Para fazer florir é preciso coragem e coragem é acalentada no encontro com outras/os que fazem florir. Estou falando de que conversar como estratégia de fazer florir é um gesto de amor. Gosto de como bell hooks (2019b) vai construindo a politização do amor: “para criar uma cultura que celebra a vida, que torna o amor possível, nós nos movemos contra a desumanização” (2019b, p. 70). Falar de amor é revolucionário, principalmente quando se desloca ele do campo dos sentimentos para o da ética (bell hooks, 2020b). A busca, de acordo com a autora, é por um mundo onde todas/os possamos viver de forma completa e livre. E essa movimentação tem como consequência “aumentar nossa consciência, aprofundar nossa compaixão, intensificar nossa coragem e fortalecer nosso comprometimento” (2019b, p. 71). Ouça o que Flávia fala para nós sobre esses tremores que sentimos quando somos afrontosas e arriscamos fazer florir:

Terminei a banca trêmula. Decidi jantar com a companhia de duas taças de vinho branco. Não relaxei. Havia em mim uma disputa de forças, entre as sensações de coragem, o desejo de implodir verdades, a aposta de que os professores (homens) da banca são aliados, o medo por perceber que venho me bordando mestiza. Transbordei afeto demais? Deveria ter sido mais “acadêmica”? Como Gloria lidava com os medos dos Outros? Nessas guerrilhas linguísticas, nem sempre é confortável ocupar as trincheiras, pois há que lidar com as fantasias de risco. (Flávia, correspondência particular, fevereiro de 2021)

Este trecho me faz lembrar da conversa que tive com Cristiane sobre a escuta: como sustentar uma pesquisa escutadeira? Ela se questiona e me questiona. Sinto que é algo como o que Flávia fez, de escutar para além daquilo que as palavras nos movimentam, escutar com o corpo todo. Cristiane, me falando sobre sua tese, fala que escutar não é só o exercício de seguir orientações, mas que há movimentos da escuta, entre os quais encontra-se o ressoar, um tensionamento que a fala provoca.

Esta carta é para lhe contar da conversa como procedimento de pesquisa, mas relendo os ensinamentos de Rufino e Simas, fico pensando que mais do que um procedimento, a conversa é uma ética de pesquisa, pois é uma forma de transitar e de colocar em relação diferentes pessoas. A conversa como trânsito, como aquilo que se tece na encruzilhada do encontro entre nossas diferenças tem como intenção fortalecer vínculos, ampliar redes de confiança em busca de uma ética do cuidado. O sistema colonial que foi engendrado no

Brasil é tão eficiente e tem dado tão certo que a capacidade da conversa tem se perdido: vivemos aos gritos de pessoas que acham que há somente UMA verdade; ou como diz Luciana em sua carta- falamos em monólogos. Com quem tu tem tecido conversa?

Escolher procedimentos, situar posicionamentos éticos que sustentam um processo de fazer pesquisa são algumas ações inerentes ao trabalho na pós-graduação. Posicionar teus pressupostos éticos são importantes e eles serão fundamentais para pensar com quem e como tu senta à mesa (imagem que é oferecida por Audre Lorde no livro *Irmã Outsider-2019*). Um trabalho de pesquisa produzido a partir do fundamento político do encanto confronta os sustentáculos da “consciência das mentalidades ocidentalizadas” (Simas; Rufino, 2020, p.08) e por isso, estamos falando de tomadas de posição: com quem tu te aliança e como tu alimenta tuas alianças é importante, ou como nos lembra Patricia Hill Collins (2019): a validação e o reconhecimento se dão por coerência. E conversar desde esse pressuposto é se implicar com o diálogo, com a fala livre (desde que não reprodutora de violências coloniais e discursos de ódio) e com a troca de compreensões.

bell hooks, no livro *Ensinando o pensamento crítico: a sabedoria prática* (2020), afirma o “valor da conversa como chave para a aquisição de conhecimento” (p. 82), ressaltando que habilidades básicas de comunicação são necessárias para a conversa. E o projeto colonial, citado por Luiz Rufino e Luiz Simas (2020), que “instalou um modo adoecido, um amplo repertório de formas de desencanto, que hoje nos fazem acreditar que esse simulacro que nos é destinado é um modo “normal” de vida” (2020, p.10), é hábil em tolir nossas capacidades conversadeiras. Eles falam de um projeto colonial que quer massas de estudantes e trabalhadoras/es silenciadas/os e silenciosas/os, que recebam informações e não pensem sobre; o projeto colonial ocidentalizado se sustenta no aprendizado da não conversa, do monólogo que sustentam relações hierárquicas de poder. Tu vai lembrar de Grada Kilomba (2019) que no capítulo *A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização* questiona: “E o que o *sujeito branco* teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir” (p. 41).

Descolonizar a conversa passa por olharmos a memória da supremacia branca e o impacto do pacto colonial em nossas relações. Um olhar espichado para o passado, que permite que alguns nós do presente se desatem (ou se apertem ainda mais). Quem tem o direito de ser escutada/o? Mais do que falar (sim, toda/o subalterna/o fala), precisamos olhar para o estatuto da escuta. Uma conversa é feita de fala e escuta, e a escuta ativa é um poderoso meio de descolonização do pensamento. Mas como aprendemos a escutar? Quem aprendemos que vale a pena escutar? Grada Kilomba (2019) afirma que cobria-se

a boca do *sujeito negro*, “pois esse método protege o *sujeito branco* de reconhecer o conhecimento da/do “*Outra/o*” (p. 42). A autora afirma que falar é uma espécie de negociação entre quem fala e quem escuta, e “ouvir é o ato de autorização em direção à/ao falante” (p. 42). O pertencimento ou não pertencimento, desta forma, é mediado por quem é ou não escutado. Tu percebe que a autora vai narrando um processo de silenciamento que povoa o mundo a partir de quem é autorizado pela escuta e quem não é autorizado pela escuta. Não há conversa se não nos ocuparmos com essas práticas passadas que invadem o contemporâneo em atualizações violentas e deslegitimadoras. Para abrir uma veia conversadeira, precisamos fazer dar errado urgentemente

Neste ponto, lançamos a provocação e afirmamos que o Brasil precisa dar errado urgentemente. O país que anda se vendo no espelho nesses anos bizarros é aquele que destrói sistemas de mundo e formas plurais de vida, formado por capitães do mato, capatazes, senhores de engenho tarados, feitores, bandeirantes apressadores de índios e destruidores de quilombos, genocidas, generais, torturadores, coronéis, pistoleiros, membros do esquadrão da morte, misóginos, homofóbicos, parasitas sociais, fanáticos religiosos, burocratas medíocres, empresários mafiosos, doutores pedantes, milionários sibaritas e arrivistas inescrupulosos (Simas; Rufino, 2020, pp. 11-12).

E, no campo da pesquisa, por exemplo, dar errado é aprender com bell hooks que “as histórias, sobretudo as histórias pessoais, são uma maneira poderosa de educar, de construir uma comunidade na sala de aula” e de aprender (2020, p. 97). E se servem para a sala de aula, servem para a pesquisa; conversar é um poderoso meio de acionar essas histórias pessoais, que contam de modos muito miúdos de ocupar a universidade e de se apropriar da pesquisa. Cada pessoa com quem conversei me contou uma versão muito particular do que é pesquisar, do que é produzir conhecimento e como vem andando no mundo. Falamos sobre filhos, sobre família, sobre machismo, sobre as universalidades, falamos sobre como a vida impacta na pesquisa, sobre um jeito brasileiro de fazer pesquisa e psicologia, falamos sobre coisas que se repetem não sendo necessariamente boas, falamos sobre as histórias que nos enchem de vida e também daquelas que diminuem a potência do existir, conversamos sobre tatuagens, processos institucionais, sobre publicações e escritas. Conheci as salas de muitas pessoas, viajei para muitos lugares sem sair de casa. E se bell hooks (2020) afirma que uma sala de aula se beneficia com a maior diversidade possível de histórias e vozes, porque uma pesquisa também não se beneficiaria desta diversidade? Dependendo da proposta metodológica que tu escolher, a escolha da amostra será algo crucial, e muitas pessoas vão te dizer que tu precisa de pessoas que respondam às tuas perguntas e problema de pesquisa. E se formos menos apegados aos nossos problemas de pesquisa? Uma provocação que te deixo para quando tu tiver que te a ver com tuas perguntas e problemas.

Mas e se tu escolher pessoas com a intenção de conhecer as perguntas delas sobre teu tema de pesquisa? Te faço essa provocação, pois ela me acompanha. Ao longo do processo de conversar com as pessoas, não necessariamente eu falei sobre coisas que alimentavam a “resolução de um problema” (do meu problema de pesquisa). Há quem nos leia e dirá que o que estou propondo não é ciência e que não tem um método. Aprendi com Luiz Simas (2019), que escutar as pedrinhas miudinhas que seguem sendo lançadas no tempo é procedimento importante de pesquisa, e para escutá-las é preciso uma abertura do corpo à conversa, ao pequeno da vida que passa por entre as coisas tomadas como sérias. Com quem (e o que) você conversa em seu trabalho e em sua vida são informações de qualidade. As pedrinhas miudinhas produzem presença e acionam outras possibilidades (Simas, 2019), e isso é matéria da pesquisadora. Uma conversa que me lembra de Cristiane Bremenkamp (a Cris), hoje professora na Universidade Federal do Pará (UFPA). Cristiane me apresentou um mundo miúdo, das pequenas formiguinhas que a acompanhavam no dia em que conversamos. Ela vinha de um período de retiro espiritual em um templo budista aqui no Rio Grande do Sul, e por aí nossa conversa começou: o encontro da psicologia com o budismo, o encontro de bell hooks com o budismo, o nosso encontro, o encontro com as coisas miúdas do cotidiano. Cristiane é uma pesquisadora das escutações, amplia seu olhar a partir de muitas conexões, uma pesquisadora que dá vazão à distração como procedimento atencional. Junto com Luciana Caliman e Virgínia Kastrup, me ensinaram sobre dar atenção à atenção. “O que seria dos contadores de histórias sem ouvidos de sentir?” (2021, p. 26), uma pergunta feita pela avó de Flora e que combina com as histórias que Cristiane me ofertou.

“Quem teria inventado nosso ponto de interrogação?”

Ele já tem a forma de uma orelha que escuta.”

(Mario Quintana)

Talvez essa postura escutadeira da qual falamos tenha algo a ver com deixar nossas orelhas ganharem efetivamente este formato de um ponto de interrogação. Essa imagem do Mario Quintana é boa, né? **Abrir nosso corpo inteiro e nos permitir deambular pelos referenciais, explicitar nossos pertencimentos e, num mesmo movimento, levantar um ponto de interrogação na relação com nossos interlocutores.** Afinal, não há mesmo neutralidade nem essencialidade, o que há são os processos e as relações em feitura, em tessitura, em possibilidades de “arrebatamento e encantamento”. **Nossa escuta há de ser sensível e também política.**

Pensando aqui, talvez algo na postura escutadeira diz respeito a se **interessar pelo modo como nossos interlocutores escutam:** te escutar é me atentar pro modo como você escuta o mundo, suas relações empenhadas no viver, as frestas que você abre, as zonas de passagem, de envolvimento, os fios que você aponta, enfim, te escutar é escutar o modo como seu mundo amplia o meu. Quando a gente se escuta, não é a Cris ouvindo a Bruna e vice-versa, mas mundos em espiral fazendo movimentos em feixes cujas direções não são antecipáveis.

Sinto um pouco assim... (Correspondência pessoal, março de 2021).

Para que esse processo seja possível, escolher formas de estar no mundo da pesquisa é importante (os procedimentos metodológicos, a metodologia, os processos éticos); nomes que ganham seriedade e pompa, e com isso, muitas vezes, ganham um aspecto caricatural. Escolha procedimentos de pesquisa como tu escolhe amigas/os na vida; é demasiado importante o como tu vai chegar nas relações que tu vai estabelecer. Tu vai encontrar com colegas que por vezes são mestres em reproduzir esse linguajar, em narrar as referências que usualmente são acionadas nesses casos, não se impressione tanto. Palavras como rigor, precisão, neutralidade, distanciamento dizem de um fazer ciência colonizado desde os saberes eurocentrados. Com isso lembrei de um artigo que li tempos atrás, ele fala sobre pesquisa qualitativa e nele Rosália Duarte (2004) afirma que a discussão entorno dos tipos de ferramentas para utilizar em uma pesquisa qualitativa é

um tema recorrente nas discussões acadêmicas sobre metodologia de pesquisa, e ainda um tanto polêmico. Persistem entre nós certas crenças segundo as quais a entrevista, sobretudo aberta ou semi-estruturada, é um procedimento de coleta de informações pouco confiável e excessivamente subjetivo, pelo qual optam pesquisadores com pequena bagagem teórica, que dele fazem uso de forma bem menos rigorosa do que seria desejável (p. 214).

Sim, em campos mais hegemônicos de produção de conhecimento as pesquisas são divididas em qualitativas e quantitativas. Uma divisão que muitas vezes é utilizada para afirmar uma certa “pureza” em termos do que estamos falando de ciência. E no campo das pesquisas qualitativas, as entrevistas são bastante utilizadas como forma de produção de dados. Elas podem ser estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas; são formas de gerenciar as perguntas que tu faz e o como tu vai te relacionar com o tema e com a pessoa. Entrevistas estruturadas obedecem a uma quantidade de perguntas pré-estabelecidas, as entrevistas semi-estruturadas tem uma pequena abertura para perguntas que surgirem no encontro com a/o entrevistada/o e as não estruturadas são mais abertas, permitindo que a/o entrevistadora/or vá a campo com um tema e alguns eixos orientadores e vá construindo as perguntas ao longo do processo. Esse artigo sobre as entrevistas em pesquisas qualitativas vai apresentar as dificuldades e o como é possível ter um maior rigor, mesmo quando se opte pelos modelos de entrevista mais abertos. O que noto é que ainda há uma centralidade no que deseja o pesquisador nesse processo. Como tu vai perceber nesse trecho:

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista (Duarte, 2004, p. 216).

Aprendi a fazer pesquisa assim, desta forma, e talvez por isso, hoje eu tenha mais tranquilidade em propor outras possibilidades como modo de me relacionar durante o processo de pesquisa. Aprendi a fazer pesquisa com longos questionários e escalas em que se mediam uma infinidade de situações e confesso que o que mais me interessava na época eram as marcações que algumas pessoas deixam nas bordas dos questionários; escritos que queriam contar mais sobre as violências vividas e sobre como entendiam o trabalho, o que escapava ao que perguntávamos. Foi nesse mesmo tempo em que eu aprendi a fazer entrevista semi-estruturadas, carregava perguntas, mas sempre me diziam para abrir os ouvidos aquilo que escapava às perguntas que eu levava junto. Aprendi a fazer pesquisa acadêmica com Mayte Raya Amazarray, hoje professora na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e na época doutoranda no Programa de Pós Graduação em Psicologia/UFRGS. Ela me ensinou coisas que a formação oferecida em sala de aula não me ensinou: como borrar fronteiras entre campos de conhecimento, como fazer conversar quem as pessoas de uma forma geral iriam torcer a cara para a conversa. Foi com Mayte que aprendi sobre o mundo do trabalho e foi com ela que aprendi que autores da Psicologia Social poderiam conversar com autores da Psicologia do Desenvolvimento. Não sei se Mayte tem essa dimensão, se ela percebe o quanto o fazer dela era uma arte do borramento, da mistura, de fazer conversar quem os livros e a formação dizia impossível de fazer entrar em diálogo. Aprendi sobre o campo do trabalho com Christophe Dejours, Ricardo Antunes, Margarida Barreto e Roberto Heloani e os fazia conversar com Urie Bronfenbrenner, trabalhava com referenciais teóricos da psicologia do trabalho ao mesmo tempo em que trabalhava com a teoria bioecológica do desenvolvimento. Mayte me ensinou em ato, o que depois consegui nomear com autoras/es como Silvia Cusicanqui e Ramón Grosfoguel: uma arte de operar com esses conhecimentos que nos são impostos, desde os nossos interesses e problemas. Então, se algo que me ficou desse percurso é: gaste teu tempo e energia entendendo onde teus pés pisam e qual a ética do teu caminhar; afine teus ouvidos para além da “reza” colonial que por vezes nos vendem como descolada e vá fundo para pensar em como resolver problemas daqui, desde o chão que tu pisa e com gentes que sabem dos nossos problemas.

Ficou confuso? Pois bem, com bell hooks, Paulo Freire e Wanderson Flor do Nascimento aprendi que o diálogo não é uma tecnologia tão fácil assim de usar como estratégia de pesquisa como repetem os que acreditam em um certo modo de viver e pesquisar. Sim, uso o termo estratégia, mesmo parecendo uma linguagem bélica; precisamos ser estratégicas para ocupar a academia de outras formas. Se com bell hooks (2017; 2019b; 2020a; 2021) aprendi o valor das histórias pessoais para a produção de conhecimento, nada mais justo do que seguir apostando em uma reza conversadeira, que vai se ampliando de pessoa em pessoa, acreditando que o que alimenta a fome de uma pesquisa é o miúdo mais miúdo da vida. Com Luiz Rufino e Luiz Simas (2019; 2020a; 2020b) aprendi que nas pedrinhas miudinhas está um conhecimento que é necessário para subverter mundos. Com Jota Mombaça (2021) e Octavia Butler (2018) aprendi a afiar os olhos para ler o desmoronamento do mundo e olhar para as mulheres que moldam o mundo na pressa/ânsia de viver.

Segue confuso? Então vou voltar umas casinhas. Quando iniciei essa pesquisa que te conto algumas partes, queria entrar no cotidiano de uma escola e entender como os processos de produção de conhecimento se davam na vida diária. Tinha escolhido a escola por ser um terreno em que atualmente pouco se supõe produção de conhecimento, ou melhor, se teme o que é produzido em uma escola e desta forma se critica muito mais do que se escuta o que vem deste campo. Mas veio a pandemia, o distanciamento social, o fechamento das escolas e a necessidade de rever os planos. Eu não tinha tanto tempo assim para esperar que a pandemia acalmasse, que as aulas retornassem e que minha pesquisa coubesse no cotidiano de uma escola. Nessa época eu também estava iniciando o processo de coorientação com a Érika. O Luciano e a Érika vieram para alimentar minha coragem acadêmica e possibilitar que eu me arriscasse mais, e foi aí que pensei: porque não falar com psicólogas sobre suas invenções, pesquisas e percursos? Para delimitar um pouco, focamos em psicólogas/os e foi assim que criamos a estratégia de ir conversando e trocando cartas com profissionais da psicologia. Já nas primeiras indicações, depois de eu entrar em contato com as pessoas, descobri que algumas delas (indicações do Luciano e da Érika) não tinham formação na psicologia. Eram pessoas interessantes e eu já tinha entrado em contato. O que fiz? Segui a conversa... Foi assim que pude conhecer um pouco mais de Daniele Noal e sua ética do brincar.

No livro *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática* (2020) bell hooks oferece um ensinamento com o nome de *Conversação* no qual ela afirma que o ato de conversar envolve doação, uma espécie de compartilhamento de poder e conhecimento, ou seja, estamos falando de uma iniciativa de cooperação, possível entre sujeitas/os. O diálogo que a autora tece é com autores como Paulo Freire que afirmou que não é possível entrarmos na luta como objetos

para no caminho nos tornarmos sujeitos. bell hooks e Paulo Freire estão preocupada/o com as aberturas de espaço para que as pessoas possam se encontrar e ter uma voz, serem tratadas como sujeitos, e como sujeitos entrarem na conversa. Então, assim, com poucas ou quase nenhuma pergunta, eu fui marcando de me encontrar com quem se dispusesse conversar comigo. Sobre o que falamos? Os mais variados assuntos: tiveram aquelas que me contaram de sua vida, aquelas que queriam saber do que eu estava fazendo, pessoas que contaram de suas pesquisas, sobre como dialogaram com minhas questões e proposta. O que fui aprendendo? Que quanto menos perguntas eu tivesse, mais amplitude para conhecer aquela/e que se propunha a doar um tempo de sua rotina eu produzia. Uma pergunta que me acompanhou nesse processo: com o que me importo?

Volto a bell hooks que afirma ainda que “as conversas nos ajudam a olhar para questões complicadas a partir de diferentes perspectivas à medida que as viramos de um lado para outro e nos esforçamos para construir um novo entendimento” (2020, p.85). Então, quando pensei em sair por aí conversando com pessoas interessantes ao meu trabalho, foi a partir desta lógica. E qual minha surpresa? Pessoas que eu nunca imaginava que eu poderia conversar, aceitaram meu convite. O que para mim era inusitado (professoras/es que eu li a vida toda) com disponibilidade para participar de uma pesquisa de uma pessoa que eles não conheciam até então. Conhecer, desta forma, me foi ensinado que é exercício de generosidade; uma ética da partilha pela conversa então foi se instaurando. Lembro de como bell hooks fala sobre o tema da confiança e que a mesma “significa acreditar na própria habilidade e na de outra pessoa para cuidar, para se estar atento ao bem-estar um do outro” (2021, p. 140).

Com bell hooks (2017; 2020) e Jorge Larossa (2015) aprendo que é preciso uma língua para acolher a experiência, uma língua apaixonada, capaz de enunciar o singular e acolher as incertezas; desta forma, uma língua conversadeira não é algo que acontece de forma espontânea, é um comprometimento ético do corpo com as relações e com o estar em relação.

E se digo a você que “gostaria de poder falar com você” é também porque não sei em que língua, porque teremos que procurar uma língua que esteja entre nós, uma língua da qual a única coisa que sei é que não pode ser nem a sua nem a minha, que nunca poderá ser a própria de nenhum de nós, mas na qual, talvez, trataremos de nos falar, você e eu, em nome próprio. (2015, p. 69)

Gosto de Larossa (2015) porque ele fala dos tremores da experiência, aprendi com ele a arte de olhar para aquilo que nos passa. Encontrar com o ensaio *Uma língua para a conversação* me encheu de alegrias, pois neste o autor fala sobre como para conversar precisamos de uma experiência em nome

próprio, o que não significa falar na primeira pessoa, mas falar a partir de si mesmo e fazê-lo com alguém e para alguém. Conversar então, pensando com os dois autores é apostar na oralidade, na horizontalidade e na experiência (hooks, 2020; Larossa, 2014). Para isso precisamos de uma língua:

(...) uma língua com voz, com tom, com ritmo, com corpo, com subjetividade, uma língua para a conversação, em contraste com uma língua sem voz, afônica, átona ou monótona, arritmica, uma língua dos que não têm língua, uma língua de ninguém e para ninguém, que seria, talvez, essa língua que aspira a objetividade, a neutralidade e a universalidade e que tenta, portanto, o que foi apagado de todo traço subjetivo, a indiferença tanto no que se refere ao ouvinte/leitor (Larossa, 2014, p. 72).

Quando pensei numa pesquisa baseada em conversas, foi para desatar os nós da verticalidade das relações institucionalizadas, para ampliar as possibilidades de me sentir do mesmo tamanho das pessoas com quem conversei. Esse foi um ponto ressaltado na minha qualificação de doutorado (o quanto eu por vezes) me relacionava de forma verticalizada com as autoras, mesmo me propondo um exercício horizontalizado; o quanto falar sobre horizontalidade é muito diferente de se colocar de fato ao lado das coisas, pessoas e ideias. A pontuação do professor Eduardo Pacheco me acompanhou nesse processo: lembro dele me convidando a olhar pra esse ponto com mais cuidado. Colocar o corpo nesta posição para, como diz Larossa, possamos nos sentir da mesma altura é algo ainda hoje pouco valorizado e instigado nos processos acadêmicos, algo muito difícil de fazer, pois entre outras coisas, faz com o que o controle não seja tão possível como em outras formas de conhecer. Uma pesquisa conversadeira, desta forma, navega conforme o encontro com os mares que outras/os me oferecem, e assim, escrever essas cartas tem sido um habitar imundado por vidas e histórias que agora também sou responsável. Conversar, assim, na pesquisa é um exercício de responsabilidade ética para com as histórias que as outras pessoas guardam e te ofertam. Lembro de bell hooks (2020) que diz que para vivermos o amor, precisamos desaprender aquilo que fomos socializadas a vida toda, ou seja, precisamos desaprender o gosto pelo poder e pelas relações de dominação.

Tu deve ter notado que nossa conversa sobre conversa foi se espichando, isso foi acontecendo. Na próxima prometo te escrever sobre os procedimentos da pesquisa de uma forma mais objetiva. Sigo curiosa com as escolhas que tu vai fazer para começar a trilhar um projeto.

Um forte abraço, Bruna

3.3. Quando começa uma pesquisa?

(...) porque arruaça é também uma guerra em que os modos populares têm, como táticas, artimanhas não convencionais. O Brasil das sinhás, sinhôs e de toda carga imantada por eles é aquele que precisa ser rasurado pela brasilidade dos viventes que para aqui se bandearam.

Seja nas matas, praias, esquinas, rodas, improvisos, várzeas e recantos onde se tocam tambores, há inúmeras formas de ir ao campo de batalha (Simas; Rufino; Haddock-Lobo, 2020, p.12).

Oie!

Há inúmeras formas de ir ao campo de batalha; uma afirmação que ressoa em mim faz muito tempo. Tu me pergunta sobre tema de pesquisa, sobre como começar uma pesquisa e sobre como comecei a minha. Levei algumas cartas e um tanto de páginas para chegar a coragem de falar sobre esse tema. E começo com a lembrança que me veio esses dias: do início do livro *Arruaças: uma filosofia popular brasileira* (2020) escrito por Luiz Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo; venho pesquisando sobre o pesquisar muito associado ao que os autores nos apresentam, um pesquisar imerso em brasilidade, que olha para o nosso país para além do projeto colonial que insiste em dar certo.

Vou ao campo de batalha com cartas, conversas e conceitos que dialogam com os daqui, desde a poeira que levanta em nossas terras. Em tempos de desencanto, quero envelopes, cartas como nos tempos antigos, expectativas e bons encontros. Na mesma introdução da qual tirei o trecho que iniciei a carta, eles falam sobre como existe uma infinidade de fazeres que alimentam a existência da brasilidade. Fico pensando no quanto de pensamento de ponta que nosso país produz nos mais variados recantos do país e que facilmente jogamos para o lado por nos deslumbrarmos com sinhás e sinhôs de outras bandas. E como ainda precisamos tombar para abrir os ouvidos, poros e pele para aquilo que é produzido em nosso país. Que nos reste o tombo, o tombo nos ensina a cair e a levantar; como bem dizem os autores: “tombo feio quem toma é aquele que não teve a rua para aprender a manha de cair bonito” (2020, p. 13). Então, quando tu parar para pensar em que tipo de pesquisa tu deseja fazer, com quais pesquisadoras/es tu quer se associar e conversar, com quais procedimentos metodológicos tu quer para caminhar em teu percurso acadêmico: olhe para os tombos que já caiu, veja desde onde e como as pessoas, conceitos e procedimentos olham o mundo. Se olham desde os lugares de superioridade ou de seus lugares de conforto, desconfie e caso tu queria conversa com esses conhecimentos, lembre do que Rafael Haddock-Lobo (2020) afirmou quando nos mostrou os benefícios da filosofia a golpes de navalha: “o

malandro não pode destruir os prédios velhos do saber, porque precisa deles, de seus cômodos abandonados para fazer morada; das suas marquises para se abrigar: ele mora nos cortiços do saber” (p. 26). Que tu aprenda com o malandro uma outra relação com o que te oferecem como saber hegemônico, pois uma pesquisa como a que te venho contando por aqui carece de um tanto de aprendizados da rua, daqueles que aprendemos nas brechas, nas esquinas, ouvindo um e outro.

Para pensar sobre esses temas que tu me pergunta tenho que te falar de Mirela de Cintra. Lembra que já te comentei sobre ela? Quando conheci Mirela? Essa é uma história interessante. Eu estava no final do curso de Psicologia e era monitora em uma disciplina de Ambientes Virtuais para Aprendizagem ofertada para alunas/os da licenciatura em Psicologia na UFRGS. Conversamos muito pouco nessa época, nossos encontros eram para pensar sobre como montar um ambiente virtual de aprendizagem. Mirela, trabalhadora da prefeitura de Porto Alegre, psicóloga, bacharel em direito, trabalhadora do acolhimento institucional, tinha (e tem) sempre muitas questões. Mirela ao contrário era posicionada, tinha opinião, falava da Psicologia com uma língua que não era a mesma com a qual estava sendo ensinada. E confesso que adorava isso, já que na universidade as questões pareciam que tinham que ter uma outra forma de expressão (mais séria, envolta de um linguajar que eu nem sempre entendia e conseguia utilizar). Como se tivéssemos que ter grandes questões que eram revestidas de muitos conceitos.

Depois, foram alguns anos até eu reencontrar ela em um seminário sobre a política pública de Assistência Social no Conselho Regional de Psicologia/RS. O que nos dois encontros me admirou em Mirela foi sua fala firme e crítica em relação a psicologia e em relação à universidade. O que ela dizia fazia coro ao que pensava e sentia sobre a formação em psicologia e a relação com a universidade. Nas críticas que ela tecia eu sentia amparo para aquilo que vivia e sentia. Via nela, um posicionamento que sentia falta nos professores de minha formação e isso fazia com que me sentisse mais pertencente a minha profissão. A profundidade com quem ela falava da prática da/do psicóloga/o me deixava intranquila: será que eu reproduzia em minhas práticas aquilo que ela criticava? Logo depois deste seminário, iniciei a pesquisa de mestrado no serviço de acolhimento da prefeitura de Porto Alegre e Mirela era uma das psicólogas do serviço. Minha pesquisa de mestrado mudou radicalmente com a interlocução com ela. Poder acompanhá-la e ser acompanhada por ela fez com que meu pensamento voasse para muito além do que os livros de metodologia de pesquisa prescreviam; foi Mirela que começou a me interrogar sobre o que fazia com as cartas que recebia, como traria o conhecimento produzido no abrigo pelas trabalhadoras/es e como

estabeleceria relação com esse. Mirela e Fábio (um educador da instituição) me impulsionaram a romper com lógicas instituídas como o anonimato suposto *a priori*, por exemplo. Mirela, Fábio, Daniela (outra educadora do serviço) e tantas/os outras/os profissionais me indagaram sobre que pesquisadora eu queria ser? Se aquelas que vão até o local, sugam o que podem e nunca mais voltam, aquelas que tornam sujeitos em objetos de pesquisa e do conhecimento partilhado se apropriam como se esse fosse da pesquisa? Ou se seria uma pesquisadora aliada com as/os pesquisadoras/es que encontrasse no campo.

Foi lá no espaço do acolhimento institucional que pude pensar sobre parcerias de pesquisa, caso tu queira saber mais sobre esse processo te sugiro as cartas que Mirela e Fábio me ofertaram e que estão na minha dissertação (Battistelli, 2017). Mirela, na época, também me mandou uma carta anônima. Fiquei sabendo que ela tinha sido a autora da carta muito tempo depois de recebê-la. Uma carta inconformada com as práticas de pesquisa extrativistas das quais as pessoas dos serviços acabam sendo vítimas. Uma carta que me acompanhou por todo o processo de mestrado e que ainda hoje reverbera em mim. Eu não imaginava que tinha sido escrita por Mirela, até o momento que ela me contou o feito (quando eu já tinha encerrado o processo de visitas ao serviço de acolhimento). Uma carta que me fez tombar, ralar os joelhos, ter medo de voltar ao serviço, mas que me deixou mais consciente de que minha presença, meus gestos e minha postura são importantes nesse processo. Tempos depois encontro a mesma crítica à pesquisa e a psicologia extrativista em Saulo Fernandes (de quem já te falei). O extrativismo é uma posição colonial que nos é passada e a qual atualizamos em nosso fazer se não colocamos nossas bases em questão. Não vá a campo buscando confirmar certezas coloniais e fazeres coloniais com os quais somos socializadas/os.

Voltando: muito tempo depois, quando precisei repensar a pesquisa do doutorado, me lembrei das palavras de Mirela que reverberam em perguntas que não necessariamente ela me fez, mas que a partir do que ela foi me questionando, mostrando, ensinando, fui construindo: quem é pesquisadora/or? Quem pode fazer pesquisa no campo da Psicologia? Como acessamos as pesquisas que trabalhadoras/es fazem em seus cotidianos? As conversas com Mirela me levou para alguns textos, destaco dois que li ainda na época da dissertação e dois que li na pesquisa do doutorado: falo do artigo *A leitura etnopsicológica do silêncio* de Vinciane Despret (2011) e do artigo *O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'* escrito pela pesquisadora Claudia Fonseca (2007). No doutorado conheci um capítulo de livro intitulado *Ao comitê de ética em pesquisa - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* de Arthur Arruda Leal Ferreira (2014) e o artigo *Ela, Zefinha - o nome do abandono* de Débora Diniz (2015).

As/os trabalhadoras/es do serviço de acolhimento me fizeram pensar sobre algo que eu tomava como dado e que frequentemente as pessoas me interrogam sobre como faço; falo do anonimato, pré-requisito em pesquisas acadêmicas e garantia necessária para aprovação no comitê de ética. Mas como manter o anonimato quando tu convida as pessoas a conversarem contigo, a tecerem parceria e escreverem contigo? Então com Mirela, Claudia, Vinciane, Débora e Arthur fui traçando uma articulação teórica que me permitisse sustentar a prática de diálogo sobre o anonimato (inclusive no projeto que passou no comitê de ética). Se queremos pesquisar junto, se queremos exercícios de cooperação entre sujeitas/os-pesquisadoras/es precisamos construir procedimentos que garantam a possibilidade de nomeação e de proteção conforme a as necessidades das/os envolvidas/os. Não violentar pessoas e não se apropriar de experiências para fazer da pesquisa de fato um exercício de estar junto. Quando penso em como facilmente nos associamos com práticas institucionalizadas, em busca de facilitar processos e prazos, lembro de Audre Lorde: “Compartilhar o poder dos sentimentos das outras é diferente de usar os sentimentos das outras como se fosse um lenço de papel” (2019, p.73)

Mirela é pesquisadora, com alta experiência, mas não está na universidade, tem com essa uma relação de desconfiança, que nós que queremos trabalhar na academia devíamos aprender com ela. Me ensinou a desconfiar do modo hegemônico como tratamos os dados que construimos no campo escolhido; e para que minha pesquisa fosse acolhida no serviço de acolhimento em que ela trabalha, os profissionais solicitaram que fizéssemos uma publicação em conjunto. Como escrever com mais de 70 pessoas (número aproximado de trabalhadoras/es do serviço)? Lembro que na época muitas angústias me acompanharam, principalmente o medo de reproduzir o modelo de pesquisa que eles estavam acostumados e com pouca paciência de acolher novamente. É violento o modo como nos relacionamos com alguns serviços e profissionais, o modo como transformamos sujeitos implicados com a transformação social em números, nomes fictícios e narrativas de nossas pesquisas. Lembro de bell hooks (2020a; 2021) falando sobre como o amor fazia com que suas/seus alunas/os trabalhassem mais para fazer merecer seu respeito. Minha relação com Mirela é assim, mesmo que não sejamos próximas, movimentei e me movimentei no esforço de merecer o respeito da mesma.

Mirela foi uma das pesquisadoras/intelectuais fundamentais para que a metodologia e o fazer cotidiano da pesquisa virassem interesse de pesquisa. E queria pensar cuidado, práticas de cuidado nas políticas públicas e a deriva que fiz sobre procedimentos, metodologias e políticas de pesquisa e escrita veio no encontro com quem faz pesquisa a mais tempo que eu. Lembro da

risadinha que acompanhou o questionamento de Mirela sobre como eu narraria o percurso da pesquisa no mestrado. Uma pergunta que me pegou desprevenida, pois nunca tinha pensado que uma dissertação podia ser desmembrada em cartas, por exemplo. Naquela época, também me encontrei com os textos de Claudia Lee Willians Fonseca, professora da antropologia da UFRGS, conhecida por trabalhar sobre famílias e adoções. Dois textos da autora, na época da dissertação, me acompanharam para pensar o anonimato. Por que manter o anonimato quando as pessoas me escrevem cartas contando de si, do seu cotidiano e de como percebem a pesquisa e o que entendem sobre meu tema de pesquisa? O anonimato como algo compulsório, garantido *a priori*, protege a quem? Pergunta que me permiti fazer em diálogo com Vinciane Despret (2011).

Com Claudia (2007) aprendi que na antropologia não há um consenso sobre como gerir a situação do anonimato. A autora narra suas escolhas e como estabelece relação com o tema, ela afirma que mantém o anonimato pois trabalha com pessoas em seus cotidianos (famílias, mães em seus bairros e casas). Mas aponta estudos de orientandas nos quais o anonimato não fazia sentido, fala de pesquisas onde o ativismo aparece, em as pessoas são referências nas áreas e discussões. Claudia deixa o caminho aberto para que outras/os pesquisadoras/es possam olhar para seus próprios estudos e avaliar como essa demanda pode ser pensada. Lembre-se, desconfie das prescrições muito fechadas; se pergunte a serviço de quem e de quê elas estão operando.

Claudia e Vinciane foram as pesquisadoras que me acompanharam no mestrado e com elas pude pensar sobre proteção e não proteção na pesquisa. Quem protegemos e como protegemos? Vinciane (2011) é muito pontual em suas afirmações quando aponta que a pessoa mais protegida no processo de anonimato na pesquisa é a/o própria/o pesquisadora/or. Levei um tempo para entender o que ela estava dizendo com todo o percurso que faz para pensar a clínica, a pesquisa e o anonimato. Proteger e cuidar são dois verbos que podem conter uma dose importante de violência, apaziguamento e silenciamento. Desta forma, é preciso analisar como vamos construindo o caminhar na pesquisa. E sempre falo em caminhar, pois é importante a ideia de percurso que podemos ir modificando e é modificado conforme os encontros com ruas, com a cidade e com as pessoas vão acontecendo.

No doutorado somei mais dois pesquisadores nessa discussão: Débora Diniz e Arthur Leal. Com Arthur, depois de ler o texto dele que citei mais acima, escrevi um email para ele, o convidando para conversar. Para minha alegria e surpresa ele topou. Ele é professor na Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ) e conversamos em um dia em que meu interfone tocou mais de uma vez, na segunda, a feira chegando nos interrompeu. Arthur me recebeu em um dia de feriado no Rio de Janeiro, achei gentileza da parte dele.

Conversamos sobre o funcionamento das pós-graduações e de como os procedimentos se dão e como por vezes construímos armadilhas que acabam por aprisionar os trabalhos a determinadas regras e modos de fazer. Concordei com ele quando disse que a pesquisa não é privilégio ou exclusividade da pós-graduação e de como a gente precisa ampliar essa percepção. Nesse sentido a conversa com Arthur me fez lembrar da minha relação com Mirela (sobre quem já conversamos) e de Ana Paula Melchior que conheci através de Mirela. Ana Paula em suas pesquisas de doutorado e pós-doutorado pensou sobre as possibilidades de pesquisa e produção de conhecimento de trabalhadoras/es que estão na “ponta”, inseridas/os em serviços os mais variados e de como, por vezes, o imaginário de que quem produz conhecimento é a universidade e a pesquisa universitária acaba inibindo processos criativos e investigativos que se dão no cotidiano dos serviços de saúde (política pública na qual ela focou seu trabalho de pós-doutorado). Ana Paula é professora e coordenadora do curso de Psicologia na Faculdade São Francisco de Assis em Porto Alegre. Foi uma conversa breve por telefone com Ana, conheci alguns artigos seus sobre a experiência com trabalhadoras/es da rede na produção de conhecimento. Ana questiona nos artigos que li sobre como se dá a socialização do conhecimento (Stahlschmidt, 2012) nos serviços.

Assim, ainda que muitas ações governamentais venham sendo delineadas para reforçar a importância e necessidade da formação permanente dos atores inseridos nos serviços de atenção à população na área da saúde, em consonância com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (Brasil, 2009), a sobrecarga de trabalho dificulta a participação destes em cursos, seminários, palestras, entre outros. E as exigências do cotidiano levam estes profissionais a, muitas vezes, estabelecerem a prática como prioridade, relegando, a segundo plano, as atividades de capacitação, qualificação ou atualização. Quando envolvidos com estas, entretanto, estes sujeitos normalmente colocam-se na posição de alunos, não ocupando, em relação ao saber construído na área da saúde, o lugar de protagonistas. A reflexão sobre a prática fica, pois, muitas vezes, restrita ao movimento individual de cada profissional, e o tempo exíguo dificulta um pensar coletivo sobre a realidade do serviço e desafios que se colocam no atendimento ao paciente.

No meio acadêmico, o cenário que caracteriza o contexto da saúde no país, com seus problemas e características, também convoca pesquisadores, gerando estudos sobre o tema, desenvolvidos com o intuito de buscar conhecer a realidade que se apresenta e, quando possível, solucionar as dificuldades observadas. Entretanto, embora desenvolvidas por profissionais com grande experiência e conhecimentos propiciadores de investigações científicas de inegável qualidade, estas pesquisas, muitas vezes, demonstram um viés gerado pelo olhar de atores externos ao cotidiano dos serviços e, portanto, eventualmente, desconectados dos

detalhes da prática desenvolvida nos mesmos e dos desafios do dia a dia (Stahlschmidt, 2012).

Ela se questiona sobre o processo de socialização das experiências no cotidiano dos serviços e o como é fundamental que as/os trabalhadoras/es possam sistematizar e publicizar suas experiências. Ouvindo e lendo o que Ana produziu fiquei me perguntando: quantos artigos lemos e utilizamos em nossas pesquisas que são narrativas de trabalhadoras/es que não estão em alguma pós-graduação? Onde é possível publicar experiências que não são mediadas pela academia? Voltando ao que conversei com o Arthur, ele me contou um pouco de sua percepção de como nas pós-graduações acabamos envolvidos de processos avaliativos institucionais, burocracias, em uma espécie de gincana por verbas (cada vez mais escassas).

Relatar, submeter, avaliar, verbos que nos acompanham e que muitas vezes paralisam processos criativos e de construção de possibilidades às normas e regras vigentes em nossos modos de funcionar. A conversa com Arthur me fez pensar em como precisamos produzir tempo para além desse que nos empurram a força (prazos, prazos e mais prazos). Como construir tempo e respeitar os prazos institucionais? Talvez precisamos olhar para como inventamos procedimentos, modos de escrever e gestos de pesquisa. Por exemplo, para poder estabelecer este tecido-tese que vai se compondo de cartas, conversas, alinhavos e reverberações, precisei passar pelo tão temido comitê de ética em pesquisa. Para cumprir com algumas solicitações e preocupações da/do parecerista, precisei de companheiras/os de cumplicidade, que me ajudassem a subverter exigências que não faziam sentido ao processo que desejava instaurar. Não fazia sentido aleatoriedade da amostra, não fazia sentido garantir anonimato *a priori* para sustentar uma rede conversadeira e de troca de cartas, havia a questão da escolha da amostra e de como garantir cuidado com as ofertas que me iam ser feitas. Como fazer composição? Pergunta que Arthur me emprestou e com ela justifico os procedimentos que com essa tese intenciono instaurar. Foi fazendo composição com autoras/es que vieram antes de mim, que consegui autorização e aprovação do meu projeto de pesquisa. Conversei com Arthur sobre referenciais teóricos, sobre procedimentos e sobre como podemos produzir o lugar da reciprocidade e da amizade em nossas pesquisas. E como fomentar uma política da amizade em nossos processos de trabalho se nos mantemos afixados em regras como a obrigatoriedade do anonimato *a priori* e não discutido com as pessoas?

Quando Arthur me falou sobre amizade e simetria nas relações, lembrei de uma questão que Edu Pacheco me colocou na minha qualificação de doutorado: como manter diálogos se coloco as autoras em um patamar superior? “Que mundo

a gente quer/vai compor?” Arthur se/me pergunta. A partir de um ethos de solidariedade? Competição? Tutela? Falando sobre saberes, produção de nossas escritas, a conversa com Arthur seguiu pensando no lugar que colocamos determinados saberes em detrimento de outros e no como acabamos canonizando alguns nomes nos processos acadêmicos.

Débora Diniz, quem acompanho as discussões sobre pesquisa desde que li o livro dela (já citado nas nossas cartas) traz uma discussão que muito ajuda a nos posicionarmos; no artigo Ela, Zefinha- o nome do abandono (2015), a autora afirma que “minha tese é de que há casos em que nomear é proteger os interesses e os direitos das pessoas envolvidas nas pesquisas (p. 2668). Uma tese que se articula com o que li em Vinciane, em Arthur e Claudia e que me ajudou a sustentar na submissão do projeto ao comitê de ética que o anonimato não seria garantido a priori, mas sim discutido com as pessoas envolvidas. Lembra que eu disse que me inspiro em bell hooks e que ela afirma que precisamos de comunidades de aprendizagem? Pois bem, para que possamos construir nosso processo de pesquisa, precisamos de uma comunidade de aprendizagem que nos dê suporte para as escolhas que precisaremos fazer. E tudo isso é tranquilo? Nem um pouco, mas quanto mais tu conseguir construir alianças, mais possível essas escolhas vão se tornando.

No doutorado, minha pesquisa envolveu pessoas formadas, em sua maioria professoras/es universitárias/os, juntando a isso o baixo risco quanto ao tema: falar de suas memórias de formação e percursos com a pesquisa, questões que auxiliaram para o decorrer dos trâmites avaliativos. No mestrado a pesquisa envolvia mais risco: situada na política de acolhimento institucional para crianças e adolescentes, uma área com notável interface com a justiça. Muitas variáveis que poderiam deixar as pessoas mais reticentes em ter seus nomes divulgados, mas na relação cotidiana com as/os trabalhadoras/es e com as crianças/adolescentes o desejo da maioria era que seu nome aparecesse. Com as crianças e adolescentes isso não foi possível, pois implicaria em solicitar autorização judicial e muitas/os das crianças e adolescentes não ficavam tempo o suficiente na instituição (que funcionava como uma espécie de casa de passagem) para que essa discussão fosse possível. Tu vai imaginar que estou me repetindo, já que conto da minha dissertação; tu vai se surpreender, pois na dissertação não fiz essa discussão, fui rasa no como problematizei o tema do anonimato. Algo que aprendi no doutorado é que a maturidade nos faz bem e persistir nos temas permite que as discussões se ampliem.

Conheça as normativas que orientam as pesquisas em psicologia, como a Resolução 466/12 - Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e a Resolução 510/16 - Normas aplicáveis a

pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Para tecer críticas e contra-argumentos, precisamos conhecer as legislações que orientam nossos fazeres (psicólogas/os não são conhecidas/os pelo seu gosto por legislações e normativas). Débora Diniz (2015) afirma que é sabido que os comitês de ética se organizam a partir de um modelo biomédico “pouco sensível às particularidades das pesquisas em humanidades, em especial aquelas com caráter antropológico, histórico ou de direitos humanos” (p. 2668). Concordo com a autora que sustenta que há casos em que há o dever ético de nomearmos os sujeitos, e mais, precisamos consolidar a possibilidade de discussão com as/os envolvidas/os na pesquisa sobre o direito ao anonimato, não como prerrogativa, mas como uma possibilidade em construção, conforme os interesses, desejos e objetivos da pesquisa. Pode uma pesquisa trabalhar a partir da ética do pesquisar COM, da cooperação entre parceiras/os e manter a prerrogativa do anonimato como algo dado? Não seria uma incoerência ética que tem apenas como finalidade sustentar um protocolo de pesquisa que passe sem “problemas” pelo comitê de ética? Sobre que discussão ética falamos afinal quando discutimos uma pesquisa?

Já te contei sobre Paula (Rita Bacellar Gonzaga)? Ela diz na tese dela: “faço do incômodo minha missão” (2019, s.p.). Paula é uma professora universitária negra que trabalha na Universidade Federal de Minas Gerais, sua tese é um encontro necessário. Conheci Paula por intermédio de Lisandra Moreira, de quem já te comentei. Érika me passou o nome de Lisandra, Lisandra me indicou Paula. Com Paula me encontrei duas vezes, a resposta dela a minha primeira carta foi uma conversa sobre encontros, academia, racismo, pesquisa e sobre alimentos para a escrita. E quando ela diz que faz do incômodo sua missão, lembro das escolhas que temos que fazer em um processo de pesquisa.

Com quem tu vai falar? Quais teus objetivos (geral e específico)? Quais tuas perguntas? Tua metodologia? Isso é ciência? O que tu faz é acadêmico? Questões que te acompanharão dependendo de como tu escolher andar pelos corredores do mundo acadêmico. Eu já me acostumei com questionamentos do tipo: muito bonito tudo isso que tu faz, mas e os resultados finais? Quais as conclusões? Assim como já passei por tentativas de esvaziamento da potência do meu trabalho: “é poético o que tu fala, mas agora eu irei falar dos dados da experiência!” Ou coisas do tipo: “que interessante, tu podia estender uma toalha e apresentar tuas cartas sentada no chão como um piquenique”. Muito já tentei jogar o jogo conforme as regras para responder a essas provocações, mas no decorrer do processo aceitei que combato por uma forma de estar na universidade e fazer pesquisa que não é nem perto de hegemônica. Não caia na armadilha de achar que rigor é medido pela quantidade de palavras difíceis, de termos assépticos alinhados lado a lado e por uma infinidade de regras que

muito facilmente escorregam em tratar sujeitos como sujeitos e acabam produzindo uma vida objetificada a serviço do que se pactua como produção científica. Para corporificar tudo que te falo, volto a tese de Paula quando ela fala de seu processo metodológico:

(...)não realizei entrevistas, encontrei-me com essas mulheres, posicionada nesse lugar onde elas pudessem se ver em mim, me ver nelas. A partir da metodologia do encontro o efeito abebénico é a permissão implícita que se dá ao outro de escutar o que não foi dito e de dizer o que é fundamental, mesmo sem ter sido questionado, o estabelecimento da confiança que se estabelece quando se vê no corpo do outro as próprias cicatrizes. Somos muitas, e elas sabem que eu sou uma delas. O racismo, a gordofobia, o machismo, a xenofobia, lesbofobia atravessaram minha existência como um feixe complexo e cortante, e mesmo que eu não tenha lhes dito isso elas sabem ao me encontrar que eu passei por isso, elas sabem que as estruturas de violência e hierarquização sobre as quais o sistema de gênero moderno/colonial se erigiu não se furtam de oprimir e silenciar ninguém. **Investir na metodologia do encontro é admitir que as minhas cicatrizes são minha própria pele, meu próprio sexo, meu próprio peso, meu próprio cabelo, minha própria vida é indício de que sobrevivi e não de que me safei, no encontro eu não sou uma pesquisadora imparcial e inalcançável, mas sim, uma sobrevivente da mesma guerra que as mulheres que encontrei,**³⁸ somos malungas dessa travessia que já não é sobre o Atlântico, mas sobre o território que se convencionou chamar Brasil (Bacellar, ano, p. 82).

Acredito que uma pesquisa começa com tu entendendo teu lugar no mundo, como tuas localizações reverberam nos encontros que tu te permite e em como tu escolhe acarinhar eles em teu processo. Uma pesquisa começa quando dobramos escolhas por sistemas de conhecimento, modos de se relacionar e o como escolhemos caminhar em exercícios de cura, cuidado e aposta na vida. Espero que fiques bem e que nossa conversa tenha te ajudado.

Um abraço e na torcida para que tu escolha seguir no mestrado.

Bruna

³⁸ grifo meu

Carta-ensaio 4

Uma Política do Texto Feminista

O perigo ao escrever é não conectar nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade da sociedade que vivemos, com nossa intimidade, nossa história, nossa economia e perspectivas (Gloria Anzaldúa, 2019, p.90)

Carta 4.1- Por uma política do Texto feminista

Porto Alegre, 2021 vai terminando e é quase verão.

Querida,



A ferida colonial sangra mais em umas que em outras. (Yuderkys Espinosa Miñoso, 2020, pp. 98-99)

Começo e termino a tese contigo. Não há como ser diferente; minha amiga que me acompanhou nos momentos mais bonitos e tensos dessa escrita. Sinto falta de nossas conversas, das risadas e dos abraços. Sinto falta de andar demoradamente pela cidade. A pandemia me deixou angustiada com a

convivência com pessoas sem máscara. Mas quero passagem para algo que ficou de minha qualificação: uma Política de Texto feminista. Algo perguntado, afirmado, lembrado e relembado pela professora Miriam. É com essa memória entre minhas mãos, acarinhada como quem resgata um passarinho entre as palmas das mãos que te escrevo. Lembrei da carta de Karina Pereira dos Santos que começa com a foto de seu caderno-inspiração que traz Carolina Maria de Jesus na capa (foto que te mando). Te apresentarei Karina mais adiante, por hora, saiba que ela vem fazendo de suas experiências matéria-prima de trabalho e de afirmação na academia e erguendo a voz, assim como fazia sua musa inspiração.

Queria te falar sobre sangrar; nunca me dei bem com minha própria menstruação, sempre falei dela com um certo constrangimento, evito falar de um evento que me acompanha a cada mês e que já me qualificou como uma pessoa com problemas médicos. Quando adolescente, por ter um fluxo de sangramento intenso e irregular, fui medicada com altas doses de hormônios: minha adolescência foi medicalizada em busca de limite para o sangue que insistia em não ter dia certo para aparecer e nem um fluxo regular. Era preciso controlar o como eu sangrava, diziam os médicos (em sua maioria homens). Essa é uma carta sobre sangrar, sobre feridas abertas e sobre o pus que nos acompanha quando algo inflama. É sobre feridas abertas e sangramentos que desejo uma Política de Texto pela qual a vida passe, faça furos e abra brechas para que a correnteza passe. Por que temos medo da correnteza?

Não sei como sangra por aí, dependendo de como teu corpo é localizado e posicionado no mundo sangra mais ou sangra menos. Não posso deixar passar o fato de que talvez uma aluna negra orientada por pessoas brancas não tenha a mesma liberdade que eu para me esparramar pelas escritas. A ferida colonial deixa marcas e cicatrizes muito diferentes pelos corpos que vivem pelo Sul global. Lembro dos escritos da intelectual negra brasileira Beatriz Nascimento e sua relação com a escrita acadêmica. No livro *Beatriz Nascimento: possibilidade nos dias de destruição* (2018) tu pode acompanhar um pouco sobre a obra e vida dessa intelectual que se espalhou por muitas superfícies: historiadora, poeta, pensadora, escritora, narradora. Em *Ôrí*³⁹, documentário escrito e narrado por Beatriz Nascimento e dirigido por Raquel Gerber conhecemos um pouco do pensamento dessa importante historiadora do Brasil. Conhecida por seus aforismos, pelos poemas e sua relação com o cinema, ela diz o seguinte sobre o retorno à academia e as exigências da escrita: “ao dedicar-me novamente à área acadêmica, sinto-me aprisionada pela forma

³⁹ Tu pode acompanhar um pouco mais sobre o documentário e ver como tu pode assisti-lo neste link: <<https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>> acessado em 22 de dezembro de 2021.

literária necessária a esta ritualização do conhecimento. Significa dar uma enorme volta na expressão, provocando-me uma rejeição física ao material escrito” (2018, p. 416). Não deixo de pensar em como tentaram controlar o fluxo de Beatriz. Ainda engatinho no contato com a obra da autora, por isso não me arrisco a ir mais longe. Mas me chama atenção “como acontecem as histórias” (Alex Ratts, 2006, p. 17), principalmente as das ideias de mulheres como Beatriz, me interessam como acontecem as histórias de formação que são esquecidas por um projeto colonial e branco de produção de conhecimento. É sobre processos de ritualização que me pego pensando enquanto te escrevo: porque precisamos de formas de escrita que muitas vezes são assépticas quanto ao vivido? Que provocam rejeição ao que escrevemos? Que provocam dor e desconexão?

Não tenho a oferecer ao outro
 A não ser uma vida concluída.
 A terminar. Um exílio forçado,
 Não-voluntário.
 Um susto, muitos riscos
 Uma eterna ascensão
 Um lugar não tombado
 Nenhum traço de união
 Só uma obra de arte
 O espaço que ocupo
 Completo, não despojado
 Dos meus receios e temores
 Dos meus ódios e amores⁴⁰
 Do olhar dessemelhante
 De qualquer ângulo em que estás
 Beatriz Nascimento (2006, p.79)

A distância com que nos colocamos ao escrever um artigo ou capítulo de livro muitas vezes provocam este mesmo efeito: nos distanciamos de quem poderia se beneficiar de nossas discussões. Certa vez, uma psicóloga que trabalha com Assistência Social e alimenta uma rede social de cuidados e formação sobre a política, fez uma análise de um texto (*Cartas à Psicologia*) que escrevi para um livro que organizei com outras professoras⁴¹. Ela disse que o que mais gostou foi a proximidade com o vivido, com a experiência que partia dos saberes do cotidiano dos serviços. Te digo, que esse foi um dos maiores elogios que eu recebi: alguém conhecida por sua experiência na área elogiar a proximidade que as cartas que produzi causavam, que o efeito era o do encurtamento da distância entre academia e políticas públicas. Quero para

⁴⁰ grifos meus.

⁴¹ GUARESCHI, Neuza; DA CRUZ, Lilian Rodrigues; BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Psicologia e assistência social: Encontros possíveis no contemporâneo*. Editora Vozes, 2019.

nós, Políticas do Texto que encurtem distâncias e voem por entre tempos múltiplos (te escrevo em um tempo, sobre memórias de um passado que vai se modificando e espero que elas te cheguem em um tempo propício).

Nessas horas lembro de Adriana Marcondes que nos convoca a pensar nosso lugar nos processos institucionais e sobre como nos colocamos em uma posição que, por vezes, reproduz aquilo que criticamos. A professora Adriana esta lotada no Instituto de Psicologia na Universidade de São Paulo (USP) e trabalha com escolas e serviços da assistência social e da saúde. Em seus textos e falas sempre coloca a questão de como podemos reproduzir em nossos dispositivos de ação, lógicas que oprimem e que reproduzem violências (por vezes, aquelas mesmas que acolhemos como demandas de outras pessoas). Como se colocar ao lado e em diálogo? E entender que muitas vezes não dialogamos, mas demandamos do outro que ele se adeque ao que esperamos na pesquisa, na intervenção, na leitura, na escrita, nas relações. Conheci Adriana por intermédio de Luciano: não tinha ouvido falar sobre ela em minha formação: uma pena, pois para a formação em Psicologia Social e Institucional, ela é uma pesquisadora fundamental, que acolhe em si e em suas práticas a memória de um trabalho intensivo sobre psicologia, educação e intervenção. Você sente o vento quando Adriana fala, o vento que nos move para uma psicologia implicada com o encontro, que se posiciona ao lado das pessoas em relações horizontais. Mulheres como Adriana fazem ventania e convidam a ventar juntas/os. Era novembro quando conheci ela, uma trincheira cavada por Luciano. E sobre cavar boas trincheiras (Audre Lorde, 2020) parece ser o trabalho desta pesquisadora.

Na defesa de Livre Docência de Adriana pudemos acompanhar a sistematização de seu pensamento em ato, ouvir seu percurso e indagações. Lembro que fui ouvindo e anotando os pontos que ela nos oferecia, como pistas para que pudéssemos construir nosso próprio caminho em nossas intervenções. Uma das preocupações que ela compartilhou com quem a ouvia foi a de que o Plantão Institucional e a escrita endereçada não virassem um método a ser seguido por outras pessoas como uma receita. Uma pontuação importante, pois o risco é de que não funcione ou acabe aprisionando existências e experiências. Adriana, tanto na prova quanto na defesa da tese afirmou a necessidade de termos tempo para as intervenções, falou sobre como o Plantão Institucional exigia presença e por consequência investimento de tempo, pois estar ali para conversar não é uma tarefa fácil, já que exige se colocar no campo das instituições. Tanto Adriana quanto Virgínia (Kastrup) me contaram sobre seus processos de intervenção e sobre como é necessário um investimento de tempo e corpo para isso: é preciso ir até as pessoas, ter tempo para o trabalho de proximidade, de cultivo da atenção e das relações. É preciso

respeito para com o fluxo que verte de outras pessoas e instituições. Adriana afirma que o endereçamento não é uma solução, mas uma oportunidade. Uma das coisas mais bonitas que lembro de anotar de sua defesa de livre docência é quando ela disse que “o conhecimento decorre da ação”, em um compromisso político de estar junta/o. Quando escuto Adriana penso no potencial que o conhecimento tem de liberdade, de cura e de acolhimento.

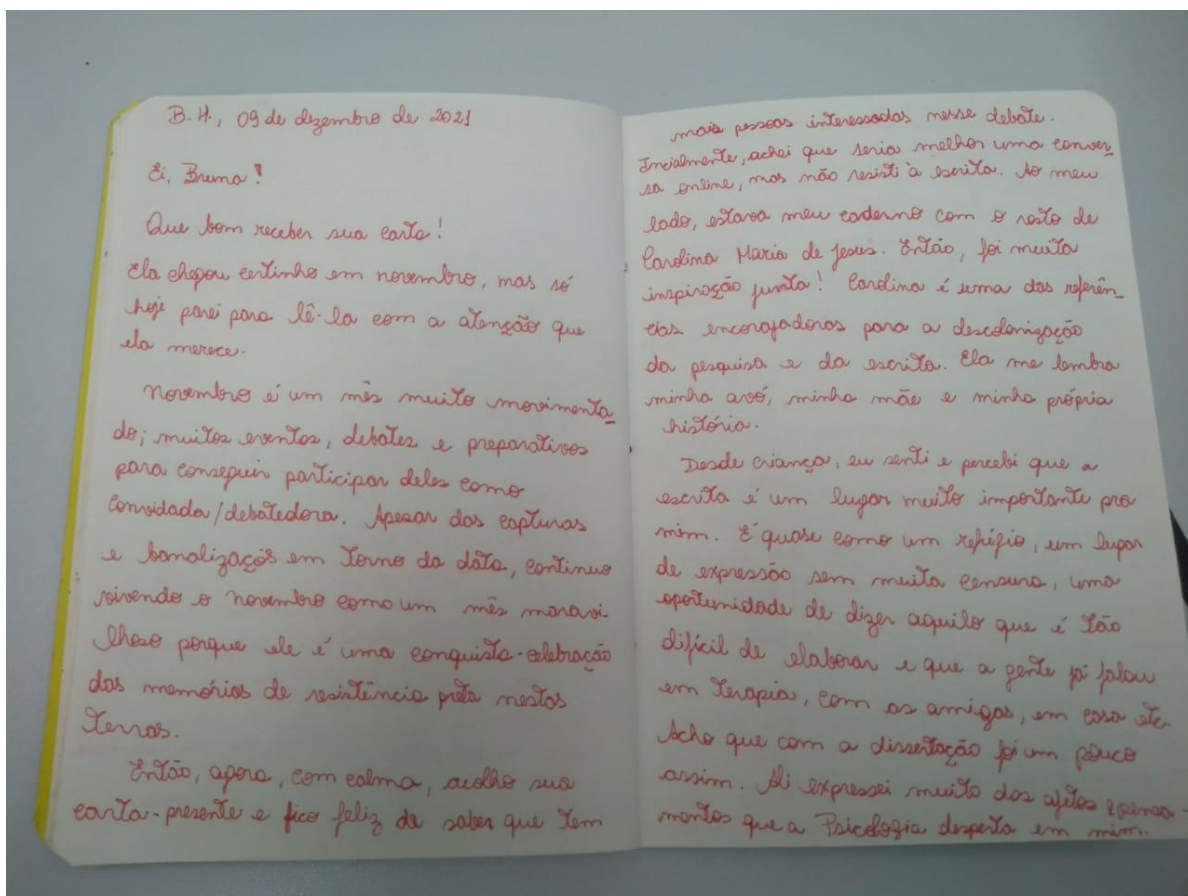
Voltando à citação que te mandei de Beatriz: por que os aforismos dela não podiam ser considerados como forma literária possível para a ritualização do conhecimento acadêmico? O roteiro do documentário *Ôrí* não seria uma tese? Porque reconhecemos os aforismos de homens como Nietzsche e, contemporaneamente, de alguns pesquisadores homens, mas exigimos de intelectuais como Beatriz uma adequação à norma? Tu já parou pra pensar sobre isso? Questões que me acompanham, pois fico pensando no quanto perdemos de vida que escorre por entre demandas de adequação textual e desejos de higienização do texto.

Para essa discussão precisamos de um nós, ou de nós. Nós, terceira pessoa do plural e, também, aquelas amarrações que fazemos em fitas e cordas. Falo da multiplicidade de significados dessa palavra, pois algo que venho aprendendo é que para qualquer exercício de afronte às regras precisamos de uma comunidade engajada de partilha e cuidado. Um tecido-tese não se produz sem nós. Recentemente reli um livro de Eva Furnari, um livro infanto-juvenil chamado *Nós*, onde a personagem aprende a lidar com os nós que aparecem em seu corpo, os nós que se dobram a cada tristeza vivida, a cada violência que sofre por ser diferente, a personagem vai apresentando cada vez mais nós e, com isso, a busca por isolamento é o que lhe ocorre. Se proteger de tantos nós... O nós que a violenta por sua diferença, por ter nascido num repolho repolhudo, e os nós que denunciam um corpo que não consegue expressar plenamente suas diferenças. E é no encontro com nós que ela consegue desatar seus próprios nós. Em algumas a ferida colonial sangra com mais violência, pois a ideia de *Outra/o* ameaçadora/or que deve ser exterminada/o ainda é base que sustenta as relações.

O livro de Eva me acompanha desde o magistério, a primeira vez que ouvi ele foi em uma disciplina de literatura infantil. Na primeira oportunidade que tive, anos depois, comprei um exemplar desse livro. Recentemente, pensando no que ofertar aos meus alunos de Psicologia da Adolescência ele me volta à memória. O que esse livro tem a ver com nossas conversas? Pois bem, bastante coisa te digo. Ele fala de uma ideia importante que vem me acompanhando desde que bell hooks entrou em minha vida: a de que precisamos de comunidades de aprendizagem. A personagem do livro, percebendo que não era bem aceita em sua cidade, parte pelo mundo, e encontra paragem com um

jovem que reconhece as diferenças entre eles e acolhe as bonitezas da vida, convidando a personagem para voar junto com ele. Um convite para engravidar de sentidos os nós que nos acompanham. “O que me motiva não são objetivos puramente teóricos – se é que algo assim existe –, e sim objetivos urgentemente práticos” (Yuderkys Espinosa Miñoso, 2020, p. 97). Para vivermos o amor, para aceitarmos nossas cicatrizes, para nos curarmos precisamos de um nós, um além de nós mesmas/os. Essa tese tem um objetivo urgentemente prático: fazer da pesquisa uma prática de cuidado e de responsabilidade. Uma prática de cuidado para que as línguas selvagens e os sangramentos intensos não sejam domados tão facilmente.

Voltando à pesquisadora que te falei no início: conheci Karina no Grupo de Trabalho que minha companheira organizou com Jaileila e Diônvera para o encontro nacional da Abrapso (Associação Brasileira de Psicologia Social) de 2021. Ao ler os resumos dos trabalhos inscritos para o gt minha companheira comentou que achava que eu ia gostar de conhecer Karina, que o trabalho dela dialogava com o que vinha pensando-escrevendo. O impulso para escrever para Karina veio logo que ela apresentou seu trabalho no referido encontro; contava de experiências dela e de outros estudantes negras/os no encontro com a universidade e com a produção de conhecimento. Karina, uma pesquisadora psicóloga negra trouxe, naquele momento, saberes que lutam por validação em um espaço que ainda hoje permite que dissertações e teses sejam baseadas em um autor branco europeu e questiona produções que não pactuam com essa forma de produção. Ela escrevia sobre ela e sobre uma coletividade que a acompanhava. Olha a carta que ela me mandou:



Legenda: carta ofertada por Karina Pereira.

Karina conta sobre como a escrita lhe é importante, e como a memória é a força que propulsiona seu trabalho. Carrega Carolina de Jesus consigo, pois a faz lembrar de sua mãe e de sua avó (mulheres negras). O que motiva Karina é aquilo que é urgentemente prático: o que vive, o que honra aquelas/aqueles que vieram antes dela. O que me motiva, o que me é urgentemente prático é habitar o mundo-nós com qualidade, com responsabilidade por mim mesma e pelas/os outras/os. Me interessam os coletivos que nos movimentam pelas páginas, que nos movimentam nas salas de aula que frequentamos, que nos acompanham nas altas horas da noite quando empacamos na escrita, quando sentimos o prazo fungar no cangote e as mãos insistem em não funcionar. Uma política do Texto feminista carrega consigo esse desejo: ser uma escrita desenhada por um nós-comunidade que fortalece os laços e desenlaces necessários. Me motiva sentir que sou habitada por pessoas. Um dos objetivos urgentemente práticos dessa tese é conjurar uma política de pesquisa feminista! Como fazer isso?

Sou um corpo que desde cedo entendeu que o mundo lhe ofertou um lugar específico: de ser força de trabalho e não pensadora. Fiz ensino médio profissionalizante (magistério), pois isso facilitaria minha vida prática: ter um modo de subsistência; trabalhei e fiz estágio em todos os momentos da

vida. Conheço o trabalho desde criança quando acompanhava minha mãe nas casas que ela limpava. Sou uma das tantas crianças pelo país que cresceu fazendo o tema de casa na lavanderia e na cozinha das casas que minha mãe limpava. Enquanto minha mãe limpava, lavava e passava roupas, eu imaginava um mundo muito maior do que a cozinha e a lavanderia. A experiência de ter uma bolsa que me ajudasse a manter o sonho de estudar veio com o mestrado e com o doutorado. Te digo isso, pois é parte importante deste processo que te conto. Poder ter tranquilidade para trabalhar na escrita é um privilégio que vem se escasseando com políticas de desmonte do ensino público superior e da pós-graduação pública. Ter tempo para o trabalho intelectual ainda é um privilégio de classe, raça e de gênero. E ainda temos constrangimentos ao falar sobre isso.

Uma política de pesquisa feminista precisa conjugar seus textos desde o nós, abrir veios e veias para a passagem de um eu politizado (bell hooks, 2019b), desde as aprendizagens do miúdo do cotidiano. Enquanto te escrevo esta carta, imagino que ela possa te soar como um manifesto; pois me manifesto em prol de uma pesquisa do nós, da alegria dos encontros, do barulho da vida que vaza por entre as páginas. Que chegue o tempo em que não seja tão banalizado a ideia de que escrever e produzir conhecimento é sinônimo de dor e adoecimento psíquico e que as línguas (muitas delas) invadam o Texto, as páginas, as dissertações e as teses, sem o medo pelo crivo branco que inventou um certo modo de produzir pesquisa. Higienizar o Texto alheio é higienizar os processos de pensamento e de imaginação e isso é violência epistêmica.

Quando a vida fez uma curva e precisei trocar de orientadora, levei um tempo para vislumbrar outras possibilidades; me paralisei, pois era todo um percurso focado na política de Assistência Social, centrado em um outro modo de fazer pesquisa. Luciano (amigo de Barthes) me ajudou com coragem e autoafirmação, com a possibilidade de assumir um trabalho feminista com o Texto. Luciano chegou em um momento em que eu não acreditava que era possível fazer caber o que sonhava em minha tese. Talvez esse seja um papel importante na universidade: fazer/permitir sonhar muitos modos de fazer conhecimento. Na época em que o conheci, ele trabalhava com uma pesquisa sobre Políticas do Texto e sinto que herdei dessa pesquisa dele um gosto por combates. Fui acolhendo a ideia de uma política do Texto a partir das pistas que ele foi me ofertando. E com a tese, gosto de pensar que engravidei o conceito por ele criado com outras vozes e vidas. Luciano foi generoso por me deixar essa pista-legado.

Acho que nunca contei para ele que gosto de ideia de combate, aliás, tu não tem ideia do como gosto particularmente de coisas sobre guerras; sempre foi assim, nas aulas de história eu sempre me interessava mais pelos assuntos

de guerra (Segunda Guerra Mundial, as revoltas no Brasil, a Guerra do Paraguai, etc). Não é algo que eu fique feliz em comentar, mas é algo peculiar que me acompanha. Quando eu era adolescente, lá pelos meus 14 anos, minha avó paterna (a Eneida) me contou de dois sonhos dela nos quais eu estava na Marinha. Aliás, quando eu era um pouco mais velha, cheguei a olhar como poderia acessar as forças armadas. Em uma palestra de um curso preparatório me dei conta que minha personalidade não seria muito boa para tal função (sou sistematicamente desobediente, tenho dificuldades em seguir regras sem questionar e hierarquias rígidas me instigam ao enfrentamento) e os processos de ingresso eram um tanto sexistas com mulheres. Te escrevo quando o mundo enfrenta mais uma ameaça (guerras existem ao redor do mundo, mas quando elas acontecem na Europa, todos pagamos a conta).

Como as pessoas podiam fazer tanta guerra? Como as pessoas alimentam tanto ódio? Perguntas que me pegavam pelo pé. Lembro de quando assisti o filme *A lista de Schindler*⁴² com meu padrinho; ficamos até altas horas da noite assistindo e conversávamos sobre como é possível uma guerra. Na época eu era uma adolescente, hoje, infelizmente, sei o que motiva as pessoas para o estado de guerra. E mais, hoje, sou mais consciente de que a Segunda Guerra Mundial é poeira pequena em nossa história como humanidade (a violência colonial é muito mais grave, agressiva e mortal e costumeiramente é narrada como algo pacífico ou como exceção). Eu tinha 9 anos quando aconteceu o genocídio em Ruanda, e lembro de procurar no jornal que minha avó assinava as notícias daquele horror que brevemente era falado na televisão (sim, fui uma criança esquisita que com 11 anos sonhou em ser analista política). Lembro de encontrar pequenas notícias escondidas entre outras que pareciam amenidades. Scholastique Mukasonga, muitos anos depois, foi alguém que me contou como essa história de fato aconteceu.

Se faço essa introdução toda é para te contar do meu encontro com a ideia de Política do Texto e combate que o Luciano vem trabalhando e que herdei para a tese. Já te adianto que assumo a ideia de combate de uma outra forma: combate com florir, com cartas, envelopes, laços, carimbos, histórias e narrativas. Combato com poesia, com livros e com as belas e fortes palavras de mulheres

⁴² A lista de Schindler- Oskar Schindler (Liam Neeson), um sujeito oportunista, sedutor, "armador", simpático, comerciante no mercado negro, mas, acima de tudo, um homem que se relacionava muito bem com o regime nazista, tanto que era membro do próprio Partido Nazista (o que não o impediu de ser preso algumas vezes, mas sempre o libertavam rapidamente, em razão dos seus contatos). No entanto, apesar dos seus defeitos, ele amava o ser humano e assim fez o impossível, a ponto de perder a sua fortuna mas conseguir salvar mais de mil judeus dos campos de concentração. Link para acessar o trailer do filme: https://www.youtube.com/watch?v=GAfOnGq_FXQ

intelectuais e escritoras! Combato ao narrar as histórias que carrego comigo, inspirada por outras que fizeram um processo similar.

Aprendi muito cedo com meu pai que não devemos fugir de um combate. Ele me ensinou que minhas ideias e meus posicionamentos frente ao mundo precisam ser defendidos, principalmente, quando algo fere o direito de alguém. Meu pai instigava a mim e meu irmão a defender nossos pontos de vista desde muito cedo (ainda crianças) e para isso às vezes nossa casa parecia um campo de guerra tamanha era a gritaria. Fui encorajada a pensar sobre política, sobre questões do mundo, do nosso país e cidade. Meu pai (o Luis, mais conhecido por Beto) sempre teve fama de ser um trabalhador que dá “problemas”, pois não mede as palavras que usa e lida com seus chefes de maneira enérgica. Defende os direitos trabalhistas seus e dos colegas de trabalho com uma força que já o fez entrar em problemas, que já o fez ser tratado de forma desrespeitosa, que já o fez sair de empregos. Meu pai me ensinou que quando algo não está bem, precisamos ser afrontosos, pois o mundo é cruel e desigual.

Minha família nasceu com alguns privilégios (temos o privilégio de sermos brancos em um país assustadoramente racista), mas não nasceu com privilégio de classe. Cresci em uma das vilas mais pobres de Viamão: a Vila Florença. Lembro de que quando entrei no magistério, quando ganhei uma carona da professora com quem eu fazia estágio, ela comentou que eu morava em um lugar muito parecido dos nossos alunos. Querendo ela ou não, era um julgamento de valor sobre onde eu morava, sobre a vulnerabilidade e pobreza que acompanhava minha moradia.

Aprendi com meu pai que eu deveria exigir do mundo nada menos que respeito por mim e para as/os outras/os. Então, quando o Luciano me convidou a pensar a escrita de cartas como uma Política do Texto feminista, lembrei dos ensinamentos de meu pai, que vê o mundo a partir de lentes nas quais a gente não pode se calar quando vê algo errado. E sim, por consequência, por vezes eu pareço um tanto quanto exclamativa. Não tenho toda a coragem que ele e minha mãe tem; como combatentes por um mundo mais respeitoso, eles são muito mais afrontosos e corajosos que eu (acho que a universidade me abrandou um pouco) . Minha mãe é uma combatente impulsiva: já enfrentou pessoas na rua para defender alguma pessoa em situação de rua, já xingou gente homofóbica, e carrega sempre um dinheiro a mais para dar para quem pede na rua (mesmo que outras pessoas a acusem de “estimular” a permanência das pessoas na rua). Com a pandemia, mais de uma vez, precisei conversar com ela sobre proteção, sobre ela conseguir se proteger, pois no afã de sustentar lógicas mais justas de viver, ela confronta pessoas que são muito violentas em suas ações e discursos. Temos medo que um dia ela chegue a apanhar na rua. Minha mãe é uma mulher que

não tem medo de erguer a voz. Escrever sobre ela é mostrar todo o orgulho que sinto e que não manifestei durante minha vida.

Meu pai tem mais privilégios que minha mãe, tanto de gênero quanto em relação à sua profissão. Ele é mecânico de refrigeração tem conhecimento que poucas pessoas têm na área dele e isso é uma moeda de troca importante em suas relações de trabalho. Já minha mãe é empregada doméstica e isso faz com que ela esteja exposta à violências que nem sempre são possíveis de serem confrontadas; para manter o emprego, muitas (na maioria das) vezes, ela precisa se calar. Por vezes sinto sua dor em ter que se submeter, em ter que ouvir, calar e não poder confrontar, obviamente quando isso acontece os sintomas de ansiedade dela pioram consideravelmente. Minha mãe é uma mulher que aprendeu a se posicionar no mundo, que aprendeu que ela precisa cuidar e que o mundo se faz pelas pequenas ações. Ela molda a sua volta, mesmo que a vida lhe tenha dado poucas condições financeiras e educacionais; foi com ela que aprendi que devemos estar disponíveis, estar junto, ser responsável nas relações que estabeleço. Foi com ela que aprendi sobre cuidado, tema que me atravessa em meu cotidiano e pesquisa. Quando alguém precisa, minha mãe nem pestaneja e se põe ao lado da pessoa. Já a vi passar um mês inteiro cuidando de um irmão no hospital e ir trabalhar durante o dia. Ela nem era tão próxima desse irmão, mas sua ação é guiada por uma ética do cuidado, que a faz ficar de prontidão quando alguém precisa dela. Lembro de minha mãe quando bell hooks (2021) fala sobre o papel do servir na vida das professoras.

Mergulho na tese aceitando o convite de mulheres intelectuais escritoras para tecer minha escrita a partir do chão no qual meus pés pisam. Falando sobre uma escrita desde onde os pés pisam, conheci Scholastique Mukasonga lá no final de 2019, uma mulher que escreve sua mãe na memória do mundo a partir de seus livros; uma mulher que nos mostra como a mãe ensinou seus dedos do pé a andar por entre a mata, sem maiores machucados. A mãe de Mukasonga ensina ela e a irmã a ouvir a luz que irradia do coração de cada uma, uma luz que tem a força de guiar os pés por entre os percursos da vida, que tem a força de ajudar o corpo a rumar pelo escuro. Scholastique inscreve na memória do mundo o cuidado ensinado e partilhado pelas mulheres de sua comunidade: escreve para manter vivas pessoas e conhecimentos que foram dizimadas/os por uma política genocida. Ler o mundo com os pés, com o corpo todo, é um ensinamento que a autora derrama entre seus livros.

Alexia tem dedos que enxergam, dizia mamãe. Já os seus e o de Julienne [...] não veem nada, mas vou ensiná-los a ver". E, depois do jantar, no breu da noite, Stefania tentava ensinar nossos dedos do pé a enxergar. Ela fabricava uma tocha com galhos secos e varria o chão com a chama bem na frente de nossos dedos. Ela dizia a eles, principalmente aos dedões que ficavam mais expostos aos perigos da estrada: 'abram os olhos! Que, a partir de agora, vocês possam enxergar à noite e conhecer o caminho.' [...] "Quando você estiver caminhando, deve se dirigir ao coração, ele

vai espalhar luz por todo o seu corpo. Assim, diga a ele para lembrar aos dedos do pé para olharem por onde pisam. Seu coração vai dizer aos dedos: 'É noite. Abram os olhos. Eu vejo o que está à frente; vocês devem ver o que está embaixo. (Scholastique Mukasonga, 2017, pp. 60-61)

Uma combatente escrevedora feminista briga pelo direito à memória e a escrever a partir daquilo que lhe passa: não há teoria válida se essa não passar por entre os fios da vida. Já escrevi sobre minha avó, meu avô, minha mãe e meu pai, sobre Esperança Garcia e sobre tantas mulheres que me ensinam coragem. Aprendi com bell hooks (2019b; 2020a) que o exercício de exposição, de pensar a partir das minhas experiências precisa partir de mim mesma, antes que eu peça a alguém que faça o mesmo. Leio prioritariamente mulheres que lutam pelo direito de inscrever os seus no campo da memória-mundo que ainda é branca, elitista e seletiva. Durante a graduação e durante o mestrado fui incentivada a ler sobre a memória do pós-segunda guerra ou a memória da ditadura militar. Era sempre uma memória branca e elitista sobre esses eventos. O que acontecia no mundo quando vivemos a Segunda Guerra Mundial? O que acontecia com as pessoas negras e indígenas no Brasil na época da ditadura? O que meu pai conta da ditadura militar não cabia naquilo que eu estudava nas aulas; um homem pobre de uma cidade periférica do Rio Grande do Sul, vivendo a juventude em uma vila. Onde será que os aparelhos de controle (exército e polícia) aprenderam a arte perversa da tortura utilizadas na segunda guerra mundial e na ditadura militar brasileira, por exemplo? Você já pensou sobre isso e o que a psicologia tem a ver com essa discussão?

A memória como matéria "oficial", entre aspas assim, pois quando falamos dela, falamos de uma produção em prol de uma ideia de formação de Estado. Elizabeth Jelin (1998) afirma que a formação dos Estados na América Latina ao longo do século XIX são operações simbólicas, centrais em sua função de estabelecer um "grande relato" do que se chama de nação. Uma Política do Texto que queira fazer furos, brechas e rasgos na história oficial precisa entender qual o tecido que se constitui a partir dessa produção. A autora estudou as memórias em/de seu país (a Argentina) e na obra que li ela faz uma pontuação importante: um dos pontos que não consegue analisar em seu trabalho é a dimensão racial na ditadura militar de seu país. Uma pontuação importante e que afirma uma limitação de seu estudo. Por que friso esse dado? Pelo fato de que temos medo de apontar as limitações de nossos trabalhos, e com isso acabamos escorregando em naturalizações e violências.

Para que servem as memórias oficiais? Nos pergunta Elizabeth, e fico pensando aqui, que uma "utilidade" desta diz respeito ao encobrimento do tanto de violência que esconde o que chamamos de Estado. A autora mesmo diz que essa memória é seletiva, que enquanto se frisa um herói se apagam outros. Quando certas histórias e características são ressaltadas, perdemos tantas

outras no rio do esquecimento que sustenta essa operação. Achille Mbembe (2020) no livro *Políticas da Inimizade* fala sobre como a democracia ocidental é um conceito violento, produzido em seu lado noturno a partir de morte, violência e subjugamento de outros modos de existir. A força das democracias modernas e ocidentais se dá por sua capacidade de simular e ocultar suas origens na violência (Mbembe, 2020). Crescemos e somos ensinadas a acreditar na democracia como algo que não está associado com a violência, uma mentira branca. “De acordo com a narrativa oficial, as sociedades democráticas seriam sociedades pacificadas. É o que as distinguiria das sociedades de guerreiros. Nelas, a brutalidade e a violência física seriam banidas, ou ao menos dominadas” (Mbembe, 2020, p.35).

A paz é branca e a pacificação é uma mentira que contamos para sustentar modos de ser e estar (a paz de uns é garantida via violência de outras experiências). Uma política do Texto feminista e contra-colonial, que entre nesta batalha, precisa estar consciente disso. Um Texto, assim, é campo de batalha e precisa ser escrito de forma estratégica, na busca de ampliar o que conhecemos sobre nossas histórias, sobre nosso país, sobre conhecimento, sobre a psicologia. E a escrita é arma de luta, pois pode acolher em suas entranhas aquelas versões que são empurradas para o campo dos “vencidos”. E nisso lembro de Beatriz Nascimento que afirma que “ainda não fomos vencidos, os assim chamados são indivíduos de muitas histórias, pequenas, fartas e fascinantes histórias” (2018, p. 414). Sigo com a força das miúdas histórias que acolho junto às minhas ao longo de meu viver, note que a pesquisa assim, vai virando vida e vida vai virando pesquisa. E para que possamos escutar as bibliotecas, escrever nossas histórias e ampliar o que pactuamos como ciência, produção de conhecimento, memória e pesquisa.

“A ideia de que a vida em democracia seria fundamentalmente tranquila, policiada e despojada de violência (inclusive sob a forma da guerra e da devastação) não resiste nem por um instante ao escrutínio” (Mbembe, 2020, p. 36). Por que devemos pacificar nossas escritas? Uma pergunta que me acompanha há um certo tempo. Por que tenho que pacificar o que escrevo? Para que ela acalme corações cheios de culpa branca? Para que apazigue o medo de quem cresceu com a certeza de que tem direito a determinados lugares (o lugar da crítica e da intelectualidade, por exemplo)? Torço que as cartas que trocamos alimente a esperança de outras estudantes-pesquisadoras que se angustiam com suas histórias e que acreditam que a produção de conhecimento não é campo para elas.

“A brutalidade das democracias somente foi abafada. Desde sua origem, as democracias modernas sempre deram mostras de tolerância em relação a certa violência política, inclusive ilegal” (2020, p. 37). Formas de brutalidade são

aceitas, desde que não acerte determinados corpos e modos de vida. Desta forma, como uma proletária da linguagem, que defende uma Política do Texto feminista, preciso sustentar minhas palavras como um campo de batalha, já que a guerra pela descolonização não cessará apenas por desejos e sonhos, mas com nossas ações e corpos.

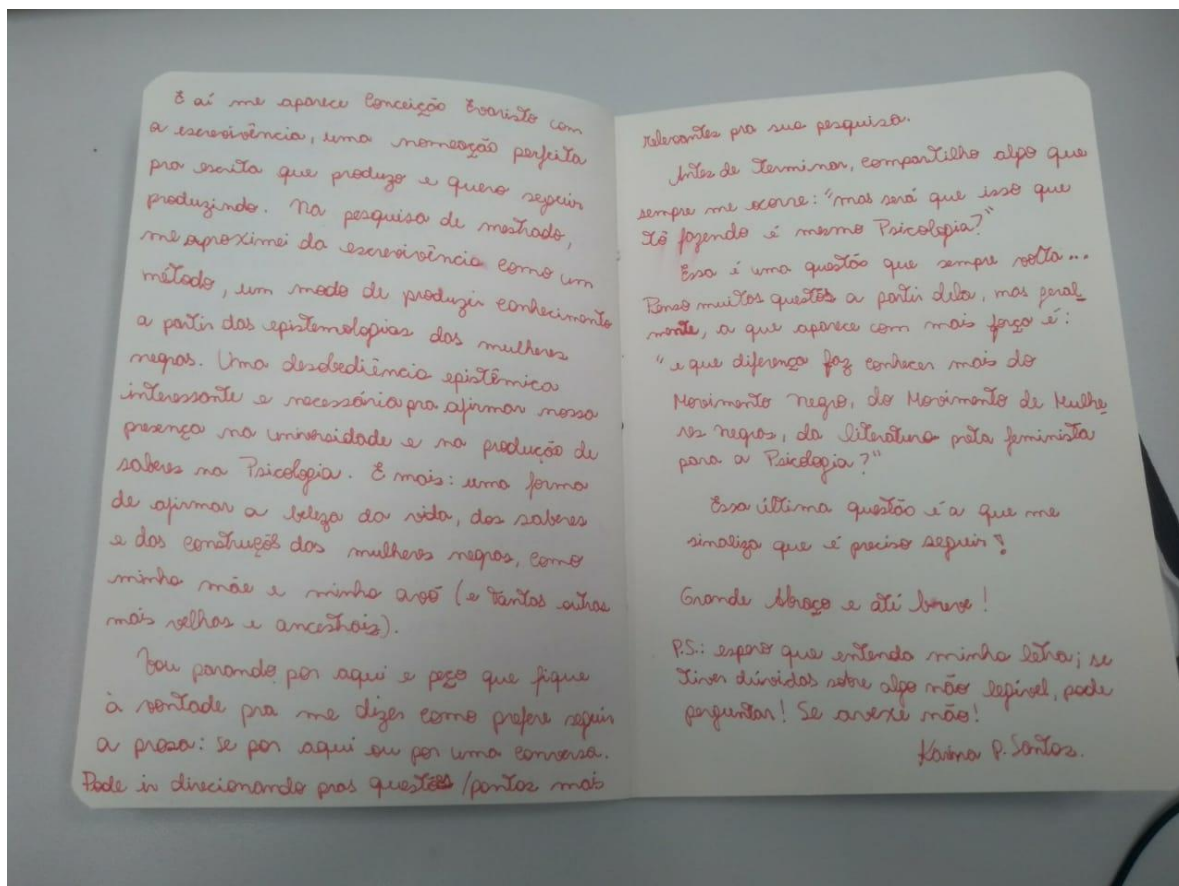
Achille, narra por exemplo, sobre como a cultura do gosto na Inglaterra foi sustentada pelo controle e violência nas colônias. Se pensarmos todo o “bom gosto” ocidental, ele está sustentado por uma rede bem tramada de violências. Enquanto te escrevo, uma tia minha que é babá não pode entrar na piscina de um importante clube de Porto Alegre enquanto as crianças que ela cuida, podem. Enquanto te escrevo, 20 milhões de pessoas passam fome no Brasil. Enquanto te escrevo, tenho certeza de que há pelo menos uma dúzia de mulheres na pós-graduação pensando em desistir pois não conseguem dar conta das demandas de seus orientadores ou não conseguem dar conta das demandas da vida de trabalhadora e/ou mãe. Enquanto te escrevo e te instigo a escrever comigo, há violência colonial sustentando uma certa ideia de democracia e uma certa ideia de escrita.

“A paz civil do Ocidente dependia, em grande medida, das violências distantes, das fogueiras de atrocidades que são acesas ao longe, das guerras de redutos e de outros massacres que acompanham o estabelecimento das praças-fortes e das feitorias nos quatro cantos do planeta” (Mbembe, 2020, p. 41). O “bom gosto” europeu nos vendido como sinônimo de erudição e refinação queimou a história do continente africano, apagou a agência de milhares de povos e escreveu uma certa memória como “A” memória. Achille fala de um passado que forja nosso presente e que segue reverberando em nossas vidas. Uma história que deve acompanhar nossas letras em busca de uma pesquisa em busca da transformação social. Pesquisar, desta forma, é ser propositiva, é ampliar a ideia de análise e se perguntar: o que minha pesquisa oferece para a melhoria da vida das pessoas?

Escrevo em estado de guerra! Algo que aprendi com mulheres como minha companheira (a Luciana) e com Yasmin Maciane da Silva. Duas mulheres negras que mesmo vivendo em estados do Brasil distintos (Rio Grande do Sul e Alagoas) compartilham linhas de luta e me fazem lembrar que a paz é branca⁴³. Yasmin, quando a conheci, era estudante de psicologia na UFAL; hoje psicóloga e com isso trabalho de conclusão de curso cunhou o termo antirracismo cordial, para mostrar o quanto pessoas brancas podem mesmo quando se afirmam aliadas da luta antirracista, podem se mostrar racistas em uma espécie de cordialidade

⁴³ Da paz de Marcelino Freire e recitado pela poeta Naruna. No link que te envio tu consegue ter acesso ao texto e ao vídeo:< [DA PAZ de Marcelino Freire por Naruna Costa - Geledés \(geledes.org.br\)](#)> acessado em 19 de fev. de 2022.

que sustenta o status e os privilégios da branquitude. Volto, desta forma, à dimensão política, ampliando o mesmo e pensando em como o mesmo é aliança com o coletivo, com o nós que ocupa nossas páginas, histórias, relacionamentos, vivências: escrever uma Política do Texto exige uma comunidade. “Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo de um coletivo e para essa coletivização” (Beatriz Nascimento, 2018, p. 420). Inspirada pelo pensamento de Yuderky (2020) te pergunto: que mundo tuas ações tornam possível? Volto a carta de Karina e deixo a parte final da escrita que ela me ofertou:



Legenda: carta ofertada por Karina Pereira.

As combatentes, ou melhor, as proletárias da linguagem (val flores, 2010) que aciono e que são acionadas por algumas de minhas parceiras de pesquisa são intelectuais feministas, escritoras cujos corpos são subalternizados pelos saberes colonizadores. A modernidade e a pós-modernidade seguem estruturadas por lógicas racistas, eurocêtricas, capitalistas, imperialistas, coloniais e produtoras de relações sempre mediadas pela ideia da/do outra/o. “Fui chamado de cordeiro, mas não sou cordeiro não/Preferi ficar calado que falar e levar não/O meu silêncio é uma singela oração a minha santa de fé” (Mateus Aleluia e Thalma de Freitas)⁴⁴. O Estado Moderno, herança

⁴⁴ Te indico ouvir essa versão: <[Mateus Aleluia e Thalma de Freitas - Cordeiro de Nanã | Compacto Petrobras - YouTube](#)>

que nos foi deixada por aqui como uma grande invenção é racista e carrega consigo o ódio ao outro que os colonizadores de outra era carregaram de navio pelo mundo. Quando conversei com Maria Paula Meneses, o Brasil tinha em média 4.000 mortes diárias por COVID-19, era início de abril de um já longínquo 2021. Maria Paula é alguém que acompanho desde antes do doutorado, o primeiro texto que li dela foi uma indicação de Luciana, falo do artigo *Outras vozes existem, outras histórias são possíveis* (2010) que a partir da história de Moçambique e de como a produção de conhecimento do ocidente narra o continente africano, nos oferece pistas para acolhermos outras fontes e histórias, ampliando as perspectivas a partir das histórias contadas desde o Sul global. Maria Paula é uma mulher que retoma para si e para seu povo o direito à história, não aquela contada por outras pessoas, mas desde as memórias de Moçambique, em particular, tem interesse pela história das mulheres de seu país.

Ela se dizia assustada pelo que vivíamos e conversamos na minha cozinha (por aqui eram umas 5h30 da manhã), me emocionei em como suas memórias passaram por muitos caminhos. Falamos de seu neto e a paixão do mesmo pelos dinossauros (algo que o Apolo também vivia na época). Falamos sobre Brasil, Portugal e Moçambique (sua terra natal) e os impactos da pandemia nesses territórios e principalmente nas crianças. Acionar as memórias de Achille sobre o lado noturno da democracia me fez buscar as memórias de minha conversa com Maria Paula; uma intelectual que admiro e que foi com quem dei minhas primeiras caminhadas para pensar a dimensão colonial de nossa existência no Sul Global e as forças das histórias como resistência e luta. Em nossa conversa, ela frisou o quanto a marca colonial é algo muito sério em nossas existências e como precisamos olhar para a dimensão da violência ontológica e epistêmica desse processo, traduzindo, o quanto precisamos nos atentar que nesse processo algumas pessoas não importam. O Estado Moderno democrático ocidental é sustentado por lógicas que se afirmam na negação de saberes e de pessoas que não importam. Enquanto te escrevo, lembro que são mais de 620.000 vidas que nos foram tiradas pelo encontro entre um vírus e uma política genocida de governo da população. Maria Paula em nossa conversa me convida a apostar na memória, no poder do não esquecimento, afirmando que precisamos de indicadores de memória para salvaguardar vidas. É na memória que as pessoas, seus saberes, sua cultura se sustentarão; é pela memória que esticamos a vida.

Ela, muito pacientemente, me apresenta as ligações Sul a Sul que faz entre corpos que pensaram, problematizaram e viveram a violência colonial. Senti como uma espécie de convite por parte dela: quais ligações Sul-Sul você fará em sua tese, que possibilite linhas para que a memória resista ao

esquecimento colonial que nos é ensinado? Quem ouvimos em nossas práticas? Como ouvimos? Maria Paula me cutuca a pensar a dimensão da escuta para além da universidade, para além do campo da Psicologia. Me conta sobre como as vendedoras de Mucapata nos arredores de Maputo, alimentam e escutam os inúmeros trabalhadores que chegam todos os dias à cidade para trabalhar. Uma rede de cuidado que vai ampliando possibilidades: daquelas que vendem o alimento, daquelas/es que consomem e da história do país. Ela me mostra como há uma rede de escuta que passa pela alimentação, por um cuidado básico em nossas vidas. A partir das palavras que registramos em nossos trabalhos, fazemos sombra para quem? O que veio primeiro: a escutação de histórias ou a Psicologia? Ela fala sobre transmissão, sobre aprendizagem, sobre escuta, memória e formas de resistir ao processo colonial que ainda nos acompanha. Como se me lembrasse que a guerra está longe de terminar e que para resistirmos precisamos ser sombra para quem vem depois de nós. Um posicionamento ético e pedagógico de uma pesquisadora que oferece pistas a uma aprendiz. Me emocionou a conversa com Maria Paula, pois me mostrou em ato que o gesto da generosidade produz conhecimento.

O pacto colonial, carregado pelos corpos europeus pelo mundo, não foi suficiente para calar corpos sábios, conhecedoras do mais profundo do mundo; de mulheres que fazem girar mundos e se inscrever neste, lembro de nomes que não podem morrer em nossos corações. Sonia, escritora de livros infanto juvenis, é uma dessas mulheres que carrega consigo essa incumbência: “Esperança Garcia é um nome vivo entre os piauienses e desejo muito que se torne um nome vivo pelo Brasil todo. Essa mulher, assim como a esperança por uma vida melhor, nunca, nunca pode morrer nos nossos corações...” (Sonia Rosa, s.p. 2012). Manter nomes vivos, essa é uma das tarefas da política de Texto feminista; lutar contra as políticas de esquecimento que teimam em se manter vivas é um combate importante nesse processo. Por que há nomes que permanecem vivos e outros que somem convenientemente como pó ao vento?

Te escrevo com dor: há poucas horas minhas costas travaram, sinto tudo como uma pontada que me lembra que é hora de finalizar essa pesquisa para que outras possam se abrir em meu percurso. Ser pesquisadora é muito mais do que estar na pós-graduação ou ter um título de mestra, é muito mais do que trabalhar na universidade. A gente vai criando frestas por onde a vida passe e por onde as questões brotem como flores em um jardim. As perguntas que minha avó, que minha mãe tinham para o mundo infelizmente foram sendo perdidas no meio de tantas tarefas domésticas, perdidas por entre a vida que esmaga mulheres que varrem para que o capitalismo possa passar (Vèrges, 2020). Mas carrego elas em mim, enquanto me ponho a pensar: com qual psicologia/academia/conhecimento me aliancio?

Fico por aqui! Sinto que me alongo demais (vou retomar nossa conversa em outra carta)!

Beijos, beijos, beijos, Bruna

4.2. Dos combates por uma Política do Texto

Fevereiro de 2022, o final está mais próximo do que gostaria de imaginar.

Nascemos imensidão
 Perdemos a conexão
 Pela doença de ouvir
 A voz da falsa razão
 Abrindo os olhos sem acordar
 Fechando o olho da intuição
 Abrimos mão de enxergar
 O desabrochar da vida
 Obedecer, entristecer
 Procrastinar
 Sem tempo de ser
 O que a nossa alma pede
 Dentro de nós acumulamos pesos cruéis
 Acreditando que é assim que a vida é
 (Flaira Ferro)⁴⁵

Oie, como anda por aí? Aqui estamos as/o três vacinadas/o. Eu e a Lu já tomamos três doses e o Apolo tomou a primeira. Um pouco de alívio já que ele está retomando as aulas daqui a poucos dias. Mas seguimos com medo, cada vez mais cresce o número de crianças da idade dele infectadas pelo covid e com reações bem fortes. Andei um tempo bem paralisada, o clima de que está tudo resolvido, ao mesmo tempo que o número de mortes volta a crescer me deixa angustiada demais. Sinto que perder a conexão é cada vez mais fácil. Já não sou tão otimista com a vida como era há dois anos. Soma-se isso ao fato de que tenho que finalizar a tese: obviamente trancou o processo. Como se livrar dos pesos cruéis que guardamos em nós para que a alegria possa estar em nossos textos e pesquisas? O fim precisa ser sentido, mas sentir o fim da tese tem sido dolorido demais da conta, mas como diz bell hooks (2020b), o luto deve ser uma celebração da vida, uma celebração de amor. Ela fala sobre como vivemos a morte de pessoas importantes, mas tomo o aprendizado para quando precisamos encerrar um processo tão intenso como essa escrita.

Eu já ia lá pela página 20, quando fui reler e vi que a carta estava grande demais. Parei, respirei e resolvi dividir ao meio. Já te escrevo há meses, tu acredita? E nada de mandar essa carta ao mundo. Então, para que não nos alonguemos na distância, te mandei a primeira parte e agora trabalho no seguimento das ideias que quero compartilhar. Escrever sobre política de

⁴⁵ Se tu quiser escutar a música Germinar, te mando o link:<[Germinar - YouTube](#)>

pesquisa, sobre como aprender com mulheres feministas tem sido importante para mim, me levou a pensar em como a formação é um tema que me é caro. Pensar em pesquisa é sim, uma forma importante de olharmos para como ocupamos os processos de ensino-aprendizagem e como aprendemos (ou não) com a sala de aula. Uma pesquisadora, quando trabalha na universidade, ela é antes de tudo uma professora. E como professora, os processos de escrita nos interessam, pois muitas vezes, são através deles que avaliamos os aprendizados de nossas/os alunas/os. A pós-graduação é prioritariamente um trabalho que envolve a escrita e desta forma, lutar por uma política de Texto que abra passagem para que eu, tu e outras pessoas escrevam com suas línguas bifurcadas e que também experimentem o processo de cura quando este for necessário é posicionamento político importante.

Para te escrever voltei a um livro do Luciano intitulado *Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto* (2017). Te confesso que não sei se entendo tudo que o que ele tratou no livro, mas sei que a partir dele venho tracejando minhas linhas do que seria uma Política do Texto feminista. Fico pensando se a provocação de Luciano não é essa mesma: eu ir construindo meu percurso com esse conceito que ele criou.

Texto, tu vai ver, vem da amizade de Luciano com Roland Barthes, um sujeito francês interessado na escrita. Te conto sobre Texto e Barthes pela boca de Luciano, ou melhor, pelas palavras do mesmo em seu livro e artigos. Ele conta que para ele e Barthes, Texto opera como um objeto que faz passagem, uma forma de entender o encontro de alguém com um texto, com os efeitos desse encontro. Pelo que entendi, operar com a ideia de Texto com t maiúsculo fala de pensar sobre modos de criação ou bloqueio do encontro. O Texto, assim, fala para além das palavras registradas no papel. Eles (Luciano e Barthes), pelo que percebi, estão preocupados com o como nos relacionamos com a escrita e como essa relação abre possibilidades ou não de liberdade ou de assujeitamentos. E isso é algo que me importa (e que acho que te importará também). No ápice da ansiedade pedi ajuda para uma amiga que assim como o Luciano, tem uma amizade com Barthes: a Duda (Eduarda Ritzel). Foi pelo whats mesmo; já era 23h12 e eu lancei sem muitos rodeios: Duda, como tu define Texto para o Barthes? Como achei a resposta dela, uma ótima síntese, te colo a resposta abaixo:

—Oiii

—É bem complexo

—Mas Texto pra ele é a prática de escritura

—Que primeiro ele chamou de Literatura e depois decidiu chamar de Texto

—A prática de escritura nada mais é do que esse movimento que se faz ao escrever, que pra ele acontece nas leituras que fazemos

(Eduarda Ritzel, comunicação pessoal, 2022)

Como uma psicóloga se relaciona com a escrita é algo que me acompanha para além da pesquisa. Ou melhor, que me acompanhava quando realizava pesquisas em meu cotidiano de trabalho, quando me deparei com prontuários de crianças e adolescentes em um serviço de acolhimento institucional no qual eu trabalhei (na FPERGS): como me relacionar com aquelas histórias escritas e guardadas em prontuários e como permitir relação entre aqueles escritos e os donos daquelas histórias? Ser narrada/o por psicólogas/os, assistentes sociais, pedagogas/os, juízas/es, enfermeiras/os, médicas/os, conselheiras/os tutelares é algo que uma criança/adolescente não escolhe; e eu ficava pensando em como me relacionava com aquelas escritas e como aquelas crianças/adolescentes se relacionavam com aquelas escritas. Quando me aproximei da ideia de Política de Texto levei um tempo para relacionar o conceito com minha pesquisa e com a formação em Psicologia. Mas hoje, fico pensando que precisamos entender que Política do Texto construímos em nossa formação e como essa escrita permite passagem de vida.

Para não ir adiantando demais, volto ao livro de Luciano e quanto mais vou avançando percebo que há pontos de conexão com ele o que propus enquanto política. Luciano, quando cunha o conceito de Política do Texto, está preocupado no que acontece no entre [corpo e texto], nesse espaço por vir, nessa zona de habitação que não é propriedade ou exercício de posse, pelo que ele narra, é como se o Texto fosse por onde fosse possível a passagem e com o qual podemos ir habitando juntas/os os problemas da vida. Ele afirma que uma Política do Texto, desta forma, está relacionada à instauração de um campo de improváveis, uma escrita afeita à aventura, uma escrita-passagem. Escrever com cartas, desta forma, é meu modo de assumir essa aventura. Sei que o processo não é fácil e pode ficar cansativo para as pessoas que me leem, pois vou citando pessoas, cenas, histórias, que não necessariamente se dão de forma linear ou cronológica. A vertigem é minha companheira, e desta forma, abro a possibilidade que tu entre em minha escrita pelos caminhos que te melhor convier. Assumo o risco enquanto vou escrevendo versões de uma pesquisa esparramadas por cartas.

E uma escrita-passagem não tem mais a ver com a ideia de política com a qual nos acostumamos: da pólis grega, dos cidadãos, da exclusão de alguns (escravos, mulheres, animais) que é propagada como ideia de política. Precisamos ir além do que aprendemos: ou seja, desvincular os conceitos de uma lógica ocidental (a ideia da Grécia como berço do pensamento é uma invenção ocidental). Para resolver meus problemas de pesquisa me aproximei de Renato Noguera para afirmar que política é condição de possibilidade para que possamos emaranhar vozes e existências que existem em suas especificidades e se relacionam desde suas diferenças.

É preciso que habitemos o mundo conscientes de nossas diferenças e a partir delas possamos construir uma morada mais justa e pluriversal. Sentar à mesa, como nos convida Audre Lorde, é um exercício de acolhimento, de aceitar/entender que o mundo é muito maior do que nos narram na escola. O que quero te dizer com isso? Quero um Texto no qual a vida se engravide de e pelas histórias que são próprias (as pequenas histórias do cotidiano, as miúdas coisas da vida que mostram como a resistência vai sendo vivida nas brechas); que seja tecido a partir daquilo que me faz uma sujeita inteira, não partes que precisam ser escondidas e apartadas quando pego uma caneta para preencher um prontuário, quando abro o computador para trabalhar na tese. Um Texto que convide a/o leitora/or a entrar e também passar por ele com suas histórias, memórias e desejos.

Quando, como psicóloga, vou preencher um prontuário em algum serviço das políticas públicas, preciso lembrar que aquele registro não é só meu: aquele registro é da pessoa que é narrada por nosso corpo. Escrevemos com nosso corpo todo e isso não é pouco. Enquanto leio Luciano, lembro das discussões de bell hooks (2017; 2020a) sobre o corpo encarnado e te desejo uma escrita encarnada que resista à besta da norma acadêmica hegemônica (Costa, 2017).

Uma política do Texto feminista, assim, pode ser pensada como o modo que misturamos vozes em nossas escritas e pesquisas, como acolhemos o que a/o outra/o nos oferta e como ofertamos espaços para que outras/os passem por nossas escritas. Aprendi com Luciano que esse é um movimento de ampliação, pois na cena, temos quem nos lê e os efeitos e uso possíveis daquilo que escrevemos pela/o leitora/or. Quando escrevo cartas, por exemplo, não tenho a intenção que as pessoas passem todas a escrever com cartas, mas sim, que descubram para si, um modo de escrever, um modo de dar língua aos afetos que fazem morada em seu corpo e descubra um modo de escrever com suas palavras em nome próprio. Pouco importa se a pessoa escolher a escrita hegemônica, cartas, poesia, narrativas, escrevivências, dados estatísticos, o que importa o quanto de espaço deixamos para que nossa escrita seja passagem para outras escritas. Importa nosso convite para que a/o leitora/or experimente-se.

Nossa correspondência é sobre como fiz minha própria passagem pelo conceito que Luciano criou e trago para nossa conversa duas mulheres de nossa América Latina: Gloria Anzaldúa e Val Flores. A chicana de língua bifurcada e a escritora argentina deslenguada. Com elas me autorizo a percorrer o conceito Políticas do Texto de um modo feminista de fazer. Moldar os conceitos desde os nossos problemas, questões e inquietações é função da pesquisadora, desta forma, o farei passar por minha boca (lembrando dos ensinamentos que trago da época em que Deleuze ocupava mais linhas em meu modo de pesquisar).

As dobras que produzi são as que me ajudaram a escrever a tese, que tu tão gentilmente aceitou fazer parte.

Quando Luciano fala de seus combates lembrei de Gloria. Infelizmente temos poucas traduções da autora para o português, se você quiser se arriscar, te empresto a tradução para o espanhol do trabalho dela. Conhecemos Gloria desde os Textos que ela nos deixou e passo por eles em busca de uma língua para a pesquisa em psicologia. Em *Tlilli Tlapalli*⁴⁶/*El sendero de la tinta roja y negra* (2021) a autora nos conta sua imersão no mundo das histórias, com de seu caminho de tinta vermelha e preta; olha que bonito:

Cuando yo tenía siete, ocho, nueve, quince, dieciséis años, leía en la noche con una linterna bajo las mantas, ocultando a mi madre mi insomnio autoimpuesto. Prefería el mundo de la imaginación a la muerte del sueño. Mi hermana, Hilda, que dormía en la misma cama que yo, me amenazaba con contárselo a mi madre a menos que le contara una historia⁴⁷ (2021, p. 119).

O preço para habitar o mundo das histórias era justo: mais uma história! Gloria é uma mulher de muitos combates, como o são as escritoras subalternas que tem sua relação com a escrita questionada por pessoas brancas, da elite e masculinas. Comecei a lê-la por meu interesse sobre as histórias e a língua, ainda na dissertação. Lá, fiz um encontro tímido entre ela e Deleuze e Guattari, costurando linhas por uma literatura menor), por aqui, sigo com ela, pois sinto que ela me fortalece nas trincheiras que crio. Cavar uma boa trincheira é uma forma de ensinar já dizia Audre Lorde (2020) e, desta forma, aprendi sobre combates com elas, mulheres que defenderam em seu viver a possibilidade de erguer a voz, de falar bem alto, de desafiar a poética masculina canônica que embala a literatura, de cavar trincheiras. Gloria no ensaio que cito, fala de como os fins sociais, estéticos e religiosos da arte estão entrelaçados. Para ela, a capacidade de transformação de quem narra e de quem escuta pela capacidade do relato, de contar uma história, é um ato xamanístico. Pois bem, quando ano passado me disseram que eu tinha que me conectar, que meu espírito precisava recuperar o propósito, entendi que precisava retomar o caminho pelas cartas e, mais do que as cartas, precisava retomar o caminho das conversas, da escrita falada, da língua afiada. E minhas guias para esse retorno, para o exercício de conexão são intelectuais feministas que não sentem vergonha de suas feridas, cicatrizes e dores. Elas

⁴⁶ A autora afirma que para os astecas, “tlilli tlapalli, la tinta negra y roja de sus códices eran los colores que simbolizaban la escritura y sabiduría” (2021, p. 124).

⁴⁷ Quando eu tinha sete, oito, nove, quinze, dezesseis anos, eu lia à noite com uma lanterna debaixo das cobertas, escondendo de minha mãe minha insônia auto-imposta. Ele preferia o mundo da imaginação à morte do sono. Minha irmã Hilda, que dormia na mesma cama que eu, ameaçou contar para minha mãe, a menos que eu lhe contasse uma história (tradução própria).

nos mostram onde, porque e como sangraram, na intenção de mostrar para quem as lê que não estamos sozinhas, que há um nós, mesmo que espalhado pelo mundo. Uma Política do Texto feminista, desta forma, é um gesto de comunhão com um Nós.

Eu gosto de escrever, mas também sofro pra escrever, além de eu ter uma péssima relação com as vírgulas (a Luciana diz que as coloco de forma aleatória), a norma culta do português e eu nunca fomos amigas íntimas. Minha relação com as vírgulas diz de minha dificuldade de respirar, enquanto te escrevo, enquanto os dedos batem nas teclas como se tivesse raiva delas, deixo de respirar. Escrever da forma mais oralizada possível reflete nas pausas que não faço enquanto falo, meu pensamento por vezes vai mais rápido e é mais impulsivo que o tempo dos meus dedos; se tu já me viu falando, deve ter percebido que quando engreno saio falando sem respirar, isso diz do quanto meu pensamento voa. Como é pra ti? Tu já se observou escrevendo? Onde dói quando tu escreve no contexto acadêmico?

Lembre-se que isso que escrevo não é uma fórmula, não é um receituário sobre como escrever e/ou pensar uma tese. São o como eu fiz, o que não significa que dará certo para você. O que te desejo é que tu encontre teu próprio caminho, com as camadas e texturas, com as histórias e caminhos que tuas localizações e conversas permitirem; Gloria (Anzaldúa) conta de como seu Texto parece uma montagem, uma colagem, como um trabalho de contas com diferentes motivos. Tu vai perceber que mulheres como Gloria, escrevem ensaios, poesias, livros infantis, imprimem em diferentes formas seu trabalho de escrita. Narram o mundo à sua volta, desde sua relação com o mesmo, narram para teorizar. Lembre-se disso como uma espécie de mantra: narrar é teorizar. Lembro de Yuderkys (2020) que afirma que quer uma descolonização do feminismo e que isso se daria a partir de lançarmos um olhar desafiador para o projeto da modernidade ocidental que nos foi vendida como projeto de mundo, revelando essa como ela o é de fato: “um projeto imperialista, racista, de domínio e morte” (p. 101). Essa descolonização parte de sua proposta de um conhecimento situado, localizado; precisamos superar a ideia de que conhecimento científico é aquele em que se fala de um lugar nenhum, de um lugar universal, de que se fala pelas pessoas, ela nos lembra. Falamos de um lugar específico, de um chão em específico e os problemas que nos acompanham dizem de um punhado de terra muito próprio. Muitas vezes tu vai ler textos (artigos, teses, dissertações) que trazem conceitos paridos a partir de memórias de um mundo colonial, que reproduzem uma forma e uma lógica de produção ainda muito colonizadas, buscando “confirmação”, sustentação em métodos de pesquisa e jeitos de escrever forjados desde a lógica colonial. Um paradoxo que precisa ser enfrentado. Pensando sobre modos de narrar a história (nossas histórias),

Maria Paula Meneses afirma que “o impacto do moderno projeto colonial aconteceu não apenas a nível da implantação do Estado moderno; pelo contrário, marcou as formas de narrar e definir uma herança que ainda hoje se faz sentir” (2015, p. 03).

As proletárias da linguagem, desta forma, são aquelas que escrevem com pressa, de forma obsessiva, no tempo do entre, no enquanto, sem recursos e com pouca visibilidade. Moldam possibilidades (Octavia Butler, 2018), mesmo no mundo devastado por um projeto colonial com o qual nos infectaram, como uma espécie de vírus que deixou um rastro de mortes ao longo dos séculos. Fazem seus textos dançarem para além do que o mundo lhes impõe e emaranham suas histórias com o contexto político, cultural, social e econômico de suas épocas. São mulheres que tecem em suas artes o tempo a partir das contas de suas vidas (Anzaldúa, 2021). Lembro de Gloria quando a mesma fala sobre os movimentos de rebeldia: “me entra una rabia cuando alguien-sea mi mamá, la iglesia, la cultura de los anglos- me dice haz esto, haz eso sin considerar mis deseos⁴⁸” (p.55). Te digo que sinto o mesmo que Gloria: sinto raiva e indignação quando alguém me diz o que posso ou não posso por ser mulher, lésbica, vinda de uma família pobre, da periferia ou do ensino público. Sinto raiva quando percebo o quão forte são os sistemas de dominação na vida de amigas/os, conhecidas/os e alunas/os.

Ler Gloria, é conhecer o miúdo da história de migrantes mexicanos, de uma colonização que não escutamos nas aulas de história, sobre um povo que rompe com as fronteiras, mesmo com toda violência que lhes é imposto. Por onde os Estados Unidos impuseram uma fronteira, era território mexicano e, de uma forma ou de outra, eles tratam de seguir povoando este terreno; marcam sua presença mesmo com a imposição de violências de toda ordem. Uma forma de resistência importante e invisibilizada. Já ler bell hooks e Alice Walker é conhecer o processo de segregação racial que sustentou os Estados Unidos, é perceber o como as mulheres negras foram criando formas criativas de viver e encantar seus mundos, mesmo quando a escravização lhes foi imposta, mesmo quando a segregação lhes dizia que o ofício de escrever não era para elas. Lembra da conversa que narrei entre Octavia Butler e sua tia que desencoraja a menina a ser escritora? Sílvia Cusicanqui nos leva a conhecer os efeitos do colonialismo interno em um país bem próximo como a Bolívia e perceber laços que se estreitam, mesmo quando não compartilhamos a mesma língua. É perceber que não conhecemos nem um pedaço da violência que sangra o continente

⁴⁸ Eu fico com raiva quando alguém - seja minha mãe, a igreja, a cultura Anglo - me diz para fazer isso, fazer aquilo sem considerar meus desejos (tradução livre).

americano, é perceber que somos vizinhos, tão próximos, mas ao mesmo tempo tão desconhecidos.

Assim, uma política de Texto feminista, necessita ser pautada pelas localizações possíveis para a/o autora/or que se envereda por esta escrita. Recentemente, eu e Luciana fomos apresentar um trabalho em um evento; como de costume escrevemos uma carta. Nossa surpresa veio com o impacto que causou o fato de falarmos de nós, de onde viemos e como nos posicionamos no mundo, de como nossa relação fala de lugares de opressão e privilégios. Falamos coisas que tomamos como simples (quem somos, nossas racializações, que somos mulheres cis lésbicas, que criamos uma criança de cinco anos, que somos um casal, que compartilhamos um sentimento contínuo de exaustão). Narramos nosso cotidiano e perceber que isso ainda é motivo de espanto e de surpresa nos leva a crer que o campo da escrita ainda é um campo sensível de combate; que muitas mulheres feministas (era um simpósio temático sobre feminismo e cuidado) ainda titubeiam em sua afirmação como tais. Mesmo com tantas mulheres que vieram antes de mim, de Luciana, de ti, de minha orientadora e, que lutaram por escritas implicadas com suas entranhas, ainda vivemos um tempo em que surpreende a honestidade dos sentimentos e a invasão das emoções em nossas escritas acadêmicas.

“Aunque es una cosa defectuosa- una cosa torpe, compleja, que tantea a ciegas-, para mí está viva, infundida de espíritu. Lo hablo, me habla⁴⁹” (Anzaldúa, 2021, p. 121). A autora narra sua relação com a obra que nos entrega e como essa é uma entrega de parte de si e, para alimentá-la, recorre às ritualizações de sua vida. Com um tanto de vergonha, minha tese, mesmo que por vezes sentida como uma coisa defeituosa por mim, cheias de brechas e com imperfeições, é cheia de espírito é algo vivo com quem eu teço conexão, eu falo com ela como falo com as pessoas em minha volta. Quando perdemos a capacidade de falar com nossos textos, com nossas produções, uma parte de nós se dá por vencida ao projeto colonial do desencante. Lembre-se de alimentar sua pesquisa e suas escritas, como alimentamos os seres vivos que nos rodeiam (filhos, enteados, avós, pais, animais de estimação, plantas).

“Hago mi ofrenda de incienso y maíz machacado, prendo mi vela. En mi mente a veces digo una plegaría- una afirmación y una enunciación de intenciones⁵⁰” (p. 121). O como Gloria se relaciona com a escrita, lembra o como Sobonfu Somé (2007) narra sobre os rituais para os Dagaras, uma forma de alimentar a força vital das relações e das conexões. Assim, saiba que um

⁴⁹ Embora seja uma coisa defeituosa - uma coisa desajeitada e complexa que tateia às cegas - para mim ela está viva, cheia de espírito. Eu a falo, ela fala comigo (tradução livre).

⁵⁰ Eu faço minha oferenda de incenso e milho triturado, eu acendo minha vela. Em minha mente, às vezes faço uma prece - uma afirmação e uma enunciação de intenções (tradução livre).

combate importante é pela conexão, pela força vital de sua escrita. Diga uma prece, acenda um incenso, arrume a sua volta os livros de autoras/es que te inspiram, escolha aquilo que fortalece tua relação com as palavras e com as ideias. Opere com conceitos que tornem possível o emaranhar de vozes. Essa é a pista que segui quando propus o caminho metodológico que sigo, é no emaranhar vozes que pude construir essa tese, que é escrita em primeira pessoa, mas que conta de uma imensidão de nós que me habitam.

Lembre de Gloria que diz que gosta de pensar que os livros, os escritos são como performances e não como objetos inertes, ou seja, tem vida, voz própria, possuem uma identidade, contém presença e manifesta as mesmas necessidades de uma pessoa: é preciso banhá-la e alimentá-la. A autora nos lembra que a arte invocada, que está sempre em atuação, é comunal e fala da vida cotidiana. E que a arte invocada quando capturada pela lógica branca e eurocêntrica, morre em sua função. É tua função, como pesquisadora, não deixar morrer a conexão com os espíritos que tu acionar em teu percurso como pesquisadora; é tua função alimentar a escrita com alimentos que façam cindir esse projeto ocidentalizado que por séculos reproduzimos em nosso país nas instituições de ensino e que insiste em nos bater à porta em pleno 2021.

Então, te desejo bons aprendizados, como os que venho tecendo com Gloria, Silvia e bell. Encontre tua comunidade e faça dela morada para o encanto em teu trabalho; as mulheres-intelectuais-espíritos as quais pedi ajuda para resolver as encruzilhadas de minha tese, me ensinam que é uma obra é algo vivo e, como tal, precisa ser alimentada, precisa de cuidados que tu, a pesquisadora-escritora, vai descobrindo no caminho. As teses, as dissertações, os livros, capítulos de livros, artigos científicos têm necessidades alimentares variadas; descobrir isso é fundamental para alinhar teu percurso na academia. Um ritual, como nos lembra Sobonfu (2007) é algo que se constitui com materiais pertinentes às necessidades da pessoa envolvida. As tiranias estéticas e de produção de conhecimento são hábeis em tirar o poder de escritos, de obras de arte, daquilo que foi produzido por corpos que experimentaram a colonização de seus modos de existir e ser. Precisamos sentir a energia das palavras, como uma espécie de poder, nos ensina Gloria.

Escribo los mitos en mí, los mitos que soy, los mitos en los que quiero convertirme. La palabra, la imagen y el sentimiento poseen una energía palpable, una especie de poder. Con imágenes como mi miedo, cruzo los abismos que tengo por dentro. Con palabras me hago piedra, pájaro, puente de serpientes arrastrando a ras del suelo todo lo que soy, todo lo que un día seré⁵¹ (2021, p. 126).

⁵¹ Eu escrevo os mitos em mim mesmo, os mitos que sou, os mitos que quero me tornar. A palavra, a imagem e o sentimento têm uma energia palpável, uma espécie de poder. Com imagens eu domino meu medo, atravesso os abismos que tenho por dentro. Com as palavras torno-me uma pedra, um

Aprendi a escrever com proletrias da linguagem, que procuram escrever a vida com traço próprio, riscam páginas com sangue, pus e lágrimas. Escrevem cartas, narrativas, poemas, romances, escrevem com a tinta que jorra em suas veias. Não têm vergonha de suas cicatrizes, as expõem para que outras se encorajam a escrever sobre suas próprias cicatrizes, sobre suas dores, sobre os fantasmas e os medos que as acompanham. “E, no entanto, minha família viveu lá, na humilhação, no medo de cada dia, na expectativa daquilo que aconteceria e que não sabíamos nomear: o genocídio. E sou a única a possuir essa lembrança. É por isso que escrevo estas linhas” (Scholastique Mukasonga, 2018, p. 51). Scholastique, se não a conhece, é uma escritora ruandesa, é uma sobrevivente de um dos maiores genocídios da história contemporânea: o genocídio da população tutsi. A autora escreve suas memórias, escreve sua mãe e sua família na história da literatura.

Emmanuel, seu marido, descreveu-me sua morte. Ele me disse que me devia isso. Era a primeira vez que falava do assunto com alguém. Gravei. É provável que ele jamais repita o que queria me dizer. Isso não aconteceu sem sofrimento dos dois lados. Pensei em interrompê-lo para por fim à infinidade de dores que a narração revelava. Ele quis ir até o fim. Mas não contou tudo. Não conseguiu, ou quis me poupar do horror insuportável. Mas isso, eu sabia; recebi de minha sobrinha, Jocelyne, uma carta estranha, numa letra quase ilegível, mas suficientemente clara para me dar a conhecer aquilo que eu jamais deveria saber. Gostaria de escrever esta página com as minhas lágrimas (Scholastique Mukasonga, 2018, p. 141).

Para que mulheres em sua multiplicidade possam escrever com suas lágrimas, desde os mistérios de suas entranhas, desde a urgência do seu cotidiano, precisamos de uma política do Texto feminista desconfiada com o próprio feminismo, lembrando de como esse, dependendo de sua filiação, responde ao projeto moderno-colonial (racista, imperialista, misógino, pautado no domínio e na morte). Intelectuais como Yuderkys Espinosa Miñoso (2020) nos ajudam a lembrar disso; Françoise Vergès (2020; 2021) nos conta dos riscos de um feminismo civilizatório que sabe o que é bom para todas as mulheres e, com isso, exclui de forma violenta os saberes, as necessidades e as demandas de muitas mulheres, principalmente as mulheres negras e dos países do Sul global. No próprio Sul global, as feministas precisam reconhecer as produções de subalternidade neste contexto. Como nos lembra Suely Messeder (2020) há um hegemônico dentro do subalterno e, te digo isso, para que reconheçamos que o feminismo hegemônico branco compartilha de muitos interesses desse projeto colonial de morte que reina de forma alastrada pelo mundo. Yuderkys (2020) alerta que devemos contribuir com nossas práticas com

pássaro, uma ponte de cobras arrastando tudo o que sou, tudo o que um dia serei (tradução livre).

o desmantelamento do compromisso do feminismo com os pressupostos da modernidade; precisamos reconhecer que as estruturas que nos foram vendidas como necessárias ao mundo são violentas e mortíferas. Desta forma, a escolha por conceitos, autoras/es e modos de operar com a escrita e com a pesquisa precisa ter em mente com quais estruturas filosóficas elas estão pactuadas.

É como se estivéssemos planejando fazer uma casa, os alicerces, as estruturas são importantes para a durabilidade e sustentação do projeto arquitetônico; não basta apenas que tu mude algumas peças no jogo, é preciso um corpo atento ao que fundamenta teu trabalho. O objetivo de bell hooks, por exemplo, como pensadora teórica feminista de acordo com o que ela diz no livro *Erguer a Voz*, é pegar a “abstração e articulá-la numa linguagem que se torne acessível, não menos complexa e rigorosa, mas simplesmente acessível” (p. 94). Assim, precisamos reconhecer que o modo como teorizamos e o modo como escrevemos nossas memórias precisam estar entrelaçados, em um posicionamento crítico que coloque em questionamento os sistemas de opressão vigentes.

Assim, te aconselho a aprender a desobediência de mulheres como Gloria, uma rebeldia que escorre pelas veias daquelas que brilham e vivem apesar do projeto colonial de morte que insiste em se fazer valer. “As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos- para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde possamos viver em paz” (bell hooks, 2019b, p. 167).

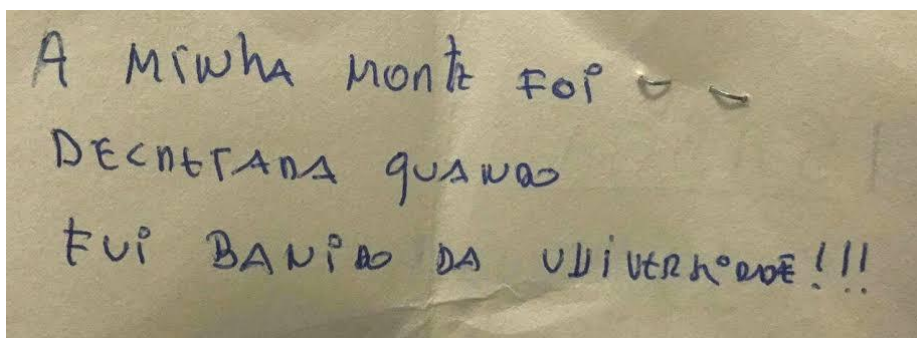
Seguimos! Me conta como tem sido pra ti escrever o projeto para a seleção, pensar em tema de pesquisa, voltar para a escrita acadêmica.

Beijos, beijos, beijos.

Bruna

4.2.1- Uma exceção

Olá querida,



Legenda: bilhete que me foi encaminhado pelo Luciano (correspondência pessoal).

Há questões para as quais não há como fazermos uma boa introdução. Começo com esse bilhete angustiante, pois a vida e a violência são angustiantes e às vezes o que nos resta é sentir. Aproveito que tu ficou em dúvida sobre a ideia de Texto com t maiúsculo e vou te mandar a carta que o Luciano me mandou quando fiz essa mesma pergunta para ele. Perceba que meu trabalho é quase como aquela brincadeira de crianças: o telefone sem fio (alguém me pergunta algo, eu pergunto esse algo para alguém, que me responde e eu respondo para quem me perguntou). Uma brincadeira que vai se ampliando e fazendo as perguntas e ideias circularem (como eu queria ter tido mais tempo para alimentar o correio nesse tempo de pandemia).

O risco, no processo que instaurei, é te deixar um pouco tonta com tanto vai e vem. Mas vamos a carta de Luciano! O bilhete com o qual comecei a carta, foi o Luciano que me encaminhou. Um bilhete curto, encontrado no bolso do professor Luiz Carlos Cancellier, ex-reitor da UFSC, que se suicidou quando virou alvo de uma operação da Lava Jato (que tempos depois foi encerrada por faltas de prova e suspeita de forjamento de depoimentos⁵²). Não vou entrar em detalhes, mas sei bem como é sentir que a vida não tem mais sentido quando tua honra e teu trabalho são colocadas à prova por pessoas que não querem justiça, mas vingança. Em uma vida, que parece que aconteceu em outra era, flertei com ideias suicidas quando meu profissionalismo e minha ética foram colocadas em questão. Para recuperar os cacós de minha saúde mental precisei pedir demissão de um serviço público. Minha sorte, foi encontrar acolhimento das pessoas que me conheciam e encontrar a seleção de mestrado pelo caminho.

⁵² Tu pode acompanhar o rastro desta história por essas duas reportagens: <[Delegada que levou reitor da UFSC ao suicídio falsificou depoimento \(pragmatismopolitico.com.br\)](#)> acessado em 19 de fev. de 2022 e por essa reportagem: <[Sem provas PF encerra inquérito que levou Reitor Cancellier ao suicídio - ABRASCO](#)>

Quando eu digo que a teoria e que as leituras me curaram, falo de algo concreto. Voltar a estudar literalmente salvou minha vida. Eu entendo o professor Luiz Carlos.

Mas voltando ao professor, não o conhecia, não sei de que área de conhecimento ele é, mas seu nome precisa ser honrado e lembrado, pois foi vítima de um projeto violento de desmonte do ensino público superior, que passa inclusive pelo esmagamento de vidas. Ele foi esmagado, dilacerado a tal ponto que foi impossível seguir. Na época em que foi noticiado sua morte, lembro dos pensamentos que se reativaram em mim (e não foi nada bom). Lendo a carta do Luciano, lembrei de Silvia Cusicanqui que combate o projeto colonial que ainda insiste por nossas terras desde a ideia de uma memória larga que honre, entre outras coisas, os que foram mortos impunemente: “Como una piedra rota, los injustamente muertos, los inocentes masacrados, nos hablan desde las fisuras del tiempo del daño irreparable que la colectividad sufre al quedar impunes estos crímenes, y de la herida moral que nos inflige el cinismo de los poderosos⁵³” (2021, pp. 17-18).

Quando a injustiça não é reparada, sofremos todas/os. E como venho percebendo que defender uma Política de Texto tem relação com a vida e que possamos carregar junto em nossas leituras e escritas as memórias daquelas/es que infelizmente não estão mais conosco, que foram impunemente mortas/os e que são roubadas/os da possibilidade de ter seu nome escrito na memória (dos seus, nos livros, em nossas práticas). Pelo que venho entendendo, Barthes traz pra cena a figura da/do leitora/leitor, e assim, nada mais justo que eu te deixar com as palavras do Luciano para que tu possa com elas tecer teu processo de escrita e apropriação desta ideia.

Querida Bruna, foi uma alegria receber a tua carta, convidando/convocando-me a uma conversa sobre a noção de política do Texto. Fiquei os últimos dias pensando em te escrever, fiz rascunhos físicos e mentais por onde passei, sentei num café no Rio de Janeiro pensando em te retornar, até que enfim chegou a hora. Estou aqui em Pinhal, numa manhã agradável após dias muito quentes e sufocantes. Acabei de ler um livro sobre o caso do reitor da UFSC que se suicidou em 2017 após ter sido vítima da polícia federal, naquela verdadeira caça às bruxas realizada em algumas universidades federais, dentre estas a UFRGS e a UFSC (a imagem que coloquei aqui é do bilhete que ele escreveu e que foi encontrado no seu bolso depois de ter se jogado do sétimo andar de um shopping em Florianópolis). Fiquei pensando agora na relação entre minha leitura e a vontade de te responder, no quanto essas violências institucionais e jurídicas estão ligadas ao que pretendo

⁵³ Como uma pedra quebrada, os injustamente mortos, os inocentes massacrados, falam-nos desde as fendas do tempo do dano irreparável que a comunidade sofre quando esses crimes ficam impunes, e da ferida moral que nos infligiu o cinismo dos poderosos (tradução livre).

conversar contigo agora. Uma primeira coisa que sempre gosto de reforçar é o t maiúsculo da palavra Texto, ele parece dizer muita coisa apesar de sua sutileza. Tu bem sabes que essa noção eu retirei do Barthes, uma vez que ele a utilizou muito durante um período da sua vida intelectual, no combate que fez à maneira como a crítica literária francesa se posicionava (e ainda se posiciona, de certa forma) relação à literatura. Mas o que está posto nesta noção de Texto com t maiúsculo? Trata-se de uma afirmação do Texto como experiência transversal e transbordante, experiência partilhada entre aquele ou aquela que escreve e aquele ou aquela que lê. Em um célebre texto deste mesmo período, Barthes anuncia a morte do autor. Mas o que ele nos diz é que, para além da supressão da figura do autor, o que procura é restituir vida a uma outra figura até então subestimada, dando passagem ao leitor e à leitora, personagens tão ou mais importantes nessa trama de linguagem. Dessa forma, um texto passa a ser mais (ou menos) do que um objeto posto e chancelado pela escrita, uma vez que se apresenta sempre como um objeto manipulável, transformável, indomesticável. Barthes chega até a chamar o leitor de "mal educado", dado que lê um texto qualquer a partir do seu desejo, pulando, deformando, misturando, pervertendo o suposto "texto originário". Aqui me parece que a noção de política entra muito bem, uma política que recoloca o texto na "Pólis do sentido", um sentido como força, disputa, combate, troca, escambo, roubo. Pensar uma política do Texto me parece pensar o texto e suas personagens (leitoras e autoras) nessa praça pública, sujeito a todas essas movimentações. Assim cabe a nós, operadoras e operadores dessa política, operarmos nesse plano de ação, não nos tornando ingênuas ou ingênuos em relação a essas disputas que estão aí de forma direta e também subliminar. Pensar uma "política do Texto feminista", provocação feita pela professora Miriam, parece também colocar os feminismos dentro dessa arena, pluralizando-os, perspectivando-os. Cada texto traça no mapa de seus próprios **combates**, seus próprios **cansaços**, dos seus próprios **ranços**, de suas próprias **insistências**. Não seria isso? Cada autora lida pode nos oferecer pistas para esses combates, pistas que estão no texto lido por nós, que fazem parte do texto e também da nossa leitura. Pensar uma política do Texto feminista parece também pensar uma **política da leitura a partir dos feminismos**, sugerindo engendrando **outros modos de ler e se relacionar com o sentido**. Aí penso que entra tua tese, na maneira como tu te relacionas com as autoras e com os textos lidos, o lugar que tu situas a palavra dos outros e das outras, toda uma engrenagem materializada e movimentada pela "cartografia". Gosto muito da palavra convite, da carta **como um convite e também como uma convocação**, um convite e uma convocação à Pólis, algo do tipo "vamos lá?", "bora lá fazer junto?". Volto ao caso do reitor "suicidado" pela Polícia Federal, ainda muito comovido com tudo que li, na certeza de que **os combates que traçamos** através dos nossos corpos e dos Textos que lemos e escrevemos, são combates necessários ainda que por vezes nos pareçam cansativos ou mesmo infrutíferos diante de violências extremas. Sigamos, Bruna, insistindo nessa dimensão política e coletiva de pesquisa, **convidando e convocando**

outras e outras a participar, outras e outras que estão e que também não estão na universidade. Fico aqui à disposição para continuar essa conversa, esperando que tenhas uma ótima semana!!!

Com o melhor carinho, Luciano.

Tomei a liberdade de fazer alguns grifos na carta do Luciano.

Um abraço, Bruna

4.2- Seguindo pelos combates possíveis para uma Política de Texto feminista e contra-colonial

A afirmação da possibilidade do amor se espalhando pelo quarteirão me dava esperança (bell hooks, 2020, p. 30).

Querida,

É 27 de dezembro e escrevo, ou melhor, volto a escrever dias depois da notícia do falecimento de bell hooks. Te confesso que foram dias em que qualquer palavra e escrita foi impossível. Para voltar a escrever me cerco das anotações que fiz dos livros dela, com um misto de emoções consigo pegar em mãos o livro Tudo sobre o amor. A morte de bell hooks me é sentida como uma parenta próxima; o amor que sinto por ela foi sentido em toda sua imensidão neste momento. Na tarde em que a notícia circulou encontrei alento no grupo de pesquisa da Jaileila que está discutindo o livro Ensinando a Transgredir. Jaileila nos ofereceu paragem em seu grupo, no qual lemos bilhetinhos à bell hooks. Eu ainda não consegui escrever o meu, mas encontrar um lugar para chorar e sentir juntas/os foi muito importante.

Uns dias depois da morte de bell, no dia 20 de dezembro foi o último encontro do grupo de estudantes que o Coletivo bell hooks organizou nesse segundo semestre: choramos a morte de bell hooks, choramos e sentimos pela passagem de uma guia que nos acolheu com seus ensinamentos. Neste dia, uma das participantes nos agradeceu, pois disse que ali, naquele momento, sentia que sentia certo, que sua tristeza tinha sentido; pois em outros espaços seu choro e tristeza foi tratado com certo desdém, em um deles, ela narra sobre uma professora branca que fez piada com sua comoção pela morte da autora. Nos espaços que frequento o sentimento é de gratidão, pois bell hooks ousou sonhar um mundo bonito, amoroso e radical. Ela viveu a esperança de uma forma que infelizmente hoje nos parece utópica. E são com pessoas como ela que busco inspiração para seguir habitando este mundo com alegria (e para isso precisamos entender o lugar da luta em nossas vidas). Gosto muito de um artigo

que sonha sociedades do amanhã e no qual os autores afirmam que “a negação da pluralidade humana é a negação da atividade política que por sua vez é a negação das políticas do amor” (Vinícius da Silva; Wanderson Flor do Nascimento, 2019, p. 171).

Para te escrever, passei os dedos e os olhos pelas anotações do livro Tudo sobre o amor (2020b) como se alcançasse bell hooks a partir das frases escritas em meu caderno. Eu sonhei uma carta para ela por muito tempo; senti vergonha e nunca escrevi e agora me sinto tola. Amo bell hooks, assim como amo Luciana, amores diferentes e que me impulsionam a viver de forma mais consciente e coerente. A frase com que inicio nossa carta é uma frase que bell hooks mantinha sobre a pia da cozinha (“A busca do amor continua, mesmo diante das improbabilidades” – p. 26). O que quero te dizer? Que um dos primeiros combates que uma Política de Texto feminista precisa sustentar é pela possibilidade de podermos falar de amor e de outras emoções sem que isso seja percebido como fraqueza e irracionalidade. O lugar do aprendizado não é só a mente e uma pesquisa e suas escritas não são práticas que condensam somente aquilo que vem da mente (e/ou de uma única forma de racionalidade), falam do sentir da/do pesquisadora/or. Sentir-pensar é um procedimento ético que embasa o como a pesquisa é escrita, sobre como as/os participantes foram convidadas a estar junto na pesquisa, em como conversar com conceitos e autoras/es. Importante a gente entender que bell hooks pode ser tomada como sonhadora, romântica e utópica quando fala de amor, mas é preciso lembrar que ela sonhou um projeto de mundo tendo a experiência das pessoas negras como ponto de partida; o amor para ela é tematizado a partir da necessidade de pensar um projeto de mundo para que pessoas negras possam experienciar o amor em segurança, para que pessoas negras aceitem a experiência do amor para além do que as pessoas brancas narram como amor. Ouvidos e olhos brancos, quando em contato com os textos dela, precisam ter sensibilidade para não apropriar o que ela propõe a partir de sua experiência de mundo. bell hooks nos lembra que pessoas brancas precisam aprender e não se apropriar de ideias, conceitos e perspectivas.

A escrita para mulheres como bell, Gloria e Audre é um exercício de amor próprio, onde podemos nos ver como realmente somos e nos aceitarmos. É ferramenta de cura; e cura é aqui entendida como a possibilidade de ver cicatrizadas feridas abertas pelos sistemas de dominação, que quando vigentes, travam a experiência do amor (e, por consequência, do amor próprio). Se a ferida colonial faz sangrar, intelectuais como as que trago juntas nas nossas cartas mostram como produziram pra si espaços de cura e cicatrização. Lembro de Silvia Cusicanqui que afirma que precisamos “descolonizar y resignificar el lenguaje, la palabra, para que ésta deje de ser el talismán del conquistador y se convierta en medio de comunicación y el espacio de

ejercicio de la libertad⁵⁴”(2010, p. 199). Se escolho manter em espanhol é para que tu sintas para além de entender tudo o que a autora disse.

O exercício da liberdade que ela e que bell hooks evocam falam de um exercício de autoafirmação, de amor próprio, mas o puritanismo acadêmico hegemônico não consegue aceitar pensar o conhecimento a partir destes termos. Não é uma tarefa fácil amar a si mesmo (bell hooks, 2020b) e é uma tarefa mais difícil ainda escrever como quem constrói para si uma ferramenta de auto-afirmação e de amor próprio. Amar seu Texto, um combate que longe de uma ideia narcisista e egoísta, fala de uma relação de auto-afirmação com o que escrevemos. Ame sua escrita com todas as partes de si e dela; amo meu Texto mesmo quando ele precisa ganhar outras formas para abrir passagem por entre modos de publicação (falo da escrita de artigos, por exemplo). Lembrei de um trecho que Cristiane Bremenkamp me ofertou em sua primeira carta:

Sabe, vou te dizer que antigamente eu escrevia poemas, mas hoje em dia, não sei bem porquê, **a palavra poética tem me avistado só de longe, desencostando de minha pele.** Mas escrever pra mim sempre teve a ver **com produzir saúde e escrever esta carta é uma maneira de produzir saúde, de me resgatar,** uma prática de *autorrecuperação*, como diria a bell hooks. Ando lendo muita literatura, como não fazia há anos, e talvez a escrita poética volte a pedir assento. Estou aguardando pra ver.

Pra finalizar, compartilho contigo um poema que escrevi há alguns anos atrás, pois acho que tem a ver com o que a escrita significa pra mim (um trecho deste poema tá lá na minha tese):

Escrevo como quem arde e já não posso acender uma chama

O que fazer quando a vela se apaga e ainda nem a soprei?

O que fazer quando encontro um abrigo no avesso de mim?

Escrevo, é o que me resta, o tempo dilui as fendas que cava.

Escavo porque no escombros encontro uns mapas de mim

Escrevo: a palavra é uma flecha que lança o sentido que instaura

Escrevo porque no instante a palavra está por um triz

Escrever não é apurar o mundo, nem torná-lo puro

Escrever é

Colocar-se em apuros

(Correspondência pessoal, março de 2021)

Assim, não entenda aqui que a escrita opera como as lógicas hegemônicas de terapêutico; a dimensão da cura é fazer passagem para que não nos sintamos

⁵⁴ descolonizar e ressignificar a linguagem, a palavra, para que ele deixe de ser o talismã do conquistador e se torne um meio de comunicação e espaço para o exercício da liberdade (tradução livre).

sozinhas e que outras pessoas possam se reconhecer por meio daquilo que narramos. A dimensão da cura é encontrar na escrita modos de enfrentamento aos sistemas de dominação que nos violentam. Lembro de Silvia Cusicanqui que com suas propostas a partir das imagens, dos vídeos, das montagens e da oralidade, busca reconectar os sentidos para além da palavra e fazer com que eles se articulem na formação de conhecimento. Cura é uma parte do processo de luta por um mundo mais justo. Pense no impacto que tem pensarmos nossas formações, trabalhos, pesquisas, escritos e intervenções a partir dessa dimensão.

Entendo que um outro combate que bell hooks oferta para uma Política do Texto feminista é que possamos nos responsabilizar pela constituição de comunidades de aprendizagem amorosas. E uma comunidade de aprendizagem em nossa vida começa sempre pelo exercício do auto-amor: “Ao dar amor a nós mesmas concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter o amor incondicional que talvez tenhamos desejado receber de outra pessoa” (2020, p. 106). O que seria então um auto-amor acadêmico? Penso que a possibilidade de nos mostrarmos inteiras/os em nossos trabalhos, sem vergonha quando nos questionarem, sem medo de julgamentos e abertas à possibilidade de nos transformarmos na e pela escrita. A linguagem é lugar de luta, dizia bell hooks (2019). É pela linguagem que começamos a sonhar um mundo mais bonito nos lembra Paulo Freire (2019). O amor é um caminho de responsabilização consigo mesma e com as outras pessoas, afirma bell hooks. E aproveito para te perguntar: com quem teu texto se responsabiliza? Com quem tuas escritas estão implicadas? Se quiser dançar comigo, venha de corpo aberto para que possamos juntas sonhar uma academia cuidadosa e amorosa.

Uma coisa que tu precisa entender é que bell hooks não fala sobre pesquisa ou sobre métodos de pesquisa; eu é que vou à sua obra e com ela vou tecendo outras relações com o Texto, com a pesquisa e com o estar junto com as outras pessoas na academia. Em um ensinamento pequenino intitulado *Amar novamente*, ela afirma que “o amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo” (p. 239, 2021) O amor é a combinação de diferentes elementos: cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança que atuam de modo interdependente. A autora afirma que “(...) o ato de saber é um ato de amor, o ato de entrar na realidade do outro e acolhê-la, e de permitir que entre na nossa e a acolha” (2021, p. 239). Uma aposta na busca apaixonada por conhecimento e sobre como essa é possível quando abrimos espaço para o amor na sala de aula; uma aposta ético-política que faz bell hooks. Com isso te pergunto: qual o lugar do amor na tua pesquisa? Qual o lugar do amor na tua escrita?

Falar de amor não é como estamos acostumadas; falar de amor é falar também de conflitos, é entender como entramos em relação com as muitas diferenças das pessoas com quem nos relacionamos. Assim, um combate importante se dá no encontro entre bell hooks e Audre Lorde: a diferença não deve ser apenas tolerada. Um Texto feminista precisa conversar sabendo que inúmeras diferenças existem entre aquelas/es que se põem em relação. Audre Lorde afirma que é arrogância acadêmica começar uma discussão feminista (qualquer discussão, diria) sem examinar as muitas diferenças entre as pessoas. E que precisamos pensar para além do que o saber hegemônico nos oferece e, assim, elas nos oferecem uma trilha por onde seguirmos: com nossas ferramentas, a partir daquilo que é inventado em nossos cotidianos. Para uma psicóloga interessada em análise institucional, uma pista fundamental as autoras me ofertam.

Seguindo, faço uma costura com Gloria Anzaldúa, que operou com a ideia de autohistoria; uma forma de narrativa a partir de suas memórias entrelaçadas por entre fios que misturaram sua história pessoal, a histórias dos seus, a história das/os migrantes mexicanas/os, das/os chicanas/os. Autohistoria é um termo que ela utiliza para descrever o ato de narrar sua própria história emaranhada com a história coletiva de seu povo, em uma espécie de autobiografia ficcionalizada (Carlos Vinícius da Silva Figueiredo; Paulo Sergio Nolasco dos Santos, 2016). Gloria nos apresenta um estilo único como se sua história e a história de seu povo fossem partes de uma mesma dobra, que pelas mãos da autora se entrelaçam em uma tessitura que mistura memória, história, ficção, misticismo, teoria e outras formas narrativas.

A autora estabelece, assim, um conceito imerso em uma relação intrínseca entre o contexto vivido e sua vida. Histórias que se movimentam ao sabor do vento, que estão sempre em movimento e que buscam adentrar o espírito, o corpo e alma daquelas/es que habitam a fronteira (Figueiredo; Santos, 2016). Os autores, analisando a obra de Gloria, afirmam que o modo de tessitura da autora evidencia a relação entre Texto, leitor e autor, pois a escrita de Gloria é sustentada por uma lógica colaborativa, comunal, no qual a relação entre fatos, memórias e história se entrelaçam com a autora e a leitora. Uma escrita compromissada com a história de seu povo, riscada a partir de sua herança cultural, permeada pela reflexão sobre a realidade (levando em consideração o contexto histórico, político e social). Importa quem conta a história e que histórias são contadas e, assim, nas autohistorias, Gloria opera com a história cultural que a atravessa em sua existência. Contar sua vida é contar a vida de outras pessoas. Silvia Cusicanqui com o *taller* oral

das mulheres busca desverticalizar a produção de conhecimento, quando tece suas produções em conjunto com as mulheres bolivianas a sua volta.

Silvia faz uso da ideia do tecido em suas produções, um bordado que se dá em contraposição ao trabalho como a colonização forjou (ligado à servidão e a tortura, indigno e assim voltado para populações que deveriam ser subjugadas). Silvia volta seu fazer para as tecedoras pré-hispânicas, para o fazer ancestral das mulheres andinas para pensar a produção de conhecimento contra-colonial. É em ato contra o apequenamento colonial que intelectuais como Silvia se põem a escrever, criar imagens, produzir intervenções. Se o processo colonial produz esse sentimento, a partir de técnicas de violência as mais diversas possíveis, a produção de conhecimento precisa responder a isso.

Em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* (2010), Silvia nos mostra a relação entre colonizadores e povos tradicionais do nosso continente e o como essas relações se seguiram em um jogo de imagens estereotipadas e de representações fantasiosas de ambos os lados. A autora afirma que a estranheza, o estupor e a ideia de um cataclisma cósmico podem estar no fundo do sentido de impotência que fez com que milhares de soldados incas não conseguissem vencer os poucos invasores. Uma leitura importante da relação que se teceu por aqui e que a autora desenvolve a partir do que ela chamou de sociologia da imagem. Um modo de ler as imagens da colonização, de entrar em contato com as produções que datam a época do processo colonizador. Nunca tinha pensado, por exemplo, nas imagens que os habitantes daqui tinham dos invasores, e como essas impactaram na possível reação ao que acontecia. As histórias que nos contam, as fontes utilizadas, o como acessamos a história do nosso continente estão sempre mediados por lógicas coloniais. Como derrotar criaturas que se alimentavam de ouro? Pergunta que faço ouvindo as histórias que Silvia nos conta sobre o encontro entre incas e espanhóis. Desde a antiguidade até o presente são as tecedoras e os poetas (astrólogos das comunidades) que revelam a trama alternativa e subversiva de saberes e práticas capazes de restaurar o mundo (Cusicanqui, 2010). Imagina a heresia que é a pesquisadora abrir os ouvidos para aquilo que nos revela os saberes mais populares, contados de conto em conto, aqui e ali, de conversa em conversa! Como tu conecta as histórias-conhecimento que tu aprendeu antes e fora da universidade com as histórias-conhecimento que tu aprendeu dentro da universidade com os saberes que tu carrega? Pergunta que te faço após reler os trabalhos de Silvia que nos ajudam a entender o como o impulso modernizador das elites europeizantes e europeizadas se traduzem em sucessivos processos de recolonização de nossos saberes e modos de existências.

As autohistorias de Anzaldúa assim como a sociologia das imagens de Cusicanqui são construções narrativas que desafiam o modo hegemônico como as narrativas de nosso continente e das mulheres que o habitam são narradas. São intelectuais que operam com uma história que não se concebe a partir de uma linearidade, na qual passado-futuro estão contidos no presente: “a regressão ou a progressão, a repetição ou a superação do passado estão em jogo em cada conjuntura e dependem dos nossos atos mais do que de nossas palavras” (Cusicanqui, 2010, p. 55). Intelectuais que sustentam as perspectivas e bases de suas escritas em conhecimentos de suas comunidades ancestrais.

Silvia (2010) diz que o projeto de modernidade indígena poderá aflorar desde o presente, em uma espiral cujo movimento é um contínuo retroalimentar-se do passado para sonhar o futuro em um princípio de esperança que vislumbra a descolonização e a realiza ao mesmo tempo. Vislumbrar e realizar, ações com as quais se ocupam as intelectuais que acionei para alimentar meu processo de escrita. Lembro de bell hooks (2019b) falando de como escolheu o nome de sua bisavó por ser ela uma mulher que erguia a voz, mesmo que o cotidiano lhe dissesse que era uma prática impossível para as mulheres negras de seu tempo. Escolha para teus combates (seja lá onde eles aconteçam) intelectuais que associam seus projetos de produção de conhecimento e mundo com saberes como esses que ligam autoras como bell hooks, Silvia Cusicanqui e Gloria Anzaldúa em um tecido comunitário global. “A experiência da contemporaneidade nos compromete com o presente em sua vez contém em si mesma sementes do futuro que brotam desde o fundo do passado” (Cusicanqui, 2010, p. 55). Sementes do futuro que brotam desde o fundo do passado, sementes que colhemos no ontem e plantamos no hoje. Abrir as tuas escritas para essa concepção de memória é alargar o campo das análises, do acolhimento da experiência e do entendimento do que é descolonização: algo que se sonha e que se luta cotidianamente em ato para se efetivar. A política do Texto, desta forma, é uma ampliação de como a memória vai se construindo em nosso pensamento, articulada com como sonhamos e vivemos. Enfim, um exercício de coerência!

Em seu trabalho, Silvia Cusicanqui (2010) nos ajuda a entender a função do presente como um cenário de pulsações modernizadoras e às vezes arcaizadas, de estratégias preservadoras do *status quo* e de outras que significam a revolta e renovação do mundo. “O mundo ao revés do colonialismo, se revolverá sobre seus pés realizando-se como história somente se você derrotar aqueles que insistem em manter o passado, com todo o seu lastro de privilégios” (Cusicanqui, 2010, p.55). É no passado que vamos encontrar sementes para um futuro outro. Voltando ao que já contei sobre Lydia Francisconi (2010) em seu livro *O Sol que gira*, ela afirma que não irá narrar

sua vida, mas a histórias das coisas que giram ao redor dela. Contar sua vida para mulheres como Lydia, Gloria, bell, Audre tem uma dimensão muito maior do que uma autobiografia, narram a si e ao mesmo tempo narram a história de sua cultura, país, continente, de outras mulheres e fazem livros com memórias, mais do que livros de memórias (Paulo Freire, 2011). Mulheres que produzem tempo para acolher, como um passarinho acolhe um ovo em seu ninho, a vida e suas histórias.

Reserve tempo para sonhar. Este é o meio de ligar uma estrela à sua vida. Peço um tempo prá falar sobre o tempo, o tempo é o grande tempo, ver o tempo, como é belo o tempo, aproveitar o tempo que é belo, o tempo no céu é belo, o tempo aqui é belo, o tempo aí fora é belo, o tempo não perdido é belo, tudo se pode dar tempo ao tempo.

Tempo para rir.

Tempo para passear.

Tempo para dormir.

Tempo para viajar.

Tempo para visitar.

Lydia Francisconi (2010, p. 43)

Tempo para a batalha, tempo para o amor, tempo para ser amada e amar, tempo para gestos contra-coloniais... Uma Política do Texto engravidada pelas ideias destas mulheres, entende que tempo é muito mais do que marca o relógio e que o modo como tu sente, o modo como tu vive e o modo como tu compartilha teus sentimentos são como tu ensina, pesquisa e mostra o que tem aprendido, ideias que aprendi com Audre Lorde quando ela apresenta a poeta como professora e como humana (2020).

Estoy sentada aquí delante de mi computadora, *Amiguita*, sobre el monitor mi altar con la vela de la *Virgem de Coatlaopeuh* mientras arde incienso de copal. Mi compañero, un bastón de madera en forma de serpiente adornado con plumas, está situado a mi derecha mientras reflexiono sobre las formas en que la metáfora y el símbolo concretan el espíritu y eterealizan el cuerpo La escritura es toda mi vida, es mi obsesión. Este vampiro que es mi talento no tolera la existencia de otros pretendientes. Cada día le cortejo, ofrezco mi cuello a sus dientes. Este es el sacrificio que requiere el acto de creación, un sacrificio de sangre. Pues solo través del cuerpo, solo abriendo la carne, se puede transformar el alma humana. Y para que las imágenes, las palabras y las historias tengan este poder transformador, deben surgir del cuerpo humano- en carne y hueso- y del cuerpo de la Tierra- piedra, cielo, líquido, suelo⁵⁵-. (Gloria Anzaldúa, 2021, p. 131)

⁵⁵ Estou sentado aqui na frente do meu computador, *Amiguita*, no monitor do meu altar com a vela da *Virgem de Coatlaopeuh* enquanto o incenso do copal queima. Meu parceiro, uma bengala de madeira na forma de uma cobra adornada com penas, está localizada à minha direita enquanto reflito sobre as maneiras pelas quais metáfora e símbolo concretizam o espírito e eterealizem o corpo. Escrever é toda a minha vida, é minha obsessão. Este vampiro que é meu talento não tolera a existência de outros pretendentes. Todos os dias que o cortejo, ofereço meu pescoço aos dentes dele. Este é o sacrifício que requer o ato de criação, um sacrifício de sangue. Pois somente através do corpo, somente abrindo a carne, a alma humana pode ser transformada. E para que imagens, palavras e histórias tenham esse poder transformador, elas devem surgir do corpo humano - em carne e osso - e do corpo da Terra - pedra, céu, líquido, solo (tradução livre).

Não ousou transcrever com minhas palavras a beleza que escorre dos escritos de Gloria Anzaldúa e não sei como dimensionar a intensidade da mesma; então prefiro correr o risco e te mandar um longo trecho. Sinta, mais do que entenda, ou melhor, entenda o sentir que essas palavras evocam. Gloria fala de sua relação com a escrita, sobre como seus textos são organismos com vida que precisam de cuidados próprios e de como a escrita lhe exige sacrifícios. Alimente suas escritas cotidianamente, mesmo que o contexto, que a rotina, que os afazeres e scripts de gênero te mostrem que não há tempo para a escrita. Palavras que devem surgir do corpo, ela nos convoca a escrever. Qual tempo tu vem guardando para as escritas em tua vida? E para os rituais de cuidado?

Como inserir conversas que foram se ampliando e falando de coisas tão diversas? Em todos os momentos da pesquisa eu reafirmei: as conversas seguirão pelos ventos que soprarem a cada encontro e ao final eu que lute para tecer o texto final da tese. Pois bem, chegada a hora de trabalhar na escrita, me vejo rodeada de anotações que me contam sobre como pesquisadoras iniciaram sua vida na pesquisa, os desafios de ser professora na pandemia, os percursos que cada uma foi tecendo em busca de seus processos, bem como o diálogo com o que venho trabalhando: sobre cartas, a psicologia, sobre o Brasil, procedimentos metodológicos, percepções sobre a academia. Cada conversa foi me levando por caminhos muitos e mesmo sem sair de casa andei pelo Brasil e por um pouquinho do mundo (num passo espichado conversei com duas pesquisadoras que moram em Portugal- Luciana Caliman e Maria Paula Meneses). Brinco que viajei muito na pandemia, viajei pelas ideias, experiências e pelos territórios habitados por aquelas/es que generosamente foram parceiras/os de pesquisa.

Esta carta é sobre o ato de escrever e, para isso, nada melhor do que chamar Gloria Anzaldúa para a conversa. Sinto o Sol dentro de mim quando penso nos escritos de Anzaldúa, sinto meu corpo sendo tomado de energia, uma pulsão que corre por minhas veias e que faz com que as letras brotem de forma mais rápida nas páginas. Se boas trincheiras são formas de ensinar (Audre Lorde, 2020), em minha está Gloria Anzaldúa, entre outras.

Nunca fui uma pessoa muito habilidosa, nem com artesanatos e nem com esportes, ou melhor dizendo, tudo que exigisse motricidade fina, era (e é) penoso. Mas redescobri que gosto das palavras, das histórias e de contar histórias; com elas consigo tecer tecidos variados em cartas e assim vou contando as histórias que acolho em mim. Cartas grafadas, cartagrafias, cartagrafias, uma brincadeira com cartografia, que fala de uma intenção: construir colchas de retalhos com cartas trocadas, endereçadas, escritas na intensidade do pesquisar. Quando pego um papel para escrever para alguém é como se uma

parte de mim fosse junto, como se eu pudesse me transportar junto com minha caligrafia para mais perto da pessoa destinatária. Escrever com cartas é um dispositivo de aquecimento dos encontros, como se para que eles germinassem precisássemos do quentinho das palavras. Como aquecer encontros na pesquisa? Uma pergunta que me acompanha desde o mestrado e que faz com que eu insista em reinventar formas de estar juntas (nada muito excepcional ou novo), uma insistência que tem a ver com a política de emaranhamento.

Nessa caminhada que tenho me proposto conheci Sílvia Galessio, não lembro se era manhã ou tarde, mas era um dia ensolarado e Luciano, Adriana e Márcia (três professoras/es de universidades públicas) nos convidaram para um encontro entre grupos de pesquisa; três grupos formados em sua grande maioria por mulheres e com um interesse predominante na escrita e nos processos de pesquisa. Conheci Sílvia neste dia, ela se apresentou contando de como tem interesse pela escrita, que fazia pós-doutorado na USP no grupo da professora Adriana Marcondes.

Sílvia é psicóloga e me disse quando conversamos que tem interesse pela escrita desde que se conhece por gente. Aparentemente uma herança de outra mulher: sua mãe, que é professora de português. Me conta ainda que entre jornalismo e psicologia, escolheu esta última. Quando conheci Sílvia, ela contou sobre seu trabalho com alunos do ensino médio que estão se preparando para o vestibular ou escrevendo suas monografias. Sílvia promove, ou melhor, alimenta encontros entre autores e seus próprios textos, ela faz isso por meio de exercícios de leitura de si, de releitura, algo que particularmente é muito difícil para mim: reler minhas próprias escritas sem destruir as mesmas e começar tudo de novo. Um ensinamento que acolhi da conversa com Sílvia que ajudou muito o seguir de nossas cartas.

Nossa conversa girou sobre outra mulher sobre quem falarei mais adiante: Adriana Marcondes- guia intelectual de Sílvia (ela não nomeia assim, mas depois que assisti o processo de livre docência de Adriana, tomei essa liberdade). Sílvia me contou sobre como conheceu Adriana e sobre como essa a acompanha, me contou sobre como seus interesses pela escrita (compartilhados com Adriana e seu grupo) tem a ver com ação no mundo, pensar a escrita como movimento, como invenção (e intervenção) no mundo. Me fala sobre como pensam a escrita como um modo de inventar meios e não só como reprodução. A conversa com ela guardei por meses. Um procedimento que fui aprendendo no caminho: há conversas que precisam de um tempo guardada, como se assim, criassem raízes em meu pensamento e se ramificassem em contato com outras sementes que guardo em mim.

Conversamos sobre o inventário que ela vem fazendo no pós-doutorado sobre produções acadêmicas já produzidas e os efeitos das mesmas. Sílvia vem

coleccionando produções que pensam e operam com a escrita como ação no mundo, como modo de invenção de formas de intervir e de estar junto às outras/os. Conversamos sobre como a universidade, como os modos de produção hegemônicos na academia vem produzindo sofrimento e, por vezes, encolhimentos de vidas e de histórias. Compartilho com ela um interesse em pensar a escrita, o processo de escrever como prática de saúde e de ampliação da vida. Sílvia me contou sobre como vem sendo chamada para ajudar estudantes em seus processos de escrita na universidade, conta de um processo que na época de nossa conversa estava acontecendo e como a expectativa de quem a chamou para fazer a intervenção era colocar as/os estudantes na norma. O que a gente está fazendo da escrita na academia? Uma pergunta que colecionei dessa nossa conversa. Das conversas (orais e escritas com Sílvia) pulei para um de seus textos intitulado *A produção de texto para ingressar no ensino superior: os desafios da docência perante uma escrita protocolar* (2020) que ela escreveu juntamente com Adriana Marcondes Machado e Teresa Cristina Rego. Nele, as autoras escrevem sobre como a escrita protocolar nos é ensinada já no ensino fundamental e perpetuada ao longo da vida acadêmica, sustentando um modo hegemônico de gestar o pensamento. Elas afirmam que seu interesse é em uma escrita-experiência, uma ativação desde o exercício docente e que permita que o ato de escrever seja “escrita-ação-no mundo” (p.193), gesto que possibilita a ativação de uma atitude crítica, exercício de resistência que possam romper com as lógicas hegemônicas. E o trabalho de Sílvia é construir esse percurso de escrita-ação-no mundo a partir da reescrita e releitura, onde a/o autora/or se torne leitora/or de si mesma/o. Para Sílvia a beleza do texto está relacionada à força de seu processo.

Cada pessoa que conversei ou com quem troquei cartas me contou um pouquinho de sua história, por seus textos adentrei mais um pouco em seus percursos. Encontrei com autoras/es conhecidas/os e algumas que não tinha tido o prazer de conhecer. Conheci um pouco do processo de escrita da professora Virgínia Kastrup, por exemplo, em uma conversa que materializou para mim, a pesquisadora que há anos lia em minha formação. Uma conversa ativada pela memória de uma pesquisadora percursora no trabalho com cartografia no Brasil. Como nasce uma ideia? Ela me conta que nasce do encontro entre corpos, no fazimento que se dá no cotidiano e com ela fui carregando uma sentença que muito me ajudou: “o simples precisa ser conquistado” ela me disse em um dia de feriado no Rio de Janeiro e de generosidade por parte dela em me contar o como foi aprendendo a pesquisar, em como foi aprendendo colocando seu corpo-pesquisadora em encontro com outros. Sentada com Virgínia (ela em sua sala e eu no meu quarto) percorremos os caminhos da cartografia no Brasil, como se com sua fala eu pudesse

visualizar todo um processo de pesquisa e de escrita que foi tecido por inúmeras/os pesquisadoras/es.

“O simples precisa ser conquistado”, uma frase que já repeti muitas vezes. O simples não é sinônimo de menos rigoroso ou de fácil. A complexidade de conseguirmos falar de uma forma tida como simples é algo que precisa de um sistemático aprendizado. Os europeus, hábeis em binarismos, colocaram o simples como contrário de refinado ou complexo, e com isso, nos acostumamos a achar que aquilo que é dito de forma complexa necessariamente é algo importante e de valor. Dependendo dos lugares que falo da minha tese ou que apresento algum texto da bell hooks, eles são tidos como simples: “como é gostoso ler algo que a gente entende”, disseram uma vez sobre o texto Conversação de bell hooks. O que muitas vezes afirmações como essas escondem é que o que é tido como simples acaba sendo desprivilegiado no percurso acadêmico. Essa tese é escrita com mulheres que apostaram em escritas que podiam correr o mundo, para além do acadêmico, são intelectuais que ousaram sonhar um feminismo que pudesse ser dialogado em sala de aula, na fábrica, entre as vizinhas, para muitas mulheres. É isso que me fascina em bell hooks, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa, Françoise Vèrges, Carolina de Jesus, Octavia Butler: escrever para alcançar pessoas, escrever para tensionar, escrever para incomodar, escrever para (me) curar, escrever para compartilhar.

Um abraço, Bruna

Um até breve...



Porto Alegre, março de 2022.

Queridas,

Eu vivo tranquila mas sempre ansiosa
 Eu acho que a vida é uma coisa gostosa
 E cheia de dobra, cheia de dobra
 Eu vivo atenta mas sempre avoada
 Esqueço de tudo mas tenho muita memória, muita memória
 Eu acho que a vida é uma coisa bonita
 Uma grande avenida cheia de história

Minha companheira está preocupada que eu possa adoecer nesse final de tese. Entendo ela, pois a cada dia durmo menos, como mais, choro com mais frequência e entro em estado de pânico. Como terminar uma tese trabalhando, procurando um emprego com vínculo mais estável, com trabalho remoto, criança em casa, mudança de clima (que produz resfriados, viroses e outras doenças em seres pequenos)? São três da manhã e faço uma última revisão. É chegada hora do ponto final, mas como sonho que essa tese se desdobre em outras pesquisas, escolho encerrar com três pontinhos...

... Três pontinhos que desejam que essa tese seja passagem para outras escritas (minhas e tuas). Três pontinhos que dão um até breve. E com isso, vou deixando por aqui meus desejos: te desejo vida⁵⁶ como diz a letra da música, desejo uma vida cheia de dobras e cheia de histórias⁵⁷. Esses dias (no meu aniversário) estávamos conversando Luciana e eu sobre o final da tese e o Apolo, segurando um balão colorido na mão, diz bem sério: “e foi assim que a Bruna sobreviveu”. Eu e Luciana rimos e disse que eu deveria encerrar a tese com a frase dele. Então, foi assim que eu sobrevivi e foi assim que sobrevivemos. Esse ano, a festa de aniversário teve o objetivo de me animar, pois andei meio murcha nos últimos tempos; finalizar uma tese é esquisito, em uma sensação de esvaziamento: o que será que vem depois?.



Legenda: foto do arquivo pessoal.

Nunca sei bem como dizer tchau, em como me despedir sem ser com um abraço apertado. Na pandemia e com o ensino remoto, percebi que faço um movimento

⁵⁶ Te desejo vida é uma música da Flávia Wenceslau que conheci por intermédio da Aline Kelly (uma amiga que a academia me deu). Se quiser ouvir e ler a letra: < [Te Desejo Vida – Flávia Wenceslau – LETRAS.MUS.BR](#) > acessado em fevereiro de 2022.

⁵⁷ O trecho com que inicio esta carta é da música Cheia de dobras cantada por Mariana Volker que conheci pela indicação da Diângeli, psicóloga que trabalha no grupo de pesquisa da Lu e no coletivo bell hooks: < [Cheia de Dobras – Mariana Volker – LETRAS.MUS.BR](#) > acessado em fevereiro de 2022.

que pode ser tomado como má educação pelas pessoas: eu simplesmente vou, assim, curto e grosso. Dou tchau, mando um abraço e fecho a câmera, como se eu saísse a passo e apressada.

Mas com as cartas eu me espalho (verbo que aprendi com Cristina, minha orientanda de TCR), elas carregam uma certa magia de nos transportar no tempo. Mandei para vocês ao longo das cartas que compõem essa tese-tecido, notícias e histórias que me (nos) atravessaram ao longo dos últimos anos, e por entre memórias fui tecendo uma escrita costurada por gestos conversadeiros, no enquanto do cotidiano que por vezes teimou em criar armadilhas que travaram a escrita. Nos mudamos, pois habitar um pequeno apartamento de 50 metros quadrados estava ficando enlouquecedor, adotamos duas gatas, o Apolo mudou de escola e eu arranjei um trabalho em outro estado, Luciana passou pelo estágio probatório, me arrisquei em um primeiro artigo escrito sozinha, enfim, muitas coisas nos aconteceram nos últimos dois anos. A sensação é de que o doutorado durou dois anos, pois a experiência prévia a estes dois eu escolhi esquecer, por tudo o que aconteceu.

Eu travei, e não foi uma nem duas vezes. Chorei, não foram poucas às vezes. A insegurança bateu forte: será que tenho uma tese? Será que vão gostar do como escolhi narrar a pesquisa? Será que basta o que produzi? Será que foi suficiente. Eu sigo cansada, e imagino que por aí também bata esse sentimento. O cansaço me acompanha nos últimos dois anos de tal forma, que dói. A exaustão bateu em muitos momentos e os poucos espaços de escrita foram invadidos por um sono pesado e eu senti culpa quando isso aconteceu. As costas doem e eu espero não ter arrumado uma terceira hérnia de disco (duas me vieram com a dissertação de mestrado). A finalização dessa tese se deu enquanto eu planejava três disciplinas diferentes (com cinco turmas ao total). E como me espalho (e estímulo minhas alunas/os a se espalharem), obviamente eu tinha muitas cartas-trabalhos para ler enquanto terminava a tese. Porque conto isso a vocês? A vida nos demanda muito e ter tempo contemplativo, de pausas e respiros é um privilégio que uma mulher como eu vinda da classe pobre e trabalhadora que divide o cuidado de uma criança de cinco anos, não tenho. O tempo para esta tese foi forjado no cotidiano, entre brincadeiras, pias de louças sujas, comida por fazer, casa por limpar, compras pra fazer.

Mesmo cansada, com dores que vão do corpo à alma, eu sigo: porque eu quero esse diploma e sigo porque não estou sozinha. Ao contrário da dissertação, escolhi dançar com algumas mulheres-intelectuais que me guiaram por entre conversas, cartas e tese: bell hooks, Audre Lorde, Sobonfu Somé, Octavia Butler e Gloria Anzaldúa. Nas horas de dor e tristeza foi com elas que me acarinhei para seguir. Desconheço trabalhos sobre metodologia de pesquisa em Psicologia que tenham como referencial estas intelectuais, o que

fragilizou minha segurança por muitos momentos. Como diz a música: eu vivo tranquila, mas ansiosa. Será que fiz um bom trabalho com as ofertas que me fizeram? Será que honro a memória de bell, Audre, Sobonfu, Octavia e Gloria? Será que honro a generosidade que as pessoas me ofertaram durante a pesquisa.

Escolho terminar falando de minhas angústias de finalização, pois elas são ranhuras que me acompanham: sobrevivi ao doutorado! Sobrevivi a um doutorado em uma pandemia! Sobrevivi com longos períodos de trabalho com uma criança de cinco anos em casa (quando começou a pandemia ele tinha três anos e toda a energia de uma criança dessa idade). E sobrevivi porque tenho uma rede de apoio (pequenina) mas muito eficiente. E aqui, faço uso de uma estratégia que aprendi com Letícia (minha orientanda de TCR): agradecer no final.

Preciso agradecer minha companheira que esteve conosco em vários momentos da escrita. O amor que sinto por ela me faz querer ser uma pesquisadora e escritora melhor. Se tive fôlego para sustentar uma tese de doutorado como essa que se encerra, é porque tenho por perto alguém que me ensinou a dançar e vibrar apesar do Brasil. Eu disse para ela no início da escrita da tese, que ela estaria para além da sessão de agradecimentos; meu amor e admiração por ela estão espalhados em nossas cartas. Tenho que agradecer a paciência do Apolo que agora mais para o final do doutorado, já com cinco anos, expressa toda frustração pelas excessivas horas de trabalho reclamando do porque eu precisar trabalhar três mil horas seguidas. Não foi fácil para ele crescer em meio ao trabalho remoto em casa tendo que dividir nossa atenção com as aulas, reuniões e escritas. Ele foi um guerreiro e foi muito paciente. Quando iniciamos a pandemia ele tinha três anos, agora se encaminha para os seis.

Não posso deixar de falar também da minha mãe (a Ana) e do meu pai (o Beto) que estiveram por perto nesse tempo todo de quarentena, brincando com o Apolo para que a gente pudesse pensar, ler, escrever, dar aula, respirar. Nos momentos mais tensos da pandemia, eles estiveram por perto (mesmo correndo riscos pois a vacinação demorou demais para os dois), foram amparo para que duas mulheres pudessem seguir sonhando escritas e o trabalho docente. Mesmo que eles não tenham a dimensão do que é estar fazendo um doutorado, estiveram perto para que essa tese e o sonho da docência fosse possível pra mim. A vacinação demorou demais, principalmente para minha mãe que seguiu trabalhando durante o tempo da pandemia. As trabalhadoras domésticas em muitos lugares foram classificadas como trabalho essencial, mas na hora de priorizar elas na vacinação isso não aconteceu. Precisei conter a raiva de ver pessoas que trabalhavam de forma remota serem vacinadas muito antes que minha mãe. Minha mãe seguiu trabalhando, mesmo que com carga horária

reduzida: sua vida não é essencial e isso me deixou com uma raiva que jamais senti na vida. Essa tese também foi escrita com raiva, e preciso deixar o registro por aqui. Em tempos urgentes, escreva, mesmo que com raiva.

Queria agradecer os muitos grupos que foram rede para que eu aprendesse a me espalhar por aí: o coletivo bell hooks/UFRGS, o EDIS/UFAL, o Políticas do Texto/UFRGS e o Frekações/UFAL. Sem esses espaços, eu não teria nem metade da coragem em seguir pelas andanças que me propus. Não sei se essa tese seria possível sem esses coletivos que me fortaleceram, que foram espaços de experimentações, cuidado, sonhos, estudos e intensidades. Se não nomeio a todas/os é por medo de cometer algum esquecimento. As comunidades fortalecem nosso existir e com elas é possível um aprender em rede, via compartilhamento de histórias. E conhecer essas comunidades, me alimentar com elas, foi possível pelo intermédio de minha dupla de orientadora/orientador. Érika e Luciano alimentaram minha fome por mais, me permitiram me movimentar ao sabor dos desejos que nutria e essa tese tem essa forma e jeito graças ao ato corajoso dos dois de permitirem que eu voasse sozinha e me arriscasse. Agradeço pelas partilhas, pela coragem emprestada, pelos empurrões e pelo cuidado. Agradeço as queridas e incríveis Aline e Diônvera pelas leituras que fizeram de minha tese, com elas constitui uma pequena comunidade de leitura que me ajudou quando tudo parecia muito difícil.

Agradecer ao ensino público de qualidade é uma obrigação. Se estou finalizando um doutorado é porque foi possível que eu cursasse graduação, mestrado e doutorado em uma universidade pública e de qualidade. Em tempos em que as universidades são tratadas como inimigas e como algo a ser combatido, é nosso dever defender a existência e permanência das mesmas. E a alegria de poder ter cursado o doutorado com uma bolsa de estudos precisa ser salientada! A existência de bolsas de estudo para que outras/os estudantes possam ter o mínimo de tranquilidade para estudar e pesquisar é fundamental para a qualidade do processo de formação. Que a universidade pública e de qualidade possa ser morada para que outras estudantes que vivem o ensino público possam sonhar com a ampliação da vida e das possibilidades. Minha professora de matemática do Ensino Médio estava errada: a UFRGS é pra pessoas como eu, sim! Se eu fosse menos teimosa, talvez eu não tivesse insistido tanto em entrar na UFRGS.

E por último, eu queria agradecer a todas as pessoas que estiveram comigo nesse processo de pesquisa: que responderam meu email, que tentaram encontrar uma brecha no seu cotidiano para conversar comigo, que me ofertaram histórias, cartas, fotografias, imagens. A generosidade é um ato revolucionário e termino essa tese com a sensação de que compartilhei histórias, um pouquinho do miúdo da vida de cada uma/um que me ofertou tempo,

memórias, histórias e pistas para uma política de pesquisa com cartas e conversas, sustentada por princípios aprendidos com intelectuais do Sul global. Um agradecimento especial aos espíritos que acionei para realizar este trabalho; quando Sobonfu Somé me mostrou que eu precisava pedir ajuda, fiz como ela orientou e recorri à mulheres que ousaram, brilharam, arriscaram e escreveram apesar de toda uma cultura supremacista branca, racista, machista e heteropatriarcal que insistia em dizer que o que vale mesmo a pena são as palavras de pessoas brancas do Norte Global. Aos espíritos encantados de bell hooks, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa, Sobonfu Somé: meus maiores agradecimentos pela coragem com que ocuparam o mundo e pelas pistas que deixaram com suas obras e pensamentos.

E por fim, espero que minhas cartas tenham chegado a você como convite: à celebração, à rebeldia, ao amor, à experimentação e ao cuidado. Mais do que conseguir um diploma, o desejo que animou essas escritas é o do encontro e da partilha, é o de honrar nossas memórias e histórias como sabedoria e conhecimento que pode sim sustentar uma psicologia contra-colonial e feminista. Fique bem e siga firme! Nós merecemos mais!

E que os ventos levem a energia do meu abraço a vocês!

Bruna M. Battistelli

Carta- Ensaio 5

uma coleção de cartas e guardados da pesquisa

A relação íntima com o tempo está na substância das cartas. A lentidão era o habitat dos missivistas. “Espero que esta o encontre bem” era uma fórmula cerimoniosa demais para vingar na informalidade da comunicação digital, mas era antes de tudo um gesto dirigido ao futuro incerto em que a mensagem chegaria ao destino- se chegasse.

(Sérgio Rodrigues, 2017, p.08)

Olá,

Os guardados de uma pesquisa costumemente são chamados de dados, tu vai encontrar nas pesquisas e em artigos científicos toda uma sessão falando destes. E se há dados, precisamos falar da produção dos mesmos. A tal produção de dados é feita a partir da análise de guardados que vamos colhendo em nossas relações com o público com o qual compartilhamos algum objetivo.

Mas e se os guardados de uma pesquisa falassem por si? E se os guardados da pesquisa não fossem possíveis de serem catalogados em uma sessão de dados? Com as cartas tenho tido essa dificuldade; elas ganham vida com a vida que me é encaminhada junto com a escrita afetiva que alguém me destina. Ela vem no papel, escrita à mão, digitada com pressa no computador, trabalhada ao longo de meses, guardada na memória até conseguir ganhar materialidade, encaminhada pelo e-mail, pelo whatsapp ou pelos correios.

Assim, resolvi abrir este caderno que tu está recebendo: meus guardados de pesquisa. Eles me são tão importantes que não foi possível simplesmente recortar trechos e espalhar pela tese. Ocupam uma carta-ensaio-mosaico que guarda relíquias que me foram ofertadas ao longo dos últimos dois anos de doutorado. Navegue por elas sabendo que não as ordenei por cronologia, mas em uma ordem aleatória, pois a diversidade e qualidade das ofertadas não tem a ver com a cronologia com que elas chegaram. Cartas são criaturas interessantes, pois andamos com elas por tempos muito diversos daquele na qual elas foram escritas.

Então essa carta-ensaio-mosaico é uma espécie de máquina do tempo que conta de muitos tempos (daquele no qual diferentes pessoas me escreveram, daquele no qual coletei as cartas e as guardei e o tempo no qual a tese ganha o mundo). Somado a isso, terá os tempos, daquelas/es que curiosas/os com uma tese escrita em cartas, adentrarão essa coleção em um tempo-futuro outro.

Desejo que você estabeleça com esses guardados a mesma relação de carinho e aprendizagem que estabeleci.

Um abraço, Bruna

Carta 1

Oiii Bruna,

Quanto tempo depois da sua primeira carta, mas gostei do modo que você lida com as cartas e fala do outro tempo. Sabe que em todas estas semanas sempre ficava pensando nas cartas que você enviou e elas de alguma maneira faziam reviravoltas em mim: das inquietações que elas me trouxeram, da intriga em rever a escrita de cartas, de outros tempos que elas abrem em nós e das possibilidades de pensar com mais calma e com mais caracteres... rrsrrsrrs... Sério esse lance dos caracteres me intriga, parece que agora devemos pensar rápido e pouco.... Rrsrrsrrs....

Suas cartas me levaram a abrir outros tempos... não o cronos do dia a dia ou das agendas já fechadas com tantas atividades, mas um tempo de liberdade, de estar a vontade para a escrita junto, talvez aqui já entro no primeiro encontro nosso: o lance da confiança. Escrever cartas é tecer um lugar de partilha, de confiar coisas que estão saindo, brotando, gosto de pensar elas como um espaço de instante e ao mesmo tempo de coisas que estavam guardadas para poder ser colocadas para alguém, que de alguma forma nos conecta. Talvez a carta fale por ela e por quem lê e escreve. Tem algo aí de confiar para um mundo devastado.

Por falar em mundo devastado, comprei o livro da Octavia, ainda não li, tá guardado, mas logo logo vou ler... aprendendo com você que as temporalidades podem ser outras e que algumas delas são importantes e precisam da presença do experimentar, da experiência de estar presente. Uma coisa que venho pensando sobre isso é a forma instrumental que nos treinamos diariamente para nos retirar da experiência e nos guiar metodicamente pelas informações. A experiência apresenta-se para este mundo moderno/global como algo perigoso, que coloca em dúvida o modo que seguimos as coisas, que possibilita encontros furtivos, astuciosos, a experiência como um ladrão.... Srsrsrsrsr... Há um medo hoje em experimentar, em sair do playground, das pistas de ciclismo, das piscinas, dos passeios turísticos, das rotas traçadas... acho que aqui de novo nos encontramos com o confiar em nós, no ato de experimentar com os outros e o mundo... mas ao contrário, me parece que há sempre um ato de desconfiar de nós... por isso a sua pergunta (e da Octavia) são tão potentes. Para confiar é necessário experimentar. Estou eu aqui, experimento através de sua carta a escrita solta, um livre devaneio, em tempos de abarrotamentos de artigos.... Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk... Às vezes o riso tem um pouco de medo e angústia.

O freakções apareceu para mim como esse lugar de devanear, ler, se divertir , conversar, jogar papo fora, tornar a vida não útil, como já disse

Krenak (quase coloquei citação e o ano, kkkkk, que bom que na carta posso fugir disso, mas de alguma forma isso já tá aqui). Não ser útil é viver o absurdo da vida, estar por aqui escrevendo, respirando, tendo possibilidades de criar, mesmo diante de realidades tão duras que nos inspiram o tédio e a desilusão. Agora, acho que não ser útil sozinho nos leva à algum desespero, mas não ser útil junto com os outros parece que tem um quê de revolução... esta carta com certeza deixou meu final de dia mais vivo... hoje ia tomar banho de mar no fim de tarde, mas não pude, e a maré tava alta também... a carta foi um bom mergulho. Mergulhar é um ato de confiar no mundo das águas. Alguns confiam segurando o nariz; outros as mãos de quem tá perto; outros na respiração e nos ensinamentos de como nadar; e assim muitas outras formas de estar imerso nas águas.

Estou fazendo desta escrita um lugar outro para mim, talvez seja essa as alternativas que fui criando para (sobre)viver na psicologia, sabe? Desde a graduação vejo a psicologia como um lugar chato, mas para falar melhor do que sinto acho que a palavra BORING traduz melhor que chato, porque chato, de alguma maneira é muito pequeno diante do que a psicologia faz com a gente. Às vezes estou dando aula e vejo algum aluno dormindo e fico feliz por isso, é estranho eu falar dessa maneira sendo professor, mas eu gosto, me coloca em um outro lugar, como dizendo: velho você tá reproduzindo essa merda toda??? e às vezes até dou uma risada sem medida, ou às vezes um sorrizinho de lado e começo a mudar a prosa.

Acho que aqui tem um ponto para pensar a psicologia, esta necessidade da psico ser importante para todo mundo, ou de responder a todos e a tudo que existe. Que bom que o aluno dormiu, as coisas escapam e aqui está o lugar possível. Não responder a tudo, estar limitado, como coloquei no texto com o João, é um bom começo. Estes dias estou com o livro do Leminski na cabeça "Distraídos Venceremos", gosto deste livro e do título, porque mesmo que você queira levar muito a sério esta proposta (pensei isso ontem, vou levar a sério a ideia de distração, me esforçar para isso, porque assim posso lançar minha experiência autêntica no mundo.... Kkkkkkkk), aí já era foi se embora a distração... acho que não tem haver com um querer, mas com um estar, que passa pela gente, e que não é toda hora, mas que nos desorganiza. Será que confiarmos nos outros (outros aqui também estão os não humanos, orgânicos e não orgânicos) tem algo haver com distração? Em uma comunidade quilombola que trabalhei algum tempo um senhor disse para mim que as pessoas estão vivendo muito umbigadas, que não se interessavam mais em conversar, em jogar conversa fora. Ele disse que quando estava aperreado gostava de se distrair na conversa com os outros, isso aliviava a cabeça dele. Acho que é por aí... seguimos com sua proposta das cartas e muito obrigado pelo convite/devaneio/mergulho/confiança.

Abração, Saulo

Maceió, 12 de janeiro de 2021

Carta 2

Como iniciar esta carta depois dos escritos que você me enviou...

Sigo muito alegre com as linhas que estamos tecendo essas escritas/afetos. Sabe que em suas palavras vejo que estamos construindo um espaço do comum, do partilhado, um semeando formas ideias e posições no outro. Os livros de ficção me atraem por isso, ali sempre tem uma forma de semeadura que foge as técnicas de rega e adubagem já postas. Me parece que ficcionar a vida passa por um ato de semear com o outro, criar junto um terreno de partilha que não necessita de regras postas, mas de mãos conjuntas, de alianças experimentais sobre o viver. Como diz Krenak (2020, p.58): “Porque insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência.” O que seria esta radicalidade da vida? Talvez a experimentação coletiva com outros seres? Outras vidas em um encontro radical da experiência de respirar juntos? “Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida” (krenak,2020, p.59).

Deste ponto fico pensando em como usar a distração, como você coloco, como espaço de vida. Distraídos Venceremos, já dizia Leminsky,

prazer

da pura percepção

os sentidos

sejam a crítica

da razão

No freakções falamos muito do tempo, distrair o tempo, gostei de pensar que podemos desajustar o tempo em um dispositivo que possibilita a mudança de rotação à outras temporalidades. Produzir o tempo distração como um aliado

da lentidão, que permite a nós nos situarmos de outro modo, ver que o mundo está para além da minha vida umbigada....

Estes dias estava na praia olhando o mar a noite e me dei conta que o mar é uma grande bacia e me espantei com sua imensidão. Fiquei pensando, que coisa incrível, estou na beira de uma grande bacia de vida! Ele ia e voltava, ia e voltava... e meus pezinhos, tão pequenos diante de tudo aquilo estava ali, junto com ele... naquele limite do encontro entre formas (eu um tipo de forma, dizem que humana; ele outras formas que tocam todas as terras) compondo um mundo imensidão. Mas o mais legal de tudo foi ver a lua e pensar que ela também compunha aquele encontro, permitia o limite como lugar de estar junto: afinal, pensei na hora, sem ela o mar já teria avançado. As alianças comuns estão nestas relações de composições que não buscam utilitarismo. A lua não está ali por ser útil à minha relação com o mar, e nem para o mar com relação aos terrestres. Ela apenas encontra-se ali e permite que estas composições aconteçam juntas. Este é um lugar de experimentação, aliança e confiança também nos astros. Trago para este ponto nossa amiga comum Ursula K. Le Guin; "A escuridão é a apenas o olho mortal, que acha que vê, mas não vê. Na visão de Meshe não existe escuridão." 9p.169).

Fazer alianças, produzir laços de confiança nesta terra devastada é desvincilhar-se dos pactos, pois estes me parecem um compromisso que tem como centro a preservação do mesmo. Todo pacto me parece que é produzido pelo medo... muitos medos... medo de ser exilado... medo da traição... medo de não fazer parte do grupinho da escola... medo de não cumprir um acordo entre homens (homens aqui entendido como a performance violenta desta masculinidade terráquea ocidental, que se vê como o centro do mundo). Para os acordos e pactos a possibilidade da alteridade apresenta-se como um lugar de perigo, já que para que ela brote como semente coletiva a experimentação têm que se fazer. Assim seguimos, como desvincilhar pactos? Sair de um pacto sozinho pode ser muito perigoso, pois toda quebra de pactuações, em uma sociedade violenta, é colocar-se em risco, mas quando corremos riscos juntos, o risco pode tornar-se uma aventura. Aventuranças... essa palavra me parece uma produção de destinos de infâncias... aventuranças... quem nunca viveu uma aventura com aqueles que amamos em parques, praças, ruas, árvores, circos, sítios, estradas... Estou aqui em plena distração, na minha grande atenção as coisas que me passam sem delas fazer um ponto central, inicial, final, nem mesmo meio... experimentar aventuras sem querer ocupar os lugares, mas deles buscar ligações com os viventes e outras formas de existência que nos permitem mais com os outros. Me sinto dentro de um poema de Sara Albuquerque

em cada palavra que escrevo sinto o giz morrendo... palavra em quadro só existe quando o giz passa ser quadro pintado.

a gente acha que sabe tanto de si

dos fatos

da vida

do outro

mas nem, nem

a gente vê é o que aparenta

o que reluz sem ser ouro

na ausência de espaço

respiram muitos silêncios mistos

(Sara Albuquerque, giz morrendo)

Nas suas cartas você me falou muito da linguagem, das gramáticas e isso em puxou à pensar de como podemos seguir com outros mundos para além da gramática colonial... como ligar-se as linguagens outras: da natureza, dos silêncios e das políticas espirituais que passam por nós. Estes dias estava fazendo um debate sobre democracia para além do antropoceno, ou melhor, produzir experimentações coletivas para além dos humanos. Estou abandonando a defesa de uma certa humanidade odiosa que se pretende humana por meio de um projeto de mortificação de tudo que está a sua volta. Então volto a pergunta: como pensar democracias com a natureza, com os encantados, com outros vivos e seres se optamos por uma democracia da gramática e da linguagem apenas humana? Será que a emancipação humana é uma saída, ou outro beco de nossos espelhos? Eu não aposto mais nisso, quero aliança com os mundos que já existem e que resistem as forças que os querem lhe fazer de espelho fosco, desgastado e mórbido. Neste caso é bom ver um espelho desgastado, a imagem nunca aparece nítida e a culpa é do espelho e não dos assombros que estão do outro lado.

Esperando outras cartas

Saulo

Carta 3

Vitória - ES, 09/03/2021

Bruna querida,

Recebi tua carta-email com alegria enquanto passava um café. Chove muito aqui em Vitória, “são as águas de março”, dizem. Há vários dias está caindo um toró, relampejando muito, trovoando forte, o que é lindo. É imenso e assombroso. Fico pasmada, me sinto uma formiguinha, miúda, diante da vastidão e poder dos trovões. É uma alegria olhar pra chuvarada e senti-la caindo, mas uma alegria que logo se entristece quando me dou conta de seus efeitos, pois lembro que muitas pessoas podem estar agora desabrigadas, ou com medo de que isso ocorra. A cidade não tem infra, então quando chove muito os efeitos são devastadores pra algumas pessoas.

Enquanto escrevo está tocando a música “*peguei uma chuva, presente da natureza, minha floresta abençoa*” do álbum “Águas”, de Perotá Chingó, que você compartilhou comigo. **Obs:** Lindas as músicas, eu não conhecia essa banda. Tô aqui ouvindo o álbum enquanto escrevo... Você tem partilhado preciosidades comigo, pelo que sou muito grata!

Aliás, é muito curiosa a coincidência: a chuva caindo aqui, o álbum “Águas” tocando. Acho que estes acontecimentos imbrincados nos ajudam a pensar a respeito dessa “postura escutadeira” sobre a qual conversamos. Afinal, como escuto a tempestade que cai? Qual o sentido da chuva pra mim? Poderia dizer que é de amplidão, conexão, assim como na canção de Perotá Chingó.

Mas e pras pessoas que residem no Morro da Fonte Grande, que avisto da minha janela, como será? Como aquelas mulheres, minhas vizinhas, escutam estes trovões e o excesso de chuvas? Não duvido que haja medo de desabamentos, receio quanto à necessidade de desocupar suas casas. Aliás, possivelmente estes sentidos convivem e coabitam em seus afetos: é provável que haja também o espanto, a admiração relativa à imensidão diante dos trovões, mas estes signos podem conviver com outras forças que dizem respeito a receios imediatos de perder a tranquilidade de uma noite de sono. Já ouvi algumas mulheres relatarem esta experiência de medo e receio diante das fortes chuvas. Enfim, não há a chuva-em-si, mas as relações tecidas com este

acontecimento-chover, que são distintas pra cada um de nós, e em cada momento e que, afinal, são também relações políticas e sociais...

Outro dia vi um poeminha de seu conterrâneo Mario Quintana, que falava assim:

"Quem teria inventado nosso ponto de interrogação?"

Ele já tem a forma de uma orelha que escuta."

(Mario Quintana)

Talvez essa postura escutadeira da qual falamos tenha algo a ver com deixar nossas orelhas ganharem efetivamente este formato de um ponto de interrogação. Essa imagem do Mario Quintana é boa, né? Abrir nosso corpo inteiro e nos permitir deambular pelos referenciais, explicitar nossos pertencimentos e, num mesmo movimento, levantar um ponto de interrogação na relação com nossos interlocutores. Afinal, não há mesmo neutralidade nem essencialidade, o que há são os processos e as relações em feitura, em tessitura, em possibilidades de "arrebato e encantamento". Nossa escuta há de ser sensível e também política.

Pensando aqui, talvez algo na postura escutadeira diz respeito a se interessar pelo modo como nossos interlocutores escutam: te escutar é me atentar pro modo como você escuta o mundo, suas relações empenhadas no viver, as frestas que você abre, as zonas de passagem, de envolvimento, os fios que você aponta, enfim, te escutar é escutar o modo como seu mundo amplia o meu. Quando a gente se escuta, não é a Cris ouvindo a Bruna e vice-versa, mas mundos em espiral fazendo movimentos em feixes cujas direções não são antecipáveis.

Sinto um pouco assim...

Lembro-me da Vincianne Despret que nos convida a sacar quais são as boas questões de serem feitas a nossos interlocutores, o que lhes interessa? O que permite e faz com que nossos interlocutores surjam de modo mais interessante na relação conosco? Em que estas conversas nos arrastam para distante de nós mesmos? E como mapear a ocorrência desta soltura e deambulação?

Preciso te contar que nossa conversa também reverberou forte aqui. Quando li "Torto Arado", do Itamar Junior, fiquei enfeitiçada com a narrativa de uma encantada: Santa Rita Pescadeira! Quando comecei a ler este livro eu não sabia o que era um "encantado", de modo que após nossa conversa, quando você falava da "encantaria", aquilo me pareceu muitíssimo interessante. Comprei alguns livros do Luiz Rufino e do Luiz Simas.

Ainda me lembro de uma frase que você disse em nossa conversa: “*cada pedrinha miudinha é uma biblioteca do mundo*”, atribuindo essa frase ao Luiz Simas... Achei tão poético! Gostaria até que você me dissesse em qual ensaio está essa frase, pois tô lendo o livro dele à procura desta sentença e ainda não a encontrei! Rsrs.

Também tô achando belíssimo o livro “Pedagogia das Encruzilhadas”, do Luiz Rufino e ando pas-ma-da com toda a discussão que ele faz sobre Exu ter sido transformado no diabo judaico-cristão a partir do processo de colonização. Muito poderoso esse livro! É bonito o modo como ele nos apresenta a Exu como “*princípio espiralado do tempo e das existências, o movimento que inscreve a pluriversalidade do mundo*”... Caracas! É bonito e emocionante:

“Exu baixa em qualquer corpo, fala em qualquer língua, diz no não dito, se não existe palavra, ele inventa, se a compreendemos, ele a destrói para nos lançar no navio do tombo. Para aqueles que se arriscam no desafio de outras travessias, Exu os assiste, os observa e, dependendo da negociação, pode vir a ajuda-los. Agora, para aqueles que se colocam acomodados nas espreguiçadeiras da certeza, Exu prega peças, os espreitando sob os redemoinhos da imprevisibilidade, do virar do avesso, do bater de um lado e gritar no pé da orelha de outro.”

(Luiz Rufino, Pedagogia das Encruzilhadas, p. 31)

E sabe o que me dei conta enquanto escrevo esta carta? Que em 2019, quando estava trabalhando como professora substituta ministrando as disciplinas de Psicologia da Educação pras licenciaturas da Ufes, um estudante comentou entusiasmado a respeito deste livro, “Pedagogia das Encruzilhadas”. Era um rapaz muito interessante e participativo, que de vez em quando levava sua bebê pra aula. Um rapaz do curso de história, negro, o nome da filha dele era *Nzinga*, em homenagem a mulher que liderou uma resistência contra os portugueses em Angola.

Na época registrei o nome do livro na memória e quando você falou imediatamente me animei em ler; e agora percebo que meu entusiasmo tem a ver também com a memória do encontro com este estudante, com o território de sentido que fazia sentido pra ele e me contagiava. Fiquei contente, pois ainda que tardiamente é também com ele que dialogo enquanto leio o livro, a partir da frestas e fios de um novo mundo que ele abriu e sinalizou.

Você me pergunta em sua carta sobre a presença da bell hooks na minha tese, diria que é bem marginal. Descobri os textos dela no último semestre da

escrita, aliás, por influencia de algumas alunas da Ufes que haviam me indicado seus livros. Posso te dizer que o contato com estudantes naquele ano de 2019 ampliou meu repertório epistemológico, pois os/as estudantes sem dúvida me forçaram a um exercício de descolonização epistêmica, pelo que sou muito grata.

O ano de 2019, aliás, foi de muita potência e alegria pra mim, mas de nem tantas leituras, pois estava trabalhando 40hs semanais como profa substituta e estava nos “finalmentes” da escrita da tese. A bell hooks entrou no texto, mas nem de longe tem o lugar que mereceria, diria que ela entrou tímida aos quarenta e nove do segundo tempo.

Você me pergunta em sua carta se eu teria alguém pra indicar pra conversar contigo sobre formação psi... Sem dúvida! Pensei na Lidiiane Reis, uma amiga que foi da minha turma na UFES. Tenho profunda admiração por ela, pelo compromisso com uma psicologia plural e de luta.

Outro dia, fiz um post no facebook com uma passagem do livro “Tudo sobre o amor”, da bell hooks, e ela comentou entusiasmada. Fico imaginando uma conversa entre vocês duas e sinto que vai ser de conexão e ressonâncias. Se quiser mais indicações, tenho outras possíveis também, francamente sinto que tenho a sorte de andar lado a lado com psis que admiro muito.

O email pra contato com a Lidi é: lidianec.reis@gmail.com.

OBS: Não se sinta forçada a escrever de volta com pressa, pelo fato de eu responder sua carta no mesmo dia. Isso decorre de vários fatores, dentre os quais, ando com bastante tempo. Além disso, ando muito entristecida, como se este fio de tristeza tivesse feito morada no meu corpo. De vez em quando a tristeza dá uma trégua, mas ela está marcando presença de forma perene. Acho que isso decorre do caos sanitário e político que vivemos, profundamente desanimador e entristecedor e, além disso, decorre do fato que vivi um processo de rompimento de relação com meu namorado no final do ano passado e ando sentindo muito a ausência dele, ou ao menos da relação, de estar nessa modalidade de relação... Daí parece que ando “sublimando” esse sentimento de tristeza através de leituras com muita intensidade e voracidade. Afinal, sou de escorpião e entro nos rolês de sola... hehe.

Daí, assim, tô há dias mergulhada na leitura de Rufino/Simas/hooks, o que tem sido manancial de alegria, então eu já tava na escuta da sua carta com a ponta dos dedos direcionada pra escrita.

Sabe, vou te dizer que antigamente eu escrevia poemas, mas hoje em dia, não sei bem porquê, a palavra poética tem me avistado só de longe, desencostando de minha pele. Mas escrever pra mim sempre teve a ver com produzir saúde e escrever esta carta é uma maneira de produzir saúde, de me resgatar, uma prática de *autorrecuperação*, como diria a bell hooks. Ando lendo muita literatura, como não fazia há anos, e talvez a escrita poética volte a pedir assento. Estou aguardando pra ver.

Pra finalizar, compartilho contigo um poema que escrevi há alguns anos atrás, pois acho que tem a ver com o que a escrita significa pra mim (um trecho deste poema tá lá na minha tese):

Escrevo como quem arde e já não posso acender uma chama

O que fazer quando a vela se apaga e ainda nem a soprei?

O que fazer quando encontro um abrigo no avesso de mim?

Escrevo, é o que me resta, o tempo dilui as fendas que cava.

Escavo porque no escombros encontro uns mapas de mim

Escrevo: a palavra é uma flecha que lança o sentido que instaura

Escrevo porque no instante a palavra está por um triz

Escrever não é apurar o mundo, nem torna-lo puro

Escrever é

Colocar-se em apuros

Um abraço com afeto. Seguimos nas prosas...

Cris

Carta 4

Primeiro de dezembro de 2020, Minas Gerais.

Bruna

Tua carta me fez pensar em muitas coisas e poderia escrever sobre tantas coisas que fiquei um pouco paralisada. Eu costumo fazer listas de tarefas que tenho pendente, mas não quis colocar a sua carta como uma tarefa, como você bem frisou, não é uma obrigação, mas uma possibilidade de continuar a conversa...

Então, hoje, fim das minhas férias e início de um novo semestre aqui na universidade, vivi um momento de muita emoção e achei que valeria muito registrar e partilhar contigo. Hoje tomou posse aqui na UFMG uma colega da Psicologia Social. Uma posse que carrega histórias de lutas diversas. Essa vaga foi a primeira vaga de ações afirmativas para docente aqui no departamento. Desde que entrei acompanho disputas de vagas entre as áreas e a dificuldade de conseguir garantir a lei de cotas para concursos de docentes (concursos para uma vaga apenas). Lembro de uma assembleia que teve um posicionamento muito intenso do Centro acadêmico sobre isso. Não houve naquele momento o acolhimento imediato da demanda, mas no debate seguinte, a semente já parecia estar mais germinada. Você tinha perguntado sobre a questão do mercado de trabalho e da escassez de concursos. É uma preocupação real e que impacta bastante na formação também, com a diminuição das bolsas, a necessidade de muitos conciliarem a pós com outras jornadas de trabalho.

Mas voltando à posse, quem assumiu hoje a vaga foi uma colega que chegou no mesmo ano que eu na UFMG. Eu, uma professora sulista vinda de uma universidade do nordeste e ela, Paula, uma doutoranda nordestina, vinda de outra universidade. É exatamente a pessoa que eu gostaria de te indicar para conversar também. Entramos no mesmo Núcleo de estudos (Conexões de Saberes). Costumamos pensar no núcleo como um espaço de aquilombamento e tentamos construir e pactuar cotidianamente essa relação. Não é fácil, porque há também muita competição e violência nos espaços acadêmicos. Então, construir um espaço que seja seguro e afetivo para o amplo debate e questionamento é um trabalho contínuo. Afinal de contas, somos “encrenqueiros e gostamos de problematizar” (tudo que o mercado não quer selecionar, como você disse na carta).

Essa questão também surge nas orientações. A gente não sabe quais foram as experiências acadêmicas que as pessoas tiveram antes de chegarem na

orientação, mas a gente sabe que algumas vivências são difíceis, até violentas. Assim, acho que tem que ter espaço pro diálogo e pra escuta. Certamente, há questões que se atravessam na relação que a gente vai construindo. Reconhecer e colocar em questão as hierarquias institucionais, os privilégios e as desigualdades. Você comentou sobre a questão de raça, certamente uma das mais intensas, mas também tem outros atravessamentos e diferenças, idade, área de formação (pra quem trabalha na interface com outros campos), família, classe, etc. Acho que o encontro com nossas diferenças exige exercícios de deslocamento. Como posso pensar diferente? Como posso estar atenta ao que já me parece tão familiar? Nesse ponto, considero que pra mim um exercício de deslocamento fundamental é a literatura, lendo ou (tentando) escrever. Acho que todos esses encontros me ajudam a compor as invenções e criações de escritas e práticas acadêmicas.

Quanto à formação em Psicologia e a circulação que tive em diferentes instituições e regiões... esses tempos vi muita gente compartilhando aqueles rankings de classificação das universidades brasileiras. Vejo as listas e viajo no tempo e nas experiências que tive em universidades que estão no topo e as que estão bem mais abaixo. A intensidade dos encontros e das vivências não seguem certamente os mesmos critérios de avaliação de qualidade. Mas a academia tem uma fixação pelas classificações e, muitas vezes, até a psicologia parece se deixar seduzir por isso. Na interface com quais campos de conhecimento a formação em Psicologia é pensada em cada um desses lugares, por exemplo? Há universidades que a Psicologia está na interface mais direta com a área da saúde, em outras universidades ela está mais articulada com as Ciências Humanas e a filosofia. Como isso produz efeito na formação?

Neste ano pensei bastante sobre a formação, especialmente, com a implantação do ensino remoto, mesmo sendo a psicologia brasileira contrária a permissão de cursos EaD. É possível fazer uma parte da formação em atividades remotas? Quanto e quais atividades? Qual o impacto disso para as experiências de sala de aula e para a formação? Esse ano fiz muitas leituras de bell hooks e Paulo Freire. Talvez seja possível construir ferramentas de interação virtual para uma pedagogia engajada/da autonomia, mas na experiência que tive até o momento, as atividades remotas diminuíram fortemente a interação e a possibilidade do inesperado que a sala de aula permitia.

Ainda tem a questão de ser professora em outro curso, que me coloca num lugar de fronteira. Não é um lugar tranquilo, mas pode ser interessante, porque não há grandes expectativas sobre a disciplina e a gente vai

inventando coisas, construindo reflexões, escrevendo de outras formas, publicando às vezes em revista A (difícil, mas acontece), às vezes no jornal do Centro acadêmico. Te envio um conto que escrevi pensando no debate das cotas na universidade (publicado no jornal VOZ acadêmica do CAAP).

8

VOZ

Conto

pulga atrás da orelha. Seria a promessa de produzir verdades a forma eficiente de colocar as regras? Mesmo assim seguia exemplarmente, cumpria com tarefas, vivia a cidade na sua plenitude, conhecendo seus diferentes lugares, negociando verdades. Um cidadão pleno de Universa. Não, não era bem assim. Havia no intramuros outros muros.

◊ Você não é daqui. Esse lugar não é pra você.

Escutou certa vez o novato forasteiro, que já não era assim tão novato, mas que não deixava de ser tratado como forasteiro. Estranho que alguns se sentissem tão naturalmente de Universa, se todos sabiam que ninguém ali nascia. Universa era desde o princípio uma cidade de migrantes. Mas alguns faziam questão de classificar as migrações, diferenciar quem chegava. Seria o forasteiro menos merecedor de estar na cidade porque alguns achavam que ele tinha pego um caminho mais curto, sem se importarem se até ali seu transporte foi precário e cheio de buracos em estradas mal cuidadas?

Nos muros do intramuros de Universa, os lugares pareciam bagunçados desde que a nova estrada fora construída. Abrir aquele portão seria facilitar demais o acesso?

Pelos percalços que vivia diariamente circulando por lá e por aqueles que experimentou antes de migrar para a cidade, o forasteiro carregava a certeza de que não haviam facilidades. Quando se deu conta, já havia feito o que tanto desejava, estava produzindo verdades. Verdades sobre sua cidadania em Universa. Pronto para pôr à venda, descobre que a verdade mais barata do mercado é a verdade forasteira. Até então era bem-vindo como objeto, mas como sujeito e produtor de suas verdades não tem a mesma recepção. Resta saber se encontrará comprador para as verdades produzidas no seu sofrimento.



Retrato da parte de fora dos muros da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG e da realidade social de Belo Horizonte que bate à porta da Universidade. Foto da aluna Luiza Carman, do sexto período diurno.

Cidade murada de verdades

Lisandra Moreira Espíndula

Universa, uma cidade dentro de outra, com contornos geográficos menores, mas com grandes conexões. Tão grandes que se poderia ter a sensação de que ela não tinha muros, nem limites. Mas os muros estavam lá. Não exatamente como os fortes e muralhas de cidades medievais, mas tinha muros físicos, cercas e catracas e também muros piores, daqueles que a gente não via mas sabia que não podia ultrapassar.

◊ Mas quem controla Universa? - Perguntou certa vez um novato forasteiro.

◊ Não seja tolo. Aqui está em funcionamento o mais avançado programa de segurança. Não somos controlados por ninguém. Veja quanta liberdade nós temos, não há policiais nas ruas, não há prisões.

Ao olhar ao redor foi obrigado a concordar com seu anfitrião. Havia uma certa tranquilidade em Universa. Entretanto, a imagem que o novato forasteiro fazia de um lugar com tamanha liberdade era um pouco diferente. Se ele fosse livre, estaria

imediatamente testando seus limites, experimentando coisas que antes não ousava. Já o que via em nada se diferenciava do que se fazia fora dali. Cogitou que a eficiência do sistema não estaria na inexistência do policial ou da prisão, mas nos nossos próprios policiamentos. Abandonou a ideia, deve ser bobagem de quem está pisando pela primeira vez na cidade, pensou consigo. Logo se acostumaría com Universa e aprenderia a desfrutar da sua plena liberdade.

◊ E o que se faz em Universa?

Rapidamente, no silêncio e nos olhares de desaprovação, o novato forasteiro vai percebendo que precisaria descobrir sozinho muitas coisas. Quem está mais tempo na cidade não tem paciência com perguntas que já estão como que respondidas. Perguntas que além de simplesmente querer saber sobre algo deslizam para compreender por que algo é assim. Incômodos questionamentos porque mesmo quem já se acostumou com a cidade não sabe porque as coisas são como são.

Em Universa, havia um mercado muito diferente. O mercado das verdades. Algumas baratas, em promoção. Outras muito valiosas e caras. Era permitido o escambo de verdades. Muitos já na chegada trocam as verdades trazidas consigo por novas, geralmente mais tecnológicas, esterilizadas, neutras. Outros garimpavam verdades mais antigas mas ainda úteis. De fato, esse parecia ser o bem maior dessa cidade. Tal como algumas cidades são industriais, outras mais agrícolas, Universa era uma cidade predominantemente produtora de verdades. Produzia para uso interno e externo.

◊ Eu posso também produzir verdades?

◊ Calma, não é porque você está na cidade que você já pode fazer tudo. Há regras para isso, é necessário acumular tempo, experiência, contatos.

Abria-se uma fresta de esperança para o novato forasteiro que seguiu o caminho indicado. De bom grado, no início, e depois carregando uma incômoda

Acho que ainda ficou faltando falar de maternidade... Vou te enviar a parte do texto que escrevi sobre a maternidade, a vida acadêmica e a

quarentena, que fez parte de uma coletânea “Maternidades plurais” (Editora Bindi)...

Calmaria, como assim? – Relato de Lisandra

Pensando sobre a maternidade na quarentena, com a imagem desta chamada remetendo aos oceanos que nos movimentam ao pesquisar e maternar, fico tentada a pensar que vivo em tempos de calmaria. Tenho filhos adolescentes e talvez alguém se espante em ver a adolescência associada a qualquer ideia de calmaria. Posso explicar. Vivenciei o início da maternidade ainda em período de formação acadêmica (como se um dia ela acabasse...) cursando mestrado e doutorado. Foram sem dúvida grandes tempestades.

Talvez diferente de muitas mães pesquisadoras, minha inserção na pós-graduação aconteceu após o nascimento do meu primeiro filho. Até então, eu estava inserida no mercado formal de trabalho, atuando na minha área de formação. Assim como não raras vezes vi acontecer, trabalhando na área de recursos humanos, fui demitida ao fim da licença maternidade, sob a justificativa de que eu não teria como manter o ritmo de trabalho sendo mãe. Esse foi um momento divisor de águas para mim. Não seria mais possível continuar trabalhando na interface da Psicologia do trabalho sem colocar em questão as diferenças que são impostas às mulheres trabalhadoras. O mestrado foi uma tentativa de contribuir com esse debate e investir na vida acadêmica. Foi também uma estratégia de viver a maternidade com uma rotina mais flexível de horário (antes eu trabalhava 40h semanais numa empresa) e com a possibilidade de renda contando com a bolsa. Eu também não estava sozinha e contava com os horários de trabalho alternativos do meu marido.

Minha segunda filha nasceu ao longo do mestrado (2007) e ainda não havia a previsão de licença maternidade para bolsista. Fiz o campo até o oitavo mês e depois escrevi a dissertação com ela bebê. Pesquisei a articulação entre trabalho e maternidade em diferentes contextos sociais. Desde essa época, sempre fiz o exercício de pensar a articulação entre maternidade e vida acadêmica, tanto olhando nossos pares para visibilizar o quanto as tarefas de cuidado impactam a pesquisa, quanto olhando também outros espaços de trabalho e com isso reconhecer que há algumas facilidades, às vezes traiçoeiras do trabalho acadêmico. Depois segui o doutorado, me aventurando em uma universidade em outro estado. Diz a sabedoria africana que é preciso uma aldeia para educar uma criança e tínhamos a facilidade de morar na mesma cidade da minha rede familiar. Nossa aldeia se fez presente.

Na época da escrita da tese, eles já estavam um pouco maiores (sete e cinco anos) e tentavam compreender o que afinal era o meu trabalho, as horas de dedicação em frente ao computador, as leituras, a escrita. Certa vez meu filho explicou a alguém que queria saber então o que era a tese: “É como um cadernão que minha mãe escreve, escreve...”. No dia em que enviamos os exemplares da tese para os membros da banca, saímos da agência de correios com um carrinho de feira vazio, antes carregados com os cadernões. Meu filho no alto de seus sete anos anuncia em tom solene: “Agora acabou, mãe”. Estávamos eu, meus filhos e minha mãe emocionados. Ninguém na rua teria a dimensão do que significava aquela cena. Claro que nunca acaba, depois tem a banca, tem a elaboração de artigos, vieram concursos, mudança para outra região do Brasil, posse, probatório, projetos de pesquisa...

Perdemos nossa rede de apoio familiar morando em outras regiões. Fomos descobrindo caminhos, desenvolvendo estratégias. Assim, foram também crescendo meus filhos e minha trajetória.

Na articulação da maternagem com a pesquisa, a adolescência chegou como calma e veio articulada com a estabilidade numa universidade federal. As demandas de cuidado já quase não existem, mas persiste a demanda de presença, agora uma via de mão dupla e os grandes desafios e conflitos dessa fase.

Então, em 2020, fomos lançados nessa rotina estranha da quarentena. Convívio intensificado, divisão de tarefas em casa, escala do uso do computador. Agora as aulas vêm em videoaulas, o encontro com os amigos e família são em vídeo-chamadas. As demandas de trabalho e de estudo não diminuíram, mas a forma de dar conta delas se transformou, exigindo ajustes, conversas, combinações entre todos. Penso que se a quarentena tivesse nos atingido em momentos anteriores, minhas possibilidades de responder às demandas de trabalho e de cuidado com eles menores seriam diminuídas.

Fico te devendo um envelope desenhado. Abraço, Lisandra

Carta 5

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2021.

Oi Bruna, que surpresa. só vi agora pq estava de banco de horas, a primeira folga nessa pandemia louca.

É engraçado “ver” a pessoa de quem falamos seguidamente quase como um Koan(tu já entrou nas histórias que contamos e quando achamos que não acreditam, mostramos a caixa...te digo que ela é bem assustadora em intensidade e qualidade...)

O tempo é difícil mesmo mas o é externamente e internamente, o que complexifica as coisas. O Bolsonaro é uma condensação de todas as coisas que estavam/eram erradas e estavam nas sombras. encontraram seu avatar...O que me deixa em dúvida é onde esse escuro se enovela no coração das pessoas? será ressentimento? será um tipo de identificação escondida que não vemos? onde estavam enrodilhadas essas serpentes que deformaram a imagem de um país que, se não justo, pelo menos num processo de devir....

Não sei né bruna, o que acontece é que a gente acaba acolhendo quem tem desejo. Tu te propuseste a dar voz e vez ao invisível. eu já vinha numa discussão e enfrentamento da universidade como uma reprodução dos processos de exclusão dos saberes e fazeres...continua assim, é claro e mais engessado ainda. Para tu teres uma ideia, ficou um ser estagiário aqui, por 3 anos...ninguém veio, ninguém perguntou, nada. Ele veio e ele foi e a universidade nunca procurou saber o que rolava e ele precisava muito. Uma hora te conto os detalhes porque é um pouco desse abismo que só aumenta e não há pontes possíveis porque a incomodação de quem tem o cotidiano batendo na porta e a dor de viver em ato não é a mesma incomodação puramente mental. Essa situação ficou clara na posição de muitas esquerdas puristas que se indignam por teorias mas não sabem como mudar o mundinho da gente dá trabalho e como essas mudanças são frágeis.

Fico feliz que achaste na nossa loucura uma possibilidade. Acho uma ótima notícia a troca de orientadora. Tu sabes o que penso dessa pessoa ai né...Vi tuas fotos no face, vi que estava feliz e o caminho acompanhada é um caminho mais suave e todos nós precisamos de um pouco de doçura né....

Quem escolhe falar acaba tendo o ônus e o bônus disso, mas existem pessoas que somente são o que são quando dizem o que pensam embora eu aprenda ainda todos os dias que o caminho trilhado nas instituições deve ser o caminho de menor resistência inicialmente para poder depois passar caudaloso o rio da mudança.

Nesse sentido vou te contar uma cena que é bem importante para mim: Eu tinha uma casa na praia que vendemos esse ano. No fim de uma estradinha tinha uma barra de rio, era um rio pequeno. Cada vez que eu ia lá o rio estava diferente: um fio de água, uma reta de água funda, um banco de areia...nunca era o mesmo cenário mas era um rio, o mar, a areia e eu...acho que a vida em instituição é isso. As vezes coisas bem dolorosas acontecem e a força do instituído insiste em cristalizar e petrificar tudo. Nosso papel é achar as brechas para que outras coisas possam advir. As vezes a gente bate de frente e só fortalece o monstro da prepotência e arrogância e sua sede de poder infinita.

Eu continuo no abrigo mas sempre com um olho lá na frente. O abrigo se transformou também em uma referência no acolhimento e hoje é um lugar que as pessoas tem orgulho de pertencer(pelo menos o discurso é que é a melhor metodologia) o problema é a cristalização como já te falei que traz consigo coisas que detesto: relações pessoalizadas, jogos de poder e concentração de poder. Cada vez fica mais difícil manter a geringonça voando ou navegando, mas tentamos e vamos continuar tentando. Eu penso que o abrigo vi ser totalmente parceirizado em curto espaço de tempo.

Aceito teu convite, é claro.

Tem uma psicóloga que tu deverias conhecer. Ela fez um pós doc com um assunto afim e vem pensando essas coisas pq hoje, além da clínica ela é diretora do curso de psicologia da UNIFIN, tu vais gostar dela, porque, embora da universidade, ela vem se perguntando exatamente sobre o que é trabalhar na academia...

Uma coisa que eu venho pensando é como equilibrar a criatividade e o desejo de transformar o cotidiano, criar possibilidades, se divertir mesmo com a consistência necessária ao trabalho. Hoje eu me pergunto como fazer para continuar me apaixonando e como fazer frente as nuvens escuras da burocracia, do individualismo e do descaso que nos perseguem e atacam,

Sabe, às vezes dá vontade de desistir, mas como há a vida mesmo, educador, criança, colega, família...a gente insiste e persiste em diminuir a distância e aplainar montanhas... Se o Maiakovski diz:

E então, que quereis?

Fiz ranger as folhas de jornal

abrindo-lhes as pálpebras piscantes.

E logo

de cada fronteira distante

subiu um cheiro de pólvora

perseguindo-me até em casa.

Nestes últimos vinte anos

nada de novo há

no rugir das tempestades.

Não estamos alegres,

é certo,

mas também por que razão

haveríamos de ficar tristes?

O mar da história

é agitado.

As ameaças

e as guerras

havemos de atravessá-las,

rompê-las ao meio,

cortando-as

como uma quilha corta

as ondas.

(Maiakóvski, tradução de E. Carrera Guerra)

E é um pouco isso, navegar é preciso, manter-se em movimento, procurar e propiciar fraturar para se ter fartura...às vezes naufragamos e damos na praia quase mortos, mas sobrevivemos. deve ter um porque nisso. Às vezes me pego pensando se esse caminho é o caminho certo e me dou conta que é o único caminho possível para mim. e assim, enquanto o navio da utopia estiver navegando, temos onde nos abrigar.

conta comigo.

bj

Mi (Mirela)

Carta 6

Maceió, 09 de março de 2021.

Querida Bruna,

Muito emocionante receber a sua carta! Está sendo lindo ter contato com seu carinho, cuidado e atenção, e tudo isso se tratando de uma pesquisa. Você me chega para apresentar um novo jeito de ser e fazer a vida acadêmica.

Primeiro, quero falar do envelope: que lindeza!!! Me permitiu viajar para minha infância, quando trocava muitas cartinhas com amigas. Me delicieei com tudo nele: a cola de glitter na borda, a flor pra enfeitar e a frase “uma carta para você”, por me sentir especial, sabendo que ali “dentro” teria um conteúdo direcionado exclusivamente para mim.

Também quero agradecer pelo seu compartilhamento. Sinto que na sua carta, pude ter mais acesso aos seus conteúdos, o que me permitiu te conhecer um pouco mais e nos aproximarmos.

Agora, deixa eu tentar responder as tuas colocações.

Vou iniciar sobre o meu processo no mestrado. Fiz uma escolha de uma universidade em outro estado, por esta abranger os estudos de gênero em seu programa, o que não era contemplado (na época) no programa de psicologia da universidade no meu estado. Então, essa trajetória já inicia com a minha mudança de estado, pela primeira vez saindo da casa da minha mãe, começando a voar. Morei dois anos numa cidade com uma cultura bem bairrista, e nem um pouco receptiva a pessoas vista como “forasteira” (sim, já fui chamada assim lá, dentro do contexto acadêmico). O grupo de amizades que fiz, eram pessoas todas de fora daquela cidade, acho que como não encontramos muito

acolhimento nos colegas locais (até da própria turma do mestrado ou grupo de pesquisa), acabamos nós mesmos nos acolhendo e apoiando. Quanto aos conteúdos acadêmicos, foram dois anos de muito crescimento e aprendizagem, tive contato de fato com os estudos de gênero e muitos outros, foram disciplinas, encontros, reuniões maravilhosas, que me trouxeram conhecimento para vida. Tive um orientador inteligentíssimo, muito estudioso e dedicado, de fato me orientou quanto as questões acadêmicas. Mas, também tiveram frustrações quanto a relação interpessoal orientador-orientanda, que não acho necessário expor aqui, afinal, estaria sendo antiética, e agiria tal como ele.

A grosso modo, minha caminhada profissional é marcada principalmente pelos seguintes pontos: graduação, muito envolvida com a Psicologia Social; mestrado, mergulhando no gênero; saúde indígena, desenvolvendo o ser psicóloga; curso de formação em Gestalt-terapia, com Lenise Cajueiro e seus encantos; e o fazer psicologia na clínica. Considero, que todos esses lugares que passei, encontros e trocas com pessoas, experiências em seus mais diversos níveis, fazem parte da constituição do meu ser, inclusive meu ser profissional. Então, por mais que hoje minha atuação seja caracterizada pela psicologia clínica em Gestalt-terapia, os conhecimentos adquiridos anteriormente, não ficaram para trás, eles caminham caminho e fazem parte das “lentes” pelas quais enxergo e compreendo e desenvolvo a minha profissão. Como, por exemplo: dedicar um turno dos meus acompanhamentos psicoterapêuticos ao trabalho voluntário; identificar qual público me tem chego com mais frequência, e o que posso fazer e como posso fazer para alcançar o público que não tem chego; desenvolver grupos com demandas mais frequentes nos acompanhamentos.

Continuando - porque estou escrevendo essa carta, revisitando a sua e tentando caminhar pelas suas pontuações. Confesso que, às vezes, me pego tento que voltar e fazer alguma introdução no novo parágrafo, pra não ficar desconexo na minha carta, porque já início te respondendo com o que acabei de ler na sua carta -, quanto a minha graduação. Tive a oportunidade de estudar em uma universidade federal pública, sendo este um grande salto na minha vida, ampliou meus horizontes, me permitiu um olhar mais crítico e problematizador não só sobre os conteúdos da Psicologia, mas da vida como um todo. Cresci muito os cinco anos da graduação. Contudo, minha crise com ela, iniciou quando fechei o ciclo da vida acadêmica no mestrado, e iniciei a atuação profissional na saúde indígena. Nesta época, me questionava diariamente o que tinha aprendido na Psicologia, porque naquele momento, achava que aqueles conhecimentos não me possibilitavam o desenvolvimento da atuação profissional. Passado a crise e questionamentos, foi quando compreendi que a graduação não pode, nem vai dar conta de tudo da Psicologia,

por isso a nossa formação precisa ser continuada, e os estudos, nas suas mais diversas formas, continuam por toda nossa caminhada. Hoje, me sinto muito feliz a gratificada com os passos que pude dar e continuo dando na minha trajetória profissional. Sem esquecer também, que tenho plena consciência que falo de um lugar de privilégio, como poder ter feito a escolha da demissão da saúde indígena e ficar tranquila, por estava em um trabalho formal, onde pude ser resguardada, inclusive financeiramente, por direitos (apenas um exemplo dentre vários outros privilégios).

Quando você me fala “tu foi me mostrando teu percurso como uma pesquisadora que atua com a clínica”, achei bem interessante, pois para mim, você está me falando do seu olhar de pesquisadora, como você consegue vê pesquisa em tantos pontos, como a pesquisa de certa forma está nas suas “lentes” para vê o mundo. É bonito de se observar!

Quanto a Gestalt-terapia, ah... esse foi um lindo presente que ganhei da vida! Pois a Gestalt hoje, para mim, é muito mais que uma escolha de abordagem psicoterapêutica, se tornou um estilo de vida. Afinal, estamos falando de uma pessoa que era extremamente racional e caiu nas graças da Gestalt. Tive muita dificuldade no início, confesso! Mas, depois comecei a me saborear, trabalhar e vivenciar o sentir, me entregar a ordem das experiências, do aqui-agora, compreender o fenômeno, olhar a vida a partir da perspectiva de figura-fundo, e trazer como filosofia de vida, a também filosofia epistemológica da Gestalt: humanismo, fenomenologia e existencialismo. Contudo, sem sombra de dúvidas, a aprendizagem que me foi mais cara na Gestalt, foi o sentir, parar de me esconder na masturbação teórica, entrar em contato com minhas reais vivências e compreender os sentimentos que me eram e são despertados. Hoje, acredito, que o sentir é uma boa forma de estarmos em contato, nos conhecendo e conhecendo o mundo.

Já no final da sua carta, você me emociona mais uma vez, ao falar de como te fiz lembrar bell hooks e o amor como ação. De forma surpreendente, acho que você conseguiu sentir a minha essência e colocar em palavras muito melhor que eu mesma. Hoje, acho, penso, acredito e tento fazer o meu caminho profissional na Psicologia e todos outros meus caminhos na vida, a partir de um fazer ético e com amor, e considero que estes são ação, é prática, é dia-a-dia, cotidiano, caso contrário, serão apenas palavras bonitas, num discurso vazio. Assim, eu sigo tentando dar sentido a minha vida, a partir da ética e do amor!

Gratidão pela troca e boa conversa! Está sendo um prazer conversar com você!

Beijos, Luz Analice⁵⁸

⁵⁸ nome fictício por escolha da pessoa.

Carta 7

Querida Buna,

Só hoje consegui ler a sua carta. Acho que ela estava esperando o "momento propício". Há muito, muito tempo não escrevo no papel, não escrevo a lápis. E por alguns encontros, desejos despertados por leituras, contos de "fazer à mão"... hoje decidi comprar um caderno. Engracado, mas não foi uma decisão simples e ainda não sei como será essa experimentação, mas acho que esta "disposição" criou o momento propício para uma carta que chega a mim com cor, pedaços de mão, traçados, linhas, esboços de pensamentos...

Eu realmente penso muito sobre isso que é o exercício da conversa. Alguns autores, inclusive o Deleuze, falam da importância do silêncio como ato político num momento no qual impõe a "comunicação", a troca de informação, a proliferação de opinião sobre tudo... Em certa medida, eu concordo. Tenho olhado mais para os silêncios, as pausas prolongadas... mas também sinto que a "conversa", ao menos aquela na qual apostamos, tem elementos e qualidades raras, incluindo nela o próprio silêncio. Sinto que, na maior parte das vezes, estamos encalçadas em "monólogos" e não em conversas: "Eu falo de mim; você diz de você". A conversa, neste caso

toma-se apenas uma forma ou circunstância na qual cada um vive a si mesmo. Não há interferência, transformações mútuas, deslocamento, ampliação. Eu sinto completamente a diferença quando envolvo-me numa conversa na qual há interesse, possibilidade de espanto mútuo, escuta atenciosa...

Essas são qualidades importantes. Lembro-me de um texto de Yves Citton no qual ele diz da necessidade de co-presença; sintonia afetiva; reciprocidade; improviso. - Elementos da "atenção conjunta" que fundamentam e possibilitam a conversa.

Eu também gostei muito da nossa conversa. Sabe aquela sensação que "ralou"?!
 Não sei se tem Haim com orientações e trabalho com bancas... prefiro pensar que criamos juntas uma "zona de proximidade" e interferência mútua - isso que você chamou de estar junto como procedimento inventivo na academia. Essa ideia de "estar junto acadêmico" é muito bacana.

O Jorge Ramos do O', pesquisador professor aqui de Lisboa, pensa e escreve sobre isso. O Luís também conhece... pode ser uma referência bacana.

O outro autor que tem me ajudado a pensar é o TIM INGOLD, um antropológico muito interessante. O último livro dele chama-se "CORRESPONDENCE". Pra mim, tem tudo haver com a escrita de cartas, com a conversa, com as formas de estar/ser junto.

Eu penso que a primeira direção metodológica é o "fazer junto", o lançar-se a um encontro com o campo e tudo que ele porta: pessoas, instituições, espaços, trajetos, percursos... Neli, como é com o quê/quem compor? E sinto que as direções e teorias de coloniais ajudam a construir, a orientar esse "como estar/fazer junto".

Toda direção não hierárquica e inclusiva, que me orientam na pesquisa, relacionam-se intimamente com esse arcabouço teórico/prático. Não é apenas das letras ou passagem, mas traças, tramas, costuras as articulações, as interações, os atravessamentos. E concordo com você que esta é uma das dimensões clínicas ou de cuidado da produção de conhecimento. Por isso mesmo a noção de política de pesquisa e política de escrita. É política porque transforma e cria mundo. É como queremos que seja esse "mundo por vir"? Qual o verso e o impacto na criação de mundos? (3)

A meu ver, parte importante da pesquisa é colocar em análise os seus efeitos. Não apenas no "final" da pesquisa, mas em seu processo - ato de olhar com atenção e poder cuidar do que estamos acompanhando. Pois trata-se de acompanhar, não? E como estamos acompanhando? O que este "caminhar lado a lado" produz em nós?! Acho que o pequeno mundo do cotidiano que você diz começa (ou inclui) o próprio processo de pesquisa naquilo que ele reposiciona e amplia, abrindo e inaugurando ou autorizando outros modos de existência. Sobre isso (arte de instaurar novos modos de existência), li um texto belíssimo de Peter que te mando em anexo!

O cotidiano é o nosso modo de "instaurar-nos"!

Muitas coisas eu teria pra dizer sobre a formação... e acho que deixarei o assunto para outra carta (inicialmente percebe que a mão causa na escrita "à mão") Mas tem uma coisa que eu queria partilhar, sobre a minha própria formação como psicólogo. Eu entrei na universidade (UFES) em 1993, e finalizei

(4)

o curso em 1998. Naquela época, não havia
nem "sombra" dessa discussão decolonial, tal
como é hoje colocada. No entanto, apesar
da centralidade das leituras e referências
eurocêntricas, eu experimentei (e acho que
ajudei a constituir como aluna) uma política
de formação que até hoje me constitui,
me inspira, e impulsiona. Havia espaço
para o fazer junto e estar lado a lado.
Havia uma aposta bonita na inclusão
dos alunos como parceiros, amigos, sujeitos.
Havia o prazer de pensar e fazer junto.
Acho que mesmo sem nomes, estávamos
vivendo e incarnando uma política de
formação decolonial, porque não fundada
na hierarquia dos saberes, que aposta na
transformação, na pesquisa engajada
com a criação de mundos mais
plurais, multiversos. É claro que não
estou dizendo de tudo que vivi no curso
de psicologia, mas foi essa direção que
me marcou, atarcessou, impulsionou. E
penso que isso tem haver com a possibilidade
de construção de uma psicologia atenta
aos acontecimentos que acontecem em cada
momento histórico. Hoje, muitas coisas
e movimentos surgem e alegro-me em perce-
ber que, mesmo a contrapé, ainda

a alimentamos uma formação psi
aliançada e engajada, compromissada
com a instauração de modos de
ser lacunares, cambiantes, titubeantes,
invisibilizados, enfiados...

Eu estive na Europa em alguns
momentos da minha formação e
hoje aqui estou novamente. Hoje reconheço
mais do que nunca a importância
de um certo modo de formação
psi que vive e espero ter apelado a
culturas. Acho que há no Brasil uma
"sensibilidade" cultivada (não é natural,
não é "brasilidade") em uma certa
direção formativa que permitiu e (espero)
continue permitindo uma prática, um
fazer formativo decolonial no que
tange às mais diversas formas de domi-
nação e opressão.

Enfim... seguimos concussando!
Eu fiquei com vontade de colocar você
em "conversa" com a CRIS BREMENKAMP. → ex.
aluna, amiga, parceira, flora, quase
guri. da minha vida.
VAI SER UM BOM ENCONTRO!

Carta 8

Avós e bisavós (o que podemos aprender com elas)

Olá bisa Guilhermina,

Estava lendo uma mulher chicana dizer de sua língua selvagem, do modo como ela fez dançar sua língua, aliás, do modo como sua língua a fez dançar para que não fosse domada.

Essa mulher das fronteiras me fez pensar em você.

Imagino-te no vilarejo de sete ruas, na encruzilhada entre três histórias, brava consigo por ter se deixado engravidar dele, brava por ter que caminhar com Iolanda na barriga e nenhum anel no dedo. Ele a deixou.

Sei que por isso você seguiu como mulher agulha, a furar os olhos dos outros para que não te enxergassem. Por isso o tecido de sua pele enrugou tão cedo.

Soube a pouco tempo que somos mulheres costureiras bisa, mais eu ainda não consigo respirar entre as linhas do meu tecido português. Ainda estou com pressa. A agulha e a linha não são minhas aliadas. Por ora, te conto que tenho me deixado desenhar entre as cores de alguns lápis coloridos que, de modo paciente, vêm tentando me dizer que sou uma mulher que sabe bordar.

Soube também que sua filha Iolanda dançava com a agulha e com a linha e que em sua irmandade elas três conversavam na língua dos mudos. Contaram-me também que Iolanda ficou novamente em silêncio quando se percebeu na mesma encruzilhada. Caminhar com Fernanda na barriga e nenhum anel no dedo. Ele a deixou.

Mais, as irmãs exigiram que Iolanda não se curvasse as vozes estreitas das setes ruas estreitas, exigiram que ela se reconhecesse na potência de uma mulher costureira. Ouvi dizer que ela se tornou a melhor bordadeira da região. Ouvi também dizer que de tanto silenciar, ela só pode respirar até os 44 anos. Ela teria me ensinado a bordar mais cedo.

Bisa, faz um ano que minha mãe me observa de modo curioso. Ela sente que tenho o mesmo olhar silencioso de minha avó Iolanda e fica feliz, embora Fernanda saiba que eu ainda precise explicar para os lápis de cor que tenho medo de bordar.

Te conto que sua neta Fernanda seguiu com Gustavo e Flávia na barriga e com o anel no dedo. Por um tempo, ela respirou aliviada por acreditar que havia desviado da encruzilhada, porém, mal sabia ela que também seria abandonada, eles a deixaram.

Mais fica tranquila bisa, hoje é aniversário da sua neta, 74 anos. Faz tempo que Fernanda vem sorrindo com facilidade. Te conto que nas terças feiras de manhã ela costura com outras mulheres. Ela segue, finalmente, bordando a sua vida.

Quanto a mim.....já consigo desenhar.

Com amor,

Flávia Carvalhães

Carta 9

Londrina, 22 de Novembro de 2020. Dia ensolarado.

Bom dia Bruna,

Recebi sua carta. Não me lembro de ter recebido uma carta antes. Minha bisneta Flávia vem falando dessa beleza que é dar e receber cartas, eu não a entendo ao certo. Mais não posso negar que gostei quando a carteira me entregou seu envelope colorido.

Ontem Flávia e eu conversamos sobre um pássaro africano que olha para trás. Ela me disse que é importante olhar para o passado para seguir de outro modo e me perguntou da minha avó. Estranho falar de mim, me sinto desconfortável. Mais depois disso minha avó não saiu da minha cabeça, lembro do gosto do doce de ambrosia. Enfim, ela já esta morta.

Envio minha condolências pela árvore cortada de Dona Edi. Os muros deveriam se acomodar em torno das árvores. Dona Edi me fez pensar que as raízes são fortes, destroem casas. Pensamento idiota. Há sempre muros e línguas cortadas. Mulheres têm que bordar. Posso pedir para minha filha Iolanda te ensinar. Ela é uma mulher paciente, desde criança. Às vezes me perguntou se foi minha culpa

ela morrer tão cedo, sei que fui rígida, mais é que a bondade de Iolanda era sua fraqueza.

Flávia me deixa desconfortável. Ela e seus lápis de cor insistem em me dizer que há outros modos de respirar. Gosto dos desenhos dela e quando ela beija minha cabeça sem que eu queira. Ontem ela disse que fará mais uma tatuagem, que precisa do pássaro que olha para trás no seu corpo. Disse que precisa do pássaro para aquarelar o muro. O que os outros vão dizer? Tenho certeza que Dona Edis concorda comigo que isso é um exagero.

Flávia bebe vinho e fala de colonial, decolonial, colorir. Eu não tenho culpa se os portugueses cortaram as línguas dos índios no país que a Flávia nasceu. Não tenho tempo para pensar nisso, sou uma mulher migrante, tenho que limpar. Um dia Flávia aprende que os muros sempre vencem as raízes e para de plantar árvores.

Lugar de privilégio. Lugar de privilégio. Flávia esta errada. Minha pele portuguesa não me protegeu deles, não me protegeu das falas que ecoam até hoje nas sete ruas das três encruzilhadas. Preciso limpar.

Com os melhores cumprimentos,
Guilhermina

Ps1: Flávia falou que eu posso te ajudar em um estudo. Não sei em que uma mulher como eu pode te interessar.

Ps2: Flávia desenhou a Tucana e pediu para te mandar. Ela disse que é importante para que você saiba reconhecê-la quando as cartas chegarem.

Carta 10

Londrina, 20 de Fevereiro de 2021, os dias têm sido ensolarados.

Bruna,

Escrevo para te dizer que você insiste em mim. Escrevo-te cartas imaginárias ao correr pela vida, de modo simbólico e literal, geralmente às 6:00 horas da manhã. Correr parece que se tornou um modo de existir, então, meu corpo optou por estabelecer uma aliança com esse movimento.

Ontem à noite fiz uma breve intervenção artística em uma banca de mestrado. Li um trecho final da carta que Glória Anzaldúa escreveu para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Senti que seria importante para Camila (e para mim) encontrar uma noção de nós em Glória. Senti, mais

especificamente, desejo de dizer para Camila continuar a escrevendo com olhos de pintora, com ouvidos de musicista, com pés de dançarina.

Faz anos que Camila chama a minha atenção, por seu modo sensível de suportar caminhar entreatos, então, não foi surpresa quando constatei em sua escrita certo colorido em formas artesanais de produção e a proposta da poética como estratégia clínica no encontro com multidões.

Terminei a banca trêmula. Decidi jantar com a companhia de duas taças de vinho branco. Não relaxei. Havia em mim uma disputa de forças, entre as sensações de coragem, o desejo de implodir verdades, a aposta de que os professores (homens) da banca são aliados, o medo por perceber que venho me bordando *mestiza*. Transbordei afeto demais? Deveria ter sido mais “acadêmica”? Como Glória lidava com os medos dos Outros? Nessas guerrilhas linguísticas, nem sempre é confortável okupar as trincheiras, pois há que lidar com as fantasias de risco.

Sonhei que estava na casa de um dos professores. A casa era imensa, lotada, interessante. Sua esposa vinha ao meu encontro, eu a achava particularmente charmosa, porém, meu pé prendeu em um balde de água e eu fiquei envergonhada. Fui ao banheiro e já não conseguia encontrar o caminho de volta. Nessas guerrilhas linguísticas, nem sempre é confortável okupar as trincheiras, pois há que lidar com as fantasias de risco.

Acordei, tomei um café forte e comi duas torradas com queijo branco. Decidi que havia que correr para que a lembrança do sonho se tornasse vento. De fato, o corpo voou, o que nem sempre acontece. Na ventania, percebi que eu já na falava por mim, pois uma multidão de mulheres (latino americanas) haviam okupado meu corpo, minha corrida, minha escrita, minhas bancas. Na ventania, decidi também que era hora de convidar outras mulheres brasileiras para sonhar com a publicação de um livro não acadêmico – *Cartas para as nossas ancestrais*. Na ventania, entendi, por fim, que eu desejava que Bruna estivesse conosco neste livro e que estava na hora de lhe enviar uma carta.

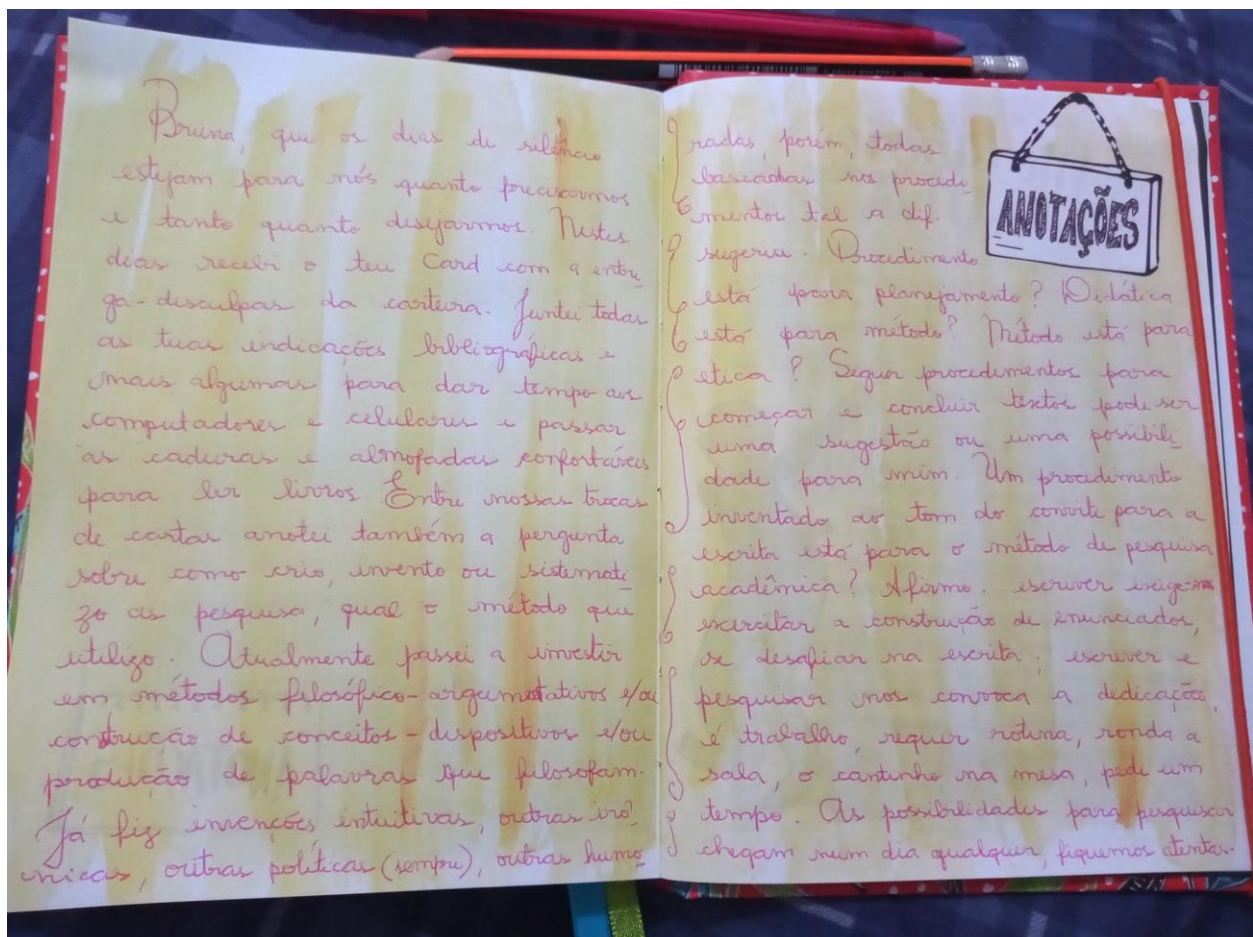
Cheguei em casa com olhos de pintora, com ouvidos de musicista e com pés de dançarina (ou de corredora), embora eu ainda não tenha conseguido sentir a paciência de mulher bordadeira. Abro meu email e me deparo com a mensagem de um dos professores, aliás, do professor dono da casa gigante e com a esposa charmosa. Ele diz: – *Olá Flávia. Falo por mim, mas acredito que valha para a Camila: adorei sua intervenção, ou melhor, a expressão de suas afetações e de seus afetos.*

Respondo ao professor que “*seguimos juntas.....respirando na fronteira entre ciência e arte*”, tomo outro café e como uma banana. Meu gato Chico se aproxima, eu coço sua cabeça e conto para ele de algumas dores vividas no passado, mais especificamente nos mares das ciências brancas. Chico me olha com cumplicidade e nós dois concordamos sobre o prazer de viver em *la frontera*.

Com amor,

Flávia

Carta 11



Carta 12

40

Florianópolis, jan. 22

Cara Bruna,

Que surpresa receber tua carta, que lindíssima! É claro que topo sim, te anexo nesta o desenho que fiz, espero que dialogue com teu trabalho, e fica como agradecimento pela tua resistência, que eu admiro demais. E ah, tentei desenhar a bell hooks, mas saiu uma mistura com Bruna. Então... aconteceram muitas e muitas coisas nesses últimos meses, mudanças inesperadas em transformações muito rápidas. Lá estou em Florianópolis, agora morando com a minha sobrinha, num apartamento próximo ao centro da cidade e da UFSC. Ventos furiosos me trouxeram até aqui, mas agora tudo se acalma... após uma temporada de recuperação da Covid sinto que uma linha limite me dividiu os tempos e a vivacidade, desde então eu recomencei a tex e voltei a desenhar. Algo que me deixa muito viva, Bruna, não desenhar me faz mal, é como se a vida fosse colocada numa caixa, meiga, meiga limitada, e limitadora de pensar. Por isso me sinto muito bem que as coisas finalmente mudaram, e por mais molinhas que se tenha que empentar, com o desenho vibrando, fica possível de se lidar. E sim, não toca no assunto da dissertação, pois toda aquela escrita foi uma negociação, uma estratégia acadêmica, que, pra falar a verdade, nem doeu muito, pq vieram depois que os desenhos já estavam existentes. Daí não me importei pq confiava na força deles enquanto pensamento (exercício - e claro, mais que isso) - já que a academia nos cobra isso. O texto eu fiz para não cacarem meu título, porque vivíamos na época a ascensão da extrema direita no Brasil, logo em seguida o presidente genocida foi eleito. Eu tinha muitos premonitores em deixar a linha tão curada, foi uma ex-lha de se preservar. Mas sim, fora isso, em termos de arte, pesquisa, investigação, pensamentos... o texto se fazia totalmente dispensável... ah, a banca tb me cobrou de

Enfim, ter sido possível desenhar no mestrado foi maravilhoso, e fico feliz; me entusiasma e fortalece que o trabalho possa estimular outras pessoas a encontrarem as suas próprias maneiras de investigar a vida, e levar essa materialização pra dentro da academia, tensionando nos moldes. Sim, a academia é horrível, abusiva. Não fofem as pessoas incúveis que estão nela e que nos dão suporte para fazer ^o nosso trabalho, seria irrespirável. Não fazemos nada sozinho, somos uma rede. (...)

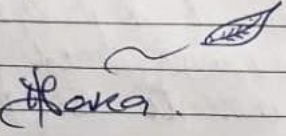
Quanto às mulheres, poetas, artistas, ou tantas outras, elas me estimulam a viver, sem elas, sem essa rede poética e conceitual, também nada estaria, nada existiria.

Minha tese agora está cheia delas, é com elas que me movo na política da escrita, com a arte. Mas agora a provocação adquiriu outro tom, com tudo o que nos acontece a mimão se resumiu a estar viva. E nesse sentido desenhar e escrever é uma questão de frente de guerra. E eu sei que nessa posição não fazemos o nosso potencial, mas sim, aquilo que é possível e necessário. A vida leira o reatiro e está muito difícil encontrar um ritmo próprio, uma vitalidade que não seja a da sobrevivência. E imagino que isso seja fortíssimo pra ti, como uma mulher negra. Uma forte mulher negra. É essa força que quero mostrar, mas com foco no fazer, na prática, mostrando a transformação e a resistência pela arte. Minha amiga, são tempos duros e tudo isso me dá muita força: na correspondência, a correspondência das aulas das mulheres na arte. Por isso estou tentando pisotear as fronteiras, demarcar o lugar, escancarar a sensibilidade de borda. Nesse calor eu escrevo e desenho como nunca graças às visitas como a tua. ♡

Mulher, não pare, não isole, não pare nunca.

Não vamos parar.

A academia que nos aguenta.

Beijos,  Rana

Carta 13

SC, abril 2021

Querida Bruna

escrevo dizendo que os dias estejam promíscuos, como jogos, como temos sentido, a noção de tempo é muito fluida na pandemia. há meses que penso em meu retorno por escrito, o retorno das minhas palavras de resposta para ti, também e especificamente, mas todos os tons de atividade de têm passado em palestras em minha rotina. veja, eu me distanciei das amizades mais profundas e das relações transformativas devido aos processos de luto todos que são os inevitáveis modos dos dias. aqui, te escrevo já mais leve, buscando estabelecer tão bela prosa sobre os nossos processos e vidas. começo considerando o teu processo / projeto de pesquisa lugar de sutileza de forças únicas, precisar e necessárias. a começar pela forma, pelo método. a minha sensação e aposta é que uma cartografia muito chama pra perto por exatamente lidar com questões íntimas,

mas não só, é de uma nostalgia maravilhosa.
me sinto particularmente grata de estar trocando
em uma pesquisa cartográfica, porque além
das questões relacionadas a pesquisa em
psicologia social, sou devolvida a um
dia a dia em que eu muito esperava o
carteiro na hora do almoço. Já era nos anos
2000, mas eu não tinha permissão de acesso
a internet, ao telefone, aos sms, então eu
construí muitas relações necessárias e importantes,
mas trocando cartas. pensando sobre isso
nos últimos anos em terapia, entendi que a troca
de cartas foi o meu eixo afetivo durante a
adolescência. me subjetivou. me trouxe uma
composição no meu fazer escritora.

aqui eu começo então a transcorrer sobre
os seus importantes questionamentos a
respeito da relação arte. vida. clínica.
para mim é complicado pensar em uma
resposta que não me devolva a casa da infância,
em que me percebo tendo uma mãe que muito

me inseriu nessa dinâmica. ela colocava muito
 as suas energias e as suas dores em uma
 certa materialidade. eram horas e horas
 bordando, costurando, pintando, em um
 silêncio extremamente organizativo para
 ela. eu resumo a história da minha avó
 como um percurso incômodo de perdas,
 como uma vida garantida que foi se ruindo
 tanto pelas questões esperadas da vida como
 por questões de escolhas importantes socialmente.
 minha avó foi uma paulistana dentre poucas
 que teve acesso ao magistério no final da
 década de 40. foi professora primária e
 sustentou a casa sozinha por amor. meu avô
 "carregava genes muito difíceis", "meu avô é
 muito genioso", eu ouvi e senti muitas vezes
 essa frequência; "por isso sua tia e sua mãe
 são desse jeito, fixaram a família dos gôndara".
 minha avó antes de casar
 cuidava dos seus

irmãs criancinhas ainda. minha bisavó faleceu de tuberculose no começo da década de 1940. mas as dores maiores de minha avó talvez foram derivadas das vistas dos sofrimentos psíquicos muito intensos do marido e de filhas e não consigo com que fosse diferente, ou mesmo mais suave.

Já meu avô Karl Gyschek tinha o espírito da marcenaria, as mãos muito calçadas, e os olhos azuis-vermelhos muito nervosos. dele, meu pai obteve o amor pela manualidade, e tenho extensas lembranças de meu pai fazendo móveis, pintando as paredes, sempre se ocupando com prazer do interior da casa. dele, eu carrego essa vontade de manutenção do meio, um incômodo com cômodos desorganizados; dele, mantive a vontade de pintar em grandes escalas, tentar construir e adaptar peças duradouras resistentes.

O grau de união entre meu avô paterno e minha avó materna, para o além óbvio

do casamento dos filhos, era uma voltagem
estética popular, cotidiana. e também uma
vontade de explorar e crescer o mundo próprio
com palavras externas, notícias. cenas comuns
da infância: meu avô com óculos baixo no nariz,
virando as páginas do jornal, esbravejando; minha
avó com o jornal aberto na mesa da sala,
acompanhando obsessivamente linha por linha.
fui criada leitora por muita ressonância.
minha mãe, que não era chegada nos livros, me
inscreveu no conservatório municipal para que
eu cantasse, dançasse, aprendesse os ritmos.
então, passei a cantar idando espontaneamente, arte,
palcos, sentimentos, solo.

entendi, quando tive que fazer uma escolha profissional,
que não poderia escolher algo que me distanciasse
da minha infância, das minhas fantasias,
dos meus escapes, e da minha vontade de supera-
ção. como muitas, a minha história tem agrítu-
los imensamente tristes, cercos de doença, morte,
falta de recursos, imensa solidão. e nesses momentos,
eu me propunha a escrever, me propunha

a construir imagens, me propunha pintar. e isso sempre foi mais do que um hobby, uma arte terapia, uma profissão. sempre foi uma porta de expressão anunciada, um lugar em que eu sempre coube, e quando não, eu alargava as paredes para que sim, eu buscava sempre preencher todos esses meus espaços. por isso, não houve condição de eu pensar, desde sempre, uma psicologia que não convergisse com canais expressivos intensos ou mesmo de tonalidade leve, caminhos que direcionassem ao cerne e as camadas a partir de / e para a esfera da produção de si mesma. a subjetivação poética que todas, em diferentes graus, formas, cores, dinâmicas, temas. a subjetivação poética então foi colocada em mim como processo e ferramenta de trabalho. no começo da graduação chegou a ser muito confuso se eu estava adequada, ouvia de colegas e professores que as minhas montagens / imagens cabiam muito mais nas artes e na docência. eu segui

esse raísto como uma prista. segui pesquisando e trabalhando com arte, educação, literatura segui me abastecendo da cultura que são paulo oferecia tanto em suas ruas, em seus encontros, em suas ações. eu amei o teatro. eu amei as tantas festas de arte. foram amor muito cheios: dessa arte inteira e orgânica, mas tb de âncoras: meu pai passou por algumas internações severas, minha avó quase foi embora. essas tantas festas eram um cenário vivo para que eu me colocasse e não me ~~deslocasse~~.

foi por aí que comecei a ter consciência de classe. e a repensar todos os discursos de extrema direita concentrados. fui uma jovem cristã e casta, eu entendia tudo muito diferente. veja, a arte me trouxe uma visão política, foi pela arte social que pude começar a flag. todas as minhas injustiças e erros de julgamento, todo o meu credo cristão foi aí sendo reformulado.



agora quero dar um salto no tempo : mais de sete anos
 após essa reprogramação e re começo, nós duas tivemos
 uma conversa, e te esutar naquele momento foi
 agregador. foi um encontro porque eu senti que
 era preciso aprender mais, aprender mais sobre
 vidas, sobre pessoas. naquele momento eu me encon-
 trava extremamente só na minha pesquisa, não
 estava orientada, tinha ouvido que "não era pra ser
 tão diferente"; "pq vc não usa os autores franceses",
 "não podemos te ajudar"; "é bom ser feminina, ser
 feminista é coisa de mulher nervosa"; "os peitos da
 prof. X são muito sensuais, o decote dela é mto provocativo".
 tudo culminou na minha banca, que tu teve muita
 notícia e me ofereceu o acolhimento de uma
 orientadora generosa. aqui, para nós, coloco que
 tu foi quem tão generosamente e brilhantemente
 organizou meus pensamentos, "escutou" minha
 pesquisa, direcionou ela. me deu pistas. me
 ilustrou possibilidades. daí, comecei a pensar que
 meu trabalho era possível operando como eu
 me sentia confortável. tu me apresentou teorias

e textos de mulheres, incriveis, me deu sugestões de construções de texto, compartilhou sensibilidade e conhecimentos. e é certo que a tua orientação não se faz somente para mim, as tuas leituras sobre os tantos trabalhos são de uma sensibilidade única, são de uma professora que trabalha poeticamente e que partilha narrativas, estéticas, impressões e nomes, que engrandecem. fazem fermento e polinização.

eu agradeço imensamente pelo encontro, pelas orientações, pela escuta política, por tu ter a crédito do e potencializado meu trabalho sensível-intelectual. meu trabalho é hoje também (e por) resultado das nossas conversas.

essa foi uma primeira carta, e acabei me estendendo muito nas narrativas. quero colocar que decidi te escrever essa carta (+) como um primeiro movimento, de agradecimento, de sinalização e de panorama. em relação a tua pesquisa cartográfica, me coloco

algumas dúvidas e se pergunte (por conta do meu tempo de resposta em muito atraso)

1. ^{ainda vamos} esta belezer uma troca de cartas (?) ^{em muito atraso}

penso em distribuir em pequenas cartas uma resposta mais concentrada sobre a minha trajetória acadêmica de trabalho e de pesquisa, como tu propõe, para ^{me} ^{compre} mais abrangentemente na proposta maravilhosa da tua pesquisa

2. a minha alegria em participar com imagens é gigante! você não sabe como fiquei feliz com o convite!

já penso em algumas composições para estar presente em uma pesquisa tão incrível com imagens é uma honra!!!

o que gostaria de saber: cores que tu pensa que fazem sentido, ^{imagens} com mais ou menos recortes, algum recorte específico? gosto de perguntar para tomar as respostas com as minhas leituras do trabalho, para criar um diálogo mais próximo.

3. em relação a isso, vamos conversando, mas considerando tudo ^{Aqui posto}

, sinto que não faria um sentido pessoal te cobrar algo.

me desculpo pela carta longa e
 encerro finalmente, desejando que aí esteja
 presente saúde, afeto, cozinhas intuitivas,
 construções e amor. um dia-a-dia macio
 A PESAR DE / ^{mar} indignado quanto ^{for}
 possível, as atrocidades seguem inflamadas,
 sabemos —

um grande abraço pra tu, Bruna
 e para lu e apolo.

até breve,

Chris
 (abril - maio 21)



Carta 14

Vicosã, 32 de abril

Querida Bruna,

Senti a necessidade em te escrever à mão, mesmo sabendo que minha caligrafia precisa de melhorias. Mas acredito, por outro lado, que talvez minha intenção a embaleze um pouco.

Escrevo para te agradecer pela carta recém-chegada, foi um apoio em meu coração. Seu convite não poderia ter chegado em melhor hora, já que eu me encontro pensando muito nas vicissitudes do cotidiano e do quão potente é para as nossas práticas.

Tenho feito minha pesquisa de campo - não tão no campo assim, já que tem sido por ligação -, e encontro o amor como o caminho para alcançar o meu encontro com os interlocutores. Algumas vezes penso em estar fazendo errado, com aquele velho sentimento de "inundar" a pesquisa com a ausência de neutralidade, esta rejeitada pelos nomes que querem reger nossos corpos. Mas, sabe, Bruna, eu não poderia estar mais feliz. Se estou com esse sentimento, estou no caminho certo. Tem sido lindo conhecer, de fato, cada uma dessas idosas. Temos dados gargalhados constantes em nossos encontros. Elas alimentam meu amor pela pesquisa e, sobretudo pela vida neste momento tão delicado. Temos conversado

e compartilhado histórias, memórias e afetos. Será por essa via que finalizarei a pesquisa/escrita, com a contação do que temos vivido. Penso e sinto que estou no ápice da minha aptidão em tanto densa pesquisa e seria um prazer compartilhá-la um pouco mais com você, que desde o começo é inspiração para mim. Fico feliz demais com o convite. Me explica mais sobre a tua proposta.

Com carinho,

Laura.

Carta 15

Envelope cor de terra esvoaçante. Escrito com caneta escuro-rio. Preso em uma cordinha com flores prensadas.

Papel levemente amassado recoberto por essência de jasmim. Bem-vinda *aos queimados*.

Querida Bruna,

Eu seria um tanto descarada se iniciasse essa carta lhe pedindo desculpas e tentando justificar a demora para ser enviada – quer dizer, para ser justa, a minha em escrevê-la. No entanto, me precipito a pedir que você não tenha a impressão de que houve descanso com suas palavras destinadas à minha tia e, por conseguinte, a mim no começo de dezembro. Pelo contrário, elas surtiram um impacto tão abundante em mim que ainda estou em fase de processamento, e, desde então, levando fielmente aos meus encontros de terapia às segundas. A leitura de suas palavras me levou a arfar, e, de repente, senti meus olhos lubrificados e exercendo a mesma função em meu rosto, como um cristalino e puro sinal de gratidão. Não sei descrever os sentimentos reverberados em tia Dinha, principalmente em torno do carinho que você ofereceu a ela, mas eu anseio por conseguir descrever os meus e a minha eterna gratidão a você. Desde que a carta chegou em minhas mãos e, sobretudo, em minha alma, não sou a mesma. Não posso voltar a ser. Passei o mês de dezembro revisitando-a constantemente e, a cada novo encontro, era como se estivesse lendo tudo pela primeira vez, com a mesma emoção. Pensei deveras em emoldurá-la e, assim, eternizar – para além de meu coração – em meu quarto esse presente. Tenha uma certeza, Bruna, eu me reencontrarei com elas tantas vezes for preciso quando sentir que meus pensamentos querem me sucumbir. Mas, sobretudo, todas as vezes que estiver me sentido *forte*, pois sei que significativamente me fortaleci com ela. Não deixarei de reconhecer e encontrar com você em meu processo, seja lá para onde eu for, sei que você desejou a mim o melhor. O que você fez comigo, ou melhor, o que você me deu, é inestimável e só quem tem um coração puro consegue conceder. Não sei ao certo quando li pela primeira vez um texto seu, se antes ou depois de começar a escrever minha dissertação, mas com certeza o encontro com tua escrita me impulsionou e se repercutiu na minha imensuravelmente. Como disse outrora, minha escrita não é solitária, fui agraciada com alguns encontros, mesmo que não fisicamente, que se tornaram a minha estrutura e a

minha força, se propagando em múltiplas vozes lá dentro e dentro de mim. Posso ter uma grande parcela de responsabilidade em minha escrita, mas é por causa de pesquisadoras implicadas como você, que se tornam referência em nossos estudos, que o caminho se deslancha. Sempre sigo suas indicações de leituras e comprei todas as últimas compartilhadas. Sigo suas contribuições acerca do meu texto, sempre as vejo como soma e o tempero, assim por dizer, que faltava. Saiba, então, que você é uma referência para mim e tem minha admiração. Não nos conhecemos pessoalmente, mas é uma das coisas que pedi em silêncio. Aqueles pedidos que vem do fundo de nossa alma, e não daqueles de boca pra fora. Eu sempre estive encapsulada pelos meus medos e, palavras como as suas e de Érika, me fizeram lidar *cara-a-cara* com eles. Vi, então, que tinha medo sem ao menos saber ao certo de que, e, ao me permitirem encontrá-los, eu pude reconhecê-los para, só assim, não ser mais dominada por eles, mas tentar dominá-los. Reforçarei a minha promessa - feita para mim mesma - para que eu tenha um olhar mais carinhoso para mim e minha escrita, apesar de estar buscando fazer esse exercício a um tempinho. Não mudando totalmente de assunto, mas buscando explicar a demora em retornar. Eu sou a pessoa que não consegue responder no WhatsApp e em qualquer outra rede social, mas não é por falta de consideração, é porque sempre sinto que preciso pensar com acuidade o que responder a remetente. Não gosto que as palavras sejam à toa. Eu espero as palavras me encontrarem e às vezes ela se perdem pelo caminho, até que me encontrem em algum momento. Parece bizarro e, de certa forma, me deixa angustiada, pois não consigo responder ninguém de antemão, principalmente quando são elogios ou demonstrações de afeto. Se eu fui tão agraciada em recebê-los, eu busco ao máximo que a pessoa se sinta da mesma forma. Posso lhe citar um exemplo em que eu tentei vender alguns doces e abri um Instagram para isso, mas, pela minha dificuldade em me expressar de imediato, sempre achava que precisava pensar e responder cuidadosamente a cliente, o que, nitidamente, se estendia por alguns dias. Absurdo, eu sei. Terminei não indo adiante. Sobre você, me senti culpada durante todo dezembro por não lhe responder, mas em cada pedacinho de madrugada - geralmente é o ponto perfeito em que sou encontrada - eu fui construindo a minha resposta e sentindo ainda mais os efeitos das suas palavras. Como um quebra-cabeça. As suas palavras me ajudaram a construir as minhas. Não à altura, pois acredito que nada conseguiria, mas com coração. A demora se estendeu também devido ao que chamamos comumente de vida, que irrompeu sua imprevisibilidade nas últimas semanas, dando um choque de realidade que eu não me encontrava preparada. Quando estamos, não é mesmo? Parece mais uma desculpa esfarrapada para a demora em meu retorno. No entremeio do ano passado eu me vi abruptamente em pedaços, sentido tudo ao extremo e, sobretudo, o medo. Como ironia do destino,

eu finalizei o ano apenas do que nutriu o maior medo dentro de mim o ano inteiro: a doença que assola o nosso mundo - não aquelas outras que tão fortemente causam o descaso com as sujeitas, essas já me doem cotidianamente. Não apenas por ela ter me encontrado - ou eu que a encontrei? -, pois o medo, em si, era de fazê-la encontrar com as pessoas da minha vida: painho, mainha e voinha. A intensidade desse medo me fez adquirir alguns hábitos um tanto quanto metódicos - e, sobretudo, exaustivos - durante todos os dias desde que retornei a morar com meus pais e a cuidar de minha voinha. Acredito que esses cuidados os protegeram, pois fui assintomática e descobri por um milagre, assim eu considero. Então, no encerramento desse ano tão atordoado, estive isolada de casa e das minhas pessoas. Mas o medo não se isolou e, durante os últimos dias de dezembro, meu coração palpitou incoerente até eu ter certeza de que as/os que amo estavam, pelo menos nesse momento, em segurança. Natal e ano novo sempre foram comemorações que estive com minha família e, sendo assim, são as minhas preferidas no ano, principalmente quando tinham os *queimados* como centro da receptividade. Devo dizer que, para não ser ingrata por me encontrar bem, assim como minha família e, sobretudo, por considerar a dor que muitas famílias estavam sentido, olhando para o lado e sentido a ausência de entes tão queridos que foram levados pela e em meio a pandemia, eu só fechei os olhos e agradei, mesmo que no fundo tivesse uma dor inconsolável no meu coração. Essa dor, em partes, era porque tia Dinha - a qual também te acolheu como sobrinha - não estava bem. Não trago boas notícias sobre tia Dinha, mas, felizmente, não diz respeito aquela que ocasiona uma saudade física dilacerante. Ela está internada desde o dia trinta e um do último mês, esperando uma cirurgia delicada para remover um tumor. Eu não pude vê-la antes, nem mesmo de longe, pois meu isolamento ainda estava em vigor. Não sei expressar o que estou sentido, mas temo dizer que se assemelha quando eu era criança e me encolhia num cantinho específico da casa para chorar minhas dores infantis. Queria, no entanto, que continuassem sendo infantis - mesmo sabendo que eram imensas para aquela época - pois acredito que saberia lidar melhor se assim ainda fosse. Sem querer te aprisionar ao meu desabafo forçado, gostaria de ir me despedindo e, novamente, expressar em palavras a minha gratidão pelas suas palavras destinadas à minha tia. Não acredito que seja apenas generosidade da sua parte, não consigo sentir que contempla o que você causou a mim, Bruna. Pensei num singelo ato para lhe agradecer, tanto por mim quanto por minha tia, e isso me fez querer lhe enviar umas fotografias *quase-reveladas*. Essas fotos dentro do envelope são do *meu* lugar de amor e quis compartilhá-las com você antes de inseri-las na dissertação. Coloquei legenda em cada uma delas, para que você se situe. Alguns lugares e motivos não estão dentro da minha escrita que você leu, inseri em outras cartas

enviadas à Érika, mas saiba que tudo contém amor e pertencimento. Estou imersa em cada uma delas e a convido para quem também se sinta pertencente a esse lugar. Dentro do envelope, como você pode ver, também tem um cachinho de flores prensadas. Tia Dinha lhe enviou, foram colhidas de seu quintal. Não sei o nome dela, apenas o científico, mas, me perdoe, esse não cabe aqui, não traduz o que eu sinto por ela. As conheço desde pequena e são elas que embelezam ainda hoje o meu coração e minha memória. E talvez o meu paladar, porque eu me permitia sentir o melzinho que tem dentro dela. Perdoe-me por qualquer coisa e descuido nessa carta, caso fosse ficar relendo acabaria atrasando ainda mais a entrega.

Com eterna *gratidão*,
Laura.

Carta 16 (email)

Oi Bruna,

Por aqui as coisas vão bem, bem melhores. A dor do luto tem se transformado em outras emoções, ainda sem nome, se ajeitando, aflorando nas lembranças, mas com mais saudades amorosas do que dor. A luta, tem se feito presente, mas timidamente.

Eu realmente não lembrava de onde nos conhecíamos, o teu rosto e voz eram familiares.

O momento que tu descreveu, foi um dos mais dolorosos de trabalho, e sofrer junto/com a comunidade, que são pessoas que tinham tanta confiança na gente, que os detalhes da morte e ameaças sofridas eram divididas conosco.

E ver, sentir e presenciar o adoecimento das colegas, o medo, o não medo, a resignação a mistura entre a visão salvadora cristã que se atravessa no nosso fazer.

Fico grata por me fazer voltar naquele momento, muito só, de uma mulher preta, psicóloga, jovem, na gestão de um equipamento, que teve que tomar decisões de território, de proteção as trabalhadores, trabalhadoras e atendidos, onde ninguém queria se posicionar.

Ahhh teria muito o que compartilhar ... São mais de 15 anos nesta política pública, por espaços precarizado, em locais onde a caridade dava o tom, as desconfianças dos profissionais e comunidade de uma mulher preta da gestão de um espaço, da afirmação enquanto técnica, a militância que sempre esteve presente e era/é vista com descrédito.

A família compreender este caminho, o qual já atravessamos... Sim, a gente ganhava leite da LBV.

Enfim, vamos marcar...

Melhor pra mim é após as 19h, mas ou sábados lá pelas 14h.

Abraços, Dóris

Carta 17

Belo Horizonte, 14 de abril de 2021

Bruna

Escrevi a data da carta e percebi que recebi a tua carta há mais de dois meses. Desde então, ensaio essa carta em muitos momentos. O semestre acabou no início deste mês e foi de um ritmo terrível. Estamos todos sobrecarregados. Nas últimas semanas do semestre passei dias intermináveis trabalhando e mesmo assim sempre havia uma sensação de que não conseguia dar conta das demandas. Além disso, em março meu pai (que está em Porto Alegre) teve Covid-19 com sintomas bem pesados e passamos algumas semanas em estado de alerta e pânico. Foi uma recuperação bem lenta, mas pelo menos não precisou de internação. Algumas atualizações para explicar que apesar de iniciar essa carta em outros momentos, só consegui escrever mesmo hoje.

Você contou sobre a sua trajetória até chegar à universidade e me dei conta que temos também essa coincidência, também fiz o curso de magistério no ensino médio (segundo grau). Isso me fez lembrar da precariedade da educação pública. Na época que eu estava para entrar no Ensino Médio, havia grande dificuldade em relação às vagas nas escolas e, para conseguir a vaga no magistério, minha família ficou uma semana na fila em frente a escola. Já na universidade, a fila é outra. Como você falou, as ferramentas são outras, não

só para conseguir entrar, mas para conseguir permanecer, estar, pertencer a esse espaço. Você falou também que o privilégio da branquitude pode servir de esconderijo e fiquei pensando que o ponto que me pegava na questão de um lugar incômodo na universidade era meu jeito de falar/escrever. Talvez se eu ficasse de boca fechada, seria possível me esconder, mas domar a língua é difícil. Eu não tinha muito repertório e o que eu tinha nem sempre era o mais correto nos padrões acadêmicos. Hoje consigo pensar melhor sobre isso lendo Anzaldúa, bell hooks, Lélia Gonzalez e a Érika Oliveira. Na época fui tentando me apropriar. Mas essa é uma questão que ainda me chama atenção no cotidiano da sala de aula. Às vezes tenho a impressão que nas turmas de início de curso as vozes/línguas são mais plurais, mais selvagens e carregam mais vivas as marcas da trajetória de cada um. No final do curso, a gente vai percebendo um jeito específico de falar, um certo juridiquês (já que estou no curso de direito), mas também encontro um psicologuês quando estou nas aulas da pós em Psicologia. Fico pensando nas perguntas que você levanta na carta que fez para a colega: "Que projeto de mundo estamos reproduzindo em nosso cotidiano, com nossas ações? Com o nosso estar em sala de aula?" Então me questiono se essa adaptação da língua não precisaria ser tensionada também. Certamente uniformizar o jeito de falar vai delimitando algumas possibilidades no espaço acadêmico. Dominar a língua que é dominante é uma ferramenta poderosa.

Fiquei muito feliz que você tenha gostado da leitura do conto. Penso que experimentar essas escritas é também uma estratégia para experimentar outras formas de escrever que não sejam tão formatadas como textos acadêmicos. Talvez as cartas também tenham esse propósito, não é? Mas diferente da carta, o conto é escrito sem um destinatário, ou talvez para um/a leitor/a imaginário/a e é muito bom saber que se corporificou.

Você me perguntou sobre a identificação na tese e acho que essa é uma questão bem interessante e que dá boas reflexões. Antecipo que não me oponho a minha identificação. Quanto ao conto, acho que seria interessante referenciar a revista do Centro Acadêmico Afonso Penna (CAAP), que se chama "Voz acadêmica" que foi onde ele foi publicado (depois posso te passar os dados). Pensando na questão da identificação/nomeação, lembrei de um texto bem polêmico sobre a relação de sala de aula na universidade que saiu em janeiro na revista Piauí (nesse caso, não quero referenciar para não dar ibope). Esse texto foi assinado por um pseudônimo, usando como justificativa o risco de cancelamentos, que produziria efeitos terríveis para os professores universitários. Não vou entrar nos argumentos do texto que recebeu várias respostas muito bem construídas. Menciono apenas o aspecto de identificação, lembrando do texto

de Donna Haraway, que fala que assumir o lugar a partir do qual estamos falando/pesquisando é a possibilidade de uma ciência responsável porque é capaz de prestar contas sobre o seu olhar. Então é isso, a gente assume a responsabilidade e presta contas, seja nas bancas de defesa, seja em resposta a pareceres de produções, seja nos debates de sala de aula, em congressos, etc.

No mais, espero que tua pesquisa continue te despertando muitas reflexões. Tem sido um período muito difícil que estamos vivendo e desejo que você e sua família tenha muita saúde e bons momentos

Um forte abraço

Lisandra

Carta 18 (email)

Cara Bruna

Fui lendo sua carta e pensando coisas. Meu receio de não poder te escrever é grande, devido ao trabalho que daqui para frente vai se somando. Então resolvi anotar algumas reflexões que fiz ao ler sua carta e te enviar. Será uma carta-anotações.

- Há feministas e filósofas perto de nós. A gente vai achando. Você as achou.

-Essa raiva de que fala: sentir raiva sendo psicologia e sentir raiva de uma certa psicologia... são percursos diferentes, sem dúvida.

- Como foi minha formação? Fiz duas faculdades ao mesmo tempo, acho que sempre fui um tanto acelerada. Psicologia na USP (Universidade de São Paulo) e administração numa turma noturna da GV (Getúlio Vargas) . Dois mundos. No noturno, na GV, gente que precisava conquistar um diploma para continuar a trabalhar, outros tempos. Na psico, mais gente de 18 anos, filhos da classe média (a maioria) buscando essa formação. Na psico. Fui me encantando com as aulas de Maria Helena Souza Patto. Isso se somou ao fato que, desde antes, gostava de pensar e trabalhar com crianças e jovens. Daí para mergulhar na relação psicologia/educação, foi uma passo.

- nestas últimas duas semanas, li Psicologia da Libertação de Paulo Freire. Não tinha lido. Ele ressaltava esse desafio que é compor reflexões a partir de

certas realidades. O começo do livro de bell hooks é um choque - estar em escolas para crianças negras produzia mais transgressão do que estar em uma escola-mistura mas submetida aos ensinamentos dos brancos. Choque para repensarmos certas naturalizações que constituímos.

- A psicologia é campo de disputa, como qualquer área. Ela em si, ou como totalidade, não existe.

- Que bom que gostou do texto na Piauí. Participei mais das discussões que o construiu do que da escrita em si. Somos um grupo de mulheres que faz parte da rede Não Cala - professoras e pesquisadoras contra a violência sexual e de gênero na USP -, e temos criado muitas ações comuns.

Beijusususususususus

adriana (Marcondes)

Carta 19 (email)

Bruna, como vc está?

Quanto tempo! Espero que esteja bem e com saúde, sua família e amigos tb!

Me dê notícias suas!!

Têm sido tempos difíceis mesmo e é preciso andarmos acompanhadas, né...

Eu tô há mais de uma semana pensando: vou parar pra escrever pra Bruna. hehe

Logo que recebi seu email eu li a carta, porém deixei pra responder com calma depois e aí já viu, né...

Te envio aqui dos trópicos um abraço forte!! Bruna, eu te imagino tanto vindo aqui!!! rsrs

Espero que não demore a ser possível!

Ah e antes de mais nada quero dizer que sim, claro, pode trazer pro teu trabalho nossas conversas e, sim, claro, pode mencionar meu nome tb... Sem problema algum! Vou ficar contente!

Além disso, queria compartilhar contigo uma carta que escrevi.

Esta carta direcionei pra meus amigos de Vitória de meu grupo de pesquisa no processo de travessia, não foi pra um amigo em específico, depois compartilhei em alguns grupos de amigos próximos e acho que essa nossa metodologia de conversas inspirou muito a escrita desta carta, então eu gostaria muito de compartilhar com você tb. É uma carta aberta que registra intensidades... Comecei a escrever em setembro, tá com a data de início da escrita, mas finalizei bem depois...

Você não sabe como esse tema das águas tem sido forte pra mim... Aquele disco que você compartilhou comigo até hoje ouço semanalmente (águas - de perotá chingó).

Bruna, eu ainda não tô com endereço de casa fixo, mas recebi essa semana na ufpa um livro da bell hooks, então vou te passar o endereço da universidade, pois já constatei que as encomendas lá chegam (eu estava um pouco receosa...)

Faculdade de Educação (faced) da Universidade Federal do Pará campus Bragança, sala 10

Alameda Leandro Ribeiro

Aldeia

Bragança PA

CEP 68600-000

um abraço forte com muito afeto!!

Carta 20 (uma carta que veio dentro da carta)

Título

As águas manuseiam seus azuis

Resumo

Nesta carta-riacho, conto as repercussões úmidas de uma viagem que realizei entre os estados do Espírito Santo e Pará durante os meses de agosto e setembro de 2021, abrindo-me para o aguaçal de encontros tecidos em diferentes barcos dessa travessia. Busco narrar os estranhamentos e experimentações advindos da incursão pelas chuvas da floresta amazônica e as maneiras pelas quais esses encontros alteraram as relações estabelecidas por mim com as águas - rios, mares - e memórias.

Bragança-PA, 18 de setembro de 2021.

Amigues, como vocês estão?

Estou com muita saudade da nossa roda, de nossos encontros!

Já faz mais de um mês que estou habitando o Pará e por aqui todo um universo (ou multiverso?) se abre como pétalas em flor: são multiversos mesmo - no sentido de que me deparo com inúmeras versões de modos de vida inéditos pra mim.

Chove bastante por aqui, o que é muito curioso, pois as pessoas estão habituadas a se deparar com a chuva das 15h ou das 17h... É como se a chuva fosse uma convidada já aguardada, então muitos paraenses marcam compromissos pra “antes” ou “depois” da chuva. Hehe

Sabe, gente, nesta carta há forte presença de tudo quanto é fluvial, pois como disse o poeta Manoel de Barros, “as águas passam pelas frases e passam por mim” (BARROS, 2010, p. 269). Desde que comecei o movimento de pensar em fazer concursos docentes nas universidades Brasil afora eu me perguntava frequentemente: “onde vou parar”?

E parece que é no Pará. Parei no Pará. Fui parar no Pará.

1

É engraçado, pois escutei várias vezes neste período de um mês que estou em trânsito uma música bem famosa aqui [Garota do Tacacá¹] que tem a seguinte estrofe:

Quem vai ao Pará, parou

Tomou açaí, ficou

Quem vai ao Pará, parou

Tomou açaí, ficou

Fui ao Pará, parei. Tomei açaí, fiquei. Comi tacacá, maniçoba, arroz com jambu. Rsrs. A culinária paraense é uma deliciosa explosão de sensações. Seria preciso uma carta à parte (talvez um cardápio inteiro com carta de entradas, carta de bebidas, carta de sobremesas...) pra contar das novas experiências e de como amei tudo que é feito de bacuri (um fruto típico da região amazônica). Aliás, espero de coração recebê-los em algum momento pra me fazer companhia na festa do paladar paraense. Lembro-me da Donna Haraway quando diz que companheiros são aqueles com quem se partilha o pão junto à mesa (*cum panis*) (HARAWAY, 2016, p. 11). Irei me alegrar com a companhia de vocês junto à mesa quando as condições favoráveis estiverem reunidas. ☺

E aí, então, mis amigues, nesta carta eu gostaria de contar pra vocês um pouco de como foram (e como têm sido, pois reverberam fortemente) as incursões que tenho feito pelo estado do Pará. Antes de tudo, quero contar do meu encontro com o sr. Geraldo, um artesão que fabrica brinquedos de madeira (extraída de uma espécie de árvore chamada miriti). O miriti é uma palmeira nativa de áreas alagadiças que se configura como base de sustento de muitas famílias ribeirinhas. Aproveita-se tudo do miriti: o talo, o fruto, a palmeira - utilizada na cobertura das casas...

Enfim, topei com o sr. Geraldo numa feira de artesanato que acontece aos domingos de manhã na praça da República, em Belém. De cara, o meu espanto foi notar a leveza dos brinquedos dele (tão levinhos que pareciam até isopor). Fiquei muito comovida com a delicadeza do trabalho do sr. Geraldo e logo quis trazer algo de lembrança pro meu sobrinho de seis anos. Vou dizer, viu, são brinquedos muito bonitos e coloridos: jacarés, tatus, peixes, pássaros, cobras, barcos, canoinhas de madeira...

¹ Música lançada originalmente pelo artista Pinduca, no LP *No Embalo do Carimbó e Sirimbó* Vol. 6 (1977).



Fonte: Foto extraída do site do Instituto Multicultural Miritis da Amazônia (IMMA)².

Achei curioso notar que entre as opções de brinquedos de miriti do sr. Geraldo não havia nenhum carrinho, enquanto havia muitos barquinhos, de vários modelos e tipos diferentes, o que me deu uma pista importante pra compreender os modos de subjetivação amazônicos: a vida se tece nos rios. A vida amazônica é fluvial. Pode parecer bobeira, mas entender que há muitos barquinhos de brinquedo e não há carrinhos de brinquedo entre as opções do sr. Geraldo diz muito de como se organizam a vida e os processos de subjetivação tecidos no território paraense (ou melhor, no *aguotório* paraense).

Mis amigos, toda essa imersão fluvial, as corredeiras internas e externas habitando a terceira margem do rio, o passeio que fiz na Ilha do Combu, as incursões pela praia de Ajuruteua, os encontros com o sr. Geraldo e com a Alda [que vou contar mais à frente], enfim, diante de tudo quanto é rio e mar com que me deparei neste percurso, ocorreu comigo o que acontece nas viagens que nos levam a repensar e estranhar nossos modos de vida acostumados.

Fiquei intrigada e instigada, pensando que a relação capixaba com as águas vem passando há anos por processos recorrentes de morticínio (como não pensar no

² Disponível em: <https://www.artesol.org.br/imma>.

pensando sobre o mapa fluvial do Espírito Santo, o rio Jucu, o que ainda existe de rio Doce, o rio Piraqueçu, rio Pancas, Cotaxé, Itaúnas, o rio Itapemirim, Santa Maria, rio Guandu... Passei horas nessa atividade [h-o-r-a-s], pois voltei muito interessada nos rios e nas águas de uma maneira curiosa, inquieta e intensa quando retornei da viagem. Aliás, contemplar mapas tem sido um passaporte interessante nas últimas semanas (passaporte como brincadeira distraída e também passaporte como exercício imprescindível de orientação pra que eu possa me situar minimamente).

Andei muito instigada ao pensar nos rios que fizeram parte da minha vida, sobretudo porque nasci e cresci no interior de Domingos Martins-ES (Biriricas de Cima), onde corta o rio Jucu. Desde criança frequentei a praia da Barra do Jucu intensamente, durante todas as férias, pois uma de minhas tias tem uma casa lá e íamos com todos os primos nas férias de verão. No entanto, o intrigante é que eu não me lembro de ter tomado banho no rio Jucu (na praia, sim, muito e muito, mas não no rio). Além disso, a primeira lembrança que tenho de tomar banho de rio no vilarejo onde nasci e cresci, em Biriricas de Cima, foi durante a pandemia, em novembro de 2020. Gente do céu, eu já era uma mulher adulta, com trinta e poucos anos...

Foi uma experiência muito emocionante e me deixou perplexa, pois notei que durante toda a minha infância na roça eu não tomava banho no rio. Cresci com a narrativa do rio poluído muito bem montada, além de que os parentes começaram a construir piscinas nas casas quando eu ainda era criança. Hoje, fico ainda mais perplexa, pois me dou conta de que quando a gente era pequeno todos diziam que a água da piscina vinha da “nascente” e era tão limpinha que podia até beber do cano, mas no rio a gente não ia, o rio era “sujo” e “perigoso”. Eu ainda me lembro de um trabalho de escola que fiz na quinta série, na Escola Municipal Biriricas de Cima, em que a professora pedia que investigássemos a história de Biriricas. Uma das tarefas era descobrir a origem do nome do vilarejo. Na quinta série eu soube que “Biriricas” era o nome de um peixe em abundância na região quando os colonos chegaram, mas infelizmente eu não pude ouvir o rumor do peixe Biriricas, pois só existia nas memórias úmidas dos mais antigos...

Enquanto escrevo esta carta, me emociono ao pensar no rio Biriricas (uma paisagem da infância que se presentifica muito fortemente nos meus sonhos noturnos) – e então me dou conta e fico estupefata: fui uma criança que nasceu e passou os primeiros anos da

4

infância grudada na margem de um rio. A casa de meus pais ficava literalmente na beira de um rio, então os meus primeiros anos eu passei às margens do rio

Biriricas. Morei lá até mais ou menos os cinco anos de idade e ainda me lembro bem do barulhinho feito pela queda d'água (não chegava a ser uma cachoeira, mas fazia aquele som relaxante).

De todas as casas onde os parentes residiam, sem dúvida, aquela era a mais próxima do rio, onde a presença do som das águas batendo contra as pedras e fluindo com a correnteza era mais marcante. Amigues, enquanto escrevo esta carta me sinto nadando em vogais nascidas de águas e outras consoantes líquidas... Lembro-me de na primeira infância brincar com as pedrinhas na beirola do rio Biriricas, passava tempo às margens construindo torres com pedrinhas. Sim, eu brincava com o rio Biriricas e colecionava pedrinhas miudinhas às suas margens.

Eu me emociono e fico perplexa ao notar que não tenho nenhuma lembrança de ter tomado banho no rio Biriricas em toda a minha infância e juventude, pois o rio era proibido por ser “sujo” e “perigoso”. Quando criança, eu ficava assustada com as histórias contadas acerca dele, por exemplo, a história de uma cabeça de boi encontrada boiando em seu curso. Cresci com essa imagem aterrorizadora de que ao chegar perto do rio eu poderia avistar cabeças de animais flutuando. Sentia angústia e medo.

Sabe, amigues, o Pará tem mexido muito comigo: são águas, águas e mais águas...

Andei lendo “O guardador de Águas” - livro de poesia do Manoel de Barros - cujos versos já mencionei anteriormente nesta carta. No prefácio, o professor João Carrascoza narra de maneira bastante espirituosa o tom da conversa tecida com o poeta Manoel numa oportunidade em que ambos se encontraram para discutir o livro recém-lançado na ocasião da conversa. Neste bate-papo distraído, João diz que gostou bastante dos poemas, especialmente quando Bernardo da Mata “encurta as águas” (BARROS, 2017, p. 16).

Fiquei ressoando com a imagem surgida nesse diálogo brincante: afinal, como seria isso de encurtar ou até mesmo de esticar as águas? Não sei responder, nem quero, mas posso dizer que nas memórias úmidas em que agora nado o rio Biriricas desaguou no rio Jucu, que, por sua vez, desaguou nos rios Caeté e Guamá, ou vice-e-versa: suas águas se tocaram em fina película e as distâncias foram mesmo encurtadas.

5

Na conversa tecida no prefácio do livro, Manoel segue em peraltagens e propõe olhar pras miudezas a fim de habitar “nadifúndios” até que o mundo pegue lodo e aí, então, “o ontem choveria no futuro” (BARROS, 2017, p. 7). Amigues, eu acho que é disso que estou tentando falar com vocês: O ONTEM CHOVEU NO FUTURO.

Tudo está molhado à minha volta... Novas corredeiras se abriram no Pará e o futuro à espreita arrastou o passado em novos “furos” de rios. As memórias ondularam e algumas conchas se encontram em estado de festa. A relação com o rio Jucu e o rio Biriricas se altera junto com o mergulho no rio Caeté, em Bragança, e no rio Guamá, em Belém. Não é louco tudo isso?

Enquanto escrevia esta carta, numa das pausas, abri meu e-mail e *pimba*: deparei-me com um convite do Museu Capixaba do Negro (Mucane) pra uma exposição de arte. Curiosamente, a exposição se chamava “Paciência de Pescador”³. Quando li o título da exposição fiquei emocionada, então parei o que estava fazendo, pois senti que algo ali me dizia respeito, era um “furo” de rio que precisava desviar minha rotina.

Fui caminhando até o museu, que fica a cerca de dez minutos a pé de minha casa. Nessa exposição, o artista capixaba Rafael Segatto se propunha a refletir sobre processos de morte e transformações a partir da relação com as águas por meio da coleta de ossos de animais marinhos (conchas, sementes e carapaças...). Fui até lá e fiquei por ali, navegando na exposição, sentindo as modulações da maré que afetavam o decurso dos encontros que fazia.

Mais tarde, voltei ao museu, pois haveria uma conversa com o artista sobre o material educativo produzido para a exposição. Pela segunda vez naquele dia fui ao Mucane e à exposição “Paciência de Pescador”. Durante a roda de conversa, contei que havia voltado do Pará fazia poucos dias e que estava profundamente tocada pelo encontro com as imensuráveis águas do percurso...

Contei de meu encontro com o sr. Geraldo e seus múltiplos barquinhos, falei também do encontro que fiz com a Alda - uma professora que está quase se aposentando depois de anos de trabalho como docente em escolas no estado do Amapá. A Alda é belenense,

³ A exposição “Paciência de Pescador”, do artista capixaba Rafael Segatto, foi contemplada no edital de seleção de projeto de ocupação do Museu Capixaba do Negro, ano 2019/2020, e realizada com recursos do Fundo Municipal de Cultura (Funcultura). Mais informações estão disponíveis em: <https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/paciencia-de-pescador-e-a-nova-exposicao-do-mucane-a-partir-de-sabado-43192>.

6

mas viveu mais de vinte anos trabalhando como docente e diretora em escolas públicas na capital Macapá. Numa de nossas conversas, Alda me perguntou solenemente: “você sabia, Cris, que Macapá é a única capital cortada pelo rio Amazonas?” Respondi que não, pois eu não sabia mesmo. Então, a Alda me mostrou algumas fotos, contou causos e me convidou a navegar com ela por suas memórias úmidas...

Num dos causos, Alda me disse que a escola onde trabalhou como diretora ficava de frente para o majestoso rio Amazonas. E aí, então, a certa altura, ela resolveu montar uma sala da diretoria extraoficial, pois a vivacidade do rio Amazonas era imensa como o próprio rio e a interpelava fortemente. Decidida, Alda pegou uma carteira e uma cadeira em desuso e fez sua sala da diretoria do lado de fora dos muros de concreto: trabalhou durante meses contemplando a vivacidade do território [ou aguatório] com o qual compunha maneiras de viver e morrer bem. Alda empenhava afeto e tecia dobraduras por uma educação pública aliançada com as forças da vida em suas mais distintas formas de manifestação.

Na roda de conversa do Mucane, contei desses encontros todos que haviam me conduzido à exposição “Paciência de pescador”. E vocês imaginem só, gente, qual foi minha surpresa quando o artista Rafael Segatto me disse que a nascente da exposição desaguada em Vitória havia brotado no estado do Pará. Enquanto eu o ouvia dizer isso, por alguns instantes, “permaneci num silêncio de águas paradas” (BARROS, 2017, p. 8), pois achei a coincidência muito tocante e significativa pra mim. Ele contou que no ano de 2019 fez uma residência artística em Belém e disse ter se emocionado bastante no encontro com as águas e mais águas encontradas nessa travessia...

A residência artística de Rafael duraria, a princípio, dois meses, em Belém, mas acabou se estendendo por quatro meses, período em que o artista mergulhou e recolheu afetos que foram cruciais para a montagem da exposição com que agora eu também me encontrava. A instalação “Paciência de Pescador” transmite um sentido de prática política ao colocar em primeiro plano as conexões interespecíficas além-humanas: a obra é feita de conchas, velas, peixes, rios, guias espirituais africanos, gente, remos, barcos, mar, patuás... Há um forte sentido de reza na relação com ritos, rios e mares, o que me conduz de novo às palavras do Manoel de Barros quando afirma: “as águas remansam e rezam” (BARROS, 2010, p. 267). A exposição rezava, sim, junto com pedrinhas miudinhas, com águas e mais águas de uma travessia...

7

Amigues, pensar nessa viagem e tudo que a envolve tem feito chover sob minhas pálpebras com alguma frequência. Fico comovida, nostálgica, ansiosa, alegre, saudosa, tudo ao mesmo tempo! Acho que vocês podem imaginar o quanto tenho me sentido inquieta diante de tanta mudança, né? Sinto um desassossego que é ao mesmo tempo alegre e muito inquietante. Mas aos poucos os acontecimentos vão ganhando um lugar de aconchego: os caminhos estão abertos, né?

Acho que pra desaguar essa carta-riacho só posso dizer: **venham me visitar no**

Pará! As festividades da marujada em Bragança são de uma boniteza ímpar, ocorrem no mês de dezembro, mas Carimbó, praia de Ajuruteua, comida boa e muitos igarapés pra gente se banhar têm o ano todo! Espero vocês com ou sem guarda-chuva! Rsrs

Abraços fluviais!

Cris.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017. BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Duke University Press. Durham and London, 2016.

Carta 21 (uma coleção de memórias)





Carta 22

Belém, 13/09/2021

Olá Bruno, how vai está?

Tô há semana pensando em te enviar uma carta e hoje me organizei para escrever com mais vigor...

Sabe, tô no Pará! Queria te contar que me encantei aqui com possibilidades muito interessantes... Um foi um concurso de arte, o processo está sendo super longo então já tô aqui há praticamente um mês (o resultado final vai sair em breve, até vindo bem no processo, pelo jeito fico pelo menos de se chorar depois...) Tô na que sei...

Bruno, não sei se vai gostar muito! A presença é muito...

Correios



DESTINATÁRIO / Recipient
 ENDEREÇO / Address
 Rua Professor Álvaro Alvim, 235, apto 04 / Bairro Rio Branco
 CEP / ZIP: 90420020
 CIDADE / CITY: Porto Alegre
 UF / State: RS
 PAÍS / COUNTRY: Brasil
 TELEFONE / Phone number: 51 9699 3418
 #CHEGADA DE TRABALHO INFANTIL

colato e abate...
... com a parte! Esperar...
... muito utilizado por aqui na

Carta 23 (email)

Como está você, Bruna? Em escritas. Quais teus planos e prazos? Li tuas indicações e as estudantes amaram/armaram teus impulsos.

Estou de Férias. Com as crianças em aulas. E então sigo na lida diária da vida com rotinas e compromissos. Lendo mais. Tomando chás. Tramando linhas também. E escrevo-te com respingos de textos.

Envio publicações recentes em co-autoria com colegas e estudantes da FACED, parcerias de pesquisa:

- Fernand Deligny. Artesanias da Diferença. Educação Especial...

<https://www.editoracrv.com.br/livrosdigitais/pdf/viewer.html>

- Artesaniando possibilidades...

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/artesaniando-possibilidades/>

- Fármacos, remédios, medicamentos: o que a escola tem com isso?

<https://editora.redeunida.org.br/project/farmacos-remedios-medicamentos-o-que-a-educacao-tem-com-isso/>

Abraços. SAUDADES!

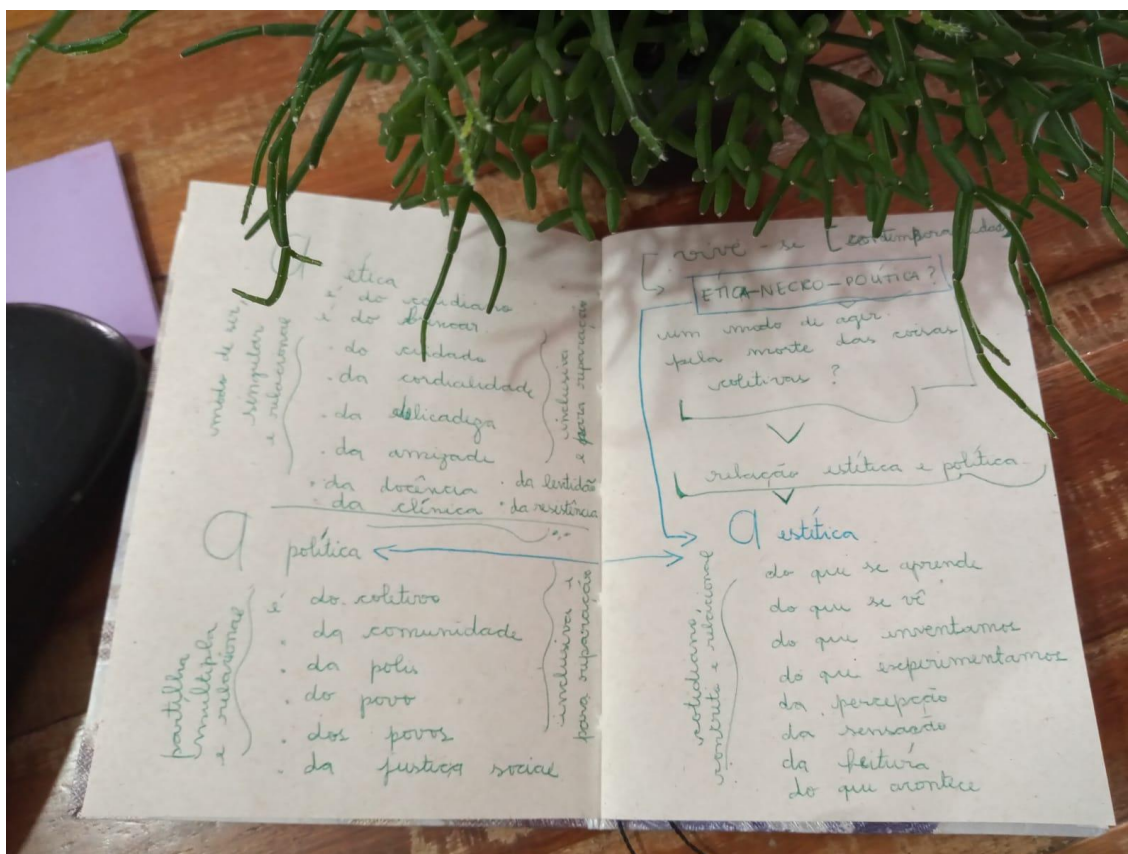
Se cuidem muito!

Obrigada por todos os encontros destes últimos tempos online!

Daninoal



Carta 24



Carta 25

Querida Bruna,

Estava querendo muito escrever uma carta respondendo a algumas de suas questões, mas acho que seria importante mandar junto o texto a que você se refere, que escrevi me posicionando contra a produtividade a todo custo na Universidade. Achei muito legal a Érika se lembrar disso porque acho que é mesmo uma questão importante. Porém, não consegui achar esse texto--que, na verdade, é uma carta aberta que escrevi ao Departamento de Psicologia--e está em um computador antigo que eu usava na época. Por isso demorei a te responder. Então, resolvi te mandar outro texto, em que me refiro a esse posicionamento, e que é um rascunho da preparação pra uma fala que fiz no ano passado na reunião online do GT da ANPEPP. Aí você pode, inclusive, saber de mais algumas coisas da minha vida...

Estou me envolvendo no processo de escrever sobre esse meu encontro com o feminismo que tem sido ao mesmo tempo o encontro com "um Brasil dolorosamente encajado no próprio passado escravista", como está escrito na contracapa do romance de Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*, livro belíssimo, que li recentemente e despertou em mim a necessidade de uma espécie de retorno à minha escrita sobre mestiçagem e questão racial. O livro tem muito a ver com *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, que ganhei de uma aluna na festa de despedida surpresa que estudantes fizeram pra mim na minha aposentadoria. A festa foi numa sala linda da FAFICH, numa sexta-feira, dia 6 de junho de 2014, exatamente 30 anos do meu exame de qualificação para o doutorado em Santa Cruz. Foi um dos dias mais felizes da minha vida!

Estou lendo também *Tiradentes*, de Lucas Figueiredo, me surpreendendo com a vida desse inconfidente nas Minas Gerais profundas, em companhia de escravos, indígenas e quilombolas. E me preparando para ler *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz. O livro da bell hooks sobre o amor é bonito, fisicamente inclusive. Gostei demais da dedicatória ao Anthony, com que ela abre o livro. E gostei de conhecer a Silvane Silva, que escreve o prefácio à edição brasileira, cujo trabalho deve ter a ver com o meu e me inspirar.

Bem, querida, vou parando por aqui.

Vamos nos falando.

Grande abraço,

Sandra

Carta 26

Bruna querida,

Também queria uma máquina do tempo...imagino que essa carta escrita no corpo de um email já encontre a tese finalizada

E para mim, o essencial é que esta carta te encontre, seja em qual tempo for.

É uma carta de agradecimento por ter te conhecido e por seguirmos em parceria tocando projetos que aquecem os nossos corações.

Desde a nossa primeira conversa muita coisa aconteceu...

A pandemia e todos os atravessamos dela marcam as nossas vidas, mas a esperança de sobrevivermos a tantos horrores pôde também ser cultivada em cada encontro do Coletivo bell hooks.

Em tão pouco tempo conseguimos construir fortes conexões e por vezes fico a pensar sobre o que move tudo isso, o que move a nós mulheres na academia...mulheres feministas na academia....mulheres negras na academia...E a resposta que me dou é SENSO DE CONQUISTA E RESPONSABILIDADE! Não foi fácil chegar aqui, não é fácil me manter na academia, mas eu desejo tanta que outros/as sujeites que vivenciam múltiplas opressões cheguem até aqui, que possam participar desse espaço político que é a universidade pública....e assim vou alimentando meus dias, meu trabalho e construindo movimentações que animem minha prática docente. Eu desejo que sua defesa de tese seja um momento lindo, com a presença das pessoas que você ama. Que tu sigas questionando, poetizando e sempre cultivando a escrita das cartas, esse jeito belo de nos convidar para perto, de fazer o tempo parar de propósito pra gente poder celebrar os bons encontros.

Com amor, Jaileila

Referências

AMBRÓSIA, Jhô. **Encantaria: contos afrolésbicos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85-94.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La frontera: La nueva mestiza (Ensayo) (Spanish Edition)**. Editora Capitán Swing Libros, 2021.

ARAÚJO, Tânia de Castro. **Caixa de correio: lugar de entrada, de passagem e de acúmulo de memórias**. 2016. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ARAÚJO, Lillian Aparecida de. **Deslenguada: uma figuração da dissidência em Val Flores**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia)– Escola de Artes, Ciências e Humanidades . Universidade de São Paulo, São Paulo.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira. M. Bagatin. **Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve)**. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, 27, 2011.

BARCELLOS, Jéssyca D. R. S. **Formação em Psicologia e a educação das relações raciais: Um estudo sobre os currículos de graduação em Psicologia em Porto Alegre e a região metropolitana**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Curso de Psicologia)– Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BATISTA, Alisson F. (2016). **Trajetos e percursos: Das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da academia**. Trabalho de Conclusão de Graduação (curso de Psicologia)– Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. O assédio moral no trabalho na visão de operadores do direito. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, p. 35-45, 2011.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. " Socorro: meus filhos foram para o abrigo!": o acolhimento institucional e a judicialização da vida de crianças e adolescentes. 2014. Monografia (Especialização em Instituições em Análise) - Departamento de Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. "Socorro: meus filhos foram para o abrigo!": o acolhimento institucional e a judicialização da vida de crianças e adolescentes. In: CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N.; BATTISTELLI, B. M. (org.). *Psicologia e Assistência Social: encontros possíveis no contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 169-188.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Branquitude I (Um incômodo)*. In: PERONDI, M. et al. (org.). *Juventudes: entre A & Z*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2020, p. 55-58.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Branquitude II - Práticas Antirracistas*. In: PERONDI, M. et al. (org.). *Juventudes: entre A & Z*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2020, p. 59-62.

BATTISTELLI, B. M. *Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BATTISTELLI, Bruna Moraes Battistelli; CRUZ, Lílian Rodrigues da. *Cartagrafando entre práticas de cuidado e pesquisa: ensaio sobre a escrita*. In: MELLO, Dilma Maria; DO NASCIMENTO, Luciana Kind; BENGÉZEN, Viviane Cabral. *Percursos metodológicos inventivos: desafios e potências na escrita acadêmica*. Pimenta Cultural, 2021, pp. 15-35.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; RÉGIS DE PAULA, Leonardo. Pensar a pandemia a partir da branquitude. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 21, p. 55-65, 1 fev. 2022.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; CRUZ, Lílian Rodrigues da. *Cartas à Assistência Social*. In: CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N.; BATTISTELLI, B. M. (org.). *Psicologia e Assistência Social: encontros possíveis no contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 15-35.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; CRUZ, LÍlian Rodrigues da. Pesquisando com crianças em Acolhimento Institucional. In: SIQUEIRA, R. M.; SOUSA, S. M. G. (org.). **Por uma luta em defesa dos direitos das crianças: instituições e cotidianos**. 1. ed. Goiânia: Editora Vieira, 2019b. p. 941-952.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. **CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 679-701, 2021.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; CRUZ, LÍlian Rodrigues da. Cartografias: A Escrita Acadêmica entre Cuidado, Pesquisa e Acolhimento. **Revista Subjetividades**, v. 21, n. 2, p. 05-10/2021, 2021.

BENTO, Maria Aparecida S. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), **Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil** (pp. 5-58). Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: . Acesso em: 13 ago 2016.

BUTLER, Octavia. **A Parábola do Semeador**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

BUTLER, Octavia. **A Parábola dos Talentos**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

BUTLER, Octavia. **Filhos de sangue e outras histórias**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

CÁRDENAS, Teresa. **Cartas para a minha mãe**. Pallas Editora, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. Planeta Estratégia, 2021.

CALIMAN, Luciana Vieira; CÉSAR, Janaína Mariano; KASTRUP, Virgínia Práticas de cuidado e cultivo da atenção com crianças. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 166-195, 2020. DOI: 10.5965/198431781642020166. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17887>.
Acesso em: 14 mar. 2022.

CARDOSO, Lourenço. **O branco “invisível”**: Um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (período: 1957-2007). Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 8(1), 607-630, 2010.

CARDOSO, Sílvia Galessio; MACHADO, Adriana Marcondes; REGO, Teresa Cristina. A produção de texto para ingressar no ensino superior: os desafios da docência perante uma escrita protocolar. **Mnemosine**, v. 16, n. 1, 2020.

CATANIO, Nicole; BATTISTELLI, Bruna Moraes. Cartas sobre cuidado. **Alegrear**. Campinas, n. 23, p. 97-108, jan./jul. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.

COSTA, Luciano Bedin da. **Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto**. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

Conselho Nacional de Saúde (Brasil). **Resolução n o 466**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012 [citado 2014 Mar 11]. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html Acesso em 20 de dezembro de 2021.

COSTA, Luciano Bedin da. **Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo**. **Linha Mestra**, n. 33, p. 21-28, 2017.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Experiencias de montaje creativo: de la historia oral a la imagen en movimiento: ¿Quién escribe la historia oral?. **Chasqui. Revista latinoamericana de comunicación**, n. 120, p. 14-18, 2012.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

CUSICANQUI, S. R.; SANTOS, B. S. Conversa del mundo. In: SANTOS, B. S. **Revueltas de indignación y otras conversas**. Bolivia: Proyecto ALICE, 2015. p. 80-123.

DE LACLOS, Choderlos. **Ligações perigosas**. L&PM Editores, 2015.

DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 5-28, abr. 2011. Disponível em: . Acesso em: 20 jul. 2020.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. Letras Livres, 2012.

DINIZ, Debora. Ela, Zefinha—o nome do abandono. **Ciência & saúde coletiva**, v. 20, p. 2667-2674, 2015.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra: Narrativa antilhana**. São Paulo: Todavia, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Malê Editora, 2016.

FERNANDES, Saulo Luders; MACEDO, João Paulo. Encontro com os territórios tradicionais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, p. 102-111, 2021.

FERREIRA, Marcelo Santana. Sobre escrever cartas. In: BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchesi; MORAES, Marcia. **Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014, pp. 15-22.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Ao Comitê de Ética em Pesquisa—Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. In: BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchesi; MORAES, Marcia. **Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014, pp. 117-122.

FLORES, val. **Deslenguada: desbordes de una proletaria del lenguaje**. Editora Ají de Pollo, 2010.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam S.; PETERS,

Roberta. (Org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

FRANCISCONI, Lydia. **O sol que gira**. Porto Alegre: Nota Azul, 2010.

FRAUSINO, Carlos Cesar Marques. Sobre Virgínia Leone Bicudo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 54, n. 3, p. 226-236, 2020.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

FURNARI, Eva. **Nós**. Porto Alegre: Editora Globo, 2003.

GALVÃO, Patrícia. **Pagu: uma autobiografia precoce/Patrícia Galvão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 337-337, 2012.

GONÇALVES, Mariana Alves. **Psicologia Favelada: Ensaio sobre a construção de uma perspectiva popular em Psicologia**. Mórula Editorial, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. **"A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo": produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GUERINI, Andreia; MOYSÉS, Tânia Mara. A carta ensaio de Italo Calvino: confluências entre os gêneros epistolar e ensaístico. **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, n. 36, p. 135-148, 2009.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2019c.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Editora Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2020b.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

JELIN, Elizabeth. **Memorias de la represión: Los trabajos de la memoria**. Editora Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

KIFFER, Ana; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Édouard Glissant e o mar sem margens do pensamento (prefácio). In Édouard Glissant, *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, pp.09–22.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. Brasiliense, 2006.

LARROSA, Jorge B. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**. Aleph, 2015.

LINO, Tayane Rogeria; Mayorga, Claudia. Psicólogas, cientistas e feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada. **Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Ufrgs (Online)**, v. 12, p. 682-713, 2020.

LOPES, Maria José Ferreira. De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental. **Revista Diacrítica**, v. 26, n. 2, p. 490-511, 2012.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã: escritos reunidos**. São Paulo: Ubu, 2020.

LOURDES SOARES, Maria de. O ensaio epistolar de Eduardo Lourenço: hibridismo, heterodoxia, liberdade. **Abril: Revista dos Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF**, v. 4, n. 6, p. 89-98, 2011.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, v.2, n.1, 1996.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

MEHRY, Emerson Elias. O cuidado é um acontecimento, e não um ato. In: Fórum Nacional de Psicologia e Saúde Pública: Contribuições Técnicas e Políticas para avançar o SUS. Brasília, 20, 21, 22 de outubro de 2006. Conselho Federal de Psicologia, 2006, p.69-78.

MENESES, Maria Paula. Outras vozes existem, outras histórias são possíveis. **Diálogos cotidianos**. Petrópolis: DP et Alii, p. 247-265, 2010.

MENESES, Maria Paula. Memórias de violências: Que futuro para o passado?. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 106, p. 03-08, 2015.

MESSEDER, Sueli. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 154-171.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- MONTEIRO, Fábio; NEVES, André. **Cartas a povos distantes**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. São Paulo: Nós, 2017.
- MUKASONGA, Scholastique. **Baratas**. São Paulo: Nós, 2018.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do; GARRAFA, Volnei. Por uma vida não colonizada: diálogo entre bioética de intervenção e colonialidade. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 287-299, 2011.
- OLIVEIRA, É. C. S., Rocha, K. D. A., Moreira, L. E., & Hüning, S. M. (2019). “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal: Revista de Psicologia**, 31, 179-184.
- ONDJAKI. **Há prendizajens com o xão (o segredo húmido da lesma & outras descoisas)**. Rio de Janeiro: Pallas editora, 2011.
- PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Editora Intermeios, 2015.
- PRECIOSA, Rosane. Não é sobre mim que escrevo, é sobre o que gira ao meu redor. **DAT Journal**, v. 6, n. 2, p. 151-159, 2021.
- PRESTES, Clélia RS. Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, p. 52-77, 2020.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.
- RODRIGUES, Luciana; BATTISTELLI, Bruna Battistelli. Entre cartas: sobre branquitude e epistemicídio na produção de conhecimento em Psicologia. In: SILVEIRA, R. S.; SILVA, L. G.; NARDI, H. C.; RODRIGUES, L. (org.). **Psicologia e relações raciais: um percurso em construção**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2020. p. 43-64.

RODRIGUES, Sérgio. **Cartas Brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ROMÁN PÉREZ, Rosario. **Psicología y feminismo: Historia olvidada de mujeres pioneras en psicología.** *Estudios sociales (Hermosillo, Son.)*, v. 15, n. 30, p. 207-213, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

ROSA, Sônia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta.** Rio de Janeiro: Pallas, 2012. Não paginado.

SALES, Tiago Amaral. **Formação? Tempo? Pesquisa? Uma carta à pós-graduação.** *Revista Alegrar*, n.28, p.87-93, 2021

SANTOS, Abrahão de O.; OLIVEIRA, Luiza R. de. **O bloqueio epistemológico no Brasil.** *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 227, p. 250-260, 6 mar. 2021.

SILVA FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da; NOLASCO DOS SANTOS, Paulo Sergio. **BORDERLANDS/LA FRONTERA: A AUTOHISTORIA DE GLORIA ANZALDÚA.** *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 18, n. 3, 2016.

SCHEDLER, Liana. **Arte (Postal) como processo.** *Palíndromo*, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 20-41, 2016.

SHRIVER, Lionel. **Precisamos falar sobre o Kevin.** Editora Intrínseca, 2011.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna.** 2005.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento (sobre política de vida).** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020a. E-book.

SIMAS, Luiz Antonio; Rufino, Luiz; Haddock-Lobo. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2020b.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros.** MV Serviços e Editora LTDA-Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Mórula editorial, 2019a.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Mórula Editorial, 2019b.

SILVA, Vinícius Rodrigues Costa da; DO NASCIMENTO, Wanderson Flor. Políticas do amor e sociedades do amanhã. **Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer**, v. 10, 2019.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

SOUZA, E. F. A carta da escrava 'Esperança Garcia' de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira. Literafro, Belo Horizonte, 9 fev. 2018. **Críticas**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/ArtigoElioferreiralcartaesperancagarcia.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOUZA, Leonilia Gabriela Bandeira de. **Arte Postal: perspectivas de uma arte em rede**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 3, p. 745-760, 2012.

STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchiors. Integralidade, construção e socialização de conhecimentos no contexto da educação permanente e atuação de profissionais da área da saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 819-827, 2012.

STOKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 1993.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Ubu Editora, 2020.

VERGÈS, Françoise. **Uma teoria feminista da violência: Por uma política antirracista da proteção**. Ubu Editora, 2021.

WALKER, Alice. **Rompendo o silêncio: Uma poetiza diante do horror em Ruanda, no Congo Oriental e na Palestina/Israel**. Editora Bertrand Brasil, 2011.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. São Paulo: Editora José Olympio, 2020.

YUDERKYS, Espinosa Miñoso. **Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina**. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 120-139.